

[DRAMATURGIA]

FÁBULAS TEATRAIS

Humberto Gomes

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 

ABC
projeto cultural

FÁBULAS TEATRAIS



Ficha Técnica

Autor

Humberto Gomes

Coordenação editorial

Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Coordenação de produção

Arte Telúrica
Conceito – Gestão Cultural
Dali Projetos Criativos

Revisão

Luiz Fernando Cheres

Supervisão gráfica

Dyego Marçal

Editoras assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima
Thaís Cunningham Gomes

Editado por ABC Projetos Culturais

Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
@abcprojetosculturais

G633

Gomes, Humberto
Fábulas teatrais/ Humberto Gomes. Ponta Grossa: ABC Projetos
Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras.
284p.

ISBN: 978-65-86870-84-8
ISBN: 978-65-86870-89-3 (e-book)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Antologia. 3. Dramaturgia -
Paraná. 4. Fábulas teatrais. I. T. II. Coleção Outras Palavras.

CDD : 028.5

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

FÁBULAS TEATRAIS

Humberto Gomes

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR	5
AS FÁBULAS TEATRAIS	7
FÁBULAS JUVENIS	8
UMA SEGUNDA CHANCE	8
KIATUMBÁ	40
MEMÓRIAS DE GARAGEM	64
SONHO DE CINDERELLA	98
TUDO DE NOVO OUTRA VEZ	126
FÁBULAS URBANAS	162
ENTRE TANTAS COISAS	162
COSTA VERMELHA	189
MINHA VIDA EM RETICÊNCIAS	221
VOU-ME ATIRAR	242
XAROPE PRA ACABAR COM A TOSSE	256
SOBRE A EDITORA	284

SOBRE O AUTOR:

Humberto Gomes e eu já promovemos, lá pelo início dos anos 2000, uma disputa entre a dramaturgia de Nelson Rodrigues (*Os sete gatinhos*) e a poesia de Elisa Lucinda (poemas selecionados).

Explico: era a fase municipal do *Mapa Cultural Paulista*, um evento promovido pelo governo do Estado de São Paulo, que levava para a próxima fase a peça selecionada para competir regionalmente, representando a cidade, no caso, São Roque.

Nos bastidores, soube que os jurados tiveram sérias dúvidas para fazer vencedora a peça *Aviso da lua que menstrua*, que tinha a minha direção e, avaliando em perspectiva, penso hoje que só ganhamos por termos um elenco mais maduro, já que Humberto dirigia um grupo de formação e, se tivesse encenado um texto próprio, ganharia com certeza, pois sua comunicação com o público juvenil já era à época muito especial.

Meu pensar crítico chama a atenção neste instante para a falta de um similar ao SNT (Serviço Nacional de Teatro), que, durante alguns anos, cumpriu o importante papel de levar, pelo menos aos interessados, peças teatrais e coleções de ensaios e depoimentos sobre o Teatro Brasileiro. Por isso já aprecio um projeto que contribua para a História do Teatro Brasileiro na contemporaneidade.

Tem uma letra do Chico Buarque que imagina um futuro em que *os escafandristas virão explorar casas, quartos, coisas, ecos de uma antiga civilização e que sábios irão tentar decifrar antigas palavras (Futuros Amantes)*.

Acho que se os escafandristas encontrassem peças teatrais, teriam a mesma comoção, imagino, dos arqueólogos que trouxeram à luz fragmentos do teatro grego, e esses registros dariam conta de mostrar como era a nossa civilização.

A publicação de peças teatrais implica ainda, além dos leitores, também suas possíveis encenações, e Humberto traz na escrita de suas peças essa qualidade de não ser um escritor de gabinete, como chamavam os dramaturgos de uma época ainda recente, pois sua dramaturgia vem de uma experiência em direção e atuação, de sua experiência do palco para o palco.

Desejando encenar uma das peças de Humberto Gomes no futuro, despeço-me.

Lisa Camargo

AS FÁBULAS TEATRAIS

O livro *Fábulas Teatrais*, antologia de textos dramaturgicos de Humberto Gomes, é dividido em duas partes: *Fábulas Juvenis* e *Fábulas Urbanas*. Com edição do autor, a publicação reúne o resultado de seus 20 anos de atuação no teatro Curitibano, em que — seja como educador ou como diretor e autor na Cia Ganesh — desenvolveu uma criação dramaturgica particular, voltada à fabulação da contemporaneidade dentro da narrativa teatral.

Nos textos escritos — todos encenados — as relações e dinâmicas sociais encontram neste processo “fabuloso” um espaço de transfiguração e transposição ao palco. Desse modo cada um dos textos encontra na fantasia e no imaginário a possibilidade de refletir o seu próprio tempo e potencializar o teatro e a cultura como espaços de debates e reflexões. Foram selecionados 10 textos teatrais, divididos em dois grupos:

Fábulas Juvenis reúne cinco obras para o público infantojuvenil e adolescente. A Cia Ganesh desenvolveu pesquisa dedicada a esse público, buscando na produção de dramaturgia autoral a efetivação de uma aproximação entre o público jovem e o teatro. São elas: *Uma Segunda Chance*, *Kiatumbá*, *Memórias de Garagem*, *Sonho de Cinderella* e *Tudo de Novo Outra Vez*.

Fábulas Urbanas reúne cinco textos teatrais que se dirigem à vivência humana nas grandes metrópoles, buscando aprofundar-se nas subjetividades dos indivíduos e em seus processos intersociais. São elas: *Entre Tantas Coisas*, *Costa Vermelha*, *Minha Vida em Reticências*, *Vou-me atirar* e *Xarope para Acabar com a Tosse*.

FÁBULAS JUVENIS

UMA SEGUNDA CHANCE

É Natal e variados personagens nos são apresentados com suas esperanças e agruras. Mup, um duende Natalino tem a missão de fazer um grupo de pessoas enxergar que, na vida, sempre há uma segunda chance.

Este texto foi encenado na *Mostra de Artes da Cena Hum* em 2008, no evento *Natal Mágico do SESC* em 2010, e foi adaptado no formato musical para a *Mostra Posiarte* em 2015.

A dramaturgia sugere que a encenação seja feita em palco italiano.

DESCRIÇÃO DO CENÁRIO — NOTA DO AUTOR

Um grande painel que imita uma vidraça fica abaixo da sustentação do Coral. Uma luz atrás desse painel não permite que o público veja com nitidez o que se passa do outro lado, mas temos a impressão de que o palco é o interior de uma casa.

Nesse painel-vidraça temos uma cortina e, no meio, uma grande e majestosa árvore de Natal.

A decoração do cenário é basicamente feita de madeira e adereços vermelhos, verdes e dourados, que dão maior ênfase para o clima natalino.

Ocupando o lado direito do palco, lembrando que a grande árvore é que o divide, temos um sofá e muitas almofadas espalhadas no chão e, do outro lado, uma mesa com duas cadeiras.

Nas laterais do palco temos dois postes.

PERSONAGENS:

MUP — Elfo Encantado — Ele faz variações de personagens, que na verdade são disfarces resolvidos por adereços de cena;

OLÍVIA — Ambiciosa e egoísta dona da Brinque Feliz;

NÍCOLAS — Projetista da Brinque Feliz, viúvo e namorado de Olívia;

PATRÍCIA — Filha mais nova de Nicolás;

RAFA — Filha mais velha e emburrada de Nicolás;

JOÃO MARCELO — Filho de Olívia;

SANDRO — Líder da trupe do Coral;

JÚLIA — Irmã de Sandro;

TATI — Ex-namorada de Sandro;

SOFIA — Sobrinha de Nicolás.

CENA 1

O público entra ao som de músicas de Natal. Mup arruma uma árvore, ao mesmo tempo em que os integrantes da peça e das coreografias transitam pelo palco com pacotes de presente, cumprimentam-se etc. Quando o espetáculo for começar, saem todos de cena e permanece apenas um foco em Mup e na árvore.

Ele percebe as pessoas e se assusta.

MUP — Nossa, quanta gente me olhando! Será que todo mundo está me vendo? Oi! (*Vai tentando dar oi para as pessoas, que provavelmente vão responder*) Puxa vida, vocês estão me vendo mesmo! Já não fazem mais Elfos Natalinos como antigamente...hehe. Bom, mas já que estou sendo visto a olho nu,

não se preocupem, porque não vou fazer striptease não, está? *(Trovão)* Desculpa, estou brincando. *(Olha sem graça para a plateia e começa o texto de novo)* Meu nome é Mup e eu sou um Elfo da Terra do Natal, com muito orgulho. *(Pausa)* Já sei: Vocês devem estar pensando “o que esse Elfo está fazendo aí?” É que, na verdade, eu queria ser promovido a assessor direto da família Noel, mas, para isso acontecer, preciso cumprir uma missão: despertar o perdão no coração das pessoas e mostrar que todos merecem uma segunda chance, e nada melhor que o Natal para deixar as pessoas mais sensíveis.

Eu tenho uma lista aqui comigo e não posso perder de vista esses personagens que vocês vão conhecer agora:

Sugestão: Mup e os demais personagens cantam “JINGLE BELL ROCK”.

Coreografia 1 — *pessoas apressadas com presentes ou presentes que dançam.*

AÇÕES executadas enquanto cantam:

Olívia entra de óculos de sol, bolsa e apetrechos de executiva. Mup tira da gaveta alguns papéis, porta-retrato, agenda, e compõe a mesa. Quando puxa a cadeira dela, ela senta impulsivamente sem perceber a presença dele. Pega o telefone e disca para alguém. Imediatamente acende o foco de Nicolas, trabalhando em seu laptop, procura pelo celular em vários lugares, então Mup coloca o aparelho em cima do sofá, e Nicolas o encontra com ações de “que cabeça a minha”. Mup se diverte muito com isso.

Patrícia, a filha mais nova de Nicolas, entra empolgada com sua mochila, seguida pelo Elfo, que a imita como “sombra”; o pai faz sinal para que não o interrompa e pede qualquer coisa à filha.

Acende o foco de Rafa, a filha mais velha, comendo pipoca, entediada e assistindo à TV. Mup está ao lado dela,

bocejando e comendo pipoca. Patrícia provoca a irmã e finalmente senta ao lado dela, compartilhando a pipoca.

Acende fogo de João Marcelo, filho de Olívia, sentado em uma almofada, jogando videogame. Mup envolve-se no jogo com ele.

Fogo em Júlia e Tati, que dançam ao som das percussões corporais de Sandro. Mup dança junto.

Sofia está sentada ao lado de uma mala; ela tem um porta-retratos nas mãos e se emociona, olhando a foto e tudo ao seu redor. Mup afaga seus cabelos. Ela guarda o porta-retratos e fecha a mala. Dá um longo suspiro.

Todos saem de cena, permanecendo Mup, Olívia e Nicolás.

CENA 2

Olívia, em seu foco, fala ao telefone com Nicolás, no outro foco.

OLÍVIA — Pois é, e que horas ela chega?

NÍCOLAS — Vou buscá-la daqui a pouco.

OLÍVIA — Estou achando que a presença dessa menina vai influenciar, e muito, na nossa relação.

NÍCOLAS — O que vai mudar? Apenas o número de filhos, em vez de dois, agora terei três. E você será fundamental para orientar as meninas, coisas que só uma mulher pode fazer. Você sabe que, desde que a Duda se foi, eu tenho que me virar nos 30 para cuidar da Patrícia e da Rafa.

OLÍVIA — E jantamos juntos amanhã?

NÍCOLAS — Eu estava pensando em fazer o jantar aqui em casa, o que acha?

OLÍVIA — Eu não acredito, já tinha pensado em tudo!

NÍCOLAS — Sabe o que é, Olívia, a Sofia vai chegar, e ela está abalada com a morte do pai. Pensa em uma menina de 15 anos, órfã de pai e mãe, que vai morar com um tio que viu no máximo 4 vezes na vida! Eu gostaria de ambientá-la aqui, com as garotas, pedi para chamarem o pessoal do coral também...

OLÍVIA — Ai, Nicolás, aqueles delinquentes, me poupe!

NÍCOLAS — *(Não dando importância ao que ela disse)* Traz o João Marcelo, faz tempo que ele e os meninos não se encontram; aliás, vai ser ótimo que ele conheça a Sofia.

OLÍVIA — *(Esse comentário desperta uma ideia nela)* Sabe que você tem razão! E nós? Quando sairemos sozinhos?

NÍCOLAS — Provavelmente quando eu fechar os relatórios do lançamento dos novos jogos da sua fábrica de brinquedos, minha querida!

OLÍVIA — A fábrica poderia ser sua também!

NÍCOLAS — Eu trabalho na empresa desde que me formei, seu pai me empregou e sempre confiou muito em mim. Vou continuar sendo o projetista dos brinquedos e já conversamos sobre isso. Por favor, não insista mais, Olívia. Tudo tem seu tempo.

OLÍVIA — Tudo bem, pelo jeito até o Natal você estará incommunicável... A propósito, a ceia será na minha casa e não se discute! Gostaria que o réveillon fosse apenas nosso. Eu e você.

NÍCOLAS — Conversamos sobre isso outra hora, agora preciso desligar e finalizar tudo aqui, pego minha sobrinha no aeroporto e logo depois chego à empresa, tudo bem "D. Olívia"?

OLÍVIA — Um beijo.

NÍCOLAS — Fica bem.

Desligam

OLÍVIA — Sofia, a pobre sobrinha órfã... Me poupe, e eu lá tenho cara de conselheira de menina mimada? Vai ser divertido é brincar de madrastra dissimulada.

Sai.

CENA 3

Entram em cena bailarinas com mala, comissárias de bordo, transeuntes — cria-se o ambiente do aeroporto.

Coreografia 2

Sugestão de música: "I SAY A LITTLE PRAY FOR YOU".

No fim da coreografia estará Sofia sentada na mala, esperando. Mup aproxima-se com uniforme de informações e apresenta-se.

MUP — Oi, precisa de alguma coisa?

SOFIA — Não. Obrigada.

MUP — Está esperando alguém?

SOFIA — Meu tio.

MUP — Veio passar férias aqui?

SOFIA — Não.

MUP — Veio fazer o quê, então?

SOFIA — Como você é curioso! Eu não gosto de conversar com quem eu não conheço.

MUP — Não seja por isso, prazer, Mike. E você?

SOFIA — Sofia.

MUP — Eu sabia.

SOFIA — Sabia o quê?

MUP — Você tem cara de Sofia.

SOFIA — Precisa ter uma cara para combinar com o nome, por acaso?

MUP — Você sempre foi assim, estouradinha com os outros?

SOFIA — Olha, escuta aqui, eu nunca vi você na vida, e não sabe nada sobre mim, aliás...

O tio entra, chamando a sobrinha pelo nome. Sofia para de falar com Mup, corre até o tio e eles se abraçam. Mup sai.

NÍCOLAS — Fez boa viagem?

SOFIA — Foi tudo bem, tio Nic. (*Percebe que Mup sumiu*) Ué, cadê ele?

NÍCOLAS — Ele quem? Não tinha ninguém aqui.

SOFIA — O moço com uniforme que estava falando comigo, acho que era Mike o nome dele, deixa para lá.

NÍCOLAS — Está com fome?

SOFIA — Um pouco.

NÍCOLAS — Vou deixar você em casa com as meninas, lá tem coisas para você comer. Pode ficar à vontade.

Eles vão conversando enquanto saem de cena.

CENA 4

Som de videogame. Personagens diversos de jogos passam pela cena, como se fossem a imaginação de João Marcelo, que é surpreendido por sua mãe.

OLÍVIA — Boa noite, João Marcelo, além de ir para o colégio você saiu desse quarto para alguma coisa hoje?

JOÃO — Oi, mãe. Não tenho culpa que esse novo videogame que o Nicolás desenvolveu é o máximo, já passei umas 12 fases!

OLÍVIA — Pedi para Nete servir o jantar em 40 minutos.

JOÃO — Nós não íamos ao shopping comprar aquele tênis que eu queria, mãe?

OLÍVIA — Estou tão cansada, com uma enxaqueca, e não tenho a menor condição.

JOÃO — Você tinha prometido...

OLÍVIA — Te dou o dinheiro e peço para o Beto te levar.

JOÃO — Só me diga qual é a graça de ir com o motorista comprar uma coisa que você quer muito? Eu queria que você me ajudasse escolher, mãe...

OLÍVIA — Eu adoraria que você não tivesse a sensibilidade do seu pai, por que você não é prático como sua mãe?

Sai de cena.

Chega uma mensagem no celular de João — é da Rafa.

Projeção: “E AÍ, CURTIU O JOGO? QUANTAS FASES JÁ PASSOU?”.

CENA 5

Sala da casa de Nicolás. Patrícia joga videogame e “superinterage” com o jogo (Improvise). Rafa come um chocolate e olha para a irmã; envergonhada, tenta trocar olhares com a prima, que está sentada lendo um livro. Mup está na sala, sentado ao lado dela.

MUP — Será que ninguém vai falar nada nesse lugar? Meu santo tédio natalino! Será que não percebem que ela acabou de chegar e precisa de amigos! (À Patrícia) Aquela ali desvenda todos os segredos de um jogo num só dia, por isso que as coisas perdem graça para ela com tanta facilidade... Já leu até os livros do 2.º grau e ensina a irmã mais velha nas matérias que nem ela mesmo aprendeu... A outra, pelo contrário, desde que a mãe morreu não gosta de falar com as pessoas, nem mesmo dá bola para o próprio pai. Uma vez, na escola, as amigas tiraram sarro dela, na saída, só porque descobriram que ela tinha dado um bilhete para um garoto... Desde então, nem lá ela tem amigos, se fechou. E a Sofia... (*Suspira*) tão linda ela, gosta de ler poesia e recitar em frente ao espelho, ler é seu hobby, e depois gosta de sonhar, imaginando que os finais felizes vão sempre acontecer com a sua vida.

RAFA — Afinal, o que você está lendo?

SOFIA — Uma das minhas histórias de Natal preferida.

RAFA — E posso saber qual é?

SOFIA — O Quebra-Nozes!

RAFA — Me lembra um pouco a história do Soldadinho de Chumbo.

SOFIA — É que o Quebra-Nozes também era um soldado, mas com a cabeça maior que o corpo...

Coreografia 3 — MARCHA SOLDADO.

Bailarinos soldadinhos quebra-nozes.

PATRÍCIA: Mas qual a grande diferença desses soldados?

CENA 6

Sofia começa a contar a história — trilha instrumental enquanto é encenada pelas bailarinas. Júlia faz Clara; João Marcelo, o Quebra-Nozes; Nic, o padrinho; e Sandro, o irmão desastrado.

SOFIA — Clara era uma menina que adorava a aparência do Quebra-Nozes, por isso pede ao seu padrinho que lhe dê como presente de Natal. Ela tinha um irmão um pouco desastrado...

RAFA — Sei bem como é ter irmãos desastrados...

PATRÍCIA — Nem vem!

SOFIA — Continuando: o irmão se empolgou com o Quebra-Nozes e acabou tentando quebrar a maior noz que encontrou.

PATRÍCIA — E o que aconteceu?

SOFIA — O Quebra-Nozes ficou ferido, e Clara muito triste, mas, vendo essa situação, o seu pai disse que apenas ela poderia cuidar dele! A menina penalizada acabou dormindo na sala junto com seu estimado presente.

Foco de luz em Sofia e nos meninos, luz tênue sobre Clara e o Quebra-Nozes.

PATRÍCIA — Acho que lembrei da história: ela sonha que o soldado ganha vida e tem uma batalha entre os soldados e ratos.

SOFIA — Ratos do exército do Rei Ratuno, que queria se vingar de outra batalha vencida pelo Quebra-Nozes e seu exército!

Coreografia 4 — Trilha instrumental

Entram atores ou bailarinos—ratinhos e na sequência os Quebra-Nozes — dança da batalha entre eles, que é vencida pelo Quebra-Nozes.

Restam Clara e o Quebra-Nozes.

SOFIA — No final da batalha, o Quebra-Nozes se transforma em um lindo príncipe e leva Clara para conhecer o reino dos doces.

Coro, Clara, Quebra-Nozes, Sofia e os meninos cantam.

Sugestão: “É DE CHOCOLATE”.

Tudo se desfaz ao fim da coreografia e volta para a luz geral.

RAFA — Curti essa história

PATRÍCIA — Eu queria muito visitar um reino de doces!

SOFIA — Pena que tudo não passou de um sonho de Clara...

PATRÍCIA E RAFA — Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

SOFIA — E agora vem minha parte preferida — na manhã seguinte seu padrinho leva o sobrinho para o café da manhã natalino, e qual é a surpresa?

PATRÍCIA E RAFA — Qual????

SOFIA — Ele era a cara do príncipe Quebra-Nozes! Não é romântico...? (*Suspira*)

Patrícia e Rafa olham-se, achando engraçado. Mup olha Sofia com admiração. Toca a campainha e todos despertam.

CENA 7

RAFA — (*À Patrícia*) Vai abrir.

PATRÍCIA — Vai você, não está vendo que eu estou jogando! E faltam duas fases para eu concluir tudo.

RAFA — Você é muito folgada!

PATRÍCIA — Você é que nunca faz nada, levanta do chão pelo menos para atender a porta.

SOFIA — Eu abro, pode deixar.

Sofia levanta, e elas se olham envergonhadas.

SOFIA — (*Abrindo a porta*) Oi.

SANDRO — Oi, beleza?

SOFIA — Beleza.

SANDRO — As gurias tão em casa?

SOFIA — Na sala.

SANDRO — Você é a Sofia, prima delas, né?

SOFIA — Sou sim.

SANDRO — Prazer, eu sou o Sandro.

SOFIA — Pode entrar.

Ele dá um beijo no rosto de Sofia e entra.

Na sala.

SANDRO — E aí pessoal, tudo bem?

PATRÍCIA — Espera aí e não me desconcentra, estou quase terminando o jogo aqui.

RAFA — Ela está vidrada no jogo.

SANDRO — É o novo jogo que seu pai fez?

PATRÍCIA — Ele projetou o jogo, é assim que fala.

Chega mensagem no celular de Rafa.

SANDRO — Mensagem de quem?

RAFA — É o João Marcelo falando do jogo.

SANDRO — (*Em tom confidente*) Gostei dela, será que rola um papo, uma afinidade...

RAFA — (*Alto e indiscreta*) E a Tati? Estão saindo ainda?

SANDRO — (*Bravo com a amiga*) Terminamos. Não gosto de menina ciumenta e fofoqueira, prefiro as inteligentes que gostam de ler.

Mup dá um cascudinho nele.

MUP — Não folga com ela, malandro, que você é catador de quinta categoria... Já te safei de várias enrascadas, mas com ela você não vai mexer não.

Nícolas entra em casa.

NÍCOLAS — E aí pessoal, cheguei! Boa noite, como foi a tarde de vocês? Cuidaram bem da Sofia?

MUP — Foi incrível! Ela acabou contando uma história e foi tão lindo...

NÍCOLAS — Tudo bem, Sandro? E como vão os preparativos para o coral de Natal?

SANDRO — Está legal, Nic! Aconteceram algumas brigas entre o pessoal, mas está tudo bem.

NÍCOLAS — (*Contando para Sofia*) Ele, a irmã e mais uma garotada aí saem na rua, na noite de Natal, cantando de porta em porta. É muito legal!

SANDRO — É uma tradição de família, mas esse ano algumas pessoas saíram do grupo, e prejudicou bastante o andamento.

NÍCOLAS — Todos vocês poderiam participar do grupo, seria uma ótima ideia.

RAFA: Sai fora.

PATRÍCIA — (*Fria e compenetrada no jogo*) Eu vou.

NÍCOLAS — O que acha, Sofia?

SOFIA — Pode ser! Vocês ensaiam onde?

SANDRO — Amanhã eu te apresento minha irmã, e ela te explica tudo.

Patrícia comemorando.

PATRÍCIA — Esse jogo é muito legal, pai! Já desvendei tudo, cheguei na última fase! Quando sai o próximo?

NÍCOLAS — Esse jogo vai ser lançado amanhã, filha. É a última novidade da Brinque Feliz!

PATRÍCIA — Para mim já perdeu a graça.

NÍCOLAS — Pois é... Bom, que tal sairmos todos aproveitar a noite bonita que está lá fora, e comer um cachorro-quente?

RAFA — Eu não vou, marquei de jogar com o João Marcelo daqui a pouco.

NÍCOLAS — Puxa, filha, que pena, vai ser legal. Depois podemos tomar um sorvete com calda de chocolate. Quer ir, Sandro?

SANDRO — Valeu, Nic, mas eu vou indo nessa, resolver umas coisas com o grupo.

RAFA — E eu estou indo para o meu quarto, ligar o computador, pode trazer o cachorro e o sorvete que depois eu como aqui em casa mesmo.

MUP — Qual é a graça de comer sozinha?

PATRÍCIA — Vamos, pai! Eu estou com muita fome! Vem, Sofia, vai ser legal! A menina da sorveteria me conhece desde que eu sou bebê... Ela era amiga da minha mãe, estudaram juntas, me conta um monte de coisas daquele tempo, né, pai?

NÍCOLAS — É sim, filha, o nome dela é Ana e é ela mesma que faz os sorvetes, as caldas, você vai adorar, Sofia! Hum... Uma delícia!

SOFIA — Eu gosto muito de sorvete, tio Nic. E esse calor do Brasil me deixa com mais vontade...

NÍCOLAS — Você tem que contar umas histórias de Nova Iorque para gente.

PATRÍCIA — Amanhã no jantar!

NÍCOLAS — Ótima ideia, filha.

Saem animados

CENA 8

MUP — A esposa do Nicolás, ou Nic, se assim preferirem, morreu há sete anos, desde então ele se dedicou profundamente ao trabalho e às filhas. Ela era uma mulher bonita e amável, uma artista! Sim, ela pintava quadros lindos. A Rafa sente muita falta da mãe, elas eram muito apegadas... Vai ser difícil fazer com que ela entenda que as pessoas à sua volta são importantes e que a amam!

RAFA — Ai, mãe... Sinto tanto a sua falta, sempre que chega esta época não tenho como não lembrar da história da Estrela-Guia que você me contava.

MUP — Se prestarmos atenção nas estrelas, elas nos mostrarão, a partir da sua luz, uma resposta. Assim contam que há muito tempo no Oriente...

RAFA — No Oriente existiam três nobres homens em busca de resposta...

Coro cria ambiente sonoro e entram Nicolás, Sandro e João Marcelo como os Reis Magos.

MUP — Três nobres reis percorriam caminhos...

RAFA — Caminhos que desvendassem o que a estrela que os guiava queria dizer...

MUP — Ou até aonde os queria levar

BALTAZAR — Não podemos estar enganados, a estrela nos trouxe até aqui.

MELCHIOR — A mesma estrela que brilhou na janela do Palácio e parecia me chamar.

GASPAR — Não por acaso, a mesma estrela apareceu para nós três e fez com que nossos caminhos se cruzassem.

BALTAZAR — Algo grande mudará a história do Reino.

MELCHIOR — Algo mudará toda a história, meu nobre amigo.

GASPAR — Sigamos o caminho. Enquanto no coração existir esperança para enxergarmos a luz...

TODOS (*Inclusive MUP e RAFA*) — Nunca devemos desistir.

Coreografia 5 — *Estrela-Guia* — Sugestão: “ESTRELA-GUIA”.

No fim da coreografia Rafa sai, e Mup fica emocionado.

MUP — Retomando a nossa história depois desse “mimimi”: o ídolo da Patrícia, a filha mais nova que saiu para comer cachorro-quente, lembram? Pois o ídolo dela é o pai, embora o Nic não saiba disso... Vive inventando brinquedos novos não só porque é o seu trabalho, mas para satisfazer a filha... E não é que o nosso Super Nic acabou caindo nas garras da Olívia!? Essa sim vai ser difícil ter uma segunda chance (*Muitas trovoadas*). Já sei... Até a Olívia merece uma segunda chance, jogo duro essa mulher, viu!? E se isso é para ser uma fábula, deve querer dizer alguma coisa em algum momento, nem que seja no final. Se o destino se encarregou em dar toda essa reviravolta na vida dessa gente, o que há de se fazer, não é mesmo? Estou mesmo é com saudades dos meus amigos Elfos e Duendes. Nessa altura a produção na Terra do Natal deve estar a todo vapor...

Entram em cena os duendes construtores e seres encantados do Natal.

Coreografia 6 — Duendes, Elfos e Seres Encantados. Sugestão: “ALL I WANT FOR CHRISTMAS IS YOU”.

CENA 9

Olívia entra em cena com roupão, pronta para dormir; chama por João Marcelo, que entra de pijama.

OLÍVIA — João Marcelo, João Marcelo!

JOÃO — Oi, mãe.

OLÍVIA — Filho, você está namorando alguém?

JOÃO — Que papo é esse, mãe?

OLÍVIA — Eu só estou perguntando.

JOÃO — Namorando não. Nunca namorei.

OLÍVIA — Está bem, outra pergunta então: você está interessado em alguém.

JOÃO — Tipo se eu estou a fim de alguma menina específica?

OLÍVIA — É, João Marcelo, você entendeu! Na verdade, eu só preciso saber se você é um romântico ou um pegador.

JOÃO — Mãe, você enlouqueceu.

OLÍVIA — Eu preciso que você conquiste a sobrinha do Nicolas, e depois faça sofrer, sofrer, sofrer... Até não ter mais vontade de viver por aqui.

JOÃO — Por que isso? Não estou te entendendo.

OLÍVIA — Ele que mande a garota morar com uma tia, uma prima, sei lá!

JOÃO MARCELO — Ela já está morando com as primas, mãe.

OLÍVIA — Ah, que seja! Que ela vá para um colégio interno, eu mesma tenho um monte de colégios para indicar!

João Marcelo olha para ela com expressão perplexa.

OLÍVIA — Que cara é essa, João Marcelo? Você é meu filho e o mínimo que você pode fazer é me ajudar!

JOÃO — Mãe, isso não é ajudar, é prejudicar a outra pessoa.

OLÍVIA — Filho, essa menina vai prejudicar minha relação com o Nicolas! Ah, não... Dividir a atenção não vai dar. Amanhã no jantar, colocamos nosso plano em ação. Boa noite. Durma bem, e vê se não fica acordado até tarde, mexendo no celular, no computador... 6h30 a Nete vai te acordar para tomar café, e o Beto vai te levar para o colégio.

Sai.

JOÃO — Mãe, a senhora poderia pelo menos me deixar expor as minhas ideias... O papai me ouvia... Aliás, qualquer um me ouve mais que a senhora.

CENA 10

Júlia e Tati estão ensaiando, cantam e dançam.

Sugestão: “WE WISH YOU A MERRY CHRISTMAS” em ritmo acelerado.

JÚLIA — Assim não vai dar, Tati.

TATI — Acha que nós duas não damos conta do recado?

JÚLIA — Você ainda não entendeu que o Sandro faz a diferença no grupo?

TATI — Para mim ele não faz diferença alguma. Nem ele e nenhuma daquelas meninas que se jogavam para cima dele.

JÚLIA — Tati, quando será que você vai entender que, por causa do seu gênio intolerante e do ciúme doentio pelo Sandro, das dez pessoas que formavam o coral de Natal restaram apenas nós duas? E você acha isso lindo? Presta atenção, Tatiana.

TATI — Você não tem moral para falar da minha intolerância... Sabemos muito bem que você dispensou o João Marcelo só porque ele não quis pegar na sua mão na frente de todo mundo...

JÚLIA — Uma coisa não tem nada a ver com a outra! Ele ficou me alugando três meses até me convencer que ele podia ser um cara legal, aí vem e me fala “mina, se liga”, por conta de uma pegada de mão.

TATI — Vamos parar por aqui, antes que nós duas acabemos brigadas também.

JÚLIA — Aí vou ter que fazer um solo de Natal vestida de Mãe Noel? Não mesmo!

Elas riem e o clima descontraí.

JÚLIA — Mas sabe de uma coisa, amiga, só mesmo um milagre para fazer reviver esse grupo.

Nesse instante, Mup surge como um garoto comum.

MUP — Oi, boa noite, meu nome é Miguel e eu fiquei sabendo que vocês têm um coral de Natal. É que eu adoraria fazer parte, será que dá tempo?

TATI — É que, na verdade...

Sandro entrando.

SANDRO — Na verdade super dá tempo! Prazer, eu sou o Sandro.

MUP — Miguel.

TATI — Como assim, dá tempo, Sandro?

SANDRO — Porque esse grupo começou ensaiado pelo meu avô, e a tradição é minha e da Júlia, e não sou eu que vou abandonar esse barco, está entendendo?

JÚLIA — É assim que se fala, meu irmão! E assim é que vai ser!

MUP — Não estou entendendo nada.

SANDRO — Nem precisa, meu brother, e tu está dentro da parada! Tá ligado aquela casa ali? Amanhã nós vamos estar lá por volta das 8 da noite, quando chegar dá um assobio assim ó (*Assobia*), que eu desço te encontrar.

TATI — Convidando o cara para ir à casa dos outros e nem conhece ele!

JÚLIA — Shhhhiuuuu, Tati! Vê se não vai estragar tudo de novo, dessa vez. (*A Mup*) Não liga não, ela é a desavença em pessoa.

TATI — Vou indo, que está na minha hora!

SANDRO — Nos vemos na casa do Nic amanhã! Seja simpática com a sobrinha dele, que chegou. Aliás, ela vai entrar para o grupo também.

TATI — A próxima vítima do pegador do coral.

JÚLIA — Vocês podem parar! Será que dá para ficar de boa? Será que rola uma segunda chance?

MUP — Ah, tem que rolar! Por favor, essa chance tem que acontecer!

Todos olham para ele sem entender.

MUP — Afinal, todo mundo merece uma chance, né? Tipo ela o perdoa, ele fica bonzinho com ela... A amizade prevalece, e por aí vai.

JÚLIA — Até parece que você conhece a gente faz um tempo!

MUP — Dedução! Saquei pela atitude.

TATI — Até mais, Miguel.

MUP — Também vou nessa, pessoal! Obrigado por me aceitarem.

SANDRO — E não esquentar, que o pessoal do Nic é de boa, você vai curtir conhecer a galera.

JÚLIA — O João também vai?

SANDRO — Todo mundo vai estar lá!

JÚLIA — Noite das resoluções?

MUP — Assim seja! Vou nessa, até amanhã. (Sai)

JÚLIA — Até.

SANDRO — Valeu, camarada. Nossa, como vai ser bom retomar os ensaios!

JÚLIA — Algo me dizia para ficar calma, que tudo se encaminharia! Vejo que eu não estava errada.

SANDRO — É a magia do Natal!

JÚLIA — É uma nova chance, como o vovô dizia.

SANDRO — Estamos nos dando uma nova chance.

Eles se abraçam, se animam e começam a cantar BOM NATAL (Quero Ver). Mup observa tudo.

No fim da coreografia, a próxima cena vai sendo montada; quando os irmãos pararem de cantar, todos os outros deverão estar em cena.

CENA 11

Na mesa Nicolás e Olívia, na sala Patrícia e João Marcelo jogam videogame, Rafa como sempre observa tudo, Sofia lê.

As cenas são paralelas.

OLÍVIA — Imagina só esse monte de adolescentes dentro de casa!

NÍCOLAS — Vai dizer que você não acha divertido? Nunca fez isso? Reunir um monte de amigos para conversar e jogar?

OLÍVIA — Era diferente, Nicolás, não sei, mas parece que eu não era assim.

NÍCOLAS — Como era então?

OLÍVIA — Já faz tanto tempo...

As crianças.

JOÃO — Você é boa nisso, hein, Patrícia! Não vou conseguir ganhar de você, mesmo!

PATRÍCIA — É difícil bater meus recordes.

JOÃO — Não quer jogar, Rafa?

RAFA — Não, valeu!

PATRÍCIA — Com essa aí nem adianta insistir!

JOÃO — E você? Não quer jogar com a gente?

SOFIA — Eu?

JOÃO — É, por que não?

PATRÍCIA — É, Sofia, vai ser legal, e quando o Sandro chegar podemos fazer duplas! Eu te ensino!

JOÃO — Mas você pode jogar comigo se você quiser.

SOFIA — Tá, eu vou tentar.

Ela senta entre Patrícia e João para jogar. João pega no controle com ela, e os três começam a se divertir.

Olívia e Nicolás

NÍCOLAS — Que ótimo, finalmente estão interagindo.

OLÍVIA — *(Feliz e irônica)* Finalmente.

NÍCOLAS — Você tem ciúme do João?

OLÍVIA — Por que eu teria? Sou desapegada com isso.

NÍCOLAS — O João é um menino bacana. Gosto muito dele.

Campainha. Nicolás abre, e chegam Júlia, Sandro e Tati.

NÍCOLAS — Bem-vindos, pessoal, todos já conhecem a Olívia? Está todo mundo na sala jogando, e eu só estava esperando vocês chegarem para pedir as pizzas.

JÚLIA — Adoro pizza!

TATI — Quem não gosta?

NÍCOLAS — Ainda mais com todo mundo reunido!

OLÍVIA — Nem me fala!...

SANDRO — Nic, tem um piá novo no grupo e eu dei um toque para ele vir aqui, tudo bem?

NÍCOLAS — Convidou ele para comer com a gente?

JÚLIA — Achamos muito abuso, ele vem depois.

NÍCOLAS — Não teria problema algum. Então quer dizer que esse grupo agora sai!

JÚLIA — Com toda certeza!

Trilha instrumental. Na sala, eles chegando.

SANDRO — Oi, galera!

Todos se levantam e cumprimentam-se. Clima entre Júlia e João.

JOÃO — Tudo bem, Júlia.

JÚLIA — Tudo sim.

JOÃO — E o grupo?

JÚLIA — Estamos nos integrando de novo.

JOÃO — Pensei várias vezes em fazer parte.

JÚLIA — Acho que não combina muito com você!

JOÃO — Ei, está encanada com aquilo ainda?

JÚLIA — Se liga, João.

JOÃO — Eu nunca havia pegado na mão de alguém antes, fiquei com vergonha, desculpa.

Todos ouvem, e fica um clima que é quebrado por Patrícia.

PATRÍCIA — Bom, então vamos ao jogo? Quem são as duplas? Eu posso jogar com a Sofia! Como a Rafa não vai jogar mesmo, a Tati e o Sandrinho jogam juntos, pode ser?

SANDRO — Por mim, tudo beleza

TATI — E tem outro jeito?

Trilha. Improviso dos personagens que jogam. Sandro e Tati começam brigando e vão quebrando o clima aos poucos; Patrícia ensina Sofia, que se diverte e interage com Rafa. Júlia e João vão relaxando, sorriem.

Nícolas e Olívia

Olívia dá uma longa respirada, a campainha toca.

NÍCOLAS — Deve ser a pizza!

OLÍVIA — Até que enfim!

NÍCOLAS — Isso tudo é fome?

OLÍVIA — Não, inclusive perdi o apetite.

Mup é o entregador de pizza com outro uniforme, chega carregado de caixas e é muito simpático.

MUP — Boa noite, as pizzas estão aqui!

O pessoal nota-o.

SOFIA — Ei, você não é o Mike que trabalha na rodoviária?

MUP — Não. Meu nome é Michael e eu trabalho como motoboy.

JÚLIA — Ele parece com o Miguel que apareceu ontem e pediu para entrar no grupo!

SANDRO — É verdade!

OLÍVIA — Gente, ele é apenas um entregador de pizza e já está indo, né, querido?

Muitas entregas em dezembro, sei bem como é... Vida de entregador de pizza é pior que a de Papai Noel. Já pagou, Nícolas?

NÍCOLAS — Muito obrigado, boa noite e um feliz Natal!

MUP — Feliz Natal para o senhor também e para toda a sua família, e vamos pensar que nessa vida todos têm uma chance! Uma, duas, três... Tchau!

Todos riem.

NÍCOLAS — Deve ser o espírito do Natal que tomou conta dele! Então, pessoal, vamos comer? E nada de comer vendo TV ou se distrair no celular, ok?

PATRÍCIA — A Sofia podia aproveitar para contar alguma história para a gente!

OLÍVIA — Como é que ela vai comer e falar ao mesmo tempo?

RAFA — Isso! Pode contar um pouco como era essa época do ano lá em Nova Iorque.

SOFIA — Posso resumir em "muito frio".

TATI — Completamente diferente daqui?

SOFIA — As tradições mudam, mas o sentimento do Natal é o mesmo.

JÚLIA — O Natal é cheio de histórias tão lindas...

RAFA — Você sabe mais alguma além do Quebra-Nozes?

JOÃO — Alguma que junte frio, Natal e emoção.

SOFIA — Lembro que uma vez era um fim de tarde, estava muito frio e as pessoas estavam se queixando do clima... Foi quando uma senhora começou a nos contar a história da Vendedora de Fósforos.

OLÍVIA — Adorava quando minhas tias contavam essa história!

NÍCOLAS — Você conhece?

OLÍVIA: (*Tentando disfarçar a empolgação*) Não lembro direito.

RAFA — Não tem problema... A Sofia conta para nós!

SOFIA — Em outro tempo, em outra época e outro lugar, onde o frio é intenso, existia uma menina muito simples que amava o Natal, porém ela vivia só com seu pai que era um homem muito rude e não dava importância para o sentimento do Natal.

Personagens interpretam o conto. Nic é o pai, e Tati a Vendedora de Fósforos.

Para isso são usados adereços simples.

PAI — Hoje é véspera de Natal — dia de faturar com a venda dos fósforos.

VENDEDORA — Está muito frio, papai, não tem ninguém nas ruas e nem tenho agasalho suficiente para enfrentar a neve.

PAI — Só volte aqui depois de não restar nenhuma caixa de fósforos!

SOFIA — E lá se foi a menina enfrentar o frio. Na rua pessoas transitavam ocupadas, e crianças agasalhadas faziam seus bonecos de neve.

Sofia se caracteriza de Vendedora de Fósforos

Vendedora de Fósforos canta "NATAL BRANCO"

OLÍVIA — Lembrei!

SOFIA — Me ajuda a contar, tia Olívia?

OLÍVIA — Dentro das casas, ela via as famílias confraternizarem e trocaram ternuras, o que a deixava com mais saudade de sua mãe.

JOÃO — No Natal sempre sentimos mais saudade dos que não estão presentes.

VENDEDORA — Ahhh, que saudades da minha mãezinha, que me contava histórias para aquecer o coração... Estou com tanto frio e todos estão nas suas casas para esperar o Natal. Acho que não vai ter problema acender um fósforo para aquecer a minha mão.

OLÍVIA — E nesse momento ela acendeu um fósforo e imaginou um forno quentinho... E acendeu mais outro, imaginando uma mesa posta cheia de pessoas.

A vendedora corre até a mesa e interage com os atores.

OLÍVIA — E quando as chamas apagaram — tudo desapareceu.

VENDEDORA — O calor do fósforo me faz sentir conforto, acho que vou acender mais outro.

SOFIA — E nesse momento surgiu uma grande árvore de Natal (*Árvore do cenário se ilumina*) e ela lembrou da sua doce avó.

Olívia com um xale é a avó.

AVÓ — Minha netinha! Venha me dar um abraço para esquentar!

VENDEDORA — Vovó! A senhora veio me ajudar!

Corre ao encontro e, com a luz, a imagem da avó desaparece.

SOFIA — Sozinha novamente, e sem ter o que fazer, a menina foi sentindo o frio penetrar em seu corpo e ficar cada vez mais triste.

Vocalize dos personagens com a melodia de Noite Feliz (Sem cantar) fica de fundo.

SOFIA — Ela resolveu acender todos os fósforos que restavam para recuperar o calor perdido.

OLÍVIA — Existem duas versões para o final — uma é que ela não aguentou o frio e nunca mais voltou para casa.

SOFIA — Eu prefiro o outro final — uma família (*Personagens representam a cena*) a encontrou, a envolveu em uma manta e levaram-na para dentro de casa, onde lhe deram amor e carinho.

Fazem essa representação afetuosa e terminam em frente da árvore de Natal iluminada, onde todos cantam em coro a versão nacional de "White Christmas".

CENA 12

A luz acende, todos se emocionam, principalmente Olívia, que disfarça.

Voltam aos lugares, dando o texto.

NÍCOLAS — Ficou emocionada?

OLÍVIA — Não, bobagem. Foi só um cisco.

Ouvem um assobio.

SANDRO — É o Miguel! Pedi para ele assobiar quando chegasse.

NÍCOLAS — Pede para ele entrar.

TATI — Vamos lá, Sandro, eu vou com você.

JÚLIA — Pelo jeito esse seu novo jogo é mágico hein, Nícolas? Depois que esses dois jogaram, até se acertaram.

Sandro e Tati buscam Mup.

MUP — Boa noite, muito prazer, eu sou o Miguel.

NÍCOLAS — E não é que ele é parecido com o entregador de pizza mesmo!

Todos riem.

JÚLIA — Ele é o mais novo integrante do grupo.

TATI — E você também vai participar, né, Sofia?

SOFIA — Eu vou. A Patrícia também. Só faltou a Rafa se decidir.

RAFA — Não vou.

SANDRO — Você deveria, mesmo que fosse apenas batendo palmas! Ia melhorar seu humor.

JOÃO — Até eu fiquei a fim de fazer parte.

OLÍVIA — João Marcelo, você tem muitas atividades, meu filho. Que dia ia conseguir ensaiar? E me conta: o que somaria cantar na sua vida, João Marcelo?

Fica um climão.

MUP — Quem canta seus males espanta, não é assim que dizem?

NÍCOLAS — Pois eu tenho uma surpresa para a Júlia e para Sandro, ou melhor, para todo o grupo. O departamento de marketing da “Brinque Feliz” vai patrociná-los com novos uniformes e aulas de canto e dança com renomados profissionais!

TODOS (*Menos Olívia*) — Uau!!!

Todos aplaudem e comemoram.

NÍCOLAS — Tem uma condição!

TODOS — Qual?! Qual é?

NÍCOLAS — Fazer uma apresentação especial para a empresa e, na noite de Natal, cantar pelas ruas do bairro com a intenção de despertar o verdadeiro sentido dessa noite, que vem perdendo seu valor na sociedade!

Mais comemoração.

OLÍVIA — Não sabia que o departamento de marketing tinha mais autoridade que a própria presidência, e que a área de projetos estava tão envolvida na ação social!

NÍCOLAS — Quando se trata do sócio da presidente, o diretor de Marketing tem grande autonomia, e a ação social é prioridade para o projetista, talvez por isso que ele ainda não tenha compartilhado todas as outras prioridades com a presidência.

PATRÍCIA — Vixi!

(*Cortando o clima*) MUP — E os ensaios começam amanhã?

SANDRO — Amanhã!

NÍCOLAS — O que acham de fazermos um mutirão para tirar a mesa?

SOFIA — Acho que os homens tiram a mesa e as mulheres lavam e secam a louça.

JOÃO — Acho que todo mundo pode fazer tudo um pouco.

PATRÍCIA — Então vamos lá! Mãos à obra.

Sofia fica e pega na mão de Olívia.

Todos cantam “MANGAS DE FORA”, enquanto tiram a mesa e reorganizam o cenário.

Olívia, entediada, vai sentar na sala.

CENA 13

João Marcelo e Júlia entram conversando.

JOÃO — Eu vou acompanhar a Júlia e já volto.

OLÍVIA — Você pode nos dar licença, querida?

JÚLIA — Tudo bem, vou lá na cozinha.

Olívia bronqueando com João Marcelo.

OLÍVIA — Onde você pensa que vai com essa menina, João Marcelo?

JOÃO — Por que, mãe?

OLÍVIA — João Marcelo, não foi isso que nos combinamos, João Marcelo. Não é para você ficar de tititi com essa daí. É para você tititizar com a outra, filho querido! E a outra é a Sofia!

JOÃO — Já troquei ideia com ela mãe! Super gente boa, mas não tem clima. Esse tal clima, que a senhora quer que tenha, não rola! Eu estou a fim da Júlia faz tempo, e já dei o maior vacilo com ela!

OLÍVIA — Que jeito de falar, meu filho! Cinco minutos “por aqui”, já fica falando assim. João Marcelo, você precisa me ajudar com o plano.

Um foco acende, e Nicolás surge com um pano de prato, enxugando as mãos.

NÍCOLAS — Você me chamou?

OLÍVIA — Chamei?...

NÍCOLAS — O Miguel disse que você estava me chamando.

JOÃO — Com licença, eu já volto.

NÍCOLAS — Vai, filho, a Júlia está te esperando na cozinha.

OLÍVIA — Olha, Nicolás, eu não sei o que você ouviu...

João sai.

NÍCOLAS — Eu não acredito nas coisas que você acabou de falar para o João Marcelo. Eu não consigo acreditar que você possa ter chegado a esse ponto! Eles são crianças, não têm capacidade suficiente para elaborar maldades. Que ser humano é você? É ciúmes da minha sobrinha ou do seu filho? Em uma época que precisamos cultivar o amor, você tem uma atitude

dessas? Eu amava muito a minha mulher, sabe por quê? Ela me respeitava e me aceitava como eu sou, e isso fazia toda a diferença. Pensa nisso.

OLÍVIA — Eu quero ficar ao seu lado, Nicolás.

NÍCOLAS — Eu te respeito muito, Olívia, mas cabe a você se dar uma chance de ver as coisas de outra maneira. Pensa nisso e se dê essa chance!

MUP noutro foco.

MUP — Se ela não se der uma chance, depois de tudo isso, eu desisto de ser Elfo e passo a duvidar até da existência dos seres encantados da Terra do Natal! Ô mulherzinha da cabeça dura!

Volta para os dois. Ela pega a bolsa, sem graça e envergonhada.

OLÍVIA — Eu não tenho nada para te dizer. Me desculpe.

Nícolas, Olívia e Coro cantam “ALL YOU NEED IS LOVE”.

Coreografia 7 — “Natal de todos os tempos”, trocam presentes e corações.

Nícolas e Olívia se abraçam, todos os bailarinos batem palmas. Mup comemora a sua maior realização.

MUP — Eu consegui! Mal posso acreditar! (*Pensa, olha para cima como numa súplica*) Mas sabe o que é... Eu também quero uma segunda chance.

CENA 14

O coral entra empolgado e uniformizado, cantando “BOAS FESTAS”. Eles cantam e dançam em vários pontos do palco como se estivessem pelas ruas, enquanto reorganizam o cenário da “ceia de Natal”, colocam a mesa, acendem árvore e organizam presentes embaixo dela etc.

Em um ponto do palco, aparece Olívia, sozinha, belíssima em um vestido vermelho. Em outro foco, Nicolás está de terno.

De repente os focos se unem, e eles se olham com amor, como se tudo estivesse resolvido; o último lugar que o coral canta é no foco deles. Como em um álbum de família, tudo vira uma festa, eles trocam presentes e abraços.

Quando a música finda todos congelam, menos Mup. O foco das personagens diminui e só o de Mup se intensifica.

Enquanto tira o uniforme do coral, vai dando o texto.

MUP — Todos nós somos especiais e podemos nos dar uma nova chance na vida. E isso ficou bem claro aqui, nessa história que pode ser uma história parecida com muitas que vocês já viram ou viveram... Só que, agora, eu quero confessar um segredo: gostei tanto de ficar por aqui e das pessoas, que gostaria de uma segunda chance.

OFF NOEL — Hohohoho!

MUP — Noel?!

OFF NOEL — Meu caro e dedicado Mup! Estou orgulhoso do seu trabalho e seria uma honra tê-lo como assessor.

MUP — Ora, obrigado, Noel.

OFF NOEL — Mas vejo que se encantou por aí... Então, se quiser ficar, terá que recomeçar. Boa sorte!

MUP — Obrigado, Noel!

OFF NOEL (*Com efeitos mágicos*) — Feliz Natal para todos!

CENA 15

Começa versão instrumental de "HAPPY DAY" enquanto Sofia tira o uniforme e Mup troca de adereço. Eles se esbarram.

Coral canta bem baixinho "Happy Day", que fica de fundo na cena.

MUP: Perdida?

SOFIA — Não, eu moro nessa rua.

MUP — Você fala com estranhos?

SOFIA — Você não me é estranho... Eu sou a Sofia, muito prazer.

MUP — Eu sou o Mup, muito prazer.

SOFIA — Que nome engraçado, ou é apelido?

MUP — É nome mesmo. Sabe, acabei de me mudar e eu ainda não conheço ninguém por aqui.

SOFIA — Você canta?

MUP — Posso tentar.

SOFIA — Estamos precisando de um menino novo no nosso coral! Engraçado, o menino que saiu se chamava Miguel e parecia um pouco com você!

MUP — Dizem que no mundo existem sete pessoas parecidas com a gente, sabia?

SOFIA — Ah, é?

MUP — É sim, meu pai que disse.

SOFIA — Mas então deixa eu te contar um pouco sobre o grupo: tem a Júlia e o Sandrinho, que são irmãos... Ah, e a Tati, que no começo parece ser meio mal-humorada, mas ela é bem legal! Não dá para julgar ninguém na primeira impressão, né?

MUP — Pois eu também acho.

SOFIA — Você precisa conhecer as minhas primas: a Patrícia é superestudiosa, e a Rafa, que é meio fechadona, mas na verdade ela é mesmo muito engraçada. *(Pausa)* Agora, bacana mesmo é o meu tio Nicolás, como ele é querido! Ele é casado com a "tia Olívia", que é muito animada e bem-humorada, somos muito amigas e toda semana vamos fazer a unha juntas, acredita? Ela tem um filho, o João Marcelo, que namora a Júlia, eles formam um casal muito fofo!

MUP — Nossa, quanta gente bacana.

SOFIA — Somos muito felizes e sempre nos damos uma segunda chance!

Eles saem conversando. Sobe a trilha do refrão de "Happy Day" onde todos os personagens descongelam e cantam.

Com essa mesma música entram todos os atores, bailarinos etc. para agradecimento final.

FIM

KIATUMBÁ

Kiatumbá é um príncipe valente e vaidoso, que cuida de uma aldeia próspera. Ele cultiva seu amor pela inatingível princesa Jaucipe, filha do Sol e da Lua. Todas as pretendentes que se aproximam dele são tomadas por uma maldição que as transforma em animais correspondentes a suas personalidades. Nessa história, baseada numa lenda africana, o encanto só poderá ser quebrado quando Kiatumbá reconhecer os valores ditados pelo amor verdadeiro.

Texto encenado pelos alunos da Cena Hum na Mostra de Teatro 2016.

Dramaturgia concebida para encenação da peça no palco italiano ou espaço aberto.

Observação: os atores também são narradores da história, de acordo com o decorrer da trama.

PERSONAGENS:

KIATUMBÁ — Príncipe Valente;

JAUCIPE — Princesa Filha do Sol e da Lua;

LEONA / PORCO-ESPINHO — Princesa da Terra do Fogo;

GUANABI / BEIJA-FLOR — Princesa da Terra das Águas;

JEANA / JAGUATIRICA — Princesa da Terra das Matas;

SORANE / SERPENTE — Princesa da Terra das Raízes;

IRINA / ÁGUIA — Princesa da Terra das Montanhas;

CERES / CORVO — Princesa da Terra do Ar;

ARANHA ARIADNE.

CENA 1

O público entra, Kiatumbá está tocando tambor, e as atrizes fazendo percussão e dançando. Em algum momento a música para, e ele dá um acorde mais forte.

Kia kia kia kia

Kia kia tumbá!

KIATUMBÁ — Essa noite visitei o mundo mágico dos sonhos, nele as coisas se tornam reais. Lá encontrei a figura mais encantadora que já vi: Jaucipe, a filha do sol e da lua. Dela será o meu coração! Preciso encontrar um meio de subir ao palácio do horizonte para pedir a sua mão.

JAUCIPE — Te esperarei: reluzente como a minha mãe Lua, e cheia de vida como o meu pai Sol. Venha, Kiatumbá, meu coração já é seu!

Música de Kiatumbá cantada pelo coro.

Kia kia kia kia

Kia kia tumbá!

ATRIZ NARRADORA 1 — Kiatumbá é um príncipe guerreiro que defende sozinho as terras onde vive.

ATRIZ NARRADORA 2 — Quando era menino, o quilombo da pedra tombo, onde fica a sua aldeia, foi atacado e ele sobreviveu bravamente.

ATRIZ NARRADORA 3 — Kiatumbá conhece os segredos do tempo, das plantas, das águas e da terra.

ATRIZ NARRADORA 4 — É um príncipe valente, mas precisa encontrar uma companheira para dar continuidade a sua linhagem.

ATRIZ NARRADORA 5 — Ao longo dos anos, a bravura de Kiatumbá ficou conhecida em vários reinos vizinhos.

ATRIZ NARRADORA 6 — Muitas pretendentes foram recusadas até então, pois seu coração havia sido tocado em um sonho cheio de emoção.

ATRIZ NARRADORA 1 — Nossa história começa a ser contada quando as últimas seis pretendentes se apresentam ao jovem príncipe.

ATRIZ NARRADORA 2 — Cada uma com seu dote e muita vontade de despertar no bravo Kiatumbá o encanto do amor.

ATRIZ NARRADORA 3 — Mal sabiam as garotas que dos céus uma maldição cairia.

ATRIZ NARRADORA 4 — E que cada uma delas uma sina teria.

ATRIZ NARRADORA 5 — Reconhecer a verdade e saber voltar atrás: é isso que essa história nos traz.

ATRIZ NARRADORA 6 — Cada uma teve seu coração ferido pelo príncipe que pelo amor do céu foi atingido.

CENA 2

Percussão feita pelo coro, atores e atrizes que agora interpretam as princesas pretendentes.

LEONA — Kiatumbá! Kiatumbá! Das terras do fogo vim para te desposar! Posso aquecer os seus dias e acender o fogo da paixão.

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

GUANABI — Kiatumbá! Kiatumbá! Movi águas para poder te reencontrar! Trago para ti emoção e a certeza que será só seu o meu coração!

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

JEANA — Kiatumbá! Kiatumbá! A terra poderemos compartilhar! Tenho bravura e nossa vida pode ser pura aventura!

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

SORANE — Kiatumbá! Kiatumbá! Das raízes vim para contigo casar! Um lar desenvolver e crescer: é isso que venho lhe oferecer!

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

IRINA — Kiatumbá! Kiatumbá! Do alto das montanhas desci para minha mão lhe dar! Olhar além do alcance, eu vislumbro a vida que teremos adiante!

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

CERES — Kiatumbá! Kiatumbá! Ventos fortes eu enfrentei para te encontrar! É melhor dizer sim, senão será triste esse fim!

TODAS — Mas Kiatumbá diz: Não!

A música para.

KIATUMBÁ — Não! Minha resposta é cheia de razão: eu realmente não posso ir contra a lei do coração! Mas e se a minha esperança for em vão?

CENA 3

Indignada, Jaucipe sente-se ameaçada pelas pretendentes.

JAUCIPE — Não! Seu coração há de ser meu, belo príncipe! Eu sei que daqui não pode me ouvir, mas algo eu farei para impedir que uma dessas seis te faça voltar atrás!

TODAS — Jaucipe perdeu a razão e lança a maldição!

JAUCIPE — Para que por outras seu coração não possa pulsar, uma medida drástica irei tomar! Com a chuva de raios e de orvalho da madrugada minha magia será entoada...

Sons noturnos.

ATOR NARRADOR — Com o cair da noite, Kiatumbá queria logo dormir para ter certeza de que o amor de Jaucipe iria persistir. Cansado do longo dia, em que havia dispensado as últimas pretendentes que por ele competiam, resolveu dormir sobre o frescor da relva.

ATRIZ NARRADORA 1 — As princesas, que não tinham como voltar às suas terras naquele mesmo dia, montaram acampamento ali mesmo no Quilombo da pedra do tombo.

ATRIZ NARRADORA 3 — Mal sabiam que naquela noite uma maldição sobre seus corpos iria pairar.

ATRIZ NARRADORA 6 — Tomada pela sua insegurança, Jaucipe lança o orvalho enfeitado sobre as princesas.

ATRIZ NARRADORA 2 — Começa a transformação e, sem saber a razão, elas acordam em sobressalto no meio da noite.

ATRIZ NARRADORA 5 — Que aflição! — disse uma delas — Que angústia terrível! — disse a outra.

ATRIZ NARRADORA 4 — E assim se fez!

JAUCIPE — Orvalho que cai na noite de luar, os corpos de minhas rivais façam transformar!

Elas se transformam em animais.

JAUCIPE — Da terra do fogo fez o caminho, mas o meu não atravessará: que vire um porco-espinho!

Doce é a água que contém a flor, crie asas e se transforme em um beija-flor!

Quatro patas terá no chão, rugido forte como trovão! Serás uma jaguatirica, quero ver quem te paparica!

Sorriso sem dente e com presa carente, rasteje no chão e se torne uma serpente!

Do alto, tudo irá enxergar, mas seu objetivo não vai alcançar. Ordeno que em águia você venha a se transformar!

Cruel é sua sagacidade, mas não maior que minha força de vontade! Asas negras irá ganhar, um corvo é o que vai se tornar!

Terminada a transformação elas emitem sons e rodeiam Kiatumbá em uma coreografia.

KIATUMBÁ — JAUCIPEEEEEEEEEEE!

JAUCIPE — O que foi que eu fiz?!

TODAS — Sua insegurança foi maior que seu amor, e fez quem não merece pagar com dor. A maldição só será quebrada quando você e Kiatumbá se encontrarem além do mundo dos sonhos!

JAUCIPE — E como isso acontecerá?

TODAS — Subir, depois descer. Ferir e na pele sentir. A salvação chegará de onde menos se esperar!

Elas se rebelam em uma luta coreográfica com Kiatumbá, que acorda de sobressalto, não entendendo o que está acontecendo. Elas se vão, e o príncipe fica assustado sem controle do corpo e da respiração.

CENA 4

ARIADNE — Kiatumbá! Kiatumbá!

KIATUMBÁ — Quem me chama? Quem está aí?

ARIADNE — Será que sou pequena e insignificante demais para ser notada?

KIATUMBÁ — Onde está você? Estou sonhando de novo?

ARIADNE — Está bem acordado! Olhe com atenção!

KIATUMBÁ — Uma aranha rajada! Saia daqui, sua traiçoeira, ou vou pôr fim nessa história já!

ARIADNE — Sei que tem mágoa de meus ancestrais, Kiatumbá! Mas algumas vezes agimos por instinto, é uma questão de sobrevivência. É lei natural das coisas.

KIATUMBÁ — O veneno de vocês levou meus pais e boa parte da aldeia para o reino de Ordes.

ARIADNE — Em Ordes todos descansam em paz e zelam por você, acredite!

KIATUMBÁ — Vai embora!

ARIADNE — Não antes de você me ouvir. Não vim para picá-lo, e sim para alertá-lo!

KIATUMBÁ — Alertar de quê?

ARIADNE — Jaucipe!

KIATUMBÁ — O que você fez com Jaucipe?

ARIADNE — Melhor querer saber o que Jaucipe fez: sabe os animais que te despertaram do sono agora pouco?

KIATUMBÁ — O que tem?

ARIADNE — São as suas últimas pretendentes, que foram encantadas e transformadas pela insegurança de Jaucipe.

KIATUMBÁ — Por que ela faria isso?

ARIADNE — Natureza... a mesma que fez o impulso de meus ancestrais levar sua família.

KIATUMBÁ — Mas o que deve ser feito?

ARIADNE — Jaucipe se perdeu na própria insegurança: o medo de perder você, Kiatumbá! A maldição só pode ser quebrada quando vocês se encontrarem de verdade.

KIATUMBÁ — Se eu soubesse como fazer isso.

ARIADNE — Você deve subir até o palácio de Jaucipe, e lá pedir sua mão em casamento na linha do horizonte.

KIATUMBÁ — O problema é como eu vou subir!

ARIADNE — Não fazemos nada sozinho, peça ajuda!

KIATUMBÁ — Ajuda de quem?

ARIADNE — Dos animais?

KIATUMBÁ — Eu as rejeitei, acha mesmo que vão querer me ajudar? Não viu o ataque durante o meu sono?

ARIADNE — Bem, estou aqui para redimir o que meus ancestrais fizeram com os seus. Pensarei em algo para te auxiliar e, quanto a pedir a ajuda, não custa tentar.

Aranha sai.

KIATUMBÁ — Espere! O príncipe vaidoso e seu momento de amar! O príncipe solitário que ajuda vai tentar o templo do amor conseguir alcançar!

Tambor

CENA 5

As princesas transformadas fazem uma conferência.

BEIJA-FLOR — E agora o que vai ser?

CORVO — O que vai ser? É o que é, já viram seus reflexos no córrego? Que bela enrascada!

SERPENTE — Ela quis dizer: o que será de nós, transformadas assim!

CORVO — Não precisa me explicar as coisas, eu entendi — só não gosto de mimimi.

BEIJA-FLOR — Não faço mimimi, é meu jeito de ser.

CORVO — É meu jeito de ser... (*Imita*) que bela pretendente.

JAGUATIRICA — Chega!

PORCO-ESPINHO — Que horror! Precisa soltar um rugido desses!

JAGUATIRICA — É mais forte do que eu, vem da minha natureza.

ÁGUIA — Em vez de perder tempo, precisamos traçar um plano para reverter essa situação.

SERPENTE — Como disseram os seres da floresta: isso compõe uma maldição!

ÁGUIA — Só não entendo como e por que aquela metida da Jaucipe nos transformou! Já não tínhamos sido recusadas?

PORCO-ESPINHO — É, tínhamos! Vontade de espetar um espinho no pé dela!

CORVO — Vontade de dar umas bicadas na cabeça dela!

SERPENTE — De dar uma mordida na mão dela!

JAGUATIRICA — De dar um rugido tão alto que ela vai sair correndo durante três dias e três noites.

BEIJA-FLOR E ÁGUIA — Calma!

AS OUTRAS — Calma?

BEIJA-FLOR — Sim! Calma!

ÁGUIA — É bem difícil ficar calma nessas horas, mas vale a pena tentar.

BEIJA-FLOR — Vamos respirar, amigas! 7, 8...

CORVO — Ai, como você é chata!

PORCO-ESPINHO — Eu quero respirar! Ajuda aliviar.

SERPENTE — Respirar pelos poros, que coisa ótima! Não estou dando conta desse corpo que serpenteia!

JAGUATIRICA — Como se fosse fácil ficar apoiada em quatro patas! Mas continuo forte e cheia de destreza!

BEIJA-FLOR — Estou cansada com essas asas que não param de bater, voando para frente e para trás...

PORCO-ESPINHO — Pelo menos você não machuca as pessoas! Pensa que é fácil carregar esses espinhos nas costas?

CORVO — Eu poderia ter me transformado em uma ave maior. De outro porte, mas...

ÁGUIA — Mas cada um tem o que merece! É o que meu pai sempre diz. Prefiro ser humana do que ser uma águia, mas, como sei que isso não será para sempre, tento me conformar com o que tenho agora e, por favor: façam o mesmo!

Elas começam a falar e fazer ruídos dos animais, todas ao mesmo tempo, até serem interrompidas por Kiatumbá.

KIATUMBÁ — Quer dizer que são vocês mesmas? Não pode ser!

Elas se rebelam para atacar.

KIATUMBÁ — Calma... eu vim em missão de paz!

CORVO — Ahhhh, você veio falar em paz?

BEIJA-FLOR — Eu acredito na paz!

PORCO-ESPINHO — Venha me dar um abraço e verá o que é paz!

JAGUATIRICA — Veja o que a sua doce Jaucipe fez conosco!

SERPENTE — Íamos embora pela manhã. Já estávamos conformadas com sua rejeição.

ÁGUIA — Mas diga lá, Kiatumbá: qual sua conclusão?

KIATUMBÁ — Eu preciso de ajuda para chegar ao templo de Jaucipe e pedir sua mão na linha do horizonte. Mas não tenho noção de como conseguir alcançar um lugar tão alto, então pensei...

TODAS — Pensou?...

KIATUMBÁ — Que vocês poderiam me ajudar...

TODAS — Ajudar?

KIATUMBÁ CANTA —
PEDINDO UM AUXÍLIO
AOS POBRES ANIMAIS
MEU SONHO É INFINITO
SONO ETERNO OU NADA MAIS?
MAS A PUREZA QUE VEM É DO MEU CORAÇÃO
EU PEÇO FORTE
TENHAM UM POUCO DE EMOÇÃO!

ELAS —
ENTÃO REVERTA A MALDIÇÃO!

KIATUMBÁ —
POR FAVOR, JAGUATIRICA!
JAGUATIRICA —
MINHA AJUDA EU NÃO DOU, NÃO DOU!

KIATUMBÁ —
ENTÃO, SEU CORVO, ME AJUDE, POR FAVOR!
CORVO —
SOU PRINCESA, MEU AMOR!

KIATUMBÁ —
O QUE ME DIZ O PORCO-ESPINHO?
PORCO-ESPINHO —
MINHA AJUDA EU NÃO DOU, NÃO VOU!

KIATUMBÁ —

DONA SERPENTE, FAÇA ALGO POR AMOR!

SERPENTE —

AMOR QUE ME REJEITOU!

KIATUMBÁ —

BATA AS ASAS, BEIJA-FLOR, SEM DOR!

BEIJA-FLOR —

TÔ MAGOADA, VOCÊ NÃO QUIS O MEU AMOR!

KIATUMBÁ —

E A ÁGUIA ME RESTOU, RESTOU!

ÁGUIA —

É BRINCADEIRA, EU ME DOU O MEU VALOR!

KIATUMBÁ —

MAS A PUREZA QUE VEM É DO MEU CORAÇÃO!

EU PEÇO FORTE: TENHAM UM POUCO DE EMOÇÃO!

TODAS —

TODAS NÓS DIZEMOS NÃO!

BEIJA-FLOR — Não mesmo?

TODAS — Ahhhhh! Chega!

Elas saem e cada uma vai para o seu canto.

CENA 6

ATOR NARRADOR — Preocupado, Kiatumbá não sabia qual rumo tomar, pois, para tudo reverter, a princesa precisaria encontrar.

CORVO — Você já pensou que, se fosse ao reino de Ordes, poderia encontrar seus pais e seria mais fácil para Jaucipe chegar lá... Só bastaria deixar de existir, assim como você!

KIATUMBÁ — Se for para trazer mau agouro, peço que voe para bem longe de mim!

CORVO — Eu ia para bem longe, mas fui impossibilitada e agora só quero adiantar as coisas.

KIATUMBÁ — Sabe que, de certa forma, você tem razão... Sem meus pais e boa parte dos habitantes da aldeia, eu deixei de ver graça nas coisas. Se eu não conseguir alcançar Jaucipe, viverei infeliz e farei vocês infelizes!

CORVO — Pois então! Pense com carinho, meu caro Kiatumbá! Afinal, só estou querendo ajudar!

Tambor, e ele sai confuso.

Águia entra furiosa.

ÁGUIA — Eu não posso acreditar que você teve a capacidade de sugerir uma coisa dessas ao príncipe Kiatumbá!

CORVO — Nossa, falou a mais honesta de todas! Louca para arrancar os olhos de Jaucipe e para se ver livre desse corpo de penas.

ÁGUIA — É bem verdade, mas induzir à morte é muito egoísmo! Estou bem conformada com a rejeição de Kiatumbá, e quero sim voltar a ser humana, pois no meu reino tem vários guerreiros que querem me desposar! Armas seriam capazes de cruzar, para minha mão disputar!

CORVO — (*Imita*) Para minha mão disputar... Ora, veja você! Que adianta quererem sua mão se apenas poderão tocar em asas.

ÁGUIA — Você gosta de acabar com a esperança dos outros, né?

CORVO — Um dos meus grandes talentos, querida! Além de induzir a fazerem o que quero. Amanhã Kiatumbá descerá à Ordes e, na sequência, a entojada da Jaucipe fará o mesmo, e finalmente estaremos livres!

ÁGUIA — Eu não vou deixar que isso aconteça!

CORVO — Você já é minha cúmplice, não há nada que possa fazer! Será grata a mim, quando recuperar seus lindos cachos de princesa das montanhas.

ÁGUIA — Não sou sua cúmplice, pois não concordo com esse plano mal-intencionado e egoísta!

CORVO — Bico calado! Não quero as outras envolvidas nisso! Confio em você!

ÁGUIA — Confiança... Isso lá é confiança? Vou bater asas daqui, antes que meu instinto animal me faça perder as estribelas.

CORVO — Digo o mesmo, queridinha!

Saem, cada uma para um lado.

CENA 7

Serpente e Jaguatirica entram farejando.

JAGUATIRICA — Farejo uma tramoia bem grande no ar!

SERPENTE — Essas duas estão sempre a tricotar, tenho vontade de dar um bote e com isso terminar!

JAGUATIRICA — Você sempre quer morder, atacar, se enrolar!

SERPENTE — E você sempre rosnar, irritar!

JAGUATIRICA — Qual é, agora vai querer me picar?

SERPENTE — Segundo a ordem natural das coisas, eu poderia. Depois te devoraria!

JAGUATIRICA — Sou esperta e posso fugir sem você me perseguir!

SERPENTE — Mas eu não vou perder meu tempo fazendo isso, se fôssemos falar em cadeia alimentar, todas nós já teríamos nos matado.

JAGUATIRICA — Eu posso comer as aves e o porco-espinho!

SERPENTE — Ia dar uma trabalhadeira tirar aquela espinheira toda da boca. Mais fácil usar para palitar os dentes, mesmo!

Elas riem.

JAGUATIRICA — Somos humanas e não animais — temos sempre que lembrar disso.

SERPENTE — Mas todo humano tem sua natureza animal. Eu, por exemplo, se pudesse colocar as mãos nessa Jaucipe, ela ia ver só!

JAGUATIRICA — Vingança não vai resolver, estou mesmo preocupada com o que Corvo induziu Kiatumbá a fazer!

SERPENTE — É, eu ouvi também! Mas não acho que ele teria coragem de... ahhh, não sei! Podemos pensar em outra coisa.

JAGUATIRICA — Mas só se eles se encontrarem, poderemos voltar à nossa forma humana!

SERPENTE — Sabe que eu até gostei de ser serpente. Se eu pudesse ser às vezes serpente e às vezes princesa, eu ia aprontar poucas e boas por aí!

JAGUATIRICA — Quero morrer sua amiga, venenosa!!!!

SERPENTE — Falando em veneno: imagina se tivéssemos a chance de nos vingar da tal princesinha!? O que você faria?

JAGUATIRICA — Eu? Não faço ideia! Assim como o Kiatumbá, eu não teria condições de subir até esse palácio tão alto que fica no infinito.

SERPENTE — Eu fiz essa mesma pergunta para as outras, e sabe o que elas me responderam?

ÁGUIA — Eu enroscaria os cabelos dela no meu bico e puxaria tanto que ela não ia aguentar!

CORVO — Eu bicaria os dedos, ficariam tão doloridos que o príncipe não iria conseguir tocar!

BEIJA-FLOR — Ah... eu não faria nada, talvez dissesse "oi"!

PORCO-ESPINHO — Entregaria alguns espinhos para ela — poderiam ser úteis para fazer espetos de frutas, de carne, prender o cabelo!

JAGUATIRICA — Eu não aguento essas duas fofas e dadivosas princesas!

SERPENTE — Nem eu, mas então, o que você faria?

JAGUATIRICA — Talvez um rugido...

SERPENTE — Desde que fosse ensurdecador, né?

TODAS — Imaginem!?

Cena coreográfica, em que cada uma faz com Jaucipe o que gostaria de fazer, se fosse do seu alcance.

Essa cena pode acontecer com efeito de sombra.

JAUCIPE — O que foi que eu fiz?!

TODAS — Sua insegurança foi maior que seu amor, e fez quem não merece pagar com dor!

KIATUMBÁ — JAUCIPEEEEEEEEEEE!

Sons de tambor e música de Kiatumbá (Kia Kia tumbá)

CENA 8

ATOR — Com o coração cheio de preocupação, Kiatumbá resolve procurar o conselheiro da aldeia antes de tomar qualquer decisão.

Efeitos de magia e fumaça.

CONSELHEIRO — Não tenha precipitação e acalme seu coração. Não é hora de tomar nenhuma decisão... espere tranquilo e chegará a solução.

KIATUMBÁ — Mas como pode chegar?

CONSELHEIRO — Veja o que não quer enxergar, existe algo para perdoar e não dê ouvidos para quem tentar te precipitar!

KIATUMBÁ — O Corvo! Ele quis me precipitar!

CONSELHEIRO — Nada é o que parece! Subir e depois descer, colocar tudo a perder, um fica, outro vai...

KIATUMBÁ — Um fica, outro vai? Como assim?

CONSELHEIRO — E, no meio do que parecer perdido, encontrará o que tiver pedido. Pela ajuda e compaixão, um bom fim todos terão!

KIATUMBÁ — Acho que não entendi nada... esperar, ir, voltar...

CONSELHEIRO — Olhar além, dar e receber o bem!

Sons de tambor e música de Kiatumbá (Kia Kia tumbá)

CENA 9

BEIJA-FLOR — E como podemos ajudar?

PORCO-ESPINHO — É, como?

BEIJA-FLOR — Todas têm um sentimento de vingança com Kiatumbá e a Jaucipe. Se continuar assim, não vão ajudar, e sim atrapalhar!

PORCO-ESPINHO — É, elas mais atrapalham do que ajudam!

BEIJA-FLOR — Como é o reino de onde você veio?

PORCO-ESPINHO — Ahhh... um reino cheio de fogo e chão quente! Tudo em meu castelo é dourado e alaranjado, sinto falta do calor do reinado.

BEIJA-FLOR — O meu tem água por toda parte, com jardins e

flores esbanjando cor e arte! Somos água e fogo, minha amiga... tão diferentes, mas ambas compreensivas e valentes!

PORCO-ESPINHO — Ainda bem que ficamos amigas, aprende-se muito com o diferente! Você ajuda a manter minha calma, não é fácil carregar esses espinhos.

BEIJA-FLOR — Faço ideia! E como foi sua transformação.

PORCO-ESPINHO — Ahhh, foi dolorida! Sentir esses espinhos saindo da pele. E eles são grossos como eram meus cabelos.

BEIJA-FLOR — Eu me sinto leve como sempre senti meu coração! Sabe que eu já conhecia Kiatumbá?

PORCO-ESPINHO — Já!? E mesmo assim ele não te escolheu?

BEIJA-FLOR — A escolha tem que tocar o coração... e o dele foi tocado por Jaucipe! Era uma tarde morna de primavera... ele estava no meio da relva do meu reino — lá onde eu sempre costumava colher flores...

Lembrança do encontro de Kiatumbá e Guanabi.

KIATUMBÁ — Desculpa, eu não queria te assustar, mas procurei pelo Rei Guaipa!

BEIJA-FLOR — Ele procurava pelo meu pai... Negócios entre famílias!

PORCO-ESPINHO — Sei bem como é isso! Negociações entre os reinos.

BEIJA-FLOR — O pai de Kiatumbá era muito amigo do meu pai, não nos conhecíamos até aquele dia.

KIATUMBÁ — Foi muito bom estar perto de você, Guanabi! Meu coração se aliviou...

BEIJA-FLOR — E agora que você vai voltar para seu reino, Kiatumbá, vou entender o verdadeiro sentido da palavra saudade.

PORCO-ESPINHO — Ahhh, que pena que ele não te escolheu! Seriam um casal tão lindo...

ARIADNE — As de bom coração serão felizes! Cada um tem o fim que merece, colhe o que plantou.

PORCO-ESPINHO — Eu não plantei espinhos!

ARIADNE — É uma condição temporária, não se preocupe!

BEIJA-FLOR — Você não é uma aranha venenosa?

ARIADNE — Posso ser... mas, no caso, tenho outra coisa para oferecer: ajudar Kiatumbá!

BEIJA-FLOR E PORCO-ESPINHO — Nós queremos ajudar!

ARIADNE — Sim, eu sei! Ouvi a conversa e tenho observado não só vocês, mas todas as outras, e pensei em um plano que pode dar certo!

BEIJA-FLOR — Conte para nós!

ARIADNE — Uma escada pode levar Kiatumbá até o céu!

PORCO-ESPINHO — Uma escada!? Mas uma escada é baixa e não consegue alcançar o céu!

ARIADNE — Uma escada comum não consegue, mas uma escada feita da minha teia sim.

BEIJA-FLOR — Exatamente! Ela pode alcançar o céu, mas como escalar até lá?

ARIADNE — Voando!

PORCO-ESPINHO — Aranha voa?

ARIADNE — Não, mas beija-flor sim!

BEIJA-FLOR — Mas não costura...

ATRIZ NARRADORA — E então a aranha sugeriu que teceria uma escada da sua resistente teia até onde conseguisse e, dali em diante, o Beija-Flor voaria e terminaria o serviço, costurando a teia com os espinhos do gentil porco, que serviriam de agulha!

BEIJA-FLOR E PORCO-ESPINHO — Nossa, genial!

Tambor

ATOR — Havia apenas uma questão...

TODOS — Qual?

ARIADNE — Para tecer essa escada, a Aranha Ariadne usaria todo seu arsenal de teia, ficaria sem forças e, talvez, não mais...

TODOS — Não mais?

ARIADNE — Pois é, as coisas têm um fim... É o ciclo natural da vida.

TODOS — Subir e depois descer, colocar tudo a perder, um fica, outro vai... E assim a profecia se faz!

TODOS — Uau!

ARIADNE — Não temos muito tempo a perder: o fio vamos começar a tecer!

Tambor e coreografia dos fios feita pelas personagens. Sugere-se uma grande “cama de gato” para mostrar a costura da escada.

ARIADNE CANTA —

TECER TECER

TECER PARA AJUDAR

UMA ESCADA COM MINHA TEIA

PARA O PRÍNCIPE ESCALAR

CENA 10

ATOR NARRADOR — A aranha teceu e toda sua teia cedeu.

ATRIZ NARRADORA 2 — O beija-flor voou e costurou...

ATRIZ NARRADORA 6 — Até ficar com as asas cansadas, mas no final suspirou:

BEIJA-FLOR — Conseguimos! Terminei a última emenda! Alcançamos a linha do horizonte!

PORCO-ESPINHO — Ainda bem... já estava preocupada!

ATRIZ NARRADORA 1 — A aranha, já muito exausta, a todos reuniu.

ATRIZ NARRADORA 3 — Para mostrar a escada que a terra ao horizonte uniu!

ARIADNE — Kiatumbá, Kiatumbá! Quase nem tenho forças para falar, mas aí está a escada que até Jaucipe irá te levar!

CORVO — Eu não acredito que ela construiu uma escada de teia! Kiatumbá não iria para Ordes, e Jaucipe encontrar com ele lá?

ÁGUIA — Será que dá para você parar de ser amarga? Estamos a um passo de nos tornarmos humanas de novo!

CORVO — Arrrrrrgggg!

ARIADNE — É a ordem natural das coisas! Cada um tem o seu fim, tem o que merece, e não é em Ordes que essa união acontece!

SERPENTE — É, não vai ter jeito: vou ter que carregar este veneno no peito!

JAGUATIRICA — Vou rosnar para esquecer, mas Kiatumbá saiba que minha ajuda sempre vai ter!

KIATUMBÁ — Obrigado, Jeana! Será sempre bem-vinda ao meu reino.

BEIJA-FLOR — Ajudei que a teia chegasse até a linha do horizonte! Fiz com todo meu coração e desejo bons frutos dessa união!

PORCO-ESPINHO — Não pensei que meus espinhos pudessem ser agulhas tão fortes!

KIATUMBÁ — Vocês me desculpem por não serem escolhidas. São belas princesas e perspicazes animais! Não tenho dúvidas que serão muito felizes em suas jornadas! O que faz de alguém um grande guerreiro (*Pausa*) ou guerreira, é saber o verdadeiro valor do perdão e ter grandeza no coração.

ARIADNE — Nobre Kiatumbá, esse mundo vou deixar e com meus ancestrais em Ordes vou encontrar!

KIATUMBÁ — Mas você não pode partir!

ARIADNE — Existi até aqui para minha missão cumprir, precisava o mal dos ancestrais redimir. Chegou a hora de ir, outros feitos estão por vir! A vocês desejo coragem para cada qual sua missão cumprir!

Tambor solene. Todas se posicionam em volta da aranha. Kiatumbá fica ao longe, emocionado.

ATOR NARRADOR — Depois de ter vivido tantas perdas, tantas aventuras, era chegada a hora de ir ao encontro do destino.

TODAS — Os fios do destino eram feitos da teia que subia aos céus!

ATOR NARRADOR — Sem pensar duas vezes, Kiatumbá subiu... subiu... subiu...

ATRIZ NARRADORA 1 — Os ventos eram fortes e a teia, mesmo resistente, titubeava entre as nuvens.

ATRIZ NARRADORA 6 — O nobre príncipe estava com o coração apertado, mas não pensava em desistir, mesmo sendo desafiado.

ATRIZ NARRADORA 3 — A teia começou a se desfazer e, abaixo dos pés, Kiatumbá não mais podia ver.

ATRIZ NARRADORA 2 — Seus braços estavam sem forças e seu coração disparado.

ATRIZ NARRADORA 3 — Então, com uma rajada de vento acontece o inesperado.

ATRIZ NARRADORA 5 — Kiatumbá se desequilibrou, e do céu seu corpo despencou.

Kiatumbá começa a cair.

KIATUMBÁ — Jaucipe!!!!

JAUCIPE — Nãoooooooooo!!!! Ajudem! Eu desfaço a maldição!!!

Rodas dos animais cochichando.

ATRIZ NARRADORA 3 — Prontamente cada uma se organizou, comandadas pela serpente que o plano traçou!

ATRIZ NARRADORA 2 — Mesmo contrariada, a Corvo se prontificou.

ATRIZ NARRADORA 1 — Voou com a águia bem alto lá no céu, e pegaram, uma e outra, em cada braço de Kiatumbá.

ATRIZ NARRADORA 6 — A Jaguatirica se esparramou pelo chão, fazendo do seu corpo um colchão!

ATRIZ NARRADORA 5 — Assim que aterrissou, do frágil beija-flor ganhou água doce no rosto para espantar o susto e o desgosto.

ATRIZ 4 — Bem devagarinho, o sábio porco-espinho cócegas começou a fazer para que o príncipe deixasse de sofrer.

CONSELHEIRO — E, no meio do que parecer perdido, encontrará o que tiver pedido. Pela ajuda e compaixão, um bom fim todos terão!

TODOS — E, no meio do que parecer perdido, encontrará o que tiver pedido. Pela ajuda e compaixão, um bom fim todos terão!

Efeitos de luz e sons, onde a transformação de animais é revertida. Kiatumbá continua deitado.

KIATUMBÁ — Vocês voltaram à sua forma humana, eu estou vivo, mas e Jaucipe?!

TODOS — E Jaucipe?!

JAUCIPE — Jaucipe, muito esperta, a maldição retirou, e com coragem sua imortalidade questionou!

SORANE — Ela deixou de ser imortal?

IRINA — Calma, já está quase no final!

JEANA — Enquanto ela não chegar eu me recuso partir!

CERES — Lá vem ela, do céu está a surgir!

LEONA — Não posso acreditar!

GUANABI — O que restava da teia era uma frágil escada, na qual Jaucipe se equilibrava.

KIATUMBÁ — Vinha descendo dos céus ao encontro do seu amado, que cheio de alegria se sentia recuperado!

JAUCIPE — Quando não mais existia teia, era o meio do caminho. Amparada pelas nuvens chegou ao solo, e Kiatumbá não estava mais sozinho!

PEDRA DO TOMBO — KIATUMBÁ
O PRÍNCIPE VALENTE E SUA HORA DE AMAR
PEDRA DO TOMBO — KIATUMBÁ
TODOS TEM O SEU DESTINO
OUÇAM ISSO PARA ENCERRAR!

Kia Kia tumbá para encerrar e agradecimentos.

FIM

MEMÓRIAS DE GARAGEM

Memórias de Garagem é uma peça musical juvenil que conta, canta e relata o momento de transição na vida de seis adolescentes: Bernardo, Cinara, Isabela, Alana, Cadú e Felipe. Eles estreitam seus laços em uma festa que aparentemente não vai dar em nada, e o que acontece? Uma afinidade que será pontual para o resto de suas vidas.

Em uma narrativa não linear, passado, presente e futuro se encontram para explorar os medos, frustrações, expectativas e descobertas de uma fase que é relevante para apontar as escolhas construtivas para o futuro.

O texto foi encenado em 2012, em parceria da Cia Ganesha com a produtora Cena Hum, e apresentado no Teatro Cena Hum e no Teatro do Colégio Marista Santa Maria.

A dramaturgia é concebida para palco italiano ou instalação em uma garagem.

PERSONAGENS:

BERNARDO;

ISABELA;

ALANA;

FELIPE;

CINARA;

CADÚ – CARLOS EDUARDO;

ANDRÉ;

RAFA;

CLAUDINHA.

CENA 1

BERNARDO — Oi. Eu nunca fui um garoto extrovertido, na verdade eu nunca fui um garoto popular. Acho que eu também não queria ser. Um dia eu resolvi dar uma festa, convidei muita gente, convidei a sala toda, a escola toda, a rua toda. TODO MUNDO! Só apareceram cinco pessoas. Mas muita coisa aconteceu, quer dizer, passou a acontecer dali para a frente.

MÚSICA: "INCERTEZAS" (HUMBERTO GOMES).

SERÁ QUE ALGUÉM VEM?

SERÁ QUE ALGUÉM VAI?

O QUE VAI ACONTECER?

COMIGO E COM VOCÊ?

Personagens ao telefone.

ALANA — Hoje vai rolar uma festa...na casa do bolsista.

ISABELA — Bernardo!

ALANA — Sabia que começava com B!

ISABELA — Não sei se vou, talvez não queira encontrar pessoas.

FELIPE — Quem vai? Você vai? Tem que levar alguma coisa? Quem é o dono da casa? Que roupa devo usar?

CADÚ — Essa está para mim! Você vai? Estou dentro!

MÚSICA: "INCERTEZAS" (HUMBERTO GOMES).

SERÁ QUE ALGUÉM VEM?

SERÁ QUE ALGUÉM VAI?

O QUE VAI ACONTECER?

COMIGO E COM VOCÊ?

PRA MIM TÁ TUDO BEM, TEM SEMPRE QUEM BEIJAR.

NÃO QUERO VER NINGUÉM — TENHO MEDO DE GOSTAR!
PRA MIM É TANTO FAZ, TÔ A FIM É DE PEGAR, E SE NÃO ROLAR NADA O QUE VALE É ZOAR.

SERÁ QUE HOJE VOU CONSEGUIR ME DECLARAR?
A PORTA VOU ABRIR, TENHO MEDO DE ENTRAR
EU POSSO TE OUVIR, DEPOIS POSSO TE ABRAÇAR!
SERÁ QUE ALGUÉM VEM, SERÁ QUE ALGUÉM VAI?
PRA EU TE CONHECER, VOU TER QUE ME VENCER
AMIGO É ASSIM: PRA SEMPRE E PRO SEM FIM!

CINARA — E aí? Tudo bem? Chegou mais alguém?
Silêncio.

CINARA — Será que vem mais gente?
Silêncio.

CINARA — Trouxe um refri, dá pra misturar alguma coisa se você quiser...

SERÁ QUE ALGUÉM VEM?

SERÁ QUE ALGUÉM VAI?

O QUE VAI ACONTECER?

COMIGO E COM VOCÊ?

AMIGO É ASSIM: PRA SEMPRE E PRO SEM FIM!

CENA 2:

ALANA — Aqui é a sua casa?

ISABELA — É a garagem da casa dele!

ALANA — Eu sei que é a GARAGEM da casa dele, mas quero saber se aqui é a festa?

BERNARDO — É.

ALANA — E não vem ninguém?

CINARA — Somos quatro pessoas.

BERNARDO — Alana e Isabela, as meninas do 1.º ano!

ALANA — Isso. Eu não lembro direito seu nome, sempre te chamo de bolsista, ou “o menino que chegou no começo do ano e estuda na sala 07”.

BERNARDO — Até que você sabe muita coisa sobre mim.

ALANA — Sempre vejo você sozinho pelos cantos no intervalo, sei quem é você principalmente por isso.

ISABELA — Alana!!! Ela é assim mesmo, desculpa! Conheci você jogando videogame na casa do Cadú!

ALANA — Você e o Cadú se conhecem?

CINARA — Quer tomar alguma coisa? Tô ajudando o Bernardo servir.

BERNARDO — Já falei que não precisa se preocupar.

ISABELA — E a sua vó resolveu aliviar a situação? Como ela reagiu com o horário de ontem?

ALANA — Que horário de ontem?

CINARA — Pulei a janela.

ALANA — Como assim?

CINARA — Para ficar com o André.

ALANA — Você ficou com o André?

CINARA — Minha avó descobriu tudo e ligou para a tia dele.

ALANA — Ele nem saiu do 2.º ano! Além de ser criado pelos tios, fica enfiado o dia inteiro tocando aquele violão, guitarra ou sei lá como se chama.

BERNARDO — Baixo!

ISABELA — Eu falo que é para você parar de fazer loucuras. Ainda mais com meninos mais velhos!

CINARA — Ele tem 18, qual problema? E é minha avó que fica no meu pé. A minha mãe só viaja, e meu pai não aparece há mais de um mês para me visitar!

BERNARDO — Se você está fazendo isso para chamar a atenção, eu digo que não vai resolver nada. E olha que eu nem conheço o meu pai.

CINARA — E aquele cara que trouxe o som pra gente?

BERNARDO — É o namorado da minha mãe.

ISABELA — Seu padrasto?

BERNARDO — Não, só namorado mesmo.

CADÚ — A festa acabou?

ALANA — Ela vai começar agora!

CADÚ — E aí Berns! Oi, Bel, tudo bem?

ISABELA — Tudo, sim.

CADÚ — Não parece, está com uma cara meio triste.

ISABELA — É impressão.

CADÚ — Oi.

CINARA — Oi.

ALANA — Oi, Cadú! Me deixou por último, só para ficar com o aroma do meu perfume?

CADÚ — Nem pensei nisso.

ALANA — A bola da vez agora é a Claudinha? Digo que não tem chance, porque ela está em outra, meu filho!

CADÚ — Tudo bem? Mas e aí, galera, cadê o pessoal?

FELIPE — Eu demorei porque...

ALANA — Ficou tentando combinar as cores e acabou vindo com o tênis da escola. Não acredito!

ISABELA — O que tem, Alana?

FELIPE — Está feio?

CADÚ — Quanta frescura, hein, Mr. coluna do meio!

CINARA — Pô, Cadú!

FELIPE — Para, tá bom? Oi, Bernardo, posso entrar? Onde eu posso deixar esse doce?

BERNARDO — Ali na mesa mesmo.

ALANA — Ai, migo, você trouxe brigadeiro com bolacha!!!

CINARA — Da última vez eu não comi.

FELIPE — Pois é.

CINARA — Tive que ir embora, na verdade eu fui embora depois que vi aquela vassoura atrás da porta, achei muita sacanagem sua.

FELIPE — Eu não tive culpa, quem deu a ideia foi ela!

ALANA — Eu só disse que, quando queremos que uma pessoa vá embora, é só colocar a vassoura atrás da porta!

CINARA — Eu nunca coloquei a vassoura atrás da porta da minha casa, que eu saiba ninguém colocou. Pode ser que tenham colocado uma vassoura invisível e isso justifique o motivo de os meus pais nunca estarem em casa. Existe um dia na vida que a gente descobre coisas, como Cabral que descobriu o Brasil e aquilo mudou, ou pelo menos deve ter mudado a vida dele para sempre, eu descobri que as pessoas da minha família são outras pessoas, que eu, mesmo sendo eu, sou uma pessoa diferente. Tenho medo disso. Precisava de um amigo, ou de uma amiga. Mas acho que nem eles eu tenho. Cheiro de chocolate e uma vassoura verde atrás da porta, que me fez recuar e descer as escadas, pensando “como é ruim sentir-se só, como é ruim descobrir que a sua mãe é uma pessoa que fugiu pelo mundo e a mãe que diz ser mãe é uma tia que apoiava as loucuras da irmã”. É difícil descobrir que a gente cresce e não pode confiar nas pessoas. Eu gosto de brigadeiro com bolacha, por piores que sejam as lembranças que ele me traz.

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

CENA 3:

CADÚ — Que tal um jogo da verdade?

ISABELA — Para depois ficarem brigando comigo e me chamando de mal-humorada?

ALANA — Minha vida é um livro aberto.

BERNARDO — Eu proporciono drinks com refrigerante para quem errar.

CINARA — Vamos pegar leve, hein?

CADÚ — Olha quem fala. Depois de pegar o André quer pegar leve com o quê?

CINARA — Não enche!

FELIPE — Pelo jeito está todo mundo sabendo, mas e aí?

CADÚ — A gente roda a garrafa e faz as perguntas.

ISABELA — Está, mas assim: a “boca” da garrafa é quem pergunta, e a “bunda” da garrafa quem responde, pode ser?

ALANA — Falou a ditadora de regras.

ISABELA — Tem alguma ideia melhor, querida?

CINARA — Rodar a garrafa!

FELIPE — E devem existir as possibilidades!

CADÚ — Uma delas é beber.

FELIPE — Mas também pode ser um castigo ou alguma coisa inusitada, um desafio, por exemplo!

CADÚ — Ai, que viadagem!

FELIPE — É uma brincadeira! Dá para parar de ficar me enchendo o tempo todo, cara.

ALANA — Imaginação fértil é assim!

CADÚ — Então é resposta, bebedeira, desafio ou “castigo”?

Todos topam.

CENA 4:

Sinal da escola.

FELIPE — Adoro queijo com marmelada!

ISABELA — Marmelada?

FELIPE — É Marmelada! Tipo Romeu e Julieta!

ISABELA — Eu gosto de GOIABADA, mas tem que ser com requeijão.

FELIPE — Tanto faz! Eu trouxe para comer no intervalo e acabei deixando na mochila. Será que eu vou pegar?

ISABELA — Sei lá! Faz o que você quiser, já disse que não gosto dessa combinação!

FELIPE — Nossa, como você está chata!

ISABELA — Estou preocupada com a prova.

FELIPE — Com a de matemática?

ISABELA — Não, com a de química mesmo.

CINARA — Posso ficar aqui com vocês ou estão segredando?

ALANA — Se for novidade, podem me colocar a par, caso contrário o assunto chegou! (*À Cinara*) Que marca é essa no seu pescoço?

Passa Cadú. Olha para as meninas.

CADÚ — Oi, meninas! Tudo bem, Bel? Depois eu quero falar com você!

ALANA — O que será que ele quer falar com você? Depois me conta tudo, tá?

CINARA — Se for sobre a marca no pescoço, abstrai!

ALANA — Você ficou com o Cadú?

CINARA — E não foi a primeira vez. Abstrai.

ISABELA — Entendi.

FELIPE — Ele nunca olha na minha cara! Isso aconteceu uma única vez! Ficar me tirando na frente dos outros ele sabe fazer bem, mas dar um...

BERNARDO — E aí, Felipe!

FELIPE — Beleza, Bernardo? Tão vendo!? Ele é único menino que me cumprimenta direito. Qual será o problema?

ALANA — Qual será? Vai ver que ele acha você meio salsicha?

FELIPE — Quê?

ISABELA — Alana!

ALANA — Estou brincando, quem nunca viu Scooby Doo que me perdoe!

CINARA — Só sei que o beijo é bom...

ISABELA — Imagino. Eu gosto dele.

Silêncio.

ISABELA — Gosto como amigo, acho ele um cara bacana. Trocamos várias ideias.

ALANA — Sei. Você e as ideias com os caras.

ISABELA — Eu prefiro ser amiga dos meninos, e daí?

ALANA — E o Fê das meninas!

FELIPE — Por isso os caras me encham tanto a paciência!

ALANA — Você deveria tentar interagir mais com os piás, sabia? Parar de ficar tanto tempo ouvindo nossas conversas.

CINARA — Qual o problema? O Fê dá conselhos ótimos para a gente! Só fica chato quando passa um tempo com você!

ALANA — Eu lá tenho culpa se eu causo impacto nas pessoas? Ai, que saco, o tal do bolsista não para de olhar para minha cara! Não sei quem é pior, o delinquente do Rafa ou o pobretão do bolsista!

ISABELA — Você deveria conhecer ele e ver qual é, me parece um cara muito bacana!

ALANA — Ui! Nem sei quem são os pais dele, de onde ele veio e para onde ele vai!

CINARA — Taí, Felipe! Esse cara pode te ajudar a sacar umas coisas legais.

Silêncio.

CINARA — Felipe! Fê!?

FELIPE — Desculpa, estava aqui pensando.

ISABELA — Viajando, né? Que foi?

FELIPE — O Cadú não parece uma má pessoa. Fica aí se defendendo, mas sei lá. Qual é a real desse cara?

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

CENA 5:

CADÚ — Pode me emprestar sua borracha?

Felipe entrega a borracha.

CADÚ — Conseguiu fazer as equações?

FELIPE — Mais ou menos.

CADÚ — Sabe, eu acho bem difícil encontrar essas soluções. Não sou muito bom em contas. Meu pai tem amigos em Bariloche, todo ano essa época vamos lá, esquiar, por isso tive que faltar dois dias. Comprei um equipamento muito legal esse ano.

FELIPE — Já usou a borracha?

CADÚ — Você já viajou para algum lugar que tenha neve?

Silêncio.

CADÚ — À noite eu costumava sair com um pessoal mais velho. Até alguns goles em drinks eu dei, sabia? Já fiz isso outras vezes, beijei algumas mulheres mais velhas do que eu, e você?

FELIPE — Não estou entendendo o porquê de você me contar essas coisas! Não consigo entender por que você está falando comigo! Não era a borracha que você queria? Já usou?

CADÚ — Já reparou que toda vez que eu ou qualquer outro menino da sala tentamos falar alguma coisa para você, ou fazer algum tipo de brincadeira, você sempre leva pro lado ofensivo? Vem cá: qual o seu problema?

FELIPE — Meu problema é saber que todo mundo fica rindo das minhas redações, que todo mundo tira sarro de mim porque tenho mais amigas mulheres do que homens. Meu problema é ficar pensando em tudo que eu ainda não sei e tenho medo de saber. É sempre gostar da menina mais bonita e acabar, sempre, levando um fora, é me sentir exposto, quando a trupe dos “machinhos” incríveis se aproxima e faz de conta que eu não existo!

Rodam a garrafa.

ALANA — Cadú pergunta para Felipe!

CADÚ — Quantas meninas você já beijou?

FELIPE — Eu...é, beijei...

ALANA — Se pensar muito vai ter que beber ou pagar o castigo!

FELIPE — Quando você tem 15 anos, fica difícil saber qual é a verdade sobre a vida, principalmente da sua vida! Não dá para saber exatamente o que você é ou o que você será de verdade. Mas dá para sentir o que se passa. Não dá para ter certeza.

Coro sussurra com intensidade: “Bicha, Bibona, Viado, Viadinho etc.”

FELIPE — Essas vozes ficaram por dias, semanas, meses na minha cabeça. Todo mundo no pátio, olhando para minha cara, enquanto eu pegava o material espalhado no chão. Pensei no tempo, pensei no pré, na primeira série, em tantas coisas. Na

aula de redação, eu resolvi escrever sobre isso, mas ainda restavam alguns murmúrios, alguns risos que me atormentavam.

Hoje, enquanto quase todo mundo pode emendar o feriado, aqui estamos nós, tentando resolver essas equações insupportáveis. Pouco me importa a neve, as suas faltas, ou seja lá o que for!

CADÚ — Obrigado pela borracha! Ainda dá tempo de apagar?

ALANA — Se pensar muito vai ter que beber ou pagar o castigo!

CADÚ — Quantas?

FELIPE — Eu...é...

CINARA — Uma! (*beija Felipe*) E foi mais de uma vez.

FELIPE — É. Uma.

CINARA — Abstrai.

ISABELA — Estava na cara que não era verdade! Era óbvio que a Cinara tinha feito aquilo tudo para safar um amigo indeciso! Mesmo sabendo que ele havia sido sacana com ela naquela semana, mas amigos são assim. Nada garante que ele seja seu amigo para sempre, mas também nunca se sabe quando alguém vai te safar de algo ou te colocar numa enrascada!

CENA 6:

Pista de Skate.

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

RAFA — Nossa, você manda muito bem!

ISABELA — Valeu!

RAFA — Sempre vejo você por aqui ou passando na rua da sorveteria.

ISABELA — Eu moro ali perto. Eu sempre vejo você também, mas não sei quem é não.

RAFA — Eu sou o Rafa.

ISABELA — Você é irmão do André?

RAFA — Sou. Meu tio tem uma oficina na rua da sorveteria.

ISABELA — Pode crer!

RAFA — Eu estudo em outro colégio e tals, por isso a gente nem se conhece direito. Mas sei quem são as pessoas com quem você anda.

ISABELA — Eu ando de skate!

RAFA — Está bom. Estou aprendendo a mexer numas paradas aí de lixar prancha, fazer umas artes nelas, quando quiser pode falar comigo.

ISABELA — Eu estou pensando mesmo em fazer uns desenhos radicais na parede do meu quarto. Você manja disso?

RAFA — Nunca fiz, mas posso tentar. Manjo mesmo de skate e motor de moto.

ISABELA — Moto? Você dirige?

RAFA — Eu quero ser piloto de moto e stock car. Como meu tio tem a oficina, fico em cima das paradas para ver como é que rola, tá ligada?

ISABELA — Deve ser muito massa dirigir!

RAFA — Meu irmão é meio mala, mas às vezes me ensina umas paradas.

BERNARDO — Oi, Bel! E aí, Rafinha!

ISABELA — Oi, Bê! Beleza?

RAFA — E aí, Bê, beleza! Firmeza?

BERNARDO — Tamo aí, né! Vim ver a Bel humilhar os piás no skate.

ISABELA — Até parece. Ando para me sentir mais livre. Vou nessa. Até mais meninos.

RAFA — Ela é muito gata!

BERNARDO — Ela tem personalidade! Mulher assim é o esque-
ma, mas sempre fico a fim das erradas.

RAFA — Das cocotas, isso sim! (*Imitando*) Ai, minha unha, meu
cabelo.

BERNARDO — Pode parar! Qual é? Cada um com seus proble-
mas. E você que fica aí, babando, e não toma atitude!?

RAFA — Ah, qual é você, Berns! Não me enche. Se eu não ti-
vesse atitude, eu não estava aqui sentado, na parada, trocando
ideia com a mina. Pior você que fica lá, só no delírio da noite.

BERNARDO — Olha como fala comigo, piá!

(*Vira uma discussão*)

CENA 7:

CADÚ — Posso falar com você?

ISABELA — O que foi?

CADÚ — Eu acabei ficando com a Cinara.

ISABELA — Isso uma boa parte das pessoas já sabe, ou pelo
menos desconfia.

CADÚ — Estou a fim de sair fora, sabe.

ISABELA — Sei.

CADÚ — Sei lá, quero ficar com outras pessoas, ou “outra”
pessoa. Estou a fim de beijar alguém diferente.

ISABELA — E o que é um beijo para você?

ALANA — Algumas meninas pensam que eu beijei mais meni-
nos do que eu realmente beijei.

CINARA — Eu beijei uns dois caras mais velhos do que eu.

CLAUDINHA — Eu beijei dois meninos, e o segundo eu namo-
ro há 6 meses.

CINARA — Namorar!? A gente vai ter tempo de sobra para namorar sério com alguém quando ficar mais velha.

CLAUDINHA — Eu quero namorar no máximo três meninos, claro, isso se não der certo com o que estou agora, o que acho bem difícil, até porque o Otávio é o máximo!

CINARA — Otávio... um de cabelo certinho que usa óculos?

CLAUDINHA — Esse mesmo.

ALANA — Você conhece? Como assim?

CINARA — Abstrai.

CLAUDINHA — Deixa eu te fazer uma pergunta?

CINARA — Pode fazer.

CLAUDINHA — Não foi você que ficou com o repetente esquisito que é amigo do Waguinho?

CINARA — É André o nome dele!

ALANA — Eu não contei nada!

CINARA — Vale a pena! O beijo é muito bom, um dos melhores, viu!? Se eu fosse você não perdia tempo.

ALANA — Credo, Cinara!

CLAUDINHA — Eu não posso, me poupe!

CINARA — Pensa menos, fala menos e beija mais!

BERNARDO — Eu nunca beijei. Gostaria de beijar de verdade. Eu acho que não sei como isso funciona.

FELIPE — Aquele dia eu sabia, tinha certeza: hoje eu vou beijar! Não queria contar para ninguém, senão a magia seria quebrada. Fiquei nervoso. Olhava para o céu, olhava para ela. Até descobrir que meu beijo tinha potencial.

ALANA — A gente podia se beijar um dia e avaliar como é o beijo de cada um, né?

FELIPE — Para quê?

CADÚ — Para saber, hora essas!

ISABELA — Eu sou a fim de saber como é o beijo do Cadú!

CINARA — Todo mundo sempre fica a fim do Cadú!

BERNARDO — Ela nunca vai olhar para mim como um garoto em potencial.

FELIPE — Se o seu beijo for bom, ela pode mudar de ideia.

BERNARDO — E você acha que ela vai querer me beijar?

CADÚ — Nessa vida, tudo pode acontecer!

ISABELA — Mas eu não vou sair por aí, agarrando os meninos, para fazer ciúme para o Cadú! Sinceramente, acho que isso não funciona, pelo menos comigo não.

CINARA — Tem meninas que preferem ter amigos homens, tem homens que preferem ter amigos homens, gente velha que gosta de conversar com gente nova, gente nova que gosta de conversar com as tias, em vez de brincar com os primos. Eu gosto de gente.

BERNARDO — Eu tento ter amigos.

ALANA — Quer dizer então que ela está a fim do Cadú? Bem que desconfiei que existia algo estranho nessas conversinhas paralelas dos dois! Vou entrar em ação!

FELIPE — Se você fizer isso vai perder a moral.

ISABELA — Moral? Credo, Fê, parece meu pai falando!

CINARA — O que significa moral para os seus pais?

ISABELA — O que significam as palavras para as pessoas? Por exemplo, "moral" — moral é a parte da filosofia que trata dos costumes, deveres e modo de proceder dos homens nas relações com seus semelhantes; dentre tantos significados parecidos que vão existir por aí e serão denominados como certos pelas pessoas!

BERNARDO — Eu me envergonho quando não sei o real significado de uma palavra, ou quando não sei colocar em prática. Vocês já se sentiram assim alguma vez?

FELIPE — Algumas vezes.

ALANA — Eu nunca. Para que existe dicionário?

ISABELA — Como diz a professora de Literatura: para ler o significado e muitas vezes esquecê-lo, antes mesmo de entendê-lo!

CADÚ — Eu prefiro experimentar! Sabe, eu já me apaixonei de verdade por uma menina.

ALANA — Bonita? Claro, que dúvida! Você só deve se apaixonar por alguém à sua altura! Bom, só tenho uma coisa para dizer: desculpa, Bel, mas vou lutar pelo que eu acho que vale a pena!

FELIPE — Não faz isso, ela vai ficar chateada.

ALANA — Por quê? Ela não tem nada com ele. Tem coisas que a gente esquece, não se preocupe!

ISABELA — E desapaixanou, Cadú?

CADÚ — Não, me decepcionei, mesmo. Foi meu primeiro beijo. Ela era mais velha, estava no terceiro ano.

FELIPE — Foi só beijo?

CADÚ — Foi. A decepção aconteceu no acampamento de férias.

BERNARDO — Também me decepcionei nesse acampamento.

TODOS — O acampamento de férias!

FELIPE — Foram férias incríveis!

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

CADÚ — Ela era minha vizinha, um dia fui ajudar a trocar o pneu da bicicleta. A partir de então, toda tarde rolava um beijo, uma volta no quarteirão... Até brigadeiro de panela a gente dividiu vendo filme!

ISABELA — Ai que fofo, Cadú!

ALANA — Eu não acredito que você nunca contou isso para gente.

CADÚ — No acampamento, ela tinha prometido me encontrar, mas acabou ficando com um dos monitores.

BERNARDO — Sempre os caras mais velhos!

CADÚ — Quando meus pais se separaram, fiquei pensando em milhares de coisas, foi quando meu pai me disse: “um homem se torna homem depois de sofrer a primeira decepção”; minha mãe contestou, dizendo que um “homem se torna um cretino depois da primeira decepção”, e que isso nem o tempo resolve. Eu já tive minha primeira decepção.

FELIPE — Mas, e agora? Será que você é um cretino ou um homem?

CENA 8

ANDRÉ — Foi mal. Todo mundo sabendo da nossa parada aí, não era pra ser.

CINARA — Você está muito preocupado. Mais preocupado que eu, na real!

ANDRÉ — É que tem outra mina na parada aí, e isso me comprometeu.

CINARA — Quer que eu fale com ela? Posso limpar sua barra, sou bem boa nisso!

ANDRÉ — Sei lá se isso não vai piorar a situação.

CINARA — Bom, para mim tanto faz. Quem tem fama deita na cama! Não é assim o tal ditado? A fama eu já tenho.

ANDRÉ — Você é uma mina muito legal. Foi bem bom ficar com você, mas eu estou ligado na Dani, sabe.

CINARA — Abstrai! Não precisa se explicar. Não sou a fim de me prender a ninguém.

ANDRÉ — O cara que ficar com você vai se dar muito bem.

CINARA — Sorte dele! Mas por enquanto eu tenho muitas coisas para viver.

ANDRÉ — Sábado à tarde eu vou tocar na gincana do colégio. Não queria, até porque a galera é mais nova. Presto muitos serviços na escola para compensar as faltas e as advertências. É a minha última chance de fechar o segundo grau. O lance é que explodiram uma bomba no banheiro essa semana e assumi a culpa.

CINARA — Assumiu? Como assim?

ANDRÉ — Estou ligado que foi meu irmão. Fiz para cobrir. Eu já tenho fama, bem mais fácil para deitar na cama!

CINARA — Você é um cara muito legal! Sábado eu apareço por lá e troco uma ideia com a Dani, como não quer nada. Deixa tudo comigo!

ANDRÉ — Valeu!

RAFA — E aí! Pegando geral?

ANDRÉ — Qual é, piá! Ouvindo a conversa dos outros agora? Sai fora.

RAFA — Você que é a Cinara?

CINARA — Sou eu, por quê?

RAFA — Nada, não. Disseram que você tem um beijo bom! Não está a fim de treinar comigo, não?

ANDRÉ — É melhor você sair correndo, antes que eu te encha de porrada, seu moleque doente!

RAFA — Foi mal, foi mal. Se quiser me procurar, eu sou o Rafa, tá? Sua linda!

CINARA — Hahahahahahaha! Quem tem fama... Abstrai!

CENA 9:

FELIPE — Pichar? Eu nunca pichei!

ALANA — Vai pichar sim! Escreve aí: "Alana, meu sonho é ter você!"

FELIPE — Escreve você!

ALANA — Mas é um medroso, mesmo!

FELIPE — Não é uma questão de medo, é uma questão de...

CINARA — Eu pichei algumas vezes, a letra saía sempre bem bonitinha. Eu pichava Cí e, no assento do “i”, colocava um coração. Fazia igual no meu caderno, para saberem que era eu. Uma vez isso deu uma baita confusão com a minha avó.

CADÚ — Já picharam para mim! Foi bem legal! Uma vez disseram que viram o Felipe e a Alana pichando o muro perto de casa. Escreveram umas coisas bem bizarras para mim.

FELIPE — Tive que pintar o muro! Passei o maior carão, a boca aberta da Alana fez o favor de contar para todo mundo.

ALANA — Vocês não sabem o que eu e o Felipe acabamos de fazer!

BERNARDO — Eu tinha rolo e tinta na garagem, minha mãe nem sentiu falta.

ISABELA — A gente paga cada mico por conta de amigo. Bom, ali tanto fazia se Alana disse ou não disse alguma coisa! No dia seguinte, todo mundo me viu, o Bernardo e o Fê pintando o muro na tarde cinza de domingo.

MÚSICA: MURO DE PEDRA I (HUMBERTO GOMES)

Eu vou pichar pra você

Algo que eu quero te dizer!

Se a coragem me faltar ou se eu me arrepender...

Uma coisa eu garanto:

O muro não vai esquecer!

CINARA — Eu já saí pelas ruas à noite, tentando me disfarçar com o moletom de capuz da minha prima.

ALANA — Eu já me escondi atrás do muro de um estranho para ver os meninos do vôlei saírem do clube.

BERNARDO — Eu já peguei carona de caminhão até a cidade vizinha para jogar bola!

CADÚ — Eu já passei a noite em claro, vendo um monte de filmes proibidos, com a televisão muda.

ISABELA — Eu já pensei em fugir de casa várias vezes. Fiz as malas e amarrei os lençóis. Já chorei no fim da tarde na porta do cemitério com saudades do meu avô.

FELIPE — Eu já passei trote com voz de menina! Muita gente caiu, mas a minha mãe descobriu!

MÚSICA: MURO DE PEDRA II (HUMBERTO GOMES)

Já chacoalhei, já ri e já chorei

Já estudei, já tentei e reprovei

Eu já parti, já briguei e perdoei

E vou falar, não posso me segurar

Se por acaso eu não vir a me expressar

Não vou gritar e posso até vir me culpar

Mas, com licença, o seu muro eu vou pichar!

CENA 10:

FELIPE — Todo mundo tem um amigo coadjuvante.

CLAUDINHA — Oi, eu sou a Claudinha.

CADÚ E ANDRÉ — Hum... Claudinhaaaaaa.

CINARA — Ah! A Claudinha!

RAFA — Uma loira?

BERNARDO — Quem é Claudinha?

ISABELA — É Cláudia, gente. Claudinha é para quem tem intimidade.

ALANA — Claudinha, eu tenho uma para te contar!

FELIPE — Uma questão de impressão individual.

CLAUDINHA — Eu não gosto de tomar refrigerante, eu como chocolate e passo o dia de jejum para não engordar.

ALANA — Não pira, Claudinha, isso faz mal para você! Para qualquer um, né? Isso porque seu pai é endocrinologista.

CLAUDINHA — E minha mãe nutricionista!

ALANA — Então!?

CLAUDINHA — Estou preocupada com as minhas férias.

ALANA — Preocupada de ir viajar para Suíça, Claudinha? Já sei, preocupada de ter uma intoxicação com os chocolates!

CLAUDINHA — Ficar longe do Otávio tanto tempo dá medo, né?

ALANA — Medo eu teria de ficar respondendo as mensagens do Waguinho! Depois você vem cheia dos discursos de fidelidade.

CLAUDINHA — Não sei, estou confusa e não quero pensar sobre isso. Deixa eu te contar um segredo? Ele me levou para andar de moto!

ALANA — Sua louca!

CLAUDINHA — Louca vai ficar minha mãe se descobrir! Só que tem uma coisa. O Felipe viu! Foi na rua atrás do chorão, e ele estava passando de bicicleta quando me viu descendo da moto do Waguinho. Acho que ele não gosta de mim.

ALANA — Ele tem ciúmes da nossa amizade. Conheço aquele ali, e sei muito bem para onde o destino vai levá-lo.

CLAUDINHA — Para onde? Ele vai mudar para algum lugar longe daqui?

ALANA — Não, Claudinha! Deixa para lá! Mas deixa eu te contar uma coisa: estou tendo ideias mirabolantes para fisgar de vez o Cadú!

CLAUDINHA — O Cadú não presta! Eu não ficava com ele nem que me implorasse.

ALANA — Ainda bem, né, Claudinha! Senão ia ter que se ver comigo!

FELIPE — Oi! A Graça disse que estavam no quarto...

ALANA — E você delicadamente resolveu entrar e vir sem avisar! Não está vendo que estou com visita.

FELIPE — Desculpa! Não pensei que...

CLAUDINHA — É que estamos falando assuntos de menina.

ALANA — São os preferidos dele, né, Fê?

FELIPE — Vou embora, estava indo na casa do Bernardo, mesmo. Só passei aqui para tentar fazer você mudar de ideia com relação àquela história lá.

CLAUDINHA — Do Cadú? Eu também estou tentando.

FELIPE — Eu vim falar com a Alana, mas como ela já fez o favor de começar a ação antes de executar, vou pegar meu rumo.

ALANA — Tchau, Fê, até amanhã! Dá um beijo no bolsista, tá?

CLAUDINHA — A gente sabe quando uma pessoa não gosta da gente. Dá para sentir! Eu tentava sempre me enturmar com os amigos da Alana, se é que eles realmente eram amigos dela. Nem estudávamos no mesmo colégio e eu até achava bacaninha conversar com a Cinara, embora minha mãe ODIASSE que eu andasse com pessoas de família desestruturada. Não sei como os pais da Alana não ligavam. Também, teimar com a Alana era o mesmo que lutar contra um dragão enlouquecido. A Isabela era muito moleca, andava de skate, ui! Ficar naquela pista de skate ia acabar com a minha pele. Dos meninos eu não tinha muita opinião formada, não. Só do Cadú e do André, mas prefiro não falar a respeito. Enfim, meus pais e os pais da Nana, eu a chamava assim quando éramos pequenas, são amigos há muito tempo, se formaram juntos no colégio, casaram na mesma época, foram padrinhos um dos outros...Educação e tradição, né? Coisas que nem todo mundo tem. Fazer o quê?

CENA 11:

ALANA — Não quero manchar a minha reputação.

CADÚ — Você fala umas coisas que não fazem o menor sentido.

ALANA — Para mim, faz sentido. Ficar com alguém que é a “paixão” de uma amiga faz todo o sentido.

CADÚ — Mancha, para mim, só se for de batom. A empregada tirava muitas das camisas do meu pai.

ALANA — Você teve quem puxar!

BERNARDO — Eu puxei papo com ela várias vezes. Nossos mundos são diferentes.

FELIPE — É, cara, são muitos mundos dentro de um mundo.

BERNARDO — Tem mundos que não cabem dentro de outros.

FELIPE — E outros que são muito grandes para comportar tanta coisa vazia.

BERNARDO — Você está bem?

FELIPE — Não sei. Tenho sentido umas coisas estranhas, sentimentos estranhos. Perdi a noção do que é de verdade.

BERNARDO — Mas sabe exatamente o que está sentindo?

FELIPE — Acho que ainda não é a hora de saber.

ISABELA — *(Escrevendo em um caderno)* “Tem coisas que ficam apenas entre duas pessoas, outras que devem ser ditas, devo mesmo é guardar pra mim, não sei viver sem pensar em você e isso me deixa cada vez mais confusa”

CINARA — Falando sozinha?

ISABELA — Pensando alto.

CINARA — A Alana ficou com ele.

ISABELA — Com o Cadú?

CINARA — Pois é.

ISABELA — O Fe me entregou isso (*Mostra uma carta*) não tive coragem de ler. Mas eu abri.

ALANA — Correio, tá?

FELIPE — Nossa, para quem é? Tão longe!

ALANA — É para o menino que conheci na praia. Ninguém pode saber! Só você e a Claudinha!

FELIPE — Algum segredo?

ALANA — Amor de verão.

FELIPE — Disse que é amor de verão.

ISABELA — (*Lendo a carta*) E depois que eu tentei diversas vezes deixar de ser uma menina, com você me tornei uma mulher. Pelo menos é assim que eu me sinto agora.

CINARA — Será que ela...

FELIPE — Imagina! Acho que não.

CINARA — Ela nunca disse nada.

ISABELA — Foi no último verão.

FELIPE — No último verão.

BERNARDO — Você se arrependeu?

FELIPE — Se ela descobrir vai me matar. Trair a confiança de um amigo não é legal.

BERNARDO — E por que fez isso?

FELIPE — Ela estava de encontro marcado com o Cadú, não acho justo ela enganar ele, não acho justo ela sacanear a Isabela.

BERNARDO — Não acho justo você ficar enganando seus sentimentos. Se quiser conversar sobre isso algum dia desses, pode contar comigo, tá?

FELIPE — Não entendi.

BERNARDO — Deixa para lá!

CADÚ — É consideração. Só isso. Eu nunca vou ficar com ela, as coisas que eu sinto por você são diferentes, entendeu?

ALANA — Acho que sim.

CADÚ — Com ela, não. Ela para mim é como se fosse um amigo.

ALANA — “Tem coisas que ficam apenas entre duas pessoas, outras que devem ser ditas, devo mesmo é guardar pra mim, não sei viver sem pensar em você e isso me deixa cada vez mais confusa”. É o que estava escrito no diário dela. Tinha uma foto sua junto desse textinho.

CADÚ — Como você sabe?

ALANA — Sempre quis saber o que ela escrevia naquele diário. E vamos combinar que diário não combina com o tipo esquisito dela e isso aguçou demais a minha curiosidade. Roubei da mochila na hora do intervalo.

CORO — Temos nosso próprio tempo, temos nosso próprio tempo...

BERNARDO — O tempo é uma coisa louca. Ele vai e não volta. As pessoas também vão e às vezes não voltam.

CADÚ — Resolvi dar um tempo com a galera. Se eu continuasse enganando as pessoas, eu ia acabar me enganando mais cedo ou mais tarde. Algumas coisas a gente só entende depois.

FELIPE — Eu não estava entendendo nada! Será que eu estou me transformando em algo que eu tenho medo de ser ou que as pessoas julgam que eu seja!

CINARA — O tempo dos outros é o tempo dos outros. Na minha casa, as pessoas vivem com pressa para terminar as coisas que tem para fazer, e eu me pergunto: para quê? Para sentar no sofá ou na mesa da cozinha e mal se olharem? Prefiro ficar no meu quarto.

ALANA — Prefiro fazer com que as coisas aconteçam do que esperar por elas. Dou logo um jeito de descobrir o que me intriga. Trote, carta anônima, uma indireta para ver a reação do outro. Sou muito desconfiada, tenho medo de que não gostem de mim. Sempre que meus amigos, primos, pais, ou seja lá quem for estão sozinhos, tenho a impressão de que sempre estão falando de mim.

ISABELA — Ninguém tinha interesse em saber o que estava escrito naquela carta! Ela foi parar na minha mão por fidelidade de um amigo! Agora, pegar meu diário sem a minha permissão e ler com pessoas que não sabem nada sobre mim e, pior, não fazem parte da minha vida, você acha honesto? O pior é saber que você falou para o Cadú as coisas que estavam escritas ali. Ele é meu amigo e os sentimentos que eu tenho por ele são um problema unicamente meu!

ALANA — O que estava escrito naquela carta também é problema meu!

ISABELA — A diferença é que nós não vamos comentar com ninguém.

CINARA — A diferença é que, quando somos amigos, existe CONFIANÇA. E você poderia ter confiado em nós.

ALANA — Eu confiei no Felipe!

ISABELA — Ele foi um pivô para que essa conversa acontecesse. E, para falar a verdade, esse tempo que a gente se conhece foi um tempo perdido.

ALANA — Para mim, né? Porque é muito claro o quanto eu sou mais bonita, mais popular, mais resolvida, tenho mais dinheiro. Vocês deveriam ter medo de brigar comigo e agradecer a minha presença na vida de vocês.

CINARA — Você pode ter tudo isso aí que você disse, mas o problema é que você quer sempre mais, o problema é que você quer sempre o que é dos outros, antes mesmo de ser alguma coisa.

FELIPE — Desculpa.

BERNARDO —

Tenho medo de crescer,

Tenho medo de viver e tenho medo de esquecer.

ISABELA —

Tenho medo de enxergar,

Tenho medo de emprestar e ninguém me devolver.

CINARA —

Tenho medo de escuro, de caramujo, de lagarta, de barata, de receber e mandar carta.

FELIPE —

Tive medo de Papai Noel, de noiva, de palhaço,

Mas o que realmente me assusta é ter medo de sapo.

CADÚ

Medo? Ah, não tenho medo de nada. Eu acho.

ALANA

Medo de... Medo.

BERNARDO — O tempo é uma coisa louca.

CINARA — Existe tempo para tudo!

ALANA — Agora é tempo de festa de 15 anos!

CENA 12:

ISABELA — A minha mãe insistiu que eu fizesse festa, eu não queria. Até porque essa ideia de ficar vestida de bolo de noiva não me atrai. O difícil foi convencê-la que algo simples e com pouca gente combinava muito mais comigo.

CINARA — Nunca passou pela minha cabeça fazer uma festa de 15 anos. Mas a minha madrinha me deu um kit completo. Foi incrível! Vestido para receber convidados e outro para dançar valsa. E o salão? O salão mais lindo que existia na cidade: janelões de vidro, portas de madeira. Flores brancas e a decoração

prata. Se eu me basear nessa festa, posso até dizer que minha vida será um perfeito conto de fadas.

BERNARDO — O DJ da festa da Ci foi incrível! Todo mundo ficou comentando durante um bom tempo sobre o que tinha acontecido naquela noite.

CADÚ — Nenhuma outra festa superou as expectativas do que era uma festa perfeita!

FELIPE — Era engraçado ver as pessoas se preparando para a festa da Ci. O aniversário de 15 anos a transformou na menina mais popular da escola em apenas uma semana, não que isso fizesse diferença na vida dela, mas depois, como quase sempre acontece: caiu no esquecimento e fica só na lembrança dos que estavam lá por consideração. Presentes.

ALANA — Muitos presentes! Mas a festa em si foi um fracasso. Que ódio ser a última a debutar num ano em que o mundo debutou! Ninguém aguentava mais ir em festas de 15 anos, não existia mais criatividade para conceber um vestido inédito para a aniversariante, muito menos para as amigas que iam dançar no bolo vivo! Eu tive a oportunidade de debutar com minhas primas e mais duas amigas, no Jóquei Clube, mas eu quis uma festa só para mim!

CADÚ — Meio caída essa festa, hein?

FELIPE — Também, ela briga com todo mundo, faz fofoca, desavença. Esperava o que? A única que aguenta é a Claudinha.

RAFA — E você, né? Até agora eu não entendi por que ela me convidou.

FELIPE — É que agora você é irmão do cara da bandinha top.

BERNARDO — E eu continuo sendo o bolsista! Bom, pelo menos a Ci e a Bel vieram. Significa que as coisas melhoraram.

CADÚ — Significa que não saio daqui sem beijar. A Ci tá facinha pra mim hoje!

FELIPE — Cadú! Você vai dançar valsa com a Alana, e ela tem certeza de que depois da valsa vocês vão ficar!

CADÚ — Não dá para ter certeza de nada!

BERNARDO — A única certeza que eu, pelo menos, tenho é que comigo ela não vai dançar!

RAFA — O cara aí é amarradão nela!

BERNARDO — Eu sonho com ela todas as noites.

CADÚ — Espera que logo vai começar a ter pesadelo. Eu tô tendo faz tempo.

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

ALANA — Soda, gelo, vodka, umas gotas de novalgina e muita maracujina! Um drink ótimo, bem leve e apropriado para acalmar quem tentar estragar meus planos. Certeza de que essa mistura dá certo, Claudinha?

CLAUDINHA — Pelo menos ouvi os estagiários do meu pai falando.

FELIPE — Alana! Se a Ci passar mal, o bolo vivo vai ficar desfalcado.

ALANA — Substitui! Aquela moreninha de cabelo enrolado tem a mesma proporção corporal dela. Que mal tem? Acidentes acontecem, né?

CLAUDINHA — E se ela tiver uma queda de pressão, um piri-paque no coração?

ALANA — Melhor ainda! Seu pai não é médico?

FELIPE — De novo eu morri pela boca!

ALANA — Meninas, olha que drink incrível!

ISABELA — Eu não bebo.

ALANA — Experimenta, é fraquinho. Embora eu tenha feito especialmente para você, Ci!

CINARA — Que delícia! Docinho, adorei! Não quer mesmo, Bel?

ISABELA — Passo!

CADÚ (*Com uma caixa*) — Pediram para te entregar.

ALANA — Que caixa linda! Um bilhete “abra na hora da valsa”. Quem foi?

CADÚ — Deixaram com o recepcionista. E aí, Ci, vamos dar um rolê?

ISABELA — Mas está quase na hora de dançar!

CINARA — Eu até iria, mas estou um pouco esquisita. Acho que esse lance de bebida não me fez bem.

BERNARDO — Mas você tomou um pouco de batida de coco e agora esse drink.

ALANA — Tudo bem? Vai conseguir dançar?

CINARA — Pois é, acho que não. Estou meio tonta.

ISABELA — Um copo de veneno. Foi isso que você tomou.

ALANA — Ai, que desagradável, Isabela.

ISABELA — Calma, foi uma analogia. Eu acho bebida um veneno.

FELIPE — Então vamos fazer alguma coisa, gente.

CADÚ — Ela não está bem, cara. Faz assim: eu vou com ela lá fora e, se eu não voltar, você dança com a Alana no meu lugar.

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

FELIPE — A caixa!

BERNARDO — Abre!

ALANA — Bom, já que não houve nenhum discurso, nem homenagem dos amigos ou qualquer outra coisa nesse sentido, acreditei que a maior surpresa estivesse naquela caixa. Eu não estava enganada!

Alana abre a caixa bem devagar.

FELIPE — Receber um presente misterioso no meio da festa de aniversário com um bilhete “abra na hora da valsa” instiga a curiosidade de qualquer um.

BERNARDO — Imagina só, você sendo o centro das atenções, abrindo um embrulho que todo mundo deseja saber o que contém?

CADÚ — Eu não tenho nada a ver com isso. Só pediram que eu entregasse.

CINARA — *(Um tanto lenta)* Viva a valsa de 15 anos!

ISABELA — Podem até me julgar por ser fria, mas afirmo com todas as letras: CADA UM TEM O FIM QUE MERECE!

ALANA — Um espelho! Quem foi? Que brincadeira é essa?

Eles correm para a caixa e percebem que tem um espelho dentro dela. Alana levanta a tampa, que tem os seguintes dizeres no lado de dentro: “VÊ SE AGORA VOCÊ CONSEGUE SE ENXERGAR!” — escrito em letras garrafais com caneta vermelha.

MÚSICA: (definida pelo encenador da peça).

CENA 13:

CADÚ — Não dá para saber quando a gente deixa de ser interessante para uma pessoa.

ALANA — Mas dá para saber perfeitamente quando alguém deixa de ser interessante para nós!

CADÚ — Ou quando a gente deixa de ser interessante para a gente.

ISABELA — O melhor é deixar as coisas por conta do destino, não que eu acredite em destino, mas eu acredito que, se tiver que mover alguma coisa em nossa vida, ou deixar de ver alguém, essas coisas rápidas e pontuais que acontecem, só podem ser intervenções do destino. Acontece.

CINARA — Vou passar férias com minha tia na casa da minha mãe. Quero dizer, vou passar férias com minha mãe na casa de alguém que eu não conheço. Quem sabe eu faça novas amizades ou crie novas pontes de esperança. Quem sabe se a festa não foi um presságio de uma nova etapa. Papo de velha, eu hein!

FELIPE — Será que no futuro eu poderei viver da escrita? Eu gostaria de escrever, escrever e escrever, poder contar ao mundo essas coisas que a gente faz, fez, vive... Parece uma ideia bacana, mas eu tenho medo de ser apenas mais um sonhador.

BERNARDO — Eu me tornei um cara extrovertido, mas não chego a ser um cara popular, esse posto não é para mim. Alguns instantes mudam a vida da gente, e isso só dá para perceber depois que acontece. Um dia eu dei uma festa e só apareceram cinco pessoas. Muita coisa passou a acontecer dali para a frente, trocas, beijos que não aconteceram, respeito e vontades controladas pela vida. Tenho muita coisa para saber sobre a vida, ainda, assim como tem muita coisa que passou pela minha vida que vai ficar na memória de muitos encontros vividos aqui na minha garagem, e esse de hoje é para dizer tchau.

ISABELA — Tchau?

CINARA — De uma hora para outra?

ALANA — Essas coisas devem ser avisadas com antecedência!

FELIPE — Poxa, cara, você não pode ir embora assim, com quem eu vou conversar sobre minhas coisas? Eu confio em você!

BERNARDO — Acontece. Minha mãe nunca foi de ficar muito tempo em um lugar só. As coisas para nós sempre têm um prazo de validade. Principalmente os lugares. As relações.

CADÚ — Que pena! Vou sentir falta daqui, vou sentir falta de você, meu amigo.

BERNARDO — Não se preocupem, o que é importante a gente sempre lembra, fica na memória. Cinco pessoas que, de alguma forma, tinham a ver uma com a outra, um tipo de ligação, elo ou coisa assim. Mas a vida se encarrega de colocar, tirar e cruzar os caminhos de quem segue seu percurso, e o amanhã, não sei?

MÚSICA

BERNARDO — Existem muitos lugares aonde eu nunca fui e muitas pessoas que eu nunca vi, assim como existem lugares e pessoas que eu nunca mais vou ver e que sempre vou lembrar.

FIM

SONHO DE CINDERELLA

Era uma vez, em um lugar comum, pessoas comuns que tinham sonhos comuns... A peça é uma releitura de uma das histórias mais conhecidas da literatura infantil, mas aqui será contada com um toque de contemporaneidade, diversão e reflexão propostas pelos atores. E você, quer compartilhar conosco o seu Sonho de Cinderella?

Texto encenado em 2016 com o Núcleo Juvenil da Cena Hum.

Dramaturgia concebida para palco italiano.

PERSONAGENS:

CINDY — Garota vinda do interior;

DESCOLADA — amiga extrovertida de Cindy;

SWEET — amiga romântica de Cindy;

SENSÍVEL — amigo de Cindy;

TIDRASTA — a tia over de Cindy;

FILHA 1 — a filha maldosa de Tidrasta;

FILHA 2 — a filha atrapalhada de Tidrasta;

FILHINHO — o filho rejeitado de Tidrasta;

BIBA MADRINHA — o estilista famoso;

NERD REAL — filha adotada de Biba Madrinha;

PRÍNCIPE PERDIDO — filho adotado de Biba Madrinha;

O PUXA — amigo do Príncipe;

O INVEJOSO — amigo do Príncipe;

PRÓLOGO:

Atores estão fora do teatro. Perguntam sobre o sonho de Cinderela e pedem que preencham um papel “meu sonho de Cinderela é...”; quando entram no teatro, depositam em uma urna. Entram em pares no teatro e se posicionam em imagens clássicas.

CENA 1

Luz sobe e todos dizem juntos “era uma vez”. Cada núcleo diz essa frase com intensão apropriada.

TIDRASTA — Era uma vez.

BIBA MADRINHA — Ahã... Foi uma vez!

FILHINHO — Aquela vez!

FILHA 2 — Uma vez?

FILHA 1 — Já era!

SWEET — Foi, né, fazer o quê?

DESCOLADA — Ahhh, vai ser! Ah, vai!

SENSÍVEL — Vai mesmo?

INVEJOSO — Estou falando que é!

PRÍNCIPE PERDIDO — Era o quê?

PUXA — Uma vez! Dãaaar! Não está acompanhando o raciocínio?

NERD — Uma vez às vezes basta!

CINDY — O que realmente importa para você? Saber qual vez foi mais feliz? Ou das vezes que chorou? Da vez que descobriu que teve que abrir mão de um sonho para viver outro? Ou... Era uma vez em um lugar qualquer, com pessoas quaisquer assim como nós, que uma vez resolveram compartilhar um pedaço de história. Era uma vez o meu sonho. Calma, ele não precisa importar para você, mas se fizer a diferença depois de ter sido compartilhado, aí sim ele vai tornar real.

Trilha e coreografia de apresentação das personagens.

CENA 2

TIDRASTA — Bom, meninas, hora de ir!

FILHINHO — Eu posso ir também?

FILHAS — Não!

FILHA 1 — Só atrapalha!

FILHA 2 — E fala o que não deve.

TIDRASTA — Shhhhh! Filhinho, se você for quem vai fazer companhia para a Cindy, tadinha!

FILHAS (*Com desdém*) — É, tadinha!

FILHINHO — Você joga Thunderbirds comigo?

CINDY — Claro que jogo!

FILHAS — Clarooooo!

TIDRASTA — Shhh! Estamos atrasadas.

FILHA 1 — Superatrasadas, mamãe. Mas a senhora sempre enrola.

FILHA 2 — Depois briga com a gente!

CINDY — Podem ir que eu tiro a mesa, tia! Senão vão atrasar mais ainda.

FILHINHO — Eu te ajudo! E depois a gente joga!

FILHAS — Eca!

TIDRASTA — Agradeço, querida! Com esse desfalque de empregados e com a situação que estamos toda ajuda é bem-vinda.

FILHA 1 — Toda ajuda, vírgula!

FILHA 2 — Não dá para contar com você mesmo!

FILHA 1 — Da última vez que eu lavei louça, você tirou um snap meu de avental.

FILHA 2 — Fez sucesso!

CINDY — Eu acho tão bonito avental.

TIDRASTA — Fica bem em você mesmo!

Filhas riem.

TIDRASTA — Quero dizer que você fica bem de qualquer jeito, querida!

CINDY — Meninas, vão precisar de alguma coisa?

FILHA 1 — Que você não seja tão entojada, pode ser?

FILHINHO — Hey, sua mal-agradecida, ela revisou todo seu dever e digitou seu trabalho ontem!

FILHA 2 — E o meu também, ficou ótimo! Adorei... até a fonte que você usou.

FILHA 1 — Hey, a bruxa então sou eu?

Toca o telefone de Tidrasta. Ela atende e eles começam a falar baixo.

TIDRASTA — Olá, cherry!

BIBA MADRINHA — Está atrasada! As pessoas têm uma mania de achar que não faço nada o dia inteiro, só porque sou famosa. Famoso!

Ela desliga e já está na casa da Biba Madrinha. Cena Mudou. As Filhas estão lado a lado, medindo dos pés à cabeça a Nerd Real, que fica com cara feia.

TRIDRASTA — Tardo, mas não falho. Desculpe!

BIBA MADRINHA — Aposto que toda essa demora é para essas meninas passarem esse quilo de make...

FILHA 1 — E o príncipe, cadê?

FILHA 2 — Deve estar perdido em um dos mil cômodos desta casa.

NERD — Meu irmão saiu com os amigos. Disseram que foram estudar, mas pelo que rastreei estão na Real Burger!

FILHAS — Real Burger! Ahhhhhhhh!

Filhas dançam o jingle da loja e todos ficam sem ação.

BIBA MADRINHA — Que é isso? (*joga o casaco e filha pega*)
Meu diamante negro frequenta cada lugar!

TIDRASTA — Meninas, vão dar uma voltinha com a Nipônica.

BIBA MADRINHA — Filha, mostre sua sala preferida para as amiguinhas.

Ela sai com cara feia.

BIBA MADRINHA — Enfim sós!

TIDRASTA — Como se isso fizesse uma grande diferença!

BIBA MADRINHA — Não me venha com essas ironias da época de colégio que eu tenho trauma de você!

TIDRASTA — Me chamou por quê?

BIBA MADRINHA — Como você sabe, darei um baile de 15 anos para minha princesa, e estou muito preocupado com a apatia dela.

TIDRASTA — Ué, ela não quer uma festa?

BIBA MADRINHA — Ela gosta de jogos, tecnologias. Ahhhhh, quando eu a vi pela primeira vez... tão bonitinha, perdida naquele orfanato... Jurei que ela era um mangá, mas ela parece um robô de ficção científica.

Corta para Nerd e meninas.

NERD — E a quantidade de aplicativos que pode ser armazenada aqui é absurda.

FILHA 1 — E suas roupas? Com esse pai tão estiloso, você deve ter um guarda-roupas ótimo!

FILHA 2 — E as makes? Todas importadas!

NERD — Não gosto das roupas que meu pai me faz usar e acho maquiagem uma coisa exagerada. Enquanto sou jovem, prefiro ter a cara limpa. Nem sei se vou ter paciência de me encher de reboque na cara, quando estiver mais velha. Veja a mãe de vocês, por exemplo! O que é de verdade e o que de mentira naquele rosto?

FILHA 2 — Você não fala assim da minha mãe, seu projeto falido de gueixa.

FILHA 1 — Calma! Shhhh! Esquece, minha irmã é muito apaixonada e não tem bom senso.

FILHA 2 — Ela falou da nossa mãe!

NERD — Ela está sendo sincera. E eu sei muito bem que meu pai chamou vocês aqui para andarem comigo e me ensinarem coisas “femininas”. Combinar roupas, usar make... E vocês vão fingir que estou indo muito bem.

FILHA 1 — E o que ganhamos em troca?

FILHA 2 — Um beijo do príncipe!

NERD — Garanto que não vão gostar. Meu irmão não é um terço daquilo que pensam que ele é. Totalmente manipulado pelos amigos.

INVEJOSO — Hambúrguer de bacon.

PUXA — É, hambúrguer de bacon.

PRÍNCIPE PERDIDO — Isso! Hambúrguer de bacon!

INVEJOSO — Com soda italiana de maçã!

PRÍNCIPE PERDIDO — Soda de maçã!

PUXA — Soda de maçã é mara!

NERD — Entenderam?

FILHAS — Hãhã!

FILHA 2 — E as makes?

NERD — Já separei para vocês as maquiagens que vão vencer e algumas peças de roupa. As conheço suficientemente bem do colégio, a ponto de saber que não fazem nada por generosidade. Para me garantir, já rastreei tudo que preciso das duas. Portanto, se contarem alguma coisa para o meu pai, será o fim da vida na rede social de vocês. Amigas?

FILHAS — Friends Forever!

TIDRASTA — Pode contar comigo e com minhas filhas! Em uma semana, Mulan passará de guerreira a princesa.

BIBA MADRINHA — Obrigado, querida! Você é mocreia, mas sempre teve bom gosto. Seus vestidos e casacos já foram separados e pedi que levassem até o carro.

TIDRASTA — Meninas!

Elas aparecem trazendo Nerd no meio. Parecem estar bem entrosadas.

FILHA 1 — Olha as coisas que ganhamos, mamãe!

FILHA 2 — Novinhas!

BIBA MADRINHA — Owwww, que generosa a minha pequena diva do oriente! Puxou a mim que, para ser completo, só falta carregar um cetro com uma estrela na ponta!

NERD — Menos, papai!

TIDRASTA — Passar bem, querido! Qualquer coisa liga.

CENA 3

DESCOLADA — Até quando você vai ficar bancando a gata borralheira para essa gente irritante?

SWEET — Para, amiga!

CINDY — Eu faço porque quero. Me sinto bem, ajudando aqui, afinal de contas eu não tinha para onde ir desde que mamãe se foi.

DESCOLADA — Hello, amiga! Vamos ser realistas: você está aqui já há quase um ano e me responde se, alguma vez, uma daquelas gazelas loucas te ajudaram a tirar a mesa?

CINDY — Uma vez...

SWEET — Ela está certa, Ci! Todo mundo abusa muito de você por aqui... eu não sou a pessoa mais indicada para falar em abuso, mas...

DESCOLADA — Ahhhhh, mas não é mesmo! Só falta abrir uma barraca de doação no portão da sua casa.

CINDY — Eu não sei o que seria da minha vida sem vocês.

DESCOLADA — Nem eu! Somos ótimas mesmo.

SWEET — Quanta autoestima!

DESCOLADA — Mas me conta, elas foram na casa da família real?

CINDY — Tudo indica que sim. Parece que queriam uma consultoria da minha tia.

SWEET — Muito estranho, justo ele que é um ícone do mundo pop.

DESCOLADA — Ele tem dificuldades em lidar com a filha. Do jeito que ela é... até eu teria!

SWEET — Está afiadíssima hoje, hein! E suas primas foram junto?

CINDY — Foram sim. Elas fazem parte da consultoria. Não entendi direito.

DESCOLADA — Bando de mocreias interesseiras. Querem mesmo ocupar um lugar de destaque na festa de 15 da princesa japa.

SWEET — Estou tão animada com essa festa! Se bem que, só de pensar em ver meu ex-boy e sua prima juntos, me dá náusea.

CINDY — Sabe que até hoje eu não entendi direito o que aconteceu.

FILHA 1 — Ahhhhh, você não está entendendo?

INVEJOSO — Vai com calma, docinho.

SWEET — Docinho?

FILHA 1 — Ou você acha que um cara da gangue real ia mesmo ficar com alguém como você? Sem atitude, sem brilho próprio.

INVEJOSO — Eu já ia terminar com você, uma questão de afinidade mesmo.

SWEET — Aham! Afinidade... Sabe, eu acho que você não tem personalidade. O pior é que achava que você era um cara legal, isso começou a mudar quando percebi as mentiras que costumava inventar para seus amigos, mesmo assim eu ainda acreditava no seu melhor.

FILHA 1 — Melhor mesmo é você tomar seu rumo, querida. Quem vai dar jeito aqui sou eu, e pode ter certeza de que ele já está muito melhor comigo do que estava com você.

INVEJOSO — Nenhuma nem outra, eu mesmo! Vou pulando de galho em galho para ver onde fico melhor. Sei muito bem aonde quero chegar e vou levando conforme rola. Consigo convencer muito bem com meu sorriso amável e carisma com ar de timidez, mas o que é meu está guardado. Se eu fosse você, não confiava em mim, mas serei seu fiel escudeiro até que provem ao contrário.

PUXA — Estou ligado em você, meu irmão, sei bem que tu queres as coisas do Real!

INVEJOSO — Fica na sua! Você está de marcação comigo porque não tem a moral que eu tenho. Conversados?

PRÍNCIPE PERDIDO — Olha só o que ganhei do meu pai.

INVEJOSO — Bem que você podia me emprestar, né? Maneira, essa pulseira.

PUXA — Você acabou de ganhar... empresta outra coisa que já tenha usado. Seu pai pode ficar chateado.

INVEJOSO — Sabe que você tem razão..., Mas, se quiser emprestar aquele cinto, eu aceito.

PRÍNCIPE PERDIDO — É, o cinto é mais velho mesmo.

FILHA 1 — Acho que estamos entendidas, né?

INVEJOSO — Ficou alguma dúvida, docinho?

SWEET — Ficou sim: como posso ter sido tão cega!

CINDY — Entendi. Não foi assim que me contaram aqui em casa.

DESCOLADA — Tem coisas que não entram na minha cabeça, elas mentem e você acredita.

SWEET — Mas e aí? Vai na festa com a gente, né?

CINDY — Nem tenho roupa, vou deixar para lá.

FILHINHO — Eu acho que você devia ir, não precisa ir com a mamãe: vai com suas amigas.

CINDY — Ah, primo querido... ainda não sei.

DESCOLADA — Se roupa for o problema, a gente dá um jeito, deixa tudo comigo e não se preocupe com nada.

SENSÍVEL — Está tudo bem animado por aqui para um sábado de manhã.

Elas o cumprimentam com histeria, ele fica tímido e faz uma brincadeirinha.

SENSÍVEL — Depois os caras ficam me aloprando na escola e me perguntam por quê!

FILHINHO — Por quê?

INVEJOSO — Lá vem ele! Hummmmm

PRÍNCIPE PERDIDO — Está arrumadinho hoje, hein!

PUXA — Ele tem bom gosto! Ahahaha!

SENSÍVEL — Todo dia a mesma coisa, as mesmas frases e os mesmos olhares julgadores de quem subtrai e não soma. Poxa! Já pararam para sacar quem eu sou ou querem trocar uma ideia?

INVEJOSO — Você faz ideia de que somos a gangue real? E para entrar numa gangue tem que ter classe!

SENSÍVEL — Ahhh, agora estamos falando a mesma língua: classe! E quem tem classe deve ter educação, coisa que vocês perderam.

PUXA — Você está ligado que o pai dele é um cara influente?

SENSÍVEL — Estou ligado que o pai dele ia achar péssimo se soubesse quem são, na realidade, as companhias com quem o “príncipe” anda!

PRÍNCIPE PERDIDO — Como assim, realidade? Só meu pai me chama de príncipe, seu... seu!

FILHA 2 — Hey! Você deixou cair seu celular com o fone!

INVEJOSO — Esse lixo que você chama de celular estava dando sopa na educação física.

PUXA — E fizemos o favor de dar cabo nele, sua sem noção!

PRÍNCIPE PERDIDO — Chega! Vamos sair daqui, antes que essa história dê mais confusão do que é para dar! (*Saem*).

SENSÍVEL — Poxa, obrigado!

FILHA 2 — Imagina. (*Fica olhando para cara dele*).

SENSÍVEL — E?...

FILHA 2 — É!

SENSÍVEL — Pode crer!

FILHA 2 — Pode!

SENSÍVEL — Vem cá: como você sabia que esse celular era meu?

FILHA 2 — Meu, muito da hora a capinha desse seu celular, sempre reparei! Esse fone colorido, aliás eu te acho muito estiloso e descolado.

SENSÍVEL — Ahhh, valeu!

FILHA 2 — Me passa sua playlist? Desculpa, mas tive que ouvir o que estava rolando de som. Se eu fosse você, não deixava esse aparelho desbloqueado, já aprontam tanto com você! Tenho que ir para aula. Se cuida! Ahhh, me adiciona no Instagram.

SENSÍVEL — Beleza, como eu te acho?

FILHA 2 — Segunda!

SENSÍVEL — Segunda? Como assim?

FILHA 2 — A Primeira é minha irmã.

CINDY — Saíram com minha tia.

DESCOLADA — Só mesmo você para achar legal aquela son-gamonga.

SWEET — Melhor que a irmã ela é!

CINDY — Hey! Não falem assim das minhas primas, afinal são da família.

FILHINHO — Podem falar! Elas são realmente insuportáveis!

SENSÍVEL — Mas e aí, anima ou não ir à festa?

CINDY — Está bom, está bom... vou pensar

Eles comemoram com intimidade.

CENA 4

PRÍNCIPE PERDIDO — A prima delas... aquela que não dá moral.

INVEJOSO — Cindy! Deve ser BV... nem olha para o lado!

PUXA — Eu a acho ajeitada.

PRÍNCIPE PERDIDO — Eu a acho linda!

INVEJOSO — Ihhhh, qual é? LINDA!? Isso é jeito de falar de mina, cara? Ajeitada, gata, gostosa!...

PUXA — É! Ela é isso aí! Cheirosa.

PRÍNCIPE PERDIDO — Vocês são todos malucos!

PUXA — Se você diz que somos, então somos!

INVEJOSO — Eu sou o que sou. Te respeito, mas minha opinião sobre mim é particular.

PRÍNCIPE PERDIDO — Você é muito noia às vezes!

PUXA — É noia pacas!

INVEJOSO — Meu, você pode parar de concordar com tudo que ele fala?

PUXA — Sai para lá, cara! Tá com inveja de mim, é? Já não basta ficar na cola dele?

PRÍNCIPE PERDIDO — Será que dá para vocês dois pararem de treta? Toda vez que a gente sai é isso! Eu ando precisando ficar sozinho, ou acho que preciso arrumar uma mina e me apaixonar.

INVEJOSO — Pior merda que você faz! Você tem que gostar muito da mina, ou ter um interesse maior, por algum motivo, para aguentar tanta falação.

FILHA 1 — Ai, amor, você vai com esse cabelo? Quem era aquela que curtiu sua foto no Face? estava mesmo com seus amigos ou estava com alguma periguete? Hoje você vai comigo fazer compras!

PUXA — Quando elas dizem isso, querem na real dizer “hoje você vai ter um dia tedioso e segurar minhas sacolas”

FILHA 1 — Você acha sair comigo um tédio? Como é? Quer dizer então que eu falo demais?...

Cena interagindo, onde ela não para de falar até que todo mundo resolve pedir que fique quieta.

CINDY — Menos, prima!

DESCOLADA — Ai, que irritante!

SWEET — Alguém cala essa guria, por favor!

SENSÍVEL — Calar é ouro!

TIDRASTA — Isso, filha, bota banca!

FILHA 2 — Eu não quero ouvir, não quero ouvir, não quero ouvir!

BIBA MADRINHA — Pelo amorrrrrr de Deusssssssss: SHUT UP!

NERD REAL — Ahhhhhh, quanta besteira!

PRÍNCIPE PERDIDO — Mina chata!

O PUXA — Chata pacas!

Ela não para até ser retirada de cena.

FILHINHO — Às vezes é preciso tomar medidas drásticas.

INVEJOSO — Quer mesmo uma namorada, realeza?
 PRÍNCIPE PERDIDO — Vou tentar pegar a Cindy no baile!
 PUXA — Você consegue, todo mundo quer você!
 PRÍNCIPE PERDIDO — Ah, é?
 INVEJOSO — Duvido que pegue!
 PRÍNCIPE PERDIDO — Quer apostar?
 INVEJOSO — Se não pegar, vai ter que passar uma cantada no Sensível em público!
 PRÍNCIPE PERDIDO — Feito!
 PUXA — Vai dar merda!
 INVEJOSO — Quero só ver a lábia do rouxinol...
Fazem uma paródia hip hop de "Canta Rouxinol" de Cinderela.

CENA 5

Uma sátira de Canta Rouxinol com todas as personagens, enquanto acontece movimentação cênica/coreográfica do dia a dia e ação das situações.

TIDRASTA — Ouçam bem o tommmmm!
 FILHAS — O tommmm!
 FILHINHO — O tom!
 BIBA MADRINHA — Ouça bem o tom!
 NERD — Que tom?
 CINDY — Canta rouxinol, canta rouxinol... ahh ahh ahh ahh!
 SENSÍVEL — Hey! Ouçam esse tom!
 SWEET — Que lindo...
 DESCOLADA — Rouxinol que ganhe asas para mostrar seu talento! *(Em tom de rock)* CANTA ROUXINOL.
Coro e movimentação.

CENA 6

FILHA 1 — Eu vou ficar com esse!

FILHA 2 — Você nem gosta de azul!

FILHA 1 — Mas eu vi primeiro, e é muito mais minha cara!

FILHA 2 — É nada! E você sempre vem com essa ideia de que viu primeiro!

FILHA 1 — Eu nasci primeiro e tenho mais direito!

CINDY — Hey, meninas! Tenho uma ideia!

FILHA 2 — Que ideia?

CINDY — Já que vocês ganharam tantas coisas, podiam deixar eu provar o azul! É minha cor preferida!

FILHA 1 — Você só pode estar de brincadeira!

FILHA 2 — Vai usar onde?

CINDY — É que estou pensando em ir à festa de 15 anos da Nerd Real!

FILHA 1 — Você na festa?

FILHA 2 — Está de brincadeira!

CINDY — Ué? Qual o problema? O convite é válido para duas pessoas, e um amigo vai me levar.

FILHA 1 — Eu nem vou entrar no mérito da discussão. Se quiser ir à festa vai ter que arranjar uma roupa por conta própria.

FILHA 2 — Se bem que por conta própria não deve arranjar grandes coisas. Me dá isso aqui!

FILHA 1 — Eu já disse que não!

Cindy fica desapontada e elas continuam brigando até rasgar o vestido.

FILHA 1 — Caso encerrado! Pode ficar para você, nem gosto de azul mesmo! (*Sai*)

FILHA 2 — Droga! Ela sempre faz isso comigo. Quer ficar para você? Só que vai ter que consertar...

CINDY — Não, pode ficar. Essa cor combina mais com seus olhos, mas eu posso dar um jeito, fazer um bordado... sei lá!

FILHA 2 — Qual é a vantagem de ser boa?

CINDY — Qual é a vantagem de ser egoísta?

FILHA 2 — Hey, você está me tirando?

CINDY — Não. Só estou tentando te dizer que é uma questão de escolha.

Noutro ambiente.

FILHINHO — Minha mãe não pode saber que estou te levando para os aposentos das meninas.

SENSÍVEL — Eu sempre venho aqui, quando elas não estão em casa.

FILHINHO — Não estou gostando de saber disso...

SENSÍVEL — Pode ficar tranquilo, que sou inofensivo.

FILHINHO — Então quer dizer que o que os meninos comentam é verdade?

Em outro plano aparecem os meninos rindo.

SENSÍVEL — Ahhh, não! Até você.

FILHINHO — Ué! Só te fiz uma pergunta.

SENSÍVEL — Para bom entendedor meia palavra basta!

FILHINHO — Não respondeu, mas tudo bem!

SENSÍVEL — É sério: eu preciso falar urgente com a Cindy!

FILHINHO — Vem comigo!

CINDY — Ué, mas o que foi que aconteceu?

FILHA 2 — Você aqui? Estou esperando você me adicionar!

CINDY — Vocês se conhecem, quer dizer: se falam?

SENSÍVEL — Uma longa história e era bem disso que eu...

FILHA 2 — Sério, ele tem uma das melhores playlists que já ouvi!

SENSÍVEL — Eu preciso saber se você realmente vai querer ir ao baile comigo.

CINDY — Eu estava pensando...

FILHA 2 — Ele que te convidou para ir ao baile? Eu não posso acreditar! Fala sério... e eu pensando que a gente podia...

SENSÍVEL — Era justamente sobre isso que vim falar com ela...

FILHA 2 — Você realmente não passa de uma falsa! Quer ver o que faço com esse vestido?

Tem um surto com o vestido. Pula, amassa, grita, joga no chão. Sai de cena gritando.

FILHA 2 — Irmã, irmã!

FILHINHO — Ai, Deus Santo! Vai começar tudo de novo!

CINDY — Vai para o seu quarto, primo. Não é uma ótima ideia jogar algo com fone de ouvido?

FILHINHO — Você tem razão. E quanto a você, meu amigo: acho que já tenho uma opinião bem formada a seu respeito. Com licença. (*Sai*).

SENSÍVEL — Eis a pessoa mais sensata dessa casa.

CINDY — Hey! Que amigo é você?

SENSÍVEL — Bom, sua prima me safou de um lance no colégio e realmente enxerguei um outro lado dela... mas acho que já passou.

CINDY — Sei, e?...

SENSÍVEL — Queria saber se você ia à festa comigo, caso contrário eu ia convidar (*ele fica sem jeito para falar, nisso aparecem as irmãs e ouvem a conversa*) eu ia... eu pretendia, eu vou. Eu.

CINDY — Pode falar, eu vou entender e prometo que não terei nenhum tipo de preconceito quanto a isso, afinal o mundo anda tão moderno, né?

SENSÍVEL — Você realmente acha que eu sou...

CINDY — Não precisa falar nada! Eu imagino que deve ser difícil para você.

SENSÍVEL — Cindy, eu só queria levar sua prima ao baile.

FILHA 2 — Eu? Ahhh que fofo!

FILHA 1 — Se liga, olha o tipo desse homem!

CINDY — Jura!? Eu nem sei o que dizer, se eu te peço desculpas, ou... deixa para lá! Que sensacional, vamos resolver isso já!

SENSÍVEL — Não. Depois do que eu vi aqui, não rola. E eu prometi que ia te levar, afinal vai ser sua primeira festa em quase um ano!

FILHA 2 — Estraguei tudo!

FILHA 1 — Ela estragou tudo, não percebeu?

SENSÍVEL — Então: rumo ao baile!

CINDY — Sim, senhorito! Ao baile!

CENA 7

Transição de cena: Coreografia — Vamos ao baile!

Trilha enquanto se arrumam.

CENA 8

NERD — Oi! Fala que você trouxe aqueles jogos incríveis!

FILHINHO — Eu trouxe sim, pedi para colocarem no seu quarto tecnológico.

TIDRASTA — Não sabia que vocês eram amigos.

NERD — Somos sim. E, para falar a verdade, eu prefiro mil vezes conversar com ele do que com as insuportáveis filhas.

TIDRASTA — Que é isso, garota? Isso é jeito de se comportar?

NERD — Nem acredito que essa festa está acontecendo. Assim acaba de uma vez a convivência com vocês. Nossa amizade continua, Filhinho!

FILHINHO — Quer jogar?

TIDRASTA — Agora lá é hora de jogar alguma coisa? Se você ousar sair de perto de mim eu te ponho de castigo, seu menino desastrado.

NERD — Bem, ela é sua mãe e inevitavelmente terá que obedecê-la.

BIBA MADRINHA — Tudo bem por aqui?

NERD — Tudo ótimo, papai! Estava agradecendo nossa amiga pela incrível atenção que vem nos prestando.

BIBA MADRINHA — Não se engane, filha, ela é boa, mas é perigosa!

TIDRASTA — Olha quem fala!

NERD — Papi...

BIBA MADRINHA — Você disse Papi, meu amor! Vejam, meus olhos até marejaram.

TODOS — Menos!

BIBA MADRINHA — Ai, tá bom! Diga, minha boneca de luxo nipônica!

NERD — Você se incomoda se eu me ausentar um pouco? Quero levar Filhinho ao quarto de jogos. *(Olha com ironia para Tidrasta)*.

BIBA MADRINHA — Claro que não.

NERD — Com licença, vem!

Tidrasta faz caras e bocas.

BIBA MADRINHA — Que cara é essa? Tá com ciúmes do seu filho, é?

TIDRASTA — Impressão sua! Parabéns, a festa está incrível, parabéns!

BIBA MADRINHA — Obrigado! Me divirto... adoro gente jovem, me deixam com o espírito renovado.

DESCOLADA — Isso aqui está o máximo! E eu sou superfã da marca "Conto de Fadas". Um dia ainda vou trabalhar com ele!

SWEET — Por que não mostra seus desenhos para ele, amiga? Garanto que ele vai amar!

DESCOLADA — Ai, será?

SWEET — Claro! Não entendo como você pode ser tão segura para algumas coisas e medrosa para outras. Não é seu sonho ser estilista?

DESCOLADA — Sempre foi.

SWEET — Então!?

DESCOLADA — Hoje não é o melhor dia, mas vou providenciar tudo. Deixa tudo comigo.

SWEET — Eu sempre deixo tudo contigo, e sabe por quê?

DESCOLADA — Porque eu sou ótima!

SWEET — Também, mas acima de tudo porque você é a amiga mais incrível que alguém pode ter.

DESCOLADA — Ai, que fofa, você! Se bem que ser fofa não é novidade, né?

SWEET — Nos conhecemos há tanto tempo e acho que nunca te disse algo parecido... sabe, depois que acabou meu namoro, eu percebi que felicidade é feita de momentos bons.

DESCOLADA — E agora a gente se abraça e dança?

SWEET — Só mais uma coisa: e os meus melhores momentos eu passei me divertindo com você.

DESCOLADA — Miga, sua linda! Nem sei o que dizer para você... logo eu, toda expansiva, nessa hora fico toda sem jeito.

SWEET — Então vamos dar uma circulada, que está cheio de gatinho interessante para gente ver.

DESCOLADA — Hum... quem te viu quem te vê! Tá descolada, hein?!

SWEET — Convivência!

Elas riem e circulam.

FILHA 1 — Aposto que elas estavam falando de mim! Agora ficam aí, rindo.

INVEJOSO — E você está incomodada? Logo você, que gosta de ser o centro das atenções!

FILHA 1 — Estou incomodada que a insossa da minha prima veio... Realmente eu não entendo o que ela está fazendo aqui.

INVEJOSO — Ela parece ser gente boa. O Príncipe está querendo pegar ela na real?

FILHA 1 — Como é que é?

INVEJOSO — Ele tem moral para pegar quem quiser. Tem dinheiro, reputação. Um quarto cheio de coisas legais, um armário cheio de tênis...

FILHA 1 — Enquanto você fica aí listando as coisas que seu amiguinho tem, e quase tem um infarto de inveja, me dá licença que preciso resolver uma coisinha.

Ela sai e vai cochichar no ouvido da mãe.

PUXA — Essa festa está demais.

PRÍNCIPE PERDIDO — Você acha?

PUXA — Você acha?

PRÍNCIPE PERDIDO — Eu que perguntei.

PUXA — Perguntou.

PRÍNCIPE PERDIDO — Você me ouviu?

PUXA — Claro, Mano!

PRÍNCIPE PERDIDO — Cara, eu estou apaixonado por ela!

PUXA — Está perdido.

PRÍNCIPE PERDIDO — Sou perdido, lembra?

PUXA — Ahhh é verdade!

PRÍNCIPE PERDIDO — Você acha que eles estão juntos?

PUXA — Você está zoando? Ela com ele? Fala sério!

PRÍNCIPE PERDIDO — Cara, eu nunca achei que ele... entende? Sempre fui na onda de vocês, mas tem meu pai! Seria muita hipocrisia da minha parte...

PUXA — Sei não... mesmo assim acho que não estão juntos.

Invejoso começa a se aproximar.

PRÍNCIPE PERDIDO — Será que eu devo ir lá?

PUXA — Será que deve?

PRÍNCIPE PERDIDO — Cara, é para você me responder e não fazer a mesma pergunta!

PUXA — Então vai!

PRÍNCIPE PERDIDO — Eu vou.

INVEJOSO — Que está pegando aí?

PUXA E PRÍNCIPE PERDIDO — Nada!

PRÍNCIPE PERDIDO — Fui! (*Vai*).

INVEJOSO — Onde é que ele foi?

PUXA — Não sei, vai lá perguntar, Manezão! (*Sai*).

CINDY — Isso aqui está sendo um sonho para mim!

SENSÍVEL — Que bom que está gostando.

CINDY — Demais!

FILHA 2 — Oi.

CINDY — Oi, prima!

SENSÍVEL — Tudo bem?

FILHA 2 — Agora sim... Eu vim em paz, tá? Legal você estar aqui, Cindy. Queria pedir desculpas para vocês dois. Foi mal aquele dia.

CINDY — Eu já tinha te desculpado. Arrumei até seu cabelo. Você está linda!

FILHA 2 — Obrigada, você também! Vou dar uma volta.

Cindy faz sinal ao amigo para não deixar ela ir.

SENSÍVEL — Espera!... Fica aqui com a gente.

FILHA 2 — Posso?

CINDY — Sua mãe e sua irmã não vão gostar muito, mas eu vou adorar me divertir com você!

PRÍNCIPE PERDIDO — Boa noite! Bem-vindos, e eu espero que estejam se divertindo muito nessa residência.

FILHA 2 — Por que você está falando assim?

PRÍNCIPE PERDIDO — Estou tentando ser educado, para que a senhorita tenha uma boa impressão a meu respeito.

CINDY — Pelo que me contam sobre você, sua reputação comigo já caiu faz tempo.

FILHA 2 — Isso é jeito de falar com o líder da gangue real!?

PRÍNCIPE PERDIDO — Ela tem razão. Se estiver falando sobre meu comportamento com seu amigo, eu peço desculpas aos dois.

CINDY — Acho bom mesmo!

SENSÍVEL — Então vamos dar fim aos mal-entendidos! Da minha parte está de boa! *(para Filha 2)* Vamos dar uma volta?

FILHA 2 — Acho uma ótima ideia!

Saem ao mesmo tempo que Tidrasta e Filha 1 chegam.

TIDRASTA — Posso saber o que a senhorita está fazendo aqui?

CINDY — Ué, tia, a senhora sabia que eu vinha para festa! Estou fazendo algo de errado?

TIDRASTA — Olha, não repara, realza... ela me chama de tia, mas é aquele lado da família meio ovelha negra, sabe!

FILHA 1 — Mamãe!

PRÍNCIPE PERDIDO — A senhora tem alguma coisa contra o que é escuro?

TIDRASTA — Eu acho que me expressei mal...

Biba Madrinha vem com tudo e grita.

BIBA MADRINHA — Para tudo!

Realmente tudo para e fica apenas um foco nela.

BIBA MADRINHA — Ai, que bom que deu certo! Meu poder de persuasão continua infalível! E olha que nem preciso de vara de condão! Agora podem voltar!

PRÍNCIPE PERDIDO — Papai, acho que o senhor deveria avaliar melhor as companhias...

BIBA MADRINHA — Shut up! Agora não! Acabei de descobrir que você é tia dessa menina INCRÍVEL!

TIDRASTA — É... eu sou, mas...

FILHA 1 — Ela é! E eu sou prima...

BIBA MADRINHA — Queridinha, de onde você surgiu?

CINDY — Do interior. Faz quase um ano que eu mudei...

BIBA MADRINHA — Filho: pode investir! Ela é L U X U O S A!
Menina, você é tudo que eu tenho procurado!

TODOS — Como assim?!

BIBA MADRINHA — Sendo, ué! Eu criei um vestido espetaculoso que minha filha recusou usar. Tenho guardado há anos, e você é a modelo perfeita para eu lançá-lo na sociedade teen! E está decidido, vou fazer isso essa noite. Vem comigo!

PRÍNCIPE PERDIDO — Pai, eu estava conversando com ela.

BIBA MADRINHA — Vocês vão ter tempo de sobra para isso!

CINDY — Moço, eu não levo o menor jeito para essas coisas!

BIBA MADRINHA — Mas vai levar!

FILHA 1 — C H O C A D A!

TIDRASTA — Quieta!

BIBA MADRINHA — Shut up! Moço não: pode me chamar de Fada Madrinha! Vem comigo!

Ele a leva pelos braços.

CENA 9

Nesta cena, o depoimento do público refere-se a um pequeno papel que as pessoas recebem ao entrar no espetáculo, com a seguinte pergunta: "Qual seu sonho de Cinderela?". Esses papéis são colocados em uma urna, caixa ou saco, que deve ser levado à cena neste momento.

TIDRASTA — Todo mundo conhece muitas versões do que acontece na história da Cinderela, mas cabe aqui a gente se perguntar sobre a realidade desse sonho e o que nos faz realmente feliz. O que acontece depois do sonho de Cinderela, alguém sabe?

DESCOLADA — No sonho de Cinderela, a Descolada consegue um estágio com a Biba Madrinha logo que entra na faculdade de Moda, mas, na realidade, o que ela mais queria mesmo era ser modelo, e não estilista. Quando admitiu seu verdadeiro sonho, as coisas começaram acontecer e ela agora mora em Tóquio e causa impacto nas revistas de moda!

PUXA (*Lê um dos depoimentos do público*) — Quanto ao Invejoso...

INVEJOSO — Mas porque você vai falar do meu personagem?

PUXA — Ahhh, porque sim! Bom, ele continuou tentando se relacionar com as pessoas pelo que elas poderiam oferecer, e não pelo que elas são. Mas realmente na vida nem tudo são flores e esperança... Até são: desde que você corra atrás. Só que, no caso dele, não rolou. Ele reprovou muitos anos, o pai dele faliu e se mudaram para a periferia. Até aí tudo bem, até ele andar com uma galera meio pesada e usar os conhecidos para fornecer coisas, digamos: ilegais...

INVEJOSO — Cada um tem o final que merece, não é mesmo? No caso do Puxa, não mudou muita coisa, mas ele foi longe! Afinal, a quantidade de gente que gosta de ter o saco puxado no mundo é bem grande!

Filhas correm juntas para agarrar o microfone.

FILHA 1 — Pode falar primeiro!

FILHA 2 — Não, fala você!

FILHA 1 — Eu faço questão...

FILHA 2 — Está, então vou ler aqui... (*Lê depoimento do público*).

Bom, a filha mais velha passou a vida namorando caras mais novos e ricos, que ela podia manipular. Com o dinheiro que ia juntando de cada união falida, montou um salão de beleza.

FILHA 1 — Não esperava nada diferente mesmo...

FILHA 2 — Mas e aí o que rolou com a irmã mais nova?

FILHA 1 — Virou DJ, menina! Ela não gostava de música? Casou com o carinha sensível lá, e a parceria dos dois rende até hoje, pois a gente é muito mais feliz no amor, quando se é amigo e tem admiração pela pessoa. Pronto, falei!

SWEET — A Sweet teve muitas, tipo MILHARES DE DECEPÇÕES AMOROSAS. Mas, mesmo depois de tudo, ainda continua acreditando na bondade dos outros. Acho que ela tem esperança, sei lá! Esperança é uma coisa que todo mundo perde e reencontra o tempo todo.

FILHINHO (*Lê depoimento do público*) — Filhinho cuidou da mãe até ela ficar bem velhinha e partir dessa para melhor. Foi o filho que deu mais apoio e amor para Tidraستا, mesmo não recebendo muito em troca. A boa nova é que, desde o baile de 15 anos, ele e a Nerd se apaixonaram e nunca mais se largaram.

NERD — A Nerd ganhou uma irmã, um namorado e seguiu a vida como programadora de novas tecnologias. Meio óbvio, né? Mas lembrem-se da quantidade de pessoas óbvias que existem no mundo!

TIDRAСТА — Quanto à Tidraستا, eu posso afirmar: cada um tem o fim que merece. Mas posso dizer também: você é colocado onde se coloca. (*Lê depoimento do público*).

SENSÍVEL — Bom... quando se é injustiçado ou banalizado, você tem duas escolhas: acreditar na opinião dos outros ou na sua própria opinião. A segunda opção fez do Sensível uma pessoa melhor, com um olhar mais apurado diante do mundo. Ele realmente se apaixonou pela doidinha e virou o melhor amigo do Príncipe.

PRÍNCIPE PERDIDO — Que por sua vez passou a enxergar o mundo de outra forma quando se afastou dos amigos interesseiros. Não, ele não ficou com a Cindy... tiveram uma história, mas ela acabou sendo adotada pela Biba Madrinha, quer dizer: pelo pai dele. Se tornaram grandes amigos, e ele defende causas nobres em prol da população carente. Além de ter se tornado diplomata, ainda está à procura da dona do seu coração.

BIBA MADRINHA — Que será que aconteceu comigo? E com ela? E com você? Bom, nem preciso dizer que na vida existem pessoas que nascem para causar impacto, não é verdade? A Biba Madrinha continuou parando o mundo, fazendo sucesso e ajudando pessoas, até deixar de existir. Ninguém é eterno, mas fica sempre na lembrança.

Quanto à Cindy... bem... Quero dizer que sempre precisamos de um ponto de partida, que nos leva rumo a um final ou novos inícios, e a felicidade a gente encontra no percurso. E nesse percurso eu a encontrei... que vai vestir o ápice da minha coleção Teen Fashion!

Joga o casaco e Cindy sai correndo da coxia para ajudá-lo.

BIBA MADRINHA — Para tudo!

Todos param.

BIBA MADRINHA — Menina o que você veio fazer aqui antes de eu te chamar?

CINDY — Seu casaco caiu e pensei que seria de bom tom pegá-lo do chão.

BIBA MADRINHA — Bom tom é você só aparecer na hora do impacto, senão estraga a surpresa!

CINDY — Já que estou aqui eu posso falar também?

BIBA MADRINHA — Pode, mas seja breve!

CINDY — A Cinderela nunca pediu um príncipe, ela só queria o baile e um lindo vestido. E ela teve isso. Seu sonho já estava realizado. Agora vocês me perguntam: Qual é o Meu sonho de Cinderela? E eu lhe respondo com outra pergunta: Qual é o seu caminho para a felicidade?

BIBA MADRINHA — Pronto, arrasou! Volta lá e vamos fazer a entrada triunfal de novo.

Oi, gente!! Quero dizer que sempre precisamos de um ponto de partida, que nos leva rumo a um final ou novos inícios, e a felicidade a gente encontra no percurso. E nesse percurso eu a encontrei... que vai vestir o ápice da minha coleção Teen Fashion! Com vocês, ela: que veste meu vestido "Sonho de Cinderela".

Todos aplaudem e começa uma espécie de flash mob com "Sugar".

FIM

TUDO DE NOVO OUTRA VEZ

O que levamos da nossa juventude para a vida adulta que segue depois? A peça conta a história de jovens com seus problemas de relacionamento familiar, social e de comunicação. Como adequar tudo isso ao bombardeio de informações das mídias sociais? A solução encontrada pela diretora da instituição “São Miguel” foi contratar um professor de teatro, que resolveu abrir os olhos dos alunos para que transformassem seus conflitos em algo produtivo.

Esse texto foi encenado em 2018 com alunos do Núcleo Juvenil da Cena Hum.

Dramaturgia inspirada em rodas de debates com os alunos e para ser encenada em palco italiano; pode ser adaptada e usada como leitura para criar diálogos em escolas diante aos temas juvenis que aborda.

PERSONAGENS:

D. CARMEM — É a diretora do colégio. Família, propriedade, moral e bons costumes é o seu lema! Tenta impor regras que ela mesma cria, baseadas em sua visão de mundo. Sua missão é transformar sua filha em uma pessoa perfeita. Esconde o verdadeiro paradeiro do marido: diz para todo mundo que é viúva, mas foi mãe solteira na adolescência;

PROF. CIRO — O professor de teatro. Recém-chegado na escola, vem com a missão de integrar e estabelecer a ordem por meio da arte, mas a arte é livre e as suas aulas aguçarão a percepção de todos os alunos com a montagem de *Despertar da Primavera*. O professor é gay e tenta trabalhar, com esse texto, a igualdade das relações;

VITÓRIA — A filha única de D. Carmem. Uma garota dissimulada, que se esconde atrás de livros e fórmulas que fadam sua verdadeira personalidade. Foi criada para ser a melhor em tudo e para tudo. Seu maior desejo é poder ter liberdade de expressão como a maioria de suas amigas, mas vive presa às rédeas curtas, embora apronte poucas e boas, escondida da mãe;

BABI — Tem complexo de inferioridade e é bulímica. Seus pais são chefs de cozinha e possuem um restaurante badalado na cidade, porém ela tem preconceito de os pais serem obesos e prometeu a si mesma que sempre estaria no peso ideal;

CACAU — Amiga puxa-saco de Vitória, apoia e aprova tudo que ela faz. Passou a vida sendo mandada, e acostumou-se a ser sombra das pessoas, sem acreditar no seu brilho próprio;

CARLA — Ela nasceu para brilhar, mas não para estudar. Muito conhecimento de mídia e pouco conteúdo absorvido. O sonho de sua mãe era ter sido atriz ou modelo, mas a condição financeira de sua família não permitiu, fazendo que depositasse todas as suas frustrações na filha. Carla não tem consciência dos micos que paga por não se aprofundar nos estudos em geral;

BRENDA — Ela anda com os meninos e não tem paciência para frescuras. Gosta de rock e seus ídolos são todos vintage. A liberdade conquistada com os pais que fundamentam sua educação dá a ela uma autenticidade ímpar para encarar o preconceito que sofre dentro da escola;

DANI — Perfeccionista ao extremo. Não sai de casa sem arrumar a cama e verificar se suas coisas estão no devido lugar. Inquisidora e questionadora, nunca concorda com nada e dificilmente muda de opinião. Para ela as pessoas sempre têm um defeito, o que faz com que fique isolada;

CRIS — Medrosa e hipocondríaca. Tem mania de perseguição e síndrome do pânico. Acha-se sempre a responsável por tudo que acontece e sofre de bipolaridade;

FRIDA — É a irmã adotiva de Joca e filha biológica de uma das mães. Uma das mais velhas da trupe, interessa-se por artes plásticas e literatura. Será a assistente nas aulas de teatro. Apaixonada pelo professor de teatro;

LENE — Irmã de Frida e Joca. Tenta sempre se inserir e é assistente de Teca. As duas andam fantasiadas. Lene adora criar disfarces e vive fingindo ser outra pessoa;

TECA — Ela é a blogueira do colégio. Também está no terceiro e quer ser uma jornalista renomada. Não se importa com os outros, e sim com as notícias que eles vão lhe render, por isso está sempre associada com aqueles que lhe interessam;

MILA — Vizinha de Vitória, acaba sendo deixada de escanteio, quando ela está com amigas mais pops. Mila é curiosa e inconveniente com as pessoas, acha que está sendo muito legal, mas na verdade acaba expondo todo mundo, falando o que não deve.

LANA — Parte do inseparável trio de amigas bisbilhoteiras. Tem a mesma idade de Mila e são amigas desde pequenas. Muito curiosa, com espírito de detetive, quer sempre saber de tudo e tenta se enfiar no meio das turmas mais velhas;

NINA — Usa perfis fakes para investigar a vida dos alunos que vão montar a peça. Não está contente com quem é, sempre se espelha nos outros e tenta se passar por quem ela admira nas redes sociais;

LAURA — Recém-chegada ao colégio e à cidade. É um pouco tímida e retraída. Como não conhece ninguém, vai acabar ficando amiga de Dani, que a vive colocando para baixo. Ela se apaixona por Léo e acaba sendo vítima dos jogos dele. Desperta inveja e ciúmes em Vitória, pois, além de ser delicada, tem liberdade com a família e é boa em tudo que faz;

PAULA — A isolada da turma. Ninguém fala com ela, e não se relaciona bem com as pessoas. Acabará confessando que é apaixonada pelo Hugo. Tem pais rigorosos e sofre bullying por não ser bem resolvida;

CACO — Inteligente e dedicado. Sua extrema educação e benevolência faz com que os amigos o respeitem. É apaixonado por Vitória, que o despreza profundamente e o faz de gato e sapato, embora ele fosse o namorado ideal para ela, na visão de D. Carmem;

JOCA — ou Joaquim — Adotado aos 10 anos por um casal de mulheres homossexuais, ele sofreu muito durante a infância no lar de adoção. No seu mundo existem duas realidades: a da escola, onde passa sempre por um processo de inclusão, e a realidade da rua, onde convive com amigos de classe mais baixa. Sem dúvida é o mais vivido, justamente por ter tido sua inocência trincada muito cedo. Conhece mais do submundo do que os outros e tem conflitos de personalidade por não se achar merecedor de ter o que lhe foi dado. Extravasa esses conflitos com dança e grafite;

LÉO — Assim como Frida, também está no 3.º ano. Filho de pais poderosos e influentes, é estudioso e gente boa. Praticante de esportes, é campeão na modalidade que ainda será decidida. Tem um charme natural que desperta suspiros em todas as meninas, saiu com várias delas e nunca se prendeu a nenhuma. Por puro capricho, resolve conquistar Laura e depois descartá-la, mas acaba ficando apaixonado e sem saber o que fazer. Esse conflito faz com que várias máscaras da personagem caiam;

HUGO — melhor amigo de Léo, tem déficit de atenção e já reprovou algumas vezes. Tem grande paixão pela música, mas vergonha de expressar seus talentos. É apaixonado pela Babi. Sua grande confidente é Brenda. Não acredita nele, mesmo que muitas meninas o achem interessante.

PRÓLOGO

CARMEM — É difícil falar de uma juventude que parece ter passado há muito tempo, mas que continua fazendo parte das nossas lembranças.

CIRO — As diferenças sempre existiram e vão continuar existindo, e os que vêm depois sempre sofrem consequências daquilo que nos tornamos.

CARMEM — Crescer dói. No corpo e na alma. Quando crescemos, ganha-se ou perde-se alguma coisa e, de repente, o mundo não é o mesmo.

CIRO — Passamos a vida na busca em saber exatamente quem se é. Mas, se o espelho da sua casa refletisse a sua alma, você se reconheceria?

Sinal da escola e apresentação das personagens.

MÚSICA

CENA 1

Sinal da escola. Os atores se organizam D. Carmem está com Vitória, Carla, Cacau e Babi.

D. CARMEM — Está na hora, Vitória, mais um dia de aula que começa. Ande! Já para a sala, pois você sabe bem, gosto que você seja a primeira a entrar, a primeira a sentar e que sente no primeiro lugar. Sabe, você é o exemplo de aluna para esta escola. Eu bem sei que os demais nunca chegarão aos seus pés, mas isso são coisas da vida e cada um que lide com as suas frustrações.

CACAU — Vitória nasceu para ser vencedora, sempre digo isso a ela!

VITÓRIA — Hoje à tarde vou fazer revisão para prova na casa da Carla.

CARLA — Ué, não disse que ia ao clube ver o jogo do Léo?

CACAU — Claro que não, sua louca!

BABI — A gente nem gosta de jogo, Carla! Isso que dá não anotar as coisas na agenda.

D. CARMEM — Meninas, meninas! Vitória, se eu souber que você anda mentindo para mim, vai ficar sem ir ao Baile de Máscaras.

CARLA — Desculpa, tia, fui eu quem confundiu as bolas. Estou indo nessa.

Tromba com Laura, que derruba as coisas no chão.

LAURA — Isso sempre acontece comigo! Bom dia, a senhora lembra de mim?

D. CARMEM — Claro, a menina que veio com os pais ontem oficializar a matrícula.

LAURA — Laura.

D. CARMEM — Meninas, essa é a Laura, ela é nova na cidade e nova no colégio. Levam ela para sala? Essa é minha filha Vitória. Ela pode te dar as instruções.

VITÓRIA — Pode deixar, mamãe. Bom dia.

CACAU — Bom dia, tia!

D. CARMEM — Seja bem-vinda. Com licença. Agora vão... Vai, vai, vai!

BABI — Eu não estou me sentindo bem.

VITÓRIA — Já disse que tem que comer alguma coisa no café da manhã, Babi!

BABI — Eu não consigo...

LAURA — Tenho uma barra de cereal, você quer?

VITÓRIA — Você não tem nada a ver com isso.

CACAU — Desculpe, querida.

LAURA — Vocês estão brincando, né?

VITÓRIA — Eu não brinco em serviço, ou melhor, na escola. Bem-vinda!

BABI — Eu estou passando mal mesmo!

VITÓRIA — Então vai lavar seu rosto e comer alguma coisa. (*Irônica*) Depois eu te dou um cupcake e é para comer sem culpa.

CACAU — Ou prefere uma torta salgada e dois brigadeiros? (*Ri*).

BABI — Cupcake? Brigadeiro? Vocês estão loucas?

Babi sai atordoada.

LAURA — Ela se acha gorda?

VITÓRIA — Vou para a sala! Sou uma aluna impecável e não tenho tempo para ficar conversando no corredor.

CACAU — E você deveria fazer o mesmo. Apressa o passo e segue a gente! Não vai querer causar má impressão logo no primeiro dia, né, flor?

Dani saindo do banheiro.

DANI — A Babi sujou todo meu sapato e acabou meu álcool gel! Eu não posso passar quatro horas e meia aqui dentro sem a garantia do meu álcool gel.

LAURA — Eu tenho para te emprestar.

VITÓRIA — A aula já começou, se eu entrar ninguém mais entra.

Em outro plano aparece Teca e Lene. Os outros congelam.

TECA — Aqui no colégio as coisas funcionam como em quase todos os colégios e quase igual para todos os adolescentes.

LENE — Uns amam, outros odeiam, uns acham que mandam, outros mandam mesmo, né, Teca!?

TECA — Eu? Eu estou me descobrindo como pessoa e, na verdade, não tenho um sentimento específico com relação aos outros. O que torna mais fácil a nossa missão: FALAR SOBRE ELES.

Riem maquiavélicas.

LANA — Teca, me dá uma chance de ser sua estagiária! Se até ela pode, por que não eu?

NINA — Eu seria muito melhor! Me espelho em você e aprendi a invadir as redes sociais dos outros. Cara, tive um plano fantástico. Eu criei um perfil falso...

TECA — Essas aí me adoram. Mas eu não dou moral para elas, não... Sei que sou muito melhor. No momento eu estou interessada em saber sobre o paradeiro do pai da Vitória.

LANA — Nossa amiga é vizinha da Vitória e acho que pode nos ajudar.

NINA — Mas, para isso, temos que ficar mais próximas, que tal?

As quatro tiram celular para fazer selfie.

Noutro plano:

MILA — Deixa eu fotografar sua coleção de Barbies? A gente pode pensar em novos figurinos para elas, hoje à tarde, comendo brigadeiro de colher!

VITÓRIA — Eu vou deixar bem claro para você que ir para casa juntas não implica em amizade, tudo bem? Um dia, quando você crescer, garota...

MILA — Mas outro dia a gente até trocou sapatos das bonecas!

CACAU — Essa garota não pode estar falando sério, né?

CARLA — Sapato de bonecas, Vitória? Como assim?

BRENDA — As meninas sempre me irritam e é por isso que eu prefiro andar com os caras.

MENINOS — Oi, Brenda!

BRENDA — E aí, galera?! Essa semana vai ser pauleira! Matemática não é meu forte.

LÉO — Pode deixar que eu te ajudo!

BRENDA — Para cima de mim não, né, Léo!

HUGO — A Brenda, Léo!

DANI — Obrigada! E você, tudo bem?

LAURA — Tudo sim. Acho que nunca tive uma recepção tão “calorosa” na minha vida.

CRIS — Por aqui as coisas funcionam assim mesmo. Não é à toa que fico todo dia com dor de cabeça.

DANI — Você deixa qualquer um com dor de cabeça de tanto que reclama!

LAURA — Quem é aquele? (*Mostra Léo*).

DANI — A única pessoa que você não deve se aproximar se quiser paz na sua vida!

CRIS — Paz aqui dentro? Esqueça! Com o Léo então...

CARLA — O problema é que, depois que você fica com o Léo, a paz deixa de existir dentro de você. Eu sou prova vestida e pronta disso, meu bem. Porque nua e crua não sou e jamais serei!

LAURA — Léo... Ele é bem gato! Mas é melhor deixar para lá.

DANI — Eu já fui a fim dele, sabia?

CRIS — E quem não foi? Lembra aquela vez, Dani...

DANI — Shiuuuuu!

Flash Back

LÉO — Adoro pizza, Dani!

DANI — E qual sabor você vai escolher?

LÉO — Calabresa, cebola e ovos. E você?

DANI — Que nojo, Léo! E depois você pretende me beijar?

LÉO — No seu mundo, talvez... Quer saber? Fica com sua pizza de aspargos e alcachofra que tenho mais o que fazer.

Volta.

CRIS — Imagina que falta de educação!

LAURA — Então ele é babaca nesse ponto?

CARLA — Depende da situação... Comigo rolou um carinho todo especial no churras da casa do Hugo, e nem liguei que o beijo estava com sabor de vinagrete.

CRIS — Ui, credo!

BABI — Que nojo! Ele me levou em uma confeitaria e foi superquerido...

DANI — E, no mínimo, depois de todos os doces, você (*Faz gesto com dedo na garganta*).

CRIS — Dani!

BABI — Não enche!

Babi sai e as meninas vão para a aula.

Sinal

FRIDA — O fato de ter duas mães me fez ter uma visão ampla sobre o amor. Uns têm demais, outros menos. Não sei qual o motivo de as pessoas se preocuparem tanto com os outros, e quererem exercer poder sobre os outros. Este é meu último ano no colégio e não faço a menor ideia se tenho certeza das minhas escolhas para a vida... A vida bem que podia escolher para mim! Ganhei um oráculo da minha avó, semana passada, e hoje ele dizia que o amor pode estar onde eu menos espero e influenciar nas minhas decisões.

BABI — Frida, você pode me indicar um chá? Passei muito mal no banheiro.

FRIDA — Deve ser algo que você comeu.

BABI — Esse é o problema... Não comi nada hoje e não quero sair da dieta. Tenho uma festa no final de semana e não posso engordar.

Flash Back — WhatsApp — Vitória, Babi e Cacau

Babi — Comi um pedaço de pizza ontem e estou me sentindo péssima.

Vitória — Cuidado para não parecer uma capa de botijão com o vestido.

Cacau — A cantina dos seus pais é um lugar que você deve passar longe.

Babi — Eu queria estar longe dos meus pais. Odeio o fato de eles serem obesos.

Vitória — São gordinhos adoráveis! Você só não pode ficar como eles.

Volta

FRIDA — Engordar? Para com isso, Babi! Você é uma das meninas mais lindas do colégio.

BABI — Pena que o espelho não me diz isso. E na minha mãe eu realmente não acredito.

HUGO — Linda e terrivelmente má!

JOCA — Como assim, má? A Babi já te fez alguma coisa?

HUGO — Ela nem olha na minha cara. E mesmo assim já levou meu coração.

JOCA — Definitivamente você não sabe o que é maldade, meu amigo!

Sinal

LÉO — E você veio de onde?

LAURA — Do interior...

LÉO — De um lugar onde só devem existir anjos...

DANI — Ai que babaca, Léo!

CRIS — Muda o discurso, querido!

VITÓRIA — Se conhecem?

LÉO — Estou conhecendo.

CACO — Vitória, aqui está o pen drive com as imagens que você me pediu.

Vitória pega o pen drive, sem dar a mínima para Caco, que fica sem graça.

VITÓRIA — Imagens de máscaras para o baile, Léo! Vai querer que eu faça a sua?

LAURA — Olha, eu não quero confusão.

VITÓRIA — Confusão nenhuma, flor. Eu já estou acostumada. Ele cisca com todo mundo, mas come aqui na minha mão!

LÉO — Te mando meu número depois. Já te segui no Insta!

CACAU — Você vai deixar isso assim, Vic?

VITÓRIA — E você, Brenda? Já providenciou sua máscara rústica?

BRENDA — Rústica vai ficar sua vida se não parar de me encher o saco, guria dissimulada!

CACAU — Que educada, Brenda!

BRENDA — Devolvo aquilo que me dão!

Sinal.

CENA 2

Professor Ciro anda de um lado para o outro, perdido, encontra Carla.

CIRO — Oi, você pode me ajudar?

CARLA — Oi, eu não falo com estranhos. Estudo nesse colégio desde pequena e nunca vi você por aqui, e isso aumenta o índice de você ser um terrorista.

CIRO — Você é engraçada.

CARLA — Obrigada. Sempre dizem isso... E pode economizar o verbo porque sei que também sou linda. Tchau.

WhatsApp de Carla para Teca.

CARLA — Tem um estranho na escola.

TECA — Como assim?

CARLA — Nunca vi na vida e veio me pedir ajuda.

TECA — Não era pai de alguém?

CARLA — Apesar de tudo, é muito novo e muito gato para ser pai de alguém. E eu saberia... Caso ele coloque uma bomba no banheiro masculino, vou ficar escondida no feminino. Beijo!

TECA — Sai daí, Carla!

LENE — Onde ela está?

TECA — No banheiro!

LENE — Ué, vamos lá?

CARLA (Whats) — Se nunca mais nos virmos, sou muito grata pelo post falando mal de mim na semana passada. Beijo.

FRIDA — Você é o novo professor de Filosofia?

CIRO — Não. Estou procurando a direção, a diretora, não a sala da diretoria...

FRIDA — Está perdido?

CIRO — Ultimamente mais do que eu imaginava estar.

FRIDA — Eu sou a Frida.

CIRO — Sou o professor Ciro, quer dizer, eu ainda não sou oficialmente professor aqui. Vim para uma entrevista.

Teca se aproxima e sutilmente tenta fotografar.

FRIDA — Então... Boa sorte! Tomara que eu te veja de novo por aqui.

D. CARMEM — Já para a sala, mocinha. O novo professor de Filosofia já entrou. Vai, vai, vai! Você deve ser o professor que mandaram para entrevista.

LENE — Bonitão ele, né?

FRIDA — Sem graça!

LENE — Bruxa metida!

TECA — Lene, vem!

FRIDA — Ficam aí ouvindo a conversa dos outros, que mania!

TECA — O que será que ele veio fazer aqui? Entrevista ou affaire da diretora?

FRIDA — Não sei. A bisbilhoteira daqui não sou eu. Vamos para sala que o professor já entrou.

TECA — Que humor é esse, Fridinha? Você que é sempre tão zen.

LÉO — TPM!

HUGO — Tensão pré-prova de Matemática?

FRIDA — Ai, Hugo! Por favor...

LÉO — Todo dia a mesma coisa nesse colégio.

TECA — Nem sempre!

Coreografia para demonstrar o que é o dia a dia de todos. Aulas, tédio, fotos, falar ao telefone etc. Construir ações das personagens de acordo com concepção dos atores e direcionamento da coreografia.

D. CARMEM — Para sala já, todo mundo! Será que todos os dias da minha vida terei que repetir isso?! Babi, de novo atrasada, por que estava no banheiro? Brenda, tira esse fone e vai para aula! Bom dia, Caco, parabéns pelo 10 na prova de Química... Paula, sai do mundo da lua e vai para aula, menina, seu professor já chegou! Vamos! Vai, vai, vai!

Todos transitam de um lado para o outro e fica foco em Léo e Vitória.

D. CARMEM — Posso saber o que está acontecendo?

VITÓRIA — Não é nada disso que a senhora...

LÉO — A gente sempre teve um lance, D. Carmem.

CARMEM — Que lance?

CACO — Ele a faz de gato e sapato, tia!

VITÓRIA — Cala a boca, Caco!

D. CARMEM — Modos, Vitória! Para a aula! E você, Léo: CUIDADO!

Eles saem.

CACO — Vou para a aula, tia.

D. CARMEM — Caquinho, querido... Sei que você gosta muito da Vitória.

CACO — Muito!

D. CARMEM — Sei que a presidência do grêmio estudantil é algo que você almeja, não é?

CACO — Muito!

D. CARMEM — Quero que você seja a sombra da Vitória e me conte tudo, entendeu? Depois a gente conversa sobre as coisas que quer muito. Agora vai, vai, vai... A aula já começou!

CENA 3

Na diretoria

CIRO — Fico feliz que tenha gostado do projeto.

D. CARMEM — Não tive escolha, professor... Acho que, por meio da arte, o senhor poderá chegar nos alunos de uma forma inovadora e, por incrível que pareça: isso também me preocupa!

CIRO — A arte tem um poder de comunicação inexplicável, D. Carmem.

D. CARMEM — Pode me chamar de Carmem.

CIRO — Está certo! Começo amanhã. Até mais, Carmem.

Dá um beijo na diretora e sai. Ela o acompanha com os olhos.

D. CARMEM — Um professor de Teatro (*Desdenhando*) Quero ver onde esta história de liberdade artística vai parar. Tenho que ficar de olho neste professor Ciro, e na enxada da Teca. Tem algo estranho naquela garota e nessa aproximação dela com a Nina. Gurias fofoqueiras! Essa coisa de comunicação em massa pode levar as pessoas a descobrirem coisas do passado que nunca deveriam ser lembradas.

CENA 4

JOCA — Todo mundo sempre espera uma história dentro da história e a história é responsabilidade de quem a constrói, mas inevitavelmente a gente acaba participando da história de outros, ou sendo resto de uma história deles.

NINA — Aqui fica claro e definido que os meios levarão a um fim, mas o que é o fim se estamos no começo?

LANA — Eu, pelo menos, sempre tento começar e recomeçar. Fiquei sabendo que você foi adotado por um casal de mulheres. Suas mães dormem juntas?

JOCA — Você acha que um casal dorme como? Em um beliche?

LANA — Só foi uma pergunta.

MILA — Eu acho que você pergunta muita coisa na hora errada. Tem que ouvir, calar, pesquisar... Ter certeza! Aí você dá o bote na hora certa.

LAURA — Tudo no tempo certo.

VITÓRIA — No tempo que eu quero que aconteça.

CACAU — O tempo que a gente faz acontecer!

BRENDA — Para mim, tudo tem que ser resolvido na hora, não vou ficar engolindo sapo, não.

BABI — Eu me olho e não me vejo. Eu me culpo e me desculpo, ao mesmo tempo em que eu tento entender por que nasci em uma família tão diferente de mim.

CRIS — Eu não me sinto bem o tempo todo perto das pessoas. Acho que elas me julgam e me apontam toda vez que passo perto delas.

DANI — Sempre vai aparecer alguém que te faz sentir importante e depois sumir.

LÉO — E fica aquela sensação de “como se nada tivesse acontecido”.

CACO — Mas você consegue encarar elas assim, de boa, depois?

JOCA — Se ele conseguir se encarar no espelho já está valendo.

HUGO — Não é possível que você faça valer o instante só para jogar fora!

DANI — Por um instante me senti a melhor pessoa do mundo, mesmo sabendo que estava longe de ser assim.

LAURA — E não sente mais nada?

LÉO — Por nenhuma delas.

MÚSICA.

FRIDA — O oráculo tinha razão e passou uma rasteira no meu coração.

JOCA — Deu para fazer rima agora, irmã?

LENE — Rima é coisa de gente apaixonada. Como é mesmo a música que você estava cantando aquele dia, Hugo?

HUGO — Não sei de que música você está falando.

PAULA — Ahhh, você estava cantando tão lindo. Eu quero um dia cantar com você!

HUGO — Não viaja, está louca?!

LENE — Não fala assim com ela, seu tongo!

JOCA — Hey! Vamos parar! Deve ser a mesma que a gente estava tocando agora.

CARLA — Vai dizer que é essa a música que escolheram para o teste? Todo mundo vai fazer? Acreditam que confundi o professor de teatro com um terrorista ontem!? Quem será que vai fazer a protagonista? Eu estou preparada!

VITÓRIA — Preparada para atraparlar?

CIRO — Com licença, pessoal. Vocês vão entrar na sala?

TECA — Eu gostaria de acompanhar os testes e, se você deixar, posso gravar. Tenho uma câmera, sou a blogueira aqui do colégio.

LENE — E eu a assistente dela, bonitão!

CIRO — Teca!

LANA — Está vendo como você é famosa?

TECA — Fica quieta e fotografa tudo que achar importante, tá?

MILA — E eu gravo como combinamos?

CIRO — E essas são as “Tequetes”, suas assistentes?

MILA — Ficaremos caladinhas, prometo!

CIRO — Frida, já que você se interessa por artes, e a diretora me deu boas recomendações a seu respeito, quero te convidar para ser minha assistente.

FRIDA — Eu? Nossa! Vou adorar colaborar de alguma forma.

NINA — Aluna e professor... História para contar!

Alvorço para se organizarem.

CIRO — Bem, pessoal, meu nome é Ciro e é um prazer estar aqui com vocês. Alguém aqui já teve experiência com teatro ou tem vontade de ter?

Alguns levantam a mão, outros fazem bico.

BRENDA — Só não entendi o porquê dessa aula, oficina ou sei lá o quê.

CIRO — Quero deixar bem claro que ninguém aqui é obrigado ficar na aula.

PAULA — Você vai dividir os personagens hoje, professor?

CIRO — Eu nem sei direito quem vocês são, seria grande imprudência da minha parte, concorda?

CACO — Estou vendo que aqui todo mundo vai levar na cabeça com esse cara!

CIRO — Quando a gente trabalha em grupo, não podemos ter medo de falar a verdade e estabelecer confiança uns com os outros. Às vezes a gente sabe quem são as pessoas, mas conhecer leva tempo.

DANI — Todo mundo sabe que o Léo é um pegador.

LÉO — Que você é cheia de manias!

HUGO — Que a Cris toma remédio e surta no banheiro!

BABI — Que você parece um retardo.

BRENDA — Que a Babi se acha gorda!

VITÓRIA — Que você só anda com meninos e parece um deles!

PAULA — Que a Teca fala da vida de todo mundo.

MILA — Que a Nina tem um perfil falso e já marcou encontro com muita gente, e não foi.

JOCA — Então foi você, sua mala sem alça! Você está ferrada... Vou pichar o muro da sua casa e não vai ser legal.

LANA — Que o Joca tem mães lésbicas que andam de mãos dadas no shopping!

CIRO — Gente, qual o problema com a opção sexual?

HUGO — Você já ficou com caras, professor?

FRIDA — Cala a boca, Hugo!

TECA — E o maior bafo: a Vitória é o exemplo para todo mundo aqui e tanto que a gente não conhece a história dela! Ontem eu fiquei sabendo por fontes seguras que o pai não morreu — ELE NÃO EXISTE!

VITÓRIA — Você vai ter que resolver essa história lá na diretoria!

CACAU — Você é uma invejosa, Teca!

CIRO — Chega! Eu estava falando de respeito e, pelo visto, é que menos temos aqui. Todo mundo tem suas diferenças, inclusive as personagens de uma peça.

LÉO — Vai começar o papinho furado...

CIRO — Vou começar a falar sobre o espetáculo que vamos montar: "O DESPERTAR DA PRIMAVERA"

BABI — Eu li e achei tão lindo e tão triste.

CIRO — Mais alguém leu?

Alguns levantam as mãos, outros se constrangem.

LANA — A machona que tem coração!

NINA — Uma bela manchete pra Teca!

BRENDA — Escutem aqui, suas pirralhas, é melhor sair vazando antes que eu quebre vocês de porrada!

NINA — Mas a verdade está bem guardada por nós.

LANA — Frágil coração! Hahahaha. Romântica...

MILA — Vamos logo, meninas, temos muita coisa para investigar, não é?

AS TRÊS — Hoje o dia promete!

BRENDA — Era só o que me faltava, agora eu virar manchete e perder o melhor amigo!

CENA 5

Conversa entre Hugo, Léo, Joca e Caco.

LÉO — É bem simples: só passar uma cantada.

JOCA — Fala com ela de uma vez.

HUGO — Para vocês, parece ser a coisa mais simples do mundo.

CACO — Eu sei que não é a coisa mais simples do mundo.

LÉO — Caco, você foi encanar justamente com a Vitória, cara! Ela não vai ficar com você nunca!

CACO — Como é que você pode ter certeza? Só porque é o “bonito” das gurias? Se liga, Léo, e para de fazer os outros sofrerem.

JOCA — A ideia era ajudar o Hugo, certo?

CACO — Vem cá, vocês acham que o Nilo do 1.º ano é gay?

HUGO — Talento ele tem de sobra!

LÉO — E sempre fica olhando para cara da gente na Educação Física.

HUGO — Esses dias eu achei melhor não trocar de roupa perto dele no vestiário.

JOCA — Mas também, qual o problema? Ele sempre me respeitou.

CACO — Para você é mais fácil, porque suas mães são lésbicas.

LÉO — Menos, Caco!

Sinal.

CIRO — E quais são suas dúvidas, Paula?

PAULA — São tantas, professor. Na minha idade o senhor chegou a gostar de alguém que fosse proibido?

FRIDA — A gente sempre gosta ou vai gostar de alguém que é proibido, independente da idade. *(Ao público)* Eu não poderia sentir o que realmente eu estava sentindo. Pior que sentir é mesmo admitir que uma garota de 17 anos estivesse apaixonada por um cara de 30 e poucos... Sei lá qual é a idade dele. Mas havia algo de estranho nele... não sei o que era... intuição talvez!

CENA 6

Mensagem no WhatsApp de Laura para Léo.

LAURA — Oi. Registrei seu número.

LÉO — Legal.

LAURA — De repente um sorvete?

LÉO — Sou sempre eu que convido primeiro.

LAURA — Gosto de ser diferente.

LÉO — A gente se vê. Beijo.

DANI — Eu disse para não fazer nada.

LAURA — Se tem algo que aprendi é ouvir meu coração.

CRIS — Eu prefiro ter os dois pés bem fincados no chão!

JOCA — Quem era?

CACO — A Vitória, aposto.

HUGO — Vai dizer que era a Babi... Ela ainda não te esqueceu?

LÉO — Não tem nada a ver, cara. Já arrumei muita confusão entre amigas.

HUGO — Menos mal.

JOCA — Que é que está pegando, Léo?

CACO — A carne nova, claro!

LÉO — Não enche, Caco!

Léo pega o celular e olha as mensagens.

JOCA — Quantas mensagens tem aí?

LÉO — Parece que todas resolveram responder ao mesmo tempo! Só fora...

JOCA E CACO — Vixi!

HUGO — Perdendo o reinado, amigo?

Respostas das meninas:

VITÓRIA — Sabe o que é, Léo...Um amigo meu que está fazendo intercâmbio vai estar aqui na data do Baile e acho melhor eu ir com ele...

BABI — Oi, Léo, o que você quer?

CARLA — Eu estou confusa, Léo, não quero ficar com ninguém.

TECA — Se liga, Léo! Você nunca fez meu tipo.

CACAU — Não sirvo como prêmio de consolação, seu babaca!

BRENDA — Você é último cara que eu pegaria na vida!

CRIS — Tem certeza de que mandou mensagem no número certo?

FRIDA — Que deu em você, Léo?

MILA — Léo do terceiro? O que você quer comigo?

DANI — Por que você não vai comer uma pizza portuguesa e não me enche?

LANA — Se liga, moleque, sou muito mais a fim do Caco!

NINA — Confesso que fui eu que criei o perfil fake com nome de Bianca! Desculpa!

Laura olha o telefone.

LAURA — Não entendi qual o problema dele... Será que eu tenho alguma coisa de errado?

LÉO — Será que eu estou ficando apaixonado?

JOCA — Por uma mina que você nem beijou?

CIRO — Quando eu tinha a idade de vocês, tive que fazer algumas escolhas e foi muito difícil. Não que agora não seja, mas hoje em dia as coisas são encaradas de forma diferente.

PAULA — Você é casado, professor?

CIRO — Não mais. Foi por isso que mudei de cidade!

FRIDA — Pretende encontrar o que por aqui, professor?

CIRO — Vim me reencontrar.

PAULA — Eu gosto de um menino e não sei o que fazer com isso.

FRIDA — Tem coisas que nos resta apenas sentir.

CIRO — Por mais dolorido que seja, ou por mais que isso pareça impossível, tenha certeza de que você um dia vai encontrar alguém que goste de você igual você gosta.

FRIDA — E por que deixou seu casamento, prof.?

CIRO — Ele não...

Frida e Paula se olham com estranheza e cumplicidade.

FRIDA — Ele? Quer dizer...

CIRO — Deixa para lá... Boa tarde! Amanhã a gente se vê na aula, pessoal! Estudem as cenas e as músicas!

CENA 7

Teca e Lene conversam.

TECA — Aluna desabafa sobre amor proibido na aula de teatro!

LENE — Melhor essa: A “machona” revela: sou a fim do Hugo! Ele é retardado, e daí?

Sinal.

HUGO — Quer dizer que para você eu não passo de um retardado?

BRENDA — Hugo, não é isso...

HUGO — Não é isso o quê, cara? Você é minha amiga faz tempo, aí comentam que você é a fim de mim.

BRENDA — Calma, eu posso explicar.

HUGO — Você sabe de todas as minhas paradas e aí diz que sou “retardado”

BRENDA — Foi modo de dizer... As pirralhas da Teca estavam escondidas no banheiro e me viram falando no espelho...

HUGO — Que seja! Mas uma coisa eu vou deixar bem clara: eu não sou a fim de você. Você, para mim, é como um cara, olha o jeito que você se veste, que você fala... Eu sou a fim da Babi, põe isso na sua cabeça.

BRENDA — Você está me magoando, veio!

HUGO — Agora me dá licença, tá?

Sai.

CENA 8

Na sala de teatro.

CIRO — As coisas que acontecem aqui dentro e que falamos aqui dentro ficam aqui dentro! Temos que ter respeito com os colegas... Quantas vezes eu vou precisar repetir isso?

FRIDA — Vamos estudar a cena de Wendla com a Sra. Bergmann?

CIRO — Isso mesmo! Babi, você lê a Wendla, e Frida pode ler a Sra. Bergmann.

DANI — Sempre a Frida...

CIRO — A Frida é minha assistente, Dani. Tem alguma sugestão?

BRENDA — Eu gostaria de ler, professor.

CIRO — Que ótimo, Brenda. Então você lerá. E a Dani pode nos dizer do que a cena se trata.

DANI — De uma mãe que não tem diálogo aberto com a filha, e isso vai desencadear muitas coisas na história.

JOCA — Como muitas mães não tem diálogos com os filhos por aqui.

FRIDA — Joca!?

JOCA — Ué, só estou falando a verdade.

CACO — A real é que você não abre espaço para suas mães conversarem com você.

JOCA — O que eu passo na minha casa, eu acho que é problema meu, né, moleque!

LÉO — Que parada é essa, Joca!? Se acalma.

JOCA — Vocês querem saber a real? Eu acho isso aqui uma merda, uma hipocrisia do cacete!

CIRO — Se acalma, Joca, você não está na sua casa.

JOCA — Ainda bem! Aliás, eu não tenho casa.

FRIDA — Olha o que você está fazendo, Joca!

JOCA — Tudo bem, irmãzinha... Estou acabando o discurso. Despertar da primavera?! Desperta para a vida, galera, que isso aqui não está com nada. Vocês são bem dignos da festa que vai ter: BAILE DE MÁSCARAS! Não deviam usar nada, vão com a cara limpa que vai ser mais esquema.

Silêncio.

CIRO — Alguém tem alguma coisa para falar para o Joca?

Silêncio.

JOCA — Nunca ninguém tem nada para falar... Só para julgar. Uma come e vomita, a outra é perfeita para mãe e se pega a tarde toda com o Léo, o Léo engana todo mundo, a Teca fala de todo mundo. Cara, o que vocês pensam da vida?

Todos se olham. Trilha e clima tenso. Cada um vai para um canto.

PAULA — Mãe, eu estou passando por uma situação delicada... preciso de ajuda!

BRENDA — Você sempre me deu coturno e calça jeans, mãe! Sempre coturno e calça jeans!

TECA — Eu tenho que tentar chamar a atenção de alguma forma.

MILA — A filha caçula, a pirralha da escola... *(Imitando os pais)* Fala depois, agora eu estou sem tempo! Alguém sabe o que tenho para falar?

CACAU — Pode deixar que eu copio, que eu empresto, eu arrumo. Aliás, vocês estão precisando de alguma coisa?

HUGO — Pai, eu repeti de novo. Não pai, não quero brigar... Não vai bater com minha cabeça na mesa de novo, não!

FRIDA — Tudo bem, mãe, eu não me importo que você se case com outra mulher e nem que adote outro filho.

CRIS — Eu sorrio, mas meus pés estão sempre gelados e as mãos tremendo. Será que é gripe? Será que é febre? Será que existo?

LENE — Só não me deixa tanto tempo sozinha, brincando no quarto de bonecas, para eu poder aprender falar melhor com as pessoas, por favor!

D. CARMEM — Como assim, ir embora de casa, mãe? O que você está falando, pai? Não toca no meu filho. Eu estou indo embora, eu vou embora. Eu fui embora!

BABI — Mais bonita que você. Nem pareço filha de dois obesos, não preciso das comidas que vocês fazem para fazer sucesso.

LANA — Quando eu tiver mais idade, vou sumir e nunca mais voltar!

LÉO — A melhor casa, a melhor roupa, o melhor corpo, o melhor beijo, a melhor nota... Me deixem falhar em alguma coisa?!

LAURA — Posso ir ao cinema, posso ir ao clube, posso ir à casa da amiga. Será que eles se preocupam de verdade comigo?

CARLA — Eu vou te dar a fama que você nunca teve, mãe! Eu prometo.

CIRO — Eu estou indo morar em outro lugar. Eu estou indo morar com o Tito, e ele não é só meu amigo. Eu te escrevo, mãe.

NINA — Sim, estou bem, pai. Sim, boa noite, mãe. E no escuro do meu quarto os fantasmas chegam para me assombrar.

DANI — A cama está arrumada, a louça lavada, a roupa passada, e... Esqueci! Ai, mãe, eu esqueci de tirar pó. Eu faço isso agora, prometo.

CACO — Eu não sou um bom menino. Eu tenho inveja do Léo, eu não gosto de ler e eu me culpo, quando não sou o que vocês esperam que eu seja.

VITÓRIA — Minha mãe nunca me disse nada sobre meu pai.

CENA 9

Paralelo ensaio do teatro e conflito entre mãe e filha.

D. CARMEM — Essa Teca me paga!

VITÓRIA — Eu cresci, mãe, e você me enxerga de uma maneira que eu não sou.

Ciro na sala de ensaio com Babi e Dani.

CIRO — Pensem: uma mãe e uma filha conversando. O assunto é delicado. 3,2,1 e foi!

SRA. BERGMANN (*Beijando-a*) — Você é o que eu tenho de mais precioso, Wendla!

WENDLA — Eu penso nisso à noite, quando não consigo dormir. Mãe, é pecado pensar certas coisas?

D. CARMEM — Você tem se comportado muito estranhamente, e eu tenho medo de que você faça alguma besteira antes do tempo. Eu sei bem o que eu passei.

TECA — Viúva? Isso não me desce...

NINA — Ouvi boatos que ela foi mãe solteira e mudou de cidade, parece que uma tia da minha mãe conhecia os pais dela...

MILA — Nunca vi foto do suposto pai na casa da Vitória, quando fui lá.

LANA — Nem eu... e olha que perguntei!

WENDLA (*Guardando o vestido*) — Ah, mãe! Se é assim, eu preferia ter logo 20 anos!

SRA. BERGMANN — Houve um tempo em que este vestidinho curto era tão comprido para você...

WENDLA — Resfriado, no verão, mãe? Como a senhora é exagerada, mãe!

D. CARMEM — Eu vou contar uma coisa para você.

TECA — Para mim?

VITÓRIA — Conta, mãe.

D. CARMEM — O pai da Vitória morreu quando ele me beijou pela última vez, o pai da Vitória morreu quando ele me deixou sozinha e tive que ir embora de casa, o pai da Vitória morreu quando eu estava olhando para cara de uma freira na maternidade, o pai da Vitória morreu e morre a cada ano, no dia dos pais e num suposto aniversário de mentira que preciso inventar... (*À Teca*) agora você pode nos deixar em paz? Você pode começar a escrever sobre outras coisas senão da vida dos outros?

VITÓRIA — Me tornei um reflexo do seu espelho?

D. CARMEM — Quando olhamos para os filhos de cima pra baixo a história tem um significado, quando passamos a olhar para eles olho no olho tudo muda de figura.

TECA — Às vezes eu me pergunto como é que, em menos de cinco minutos, uma sensação pode ser alterada e fazer com que você enxergue a relevância de quem você é no momento presente.

VITÓRIA — Passei anos acreditando que meu pai era apenas uma lembrança em uma fotografia que se perdeu...

Elas se abraçam.

CENA 10

FRIDA — Você não tem que se envergonhar em dizer aquilo que pensa.

JOCA — Eu passei dos limites e depois teve aquele lance de ter pedido para os caras grafitem a janela da Nina e...

FRIDA — E nossas mães ficaram do seu lado e reconheceram que você tem dificuldade para aceitar as coisas.

JOCA — Eu me sinto sozinho, Frida.

LENE — Somos uma família, Joca!

FRIDA — Você sabe que não está e nunca estará sozinho.

LENE — Nenhum de nós!

LÉO — Eu te dou todo o direito de não acreditar em mim.

LAURA — Eu não posso não acreditar em quem não mentiu para mim.

LÉO — Sério?

LAURA — Eu já sei tudo que você é, pelo que me contaram, mas ainda falta descobrir por mim mesma.

LÉO — Você não existe. É a menina mais surpreendente que já conheci até agora.

LAURA — Você me faz ser assim, Léo.

HUGO — Posso falar com você?

BABI — Já está falando, ué?

HUGO — Sei lá... Eu sempre te achei uma mina foda! Desculpa... Eu sempre te achei demais, sabe...

BABI — Hugo, eu não estou preparada para ficar com alguém nesse momento. Eu nem sei se vou conseguir sobreviver a mim mesma.

HUGO — Cara, eu não sei o que acontece com você. As pessoas falam uns lances aí.

BABI — Eu estou indo morar com meus avós depois da festa. Vou terminar o ano letivo por lá e me tratar, preciso dar um tempo daqui. Olha, eu não quero te dar esperança, mas quero que saiba que sempre te achei um homem interessante e, por mais que você não acredite, eu nunca imaginei que você pudesse ser a fim de mim. Às vezes o coração mente para a gente.

HUGO — E o espelho também, pensa nisso!

BABI — Obrigada.

CRIS — Eu sei que...

BRENDA — É, eu gosto dele.

CRIS — Eu também. Pode acreditar que é bem mais difícil para eu estar te falando isso do que você para mim.

BRENDA — Pisei na bola, e ele também é cabeça dura.

CRIS — Nem sempre a gente vai gostar de quem gosta da gente.

DANI — Obrigada pela personagem, professor.

CIRO — Você mereceu.

DANI — Quero te pedir desculpas por sempre estar me metendo nos ensaios e dando palpite o tempo todo. Eu sei que deve ficar irritado comigo.

CIRO — Assim como você, eu também erro, pode apostar! Vamos combinar uma coisa?

DANI — O quê?

CIRO — Daqui para a frente, a gente vai aprender um com o erro do outro e, sempre que pudermos, vamos falar sobre isso.

DANI — Acho que sou um carma para você, e você para mim, profe.

CIRO — Que seja! E leve ao pé da letra um ditado antigo: "NINGUÉM É PERFEITO".

TECA — Oi, quando eu decidi criar um blog, por incrível que pareça, eu estava pensando em mim e não nos outros. Eu pretendia expor meus sentimentos, falar sobre as minhas angústias, planos e desejos, me conectar com os leitores mesmos, sem saber se algum dia eu teria alguém para ler meus textos.

CARLA — Você escreve bem pra caramba, Teca. Desencana dos outros.

TECA — Eu pensava que eu não tinha vergonha de nada nessa vida. Mas agora eu ando percebendo que, ao contrário de antes, a minha consciência está aumentando, sabe?

CARLA — Você é incrível e superinteligente. O lance que você fez com a D. Carmem mostra seu verdadeiro caráter. Eu confio em você.

CACO — Eu não me importo de fazer as coisas para a Vitória!

CACAU — Você a cobriu muitas vezes das mentiras, né? Sabe que agora ela está saindo com um cara de outra escola, e você vai ter mais dificuldade em ser bode expiatório da D. Carmem.

CACO — Uma hora ela me agradece e depois ela me acusa! Eu sofro, sabia?

CACAU — Ninguém é trouxa, né, Caco?! Quer saber: você devia ir atrás da Nina, da Lana ou da Mila... elas combinam muito mais com seu tamanho. Pirralho chato!

CACO — Puxa-saco!

LANA — E você acha mesmo que agora vai ficar tudo bem?

NINA — Eu acho que sim, afinal entre não conhecer o pai e estar convicta que ele não existe não tem muita diferença.

LANA — Que horror, Nina!

MILA — Horror nada, realidade, amiga! E me conta o lance com o Joca.

NINA — Não tenho muito que contar... Ele apenas grafitou minha janela com um monte de palavões e meti a boca no trombone.

LANA — Bem que você fez!

MILA — Exagerada!

NINA — Olha quem fala!

CENA 11

D. CARMEM — Eu queria agradecer você, professor.

CIRO — É um prazer trabalhar aqui!

D. CARMEM — Só mesmo a arte para me ter feito perceber as coisas sem preconceito.

CIRO — Não é a primeira e nem será a última vez que isso acontece. Amigos?

D. CARMEM — Amigos. Vamos dar uma olhada na festa?

A festa começa. Todos estão mascarados e com copos coloridos.

Quando percebem a entrada de D. Carmem se constrangem e param. Congelam.

D. CARMEM — Ué?! Não posso curtir a festa também? Estão se divertindo.

Eles mexem a cabeça.

CIRO — O que aconteceu, pessoal? Nem parecem aqueles que não param de tagarelar o tempo todo!

D. CARMEM — Perderam a língua!

CACO — É que... talvez a gente ache que a senhora não ache certo...

EPÍLOGO

CARMEM — O que é certo e o que é errado diante da trajetória que é a vida? Existe o aprendizado. E aprendizado é experiência do desenvolvimento e do crescimento.

CIRO — A gente olha para os mais novos que estão próximos e pensa "TUDO DE NOVO OUTRA VEZ?"

CARMEM — Será? A essência, as diferenças, as implicações sempre vão ser as mesmas, de novo e outra vez. O que muda é a maneira de encarar o nosso reflexo no espelho.

CACO — A senhora está brava?

Ciro e D. Carmem começam a rir. A música sobe e aos poucos eles começam a dançar e a se divertir com os alunos. Vira uma grande festa divertida. A peça acaba com a luz baixando e eles dançando.

FIM

FÁBULAS URBANAS

ENTRE TANTAS COISAS

Cinco amigos: seus encontros, reencontros, desencontros e desabafos. A peça conta e canta de diversas formas a trajetória, os ideais e os vínculos desvinculados de pessoas que crescem, sonham, aprendem e desaprendem juntas. Um desabafo musical pop.

Este texto foi encenado em 2011 e 2012 em parceria da Cia Ganesh com a Produtora Cena Hum e foi realizado no Wonka Bar, em Curitiba.

A dramaturgia é concebida para realização em bares, baladas e espaços de encontros noturnos.

PERSONAGENS:

FULANO;
FULANA;
CICLANO;
CICLANA;
BELTRANA;
BELTRANO.

CENA 1

CICLANA — Somos amigos, pode-se dizer que desde sempre, embora não tenhamos nos conhecido ao mesmo tempo, uma ligação existia.

BELTRANA — Hã...!

CICLANO — Tínhamos muitos amigos em comum e, quando nos reuníamos, os paralelos se encontravam em algum ponto, em alguma situação transversal ou tangente.

FULANA — Sempre se encontravam.

FULANO — Frases do tipo: “isso tudo só aconteceu para que isso, agora, acontecesse, senão nada teria acontecido dessa forma” ou algumas outras vãs filosofias de vida salpicavam e inspiravam aquelas vidas com sabor de seriado cotidiano.

BELTRANA — Ciclano tinha o dom da conquista. Mas seu maior dom realmente era andar em labirintos.

CICLANO — Completamente perdido. Quem precisa saber da verdade do outro?

BELTRANA — Labirintos que ele mesmo criava. Seu maior desejo? Encontrar a saída com olhar panorâmico e, quanto mais desejava esse panorama, mais fundo entrava no labirinto.

FULANA — Beltrana sempre foi miúda.

CICLANA — A menor de todas.

BELTRANA — Sempre tive o maior cabelo.

FULANA — Estilosíssima! Um ar “à la” Twigg, total vanguardista! Impulsiva, conversadeira, doce e quente como as águas de termas medicinais. Tenta impressionar todo mundo com suas histórias típicas dos filmes do Woody Allen.

BELTRANA — Fulana, “a extrovertida”! Tinha um dom: transformar papel, tinta, tesoura, lápis de cor. Até placas encontradas na rua ela dava um jeito de transformar... ou destruir.

FULANA — A vida é um portfólio de possibilidades, isso me assusta. Não posso perder tempo.

FULANO — Ciclana traz o mar dentro do peito: manso, denso e profundo.

CICLANA — Exagerado! Não precisava do profundo!

FULANO — Das profundezas e raízes somatizadas, ela sempre tenta reciclar alguma coisa.

CICLANA — Resgatar.

FULANO — Como ela mesma diz: “abstrai”.

CICLANA — Bom, o Fulano sempre foi assim “sensível”, platoniano e racionalizador ao mesmo tempo. Sabe o tipinho que gosta de teorizar a própria sensibilidade? Ele também se perde em labirintos, mas costuma sempre levar papel e caneta para anotar as hipóteses.

FULANO — Depois de tantas entradas, precisava encontrar uma saída.

BELTRANA — Despir, despedir.

FULANA — Tantas reticências.

CICLANO — Entre tantas entradas e tantas outras tantas, até quando reticências?... Até?

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 2

CICLANA — Eu fazendo bicos de garçoneiro.

FULANO — Eu, mochileiro de mentira.

BELTRANA — Eu construída por fora e destruída por dentro.

CICLANO — Eu mergulhado numa eterna dúvida.

FULANA — Eu correndo atrás do que tinha passado.

FULANO — Tem certas coisas que a gente não acha que vai fazer de novo, mas acaba fazendo. É foda refazer o trajeto, achando que conhece tudo, e acabar entrando nos buracos e túneis mais absurdos! Carregava uma cueca, camiseta, casaco, cadernos para anotar tudo que pensava e digeriria, uma garrafa de água e os meus óculos de sol e os de grau.

CICLANA — Apareceu do nada lá em casa.

FULANO — Ela estava morando em um lugar tipo um cafofo.

FULANA — As pessoas gostam de insistir naqueles discursinhos: “faz tanto tempo e você continua a mesma de sempre!”. Quero que vocês entendam de uma vez por todas que eu não continuo na mesma! Acho péssimo continuar na mesma! Ontem eu saí para almoçar com uma velha conhecida. A pior coisa que pode acontecer na vida de uma pessoa é sair para almoçar com alguém e a conversa não fluir! Tenho um amigo que tem uma caixinha de assuntos, ele vai ao banheiro, sorteia umas três e volta lançando assuntos, qualquer assunto. Umas coisas bem nada a ver mesmo. Eu acho que todo mundo só quer falar das coisas que interessam para si. Pouca gente ouve e, nessa situação, ficar quieto é bem pior!

CICLANO — Nunca imaginei que eu fosse pegar herpes. Literalmente eu meti a boca no mundo. Tenho um amigo que nunca meteu. É sério! Estou cansado de posar de bom partido em busca da mulher perfeita. Na verdade, eu temo as mulheres, sabe lá o que elas pensam de mim! Não me importo com o que os homens pensam a meu respeito e me assusta o pensamento dos outros.

BELTRANA — Eu moro com um cara, eu morei com esse cara há um ano e meio. Quando éramos nós, eu e ele, tudo muito bem. Bastava chegar alguém que a coisa mudava de figura. Chato, egocêntrico, dono da razão! Como me irrita quem precisa desse tipo de atitude para aparecer. As coisas caminhavam por si só. Eu me sentia parada. Então ele apareceu lá em casa para reviver algo que eu tinha deixado para trás. Falou do cafofo, das conclusões, do almoço constrangedor e do beijo inusitado que aconteceu para resolver um platonismo antigo.

FULANO — Ela continuava a mesma! Os olhos saltitantes e os gestos calmos.

CICLANA — Eu convidei todo mundo para ir lá no bar, pelo menos cabe todo mundo. O cafofo é muito apertado.

FULANO — Ótimo, continuo gostando de caminhar. E você? *(Pausa)* Andamos pela rua tomando cerveja e demos muitas risadas enquanto eu tentava reconhecer as ruas.

CICLANA — Ainda existia uma ponte que nos unia. Algum tipo de elo ou sintonia que fazia uma conexão com nossos pensamentos, nossos sonhos... Na dúvida eu sorria e bebia.

FULANO — O trajeto foi melhor que o objetivo final. Lugar escuro e o som muito alto. Melhor assim, ninguém se sentia mais tão íntimo para declarar algo ao pé do ouvido do outro.

BELTRANA — Sua conta deu R\$ (*Definir o valor que quiser*).

BELTRANA — Sempre tem um fulaninho ou uma fulaninha que esquece o dinheiro ou tem algum tipo de problema com o cartão.

BELTRANO — Débito ou crédito?

CICLANO — Nada é papel nos dias de hoje. Tudo é "débito ou crédito?". Crédito! Crédito, crédito, crédito, crédito!

BELTRANA — Talvez essas pessoas fiquem muito tempo longe uma da outra, ou sei lá, nunca mais se vejam.

CENA 3

CICLANA — Sabe aqueles dias que a gente se sente num filme do Almodóvar?

FULANO — Eu, como sempre, um mero expectador. Até alguém me chamar à atenção.

FULANA — Pois eu não tenho a menor ideia do que fazer, me sinto sozinha, abandonada por tudo aquilo que não existe mais, mas é presente. Tão presente quanto as caixas que empilhei. Guardei nelas as coisas importantes, pelo menos eu as julgo importantes! E você? O que acha de tudo isso? Você se sente bem? Se sente feliz? Se sente só? Completo? Rico? Sem preocupações?

CICLANO — O telefone deveria tocar ou, sei lá, alguém deveria mudar a vibração das coisas, quando estamos sós diante dos nossos medos consequentes das nossas atitudes. Alguns momentos não apresentam saídas.

CICLANA — Vou sair.

BELTRANA — Gostaria de opinar com voz ativa sobre o meu destino. Nessas horas de impossibilidades, percebe-se o quanto as atitudes anteriores refletem na realidade, afinal quem vai pagar o preço da decisão sou eu. Não saia, eu implorava nos meus pensamentos. Fique!

CICLANA — Preciso de ar.

FULANO — Aqui?

CICLANA — Tanto faz.

FULANO — Faz tanto tempo que não sei o que é ar.

CICLANA — Que horas você sai?

FULANO — Saio agora com você.

CICLANA — Não gosto daqui, não gosto da cidade, não gosto de voltar.

FULANO — Não tive escolha.

CICLANA — Tive muitas. Sempre acho que fiz a escolha errada.

FULANO — Veio até aqui.

CICLANA — Me dá um beijo?

Eles se beijam.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 4

BELTRANA — A chuva é muito molhada, não gosto de dias assim. Não gosto de me molhar, não gosto de esperar molhada. Não gosto de esperar.

CICLANO — Tem horas?

BELTRANA — Agora.

CICLANO — Passa algum ônibus para a rodoviária, agora?

BELTRANA — Se não for já é daqui a pouco.

CICLANO — Vai para onde?

BELTRANA — Você está molhado!

CICLANO — De qualquer forma, meu ônibus é só de madrugada.

BELTRANA — Então por que perguntou que horas passa?

CICLANO — O ônibus que volta para minha cidade, meu Estado.

BELTRANA — Quer tomar alguma coisa?

CICLANO — Você não está molhada.

BELTRANA — Pode ser lá em casa, a rodoviária fica perto.

CICLANO — Não acha estranho levar um estranho?

BELTRANA — Diferente.

Silêncio.

CICLANO — Vi sim, achei muito bom!

BELTRANA — Gosto muito desse filme!

Eles riem.

OS DOIS — Pois é...

BELTRANA — Fazia tempo que eu não me molhava.

CICLANO — Há muito tempo não me seco.

Silêncio.

CICLANO — Eu acredito que, em poucas horas, podemos dizer muito mais coisas para um estranho do que já dissemos, durante anos, para alguém que se conheça bem.

BELTRANA — Conheço pouco quem conheço bem, ou eles não me conhecem. Talvez por medo de mergulhar fundo e bater com a cabeça numa pedra.

CICLANO — Gosto das pessoas dos pontos de ônibus. Principalmente das frágeis.

BELTRANA — Não gosto das pessoas que encontro todos os dias nos mesmos lugares, até porque acabo sendo uma delas.

CICLANO — Aquela mala está vazia. E você vai começar a enchê-la para mim. Cano por cano, um eu já meti!

BELTRANA — Como é que é?

CICLANO — Cala a boca, vadia! Quero os CDs, os livros, as camisetas de marca, algumas comidas, algumas toalhas de banho, uma ou duas calcinhas para eu cheirar e pensar em você.

BELTRANA — Por que não aproveita e leva toda a água?

CICLANO — Você vai ficar com sede.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 5

FULANO — E se eu tivesse ido?

CICLANA — Se eu tivesse tido coragem, de certa forma eu até tive. Mas, se eu tivesse tido mais coragem e não tivesse tido atitude?

FULANA — Se ela tivesse tido mais coragem, ela teria ido. Teria feito o que eu faria no lugar dela. Se eu fosse ela, mas eu sou eu.

BELTRANA — Se não tivesse aberto a porta.

CICLANO — Se eu não tivesse entrado? E se ela não tivesse saído?

FULANA — Se eu tivesse mandado o e-mail...!

FULANO — Nem uma mensagem, nenhum e-mail! Será que eu devo ligar? E se eu mandar uma carta? Ninguém mais escreve carta! E se eu for diferente? Se eu quiser ser diferente e mandar uma porra de uma carta? Não aguento mais contas e malas-diretas enchendo a caixa de correio!

CICLANO — Um cartão-postal. Será? Depois de tanto tempo pode parecer babaca. E se eles mudaram de endereço? Bom, talvez o postal chegue para alguém que precise criar um movimento diferente na vida. E se o postal voltar para o mesmo cara que me atendeu na agência do correio? Será que tudo que eu estou fazendo vai ser em vão?

FULANA — E se as minhas mãos não pudessem desenhar? Se elas fossem atrofiadas e duras? E se eu não percebesse que minhas mãos são importantes? E se eu não perceber que minhas mãos podem fazer outras coisas além de trabalhar?

BELTRANA — Se eu tivesse ido, se eu tivesse notado, se eu tivesse impedido a saída dele da minha vida! Se eu não tivesse voltado, tudo seria diferente! Será que eu voltei por algum motivo que eu não esteja percebendo? Posso ter voltado para poder ir de novo! E se eu não for, e ele não vier?

FULANO — Se todo mundo calasse a boca e não ficasse perguntando um monte de coisas pra mim o tempo todo, talvez eu pudesse ficar em paz.

CICLANO — Se ninguém perguntasse nada para você, garanto que ia se sentir sozinho.

BELTRANA — Quando eu me sinto sozinha, saio de bicicleta, ouvindo música. Faço isso todas as manhãs.

FULANA — Se em algum dia, por acaso, eu vir a me sentir sozinha, porque tem muita gente do meu lado, eu vou dar graças a Deus! Telefone em casa, no cinema o celular, um saco! Imaginem se eu fosse indispensável na vida das pessoas!

CICLANA — E se eu tomar uma decisão que mude o rumo das coisas? Se eu tivesse coragem... Eu gostaria de ser uma gueixa, ou uma puta francesa. Garanto que não ia ficar tanto tempo sem trepar!

Silêncio.

CENA 6

CICLANO — Ocupei o lugar que estava vago naquele momento.

FULANO — Você sempre preferiu preencher espaços.

CICLANO — Você fica divagando.

FULANO — Sempre fui muito claro.

CICLANO — Ninguém adivinha o que você fica tentando dizer. Os únicos que te entendem são o teclado do seu computador ou seu bloco de anotações!

FULANO — Hey, cara! Pera aí! Quanto tempo que a gente não se vê, e você vem aqui em casa me agredir? Qual é?

CICLANO — Sua loucura acessa a minha e aí não sei o que dizer.

FULANO — Você me ligou dizendo que precisava falar comigo.

CICLANO — Você me mandou uma mensagem e, desde que eu cheguei, não disse nada.

FULANO — Tanto faz. Talvez seja verdade.

CICLANO — O quê?

FULANO — Que só meu teclado e meu bloco me entendam.

CICLANO — Gosto de pessoas loucas. Gosto de você.

FULANO — Eu também gosto de você. Se eu não tivesse ocupado o lugar que me cabia naquele momento, eu não sei o que seria.

CICLANO — Seria o que é! E você realmente acha que ocupou? Que tipo de lugar é esse? Uma cadeira confortável e uma mesa de madeira? Atrás tem uma estante cheia de livros teóricos. Se tornou prático em alguma coisa?

FULANO — Cara, eu não estou te entendendo.

CICLANO — Você aposta tudo no começo, se boicota no meio e tenta correr atrás no fim! Bela ocupação.

FULANO — Minha vida não é uma instalação, não é uma dúvida, um sorriso, um assédio, um bater de porta em porta em porta, pedindo cama! Minha vida tem dor, está me entendendo? Tem perdas, tem valores que só eu entendo! Talvez com o tempo alguém entenda.

CICLANO — Que tempo é esse, cara? Cadê o seu tempo?

Silêncio.

FULANO — Quando a gente se conheceu, 10 ou 12 anos atrás...

CICLANO — 14.

FULANO — Que seja. Quando todo mundo se conheceu e não sabia direito o que queria da vida...

CICLANO — Ninguém ocupava os espaços.

FULANO — Eu te achava um babaca, um merdinha de um filhinho de papai que tentava impressionar e contar vantagens com as coisas que comprava. Com as drogas que usava. Talvez você não seja muito diferente hoje. Olha para você: um mochileiro que ressurgiu tipo o “Indiana Jones”, resgatando o que passou. E a herança do seu pai falido, já resgatou?

CICLANO — Estou tentando resgatar outra coisa do meu pai. Estou tentando resgatar outras coisas nas pessoas. Estou tentando enxergar o futuro do pretérito que insiste em ser pretérito imperfeito.

Silêncio.

FULANO — Eu sempre gostei de você, de um jeito que só eu sei que gostei. Gosto. Sempre longe, sempre perto. Um fantasma que me assombra em becos, banheiros, carros, parques e muitas camas. Eu acho melhor você ir embora. Eu acho melhor todo mundo se encontrar amanhã, naquele bar.

Ciclano beija Fulano.

CICLANO — Acho que agora eu não te devo mais nada.

FULANO — Quem disse que você estava me devendo alguma coisa?

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 7:

FULANA — É fácil enxergar a coragem nos outros, assim como é fácil enxergarem a coragem em você. Praticamente impossível reconhecer a coragem em si mesmo. Sempre confiei muito

em mim, confio muito em mim. O espelho não confia em mim e eu gosto muito dele. Eu gosto de interagir, me preocupo com os outros, me preocupo comigo, sou muito egoísta, destrato as pessoas muitas vezes por puro prazer de querer ser alguém. Depois eu peço desculpas. Julgo as pessoas que convivo e sou julgada por elas também. Creio que nasci para conviver e trocar, o sol nasce em mim nesses breves momentos. Penso que eu e o sol somos a mesma pessoa, que ele vive em mim, mesmo durante a noite. Passo várias vezes na frente dos lugares antes de entrar, detesto que me vejam sozinha e vulnerável. Eu tento ter coragem para enfrentar meus medos conscientes, mas os erros antigos correm atrás de mim e eu os mascaro de alguma forma. Tenho coragem para entrar sozinha nos lugares e pisar em nuvens. Gosto de ser o centro das atenções. Enfrento o mundo com a cabeça erguida, penso no presente, sempre o presente! Bebo muitas doses para ser simpática com as estranhas, no banheiro, e não tenho problemas em emprestar meu batom. Culpo as pessoas, quando tenho herpes ou qualquer outra coisa que surja em minha boca. Ligo o som do carro e choro por alguma besteira. Faz tempo que tenho tentado marcar um encontro comigo, mas comigo nunca pode encontrar.

CICLANA — Você foi educada assim.

FULANA — Odeio ficar na mesma.

BELTRANA — Ela odeia estar na mesma.

FULANA — Eu não estou na mesma!

CICLANA — Aceite as condições.

FULANA — Que condições? Pode me responder que condições são essas?

BELTRANA — Você sempre gosta de transformar as coisas em algo muito maior.

CICLANA — Vou pegar uma bebida.

Silêncio. Fulana e Beltrana cruzam olhares, desafiando-se.

CENA 8

Ciclana oferece bebida para as amigas.

FULANA — Podíamos fazer uma festa surpresa!

BELTRANA — Acho uma boa ideia, qual será o tema?

FULANA — Para que tema?

BELTRANA — Esquece.

CICLANA — Sem clima, tudo bem? Quem vai organizar as coisas?

BELTRANA — Vamos dividir? Posso ficar com o bolo.

FULANA — Você realmente é ótima para dar o bolo! Pode deixar que eu fico com as bebidas e a lista de convidados. Aviso o que cada um deve trazer.

CICLANA — Já virou evento.

FULANA — Eu preciso de um docinho.

BELTRANA — Começou.

FULANA — De carboidrato! NECESSITO de carboidrato!

CICLANA — Tem macarrão na geladeira.

FULANA — Tem tomate? Queijo?

BELTRANA — Fui ao supermercado hoje.

FULANO — O que está rolando?

CICLANA — Oi, gato! Saudades!

BELTRANA — Rolando alguns surtos, para variar.

FULANA — Só se for da sua parte, minha filha. Eu já estou me resolvendo com meu carboidrato.

FULANO — Carboidrato?

CICLANA — Ela precisa de carboidrato!

FULANA — Preciso!

FULANO — Eu fico com a salada.

BELTRANA — Comer à noite não é legal, já falei para ela.

CICLANA — Depois fica perambulando pela casa com gases e queimação no estômago.

FULANA — Nada que um chazinho não resolva!

BELTRANA — Chazinho que nós sempre temos que fazer para você!

FULANA — Amigo é para essas coisas!

FULANO — Sexta é aniversário do Cicla.

CICLANA — Estamos combinando uma festa.

BELTRANA — Aqui em casa.

FULANO — Eu tinha pensado em alguma coisa diferente.

FULANA — Já combinamos tudo.

FULANO — Deixa para lá.

CICLANA — A bicha ficou ofendida.

FULANO — Não começa.

FULANA — Tadinho dele, conta para nós: você quer mesmo é jantar o Cicla, né?

FULANO — Santa inconveniência.

CICLANA — Jantar o Cicla é uma ótima ideia, vale a pena!

FULANO — Não enche!

CICLANA — Ai, abstrai!

FULANA — Se você não fosse veado, eu já tinha jantado você! A Bel, também!

BELTRANA — Eu te acho interessante, um cara como você vale a pena.

FULANA — Pena que não gosta de ostra.

BELTRANA — Dá para parar com essas vulgaridades? Que saco. Um cara como você vale a pena por N motivos, mas gosto não se discute.

FULANO — Valeu, Bel. Estou indo nessa, fico aguardando as informações para sexta.

Fulano suspira entediado.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 9

FULANA — Estou num lugar em mim que não sei muito bem onde é.

BELTRANA — Você deve ter lido muito “Alice no país das Maravilhas”, quando era criança.

FULANA — Pior que li mesmo, mas o “Mágico de Oz” sempre foi meu preferido.

CICLANO — Over the rainbow!

FULANA — Eu quero que você vá para Oz e fique por lá!

CICLANO — Você quer que eu dê o fora?

FULANA — Estou dizendo com todas as letras para você ir, sair, vazar daqui e não aparecer mais. Ser verdadeira com você não deu em nada!

CICLANO — Foi ela que quis dar!

FULANA — Você não dá conta de quem você é. Não dá conta de quem eu sou.

CICLANO — Presta atenção no que você está falando!

FULANA — Passei o texto antes de falar com você, não se preocupe.

CICLANO — Por isso, tudo virou a merda que virou. Tudo que acontece você vai lá desabafar com o espelho. Isso não é real! Você aqui é real, eu sou real!

FULANA — Nada justifica sua falta de caráter. Você não presta. Não que eu seja a única coisa que preste nesse mundo, eu me conheço, conheço meu caráter.

CICLANO — Toda vez que vamos discutir, você só fala de você, que você e você...

FULANA — Falo de mim, eu sei. Mas garanto que dou conta dos meus defeitos, das minhas qualidades, dos meus limites. E você? É muito fácil identificar seu tipinho!

CICLANO — Precisei te comer muitas vezes para você sacar o que realmente me interessava: sua criatividade, suas boas relações, suas pontes. Estou levando comigo tudo que me dispus a levar, o resto pode ficar, porque já é seu mesmo, embora sua fraqueza não te deixe sacar. Não tenho caráter? Pode até ser, mas tenho uma coisa que você não sabe que tem: coragem.

FULANA — Agora você vai embora, e eu não sei o que fazer, ninguém me explicou na escola, ninguém vai me responder.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 10

CICLANA — O que vai querer? Tanto faz? Sei. Indicação ou indecisão? Sei. Não sei. Depende. Posso trocar. Não posso fazer nada. Foi você que pediu? Você veio me tirar daqui? O que você está fazendo aqui? O lugar é bacana! Prefere mesa ou balcão? Espera de mais ou menos 20 minutos. Não posso fazer nada. Tudo que eu pude fazer eu já fiz. Estou fazendo o que posso. O que consegui. Ocupo o que me ocupa nesse tempo. Não quero servir quem conheço. Não sirvo quem conheço. Não quero servir, quero ser servida. Pensa: estou aqui te servindo — copos, garrafas, drinks... já pensou na possibilidade de estar tomando algum tipo de veneno? Veneno de desejar estar no seu lugar, e ser servida por outro alguém. Mas, se eu não servisse você, outra pessoa serviria, e, se eu estivesse no seu lugar, essa pessoa poderia me servir. Eu faço isso, e aí? Você faz o quê? Não gosta de fazer o que faz? Quer fazer o que outro faz? E o que faz? Faria outra coisa? A sua coisa, por exemplo! Não gosto de complexidade. Procuro deixar as coisas acontecerem com simplicidade. Um copo preenche um vazio, uma bandeja preenche um espaço e, antes que fique vazia, está cheia de copos. Eu seguro a bandeja com os copos e depois seguro a bandeja vazia. As pessoas seguram os copos, eles nunca estão vazios, as mãos nunca estão livres para fazer o que bem entendem. Não

sei fazer o que bem entendo. Faço. Nesse ir e vir, sente-se o gosto do próprio veneno, porque ele é servido por outro. Todos servidos?

Variações faladas e cantadas com: "Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem bebeu, morreu, e o culpado não fui eu!"

CENA 11

FULANO — Tudo começa com o nascimento!

CICLANO — Nada a ver. Tudo começa com a trepada mesmo!

FULANA — Onde você está querendo chegar?

FULANO — No meu aniversário de 1 ano.

CICLANA — Vixi!

FULANO — Estou querendo relembrar algumas coisas. Fazer uma comparação. Por exemplo: para que tipo de festas vocês são convidados hoje em dia?

CICLANA — Depende. Batizado é uma coisa que eu nunca mais fui.

BELTRANA — Eu fui em um, na semana passada! Fizeram um churrasco.

CICLANO — Formatura dos primos! Porque a onda de formatura de amigos já passou. Tá todo mundo casando, todo mundo já se formou. Pelo menos em experiência de vida estão formados.

FULANA — Adoro casamento!

CICLANA — Nunca mais fui em festa de 15 anos!

FULANA — Acho que não vou em uma, desde que você fez 15 anos.

FULANO — Foi muito boa a sua festa!

BELTRANA — Mas e os casamentos?

CICLANO — Não duram.

CICLANA — Pessimista.

FULANA — Realista.

FULANO — Esquerdista.

CICLANO — Fui em um, anteontem.

BELTRANA — Vou em um, sábado.

FULANA E CICLANA — Da Claudinha! Eu também!

FULANO — Nem me convidou.

CICLANO — Como era bom trepar com ela!

ELAS — Ihhhhhhhhhhhhh!

FULANA — Não te convidou, e você sabe muito bem o motivo.

BELTRANA — Já faz tanto tempo!

CICLANA — O quê?

FULANO — Brigamos. Por causa de um cara.

CICLANO — E o cara morreu!

CICLANA — Como assim, morreu?

FULANA — Assassinado, não lembra?

BELTRANA — Num assalto.

FULANA — Ele curtia umas drogas pesadas. Trepava bem! Fazia sexo até com o poste.

FULANO — Menos comigo. Se pelo menos eu tivesse trepado com ele, a minha raiva por ela teria diminuído.

CICLANO — Vamos ao casamento?

FULANO — Não fomos convidados.

CICLANO — E daí? Todo mundo se conhece.

BELTRANA — Vão como nossos acompanhantes.

CICLANA — O pior é que uma sempre sobra.

FULANA — Que diferença faz? Uma vai com uma bicha, e a outra com um canalha. Pode deixar que vou sozinha.

FULANO — Se preferirem, eu e ele vamos juntos, né, amor?

CICLANO — As pessoas casam.

FULANA — Nascem.

BELTRANA — Matriculam os filhos nos melhores colégios e exigem deles o máximo que podem.

CICLANA — Fazem cursos de línguas, jogam tênis e videogames.

FULANO — Fazem natação e primeira comunhão.

FULANA — As pessoas dançam hits dos anos 80 nos anos 80, dos 70 nos 90, e dos 90, 60, 70 e 80 nos dias de hoje.

BELTRANA — As pessoas adoram olhar para trás, procurar os erros dos outros para sentir tranquilidade, aí sim elas acabam dançando.

CICLANA — Os casamentos não duram para sempre.

CICLANO — Ninguém dura para sempre.

FULANO — Chega o tempo de visitar túmulos.

CICLANA — Aquele seu amigo morreu, dizem que era soropositivo. Morava com aquele homem. Confesso que sempre achei os dois muito esquisitos!

FULANA — Ela teve câncer. Dizem que era tudo somatizado. Não falava, não chorava, não xingava, não cuspiu, não beijava, não gozava. Quer saber o que acho? A melhor coisa que pode acontecer na vida dela foi a morte!

CICLANO — Bebeu demais da conta e bateu o carro num poste. Dividiu o carro ao meio. O outro cara não vai mais andar, e a menina que estava no banco de trás também foi dividida.

FULANO — Se matou, acredita? Precisa de muita coragem para fazer uma coisa dessas! Ninguém mais quer morar naquela casa. A morte anda por lá.

BELTRANA — Foi velhice mesmo. Dormiu e nunca mais acordou.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CENA 12

FULANO — Vivenciar certas coisas, depois de tanto tempo, me fez pensar em como separá-las. Sim, as coisas. O que acontece lá não acontece aqui, e o que acontece ali pode não acontecer aí. Vivendo e aprendendo a separar cada coisa.

FULANA — Sempre filosófico.

CICLANO — Filosófico não, questionador.

CICLANA — Isso não é um questionamento, é uma afirmação.

BELTRANA — Uma pira, isso sim.

CICLANO — Acho que entendi aonde você quer chegar.

FULANO — Está vendo por que as mulheres me irritam?

CICLANO — Deixa que eu respondo: elas deduzem mil coisas, antes que você possa expor os porquês dos porquês dos seus porquês, e acabam querendo ter sempre razão.

AS 3 — Xiiiiiii!

CICLANA — Começou.

BELTRANA — Achei que o tempo mudaria os seus pensamentos.

FULANO — Ninguém precisa fazer o que o outro quer que ele faça, ok?

FULANA — Para mim está tudo sempre ok!

BELTRANA — Sempre para você! Sempre você, você...

FULANA — Não enche! Você sempre me encheu o saco, e eu nunca falei nada, mas agora preciso falar: sempre te achei insegura, chata, inquisidora e uma falsa meiga! Não tenho culpa que o Cicla preferia a mim e não você. Que saco, você ficar remoendo essa história toda até hoje! Quer saber: vai se foder! Foder é o que você precisa! (*A Ciclano*) Por que você não fode com ela? Ela sempre quis foder com você, sabia? (*À Beltrana*) Fode, mas fode muito! Fode pra caralho e liga depois para me contar! Juro que te ouço como nunca ouvi desde que nos conhecemos, sua chata da porra!

BELTRANA — Está mais feliz, agora? Sua felicidade sempre foi querer aparecer por cima dos outros, ter mais razão que os outros, ficar amiga dos amigos dos outros, descobrir os segredos dos outros e usá-los de maneira vulgar nos momentos mais constrangedores. Você é uma vaca! Sem a menor dúvida, é a única pessoa que eu não queria reencontrar. Você não é nada para muita gente, mas para mim você é quase do tamanho de Saturno! O que você me causou como pessoa é difícil de esquecer, de lidar! Eu projeto você em muita gente por aí e isso me dificulta para o cacete a convivência! Tomara que um dia alguém te faça se sentir assim! *(Pausa)* E me traz uma tequila!

CICLANA — Gente, vocês tão falando sério?

Silêncio

CICLANA — Não é possível vocês terem guardado esse ranço por tanto tempo. Não é possível que nada possa compensar sei lá o que é que tenha acontecido. Estou falando merda?

Silêncio.

CICLANA — Melhor eu calar a boca.

Silêncio.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

FULANO — Compensar as coisas faz muito sentido.

CICLANO — Que sentido?

FULANO — Substituir as coisas para suprir as vontades. São lucros a longo prazo. Eu parei de fumar, de guardar e de surtar.

CICLANO — Você está melhor mesmo, tudo bem que já ouvi esse discurso outras vezes. Concluo que o desapego tem que compensar alguma coisa.

FULANO — Uma coisa leva a outra.

CICLANA — Papo de gente loca!

FULANO — Louca é você!

CICLANO — Vamos de jogo da verdade?

BELTRANA — Vão se foder!

FULANA — Eu vou embora.

CICLANA — Fica!

CICLANO — É, fica.

FULANA — Então me falem das coisas boas!

FULANO — Beije alguém que eu sempre quis beijar. Demorou muito tempo para esse momento acontecer, me sinto mais livre de alguma forma. Sabia que aquele momento seria um momento ímpar. Acendi um cigarro pelo filtro, quase vomitei. Acendi outro, não fumava há três meses. Tomei um copo de uísque. Chorei. Vomitei. Antes disso, claro que pensei em falar com um amigo confidente, alguém que soubesse da importância daquele beijo. Foi a morte de um fantasma antigo, foi a morte do platonismo antigo, foi a morte de um sonho que se tornou real por outras vias. Foi o fim de uma reticência.

CICLANO — Eu nunca tinha beijado um homem. Muitos homens querem me beijar. Nunca transei com um homem, talvez eu transe um dia, mas não posso transar com um homem que eu goste. Já transei com muitas mulheres que gostam de mim. Eu gostei de poucas mulheres, desejei muitas. Considero muitos homens. Quase todos me respeitam. Foi diferente beijar um homem. Eu me sinto mais homem agora.

CICLANA — Vivi uma história. Finalmente consegui viver alguma coisa que prestasse. Passado! O presente é cheio de dor. Ninguém precisa saber, mas o passado foi intenso. Quando alguém não está pronto para receber o outro, de nada adianta. Nesse caso vale os achismos para justificar. Achava que ele não estava pronto para mim, mas eu também não estava pronta para ele. Sempre acho que as pessoas me enganam, só que os achismos evidenciam o ego. Orgulho é foda! Cansei de me fazer de vítima e acabei deixando passar batido momentos ímpares. Esse eu não posso deixar.

FULANA — Dá para falar de alguma coisa boa?

CICLANA — Qual o significado da bondade? Que bondade é essa? Vocês realmente se acham bons? Bondosos? Falar de coisas boas... hã!? O que você quer que eu fale? Que eu sou feliz, que meus pais não existem, que minha família, mesmo que não esteja morta, já morreu para mim já faz um tempo? Ninguém aqui precisa parecer que está bem, só para tentar provar alguma coisa para o outro ou fazer com que ele se sinta pior, ou melhor.

FULANA — Eu quero falar sobre coisas B O A S!

CICLANA — Ai, abstrai!

BELTRANA — Com você aconteceu alguma coisa boa? Ou tudo o que aconteceu te tornou uma pessoa boa?

CENA 13

FULANO — Eu quero avisar que eu vou embora. Vou para algum lugar desconhecido, onde ninguém tenha uma impressão do meu passado.

CICLANO — Como vai embora? As escolhas que penso em fazer são relevantes para retomarmos nossos planos.

FULANO — Eu não tenho planos para você e nem para ninguém.

CICLANA — Você pode passar uns tempos lá em casa se quiser. Podemos retomar algumas coisas.

CICLANO — Podemos nos unir para reescrever uma nova história.

BELTRANA — Não dá para reescrever o que ficou para trás. O que tinha que passar foi passado. Não adianta a gente ficar aqui, com essa cara de esperança perdida, porque as coisas não são mais assim já faz um tempo. Sabe, eu sempre te achei o homem ideal para mim. Como eu demorei para sacar que não era. Você saía com todo mundo, beijava todo mundo e era tão gentil comigo que eu cheguei a pensar...

FULANO — Eu também pensei, sei como você se sente.

CICLANO — E eu sou o filho da puta, agora!

FULANA — Se pelo menos você trepasse bem.

CICLANA — Ele trepa bem, sempre trepou. Ontem percebi que isso não mudou.

FULANO — Você foi na casa dela ontem?

CICLANO — Quando saí da sua.

FULANO — Você me beijou!

CICLANO — Ué, você não tem planos para mim.

FULANO — Vai à merda!

CICLANO — Eu estou na merda!

FULANO — Uma pena que isso não baste!

CICLANO — Em algum lugar da vida nossos caminhos podem se reencontrar, meu caro.

FULANO — Chega de desencontros!

FULANA — Gente, acabou.

CICLANA — A gente acabou.

FULANO — As pessoas acabam. Esse é o fim.

BELTRANA — Não tem fim.

CICLANO — Eu estou cansado de ser e estar sozinho, estou cansado de me sentir diferente do que os outros esperam que eu seja, estou cansado do que sou. Não aguento mais tanta amargura e responsabilidades que eu não quero ter, de ser acusado de egoísta e me culpar por ser assim. Esse não é o melhor caminho, o melhor argumento e nem a melhor saída.

FULANA — Estou cansada de estar e ficar cansada, cansada de colocar as palavras para fora e me arrepender, depois que falei. Preciso chorar, quero chorar! Me sinto feia e diferente de todo mundo. Me sinto gorda e inchada de tanta coisa que carrego dentro de mim. Cansei de assumir responsabilidades e de trabalhar feito uma louca e, mesmo assim, não ter grana suficiente para resolver tudo o que preciso. Estou cansada, muito cansada de me sentir assim!

CICLANA — Não tenho mais 18 anos e não posso mais refazer as escolhas profissionais e amorosas. Não me casei e talvez eu

não me case nunca, não terei nenhum filho. Só não me mato porque, apesar de tantas e outras coisas, eu ainda amo a vida. Não amo tanto a minha vida, mas viver é bom. Tenho sede de novidades, de contar com alguém. Quero alguém para trepar, preciso ser amada e não estou me amando. Abstrai!

BELTRANA — Necessito de ajuda, da minha ajuda. Alguma coisa precisa acontecer para mudar o rumo das coisas. Espero que daqui a seis dias, seis meses ou seis anos eu possa estar vivendo um novo conflito e fique livre deste momento. Preciso de ar, de água. Quero ir embora sem falar com ninguém. Não aguento mais fingir, ser quem eu não sou.

FULANO — Vão se foder! Parem de ficar procurando agulha em palheiro, porra! Somos esse quebra-cabeças cheio de peças perdidas, e o problema de um nunca vai resolver o problema do outro. Assim segue o ciclo. Até um dia! A gente se cruza por aí numa noite dessas, se sentir vontade me liga, me manda um e-mail, uma mensagem, sei lá. Quem sabe tomamos um café ou coisa parecida para contar as novidades entre tantas coisas.

Silêncio.

MÚSICA: (definida pelo encenador).

CICLANO — Depois de algum tempo...

BELTRANA — Muito tempo!

CICLANO — Depois de muito tempo, todo mundo se encontrou, quer dizer, se reencontrou. Encontros e reencontros acontecem a todo momento no mundo, em qualquer lugar que a gente esteja, sempre tem alguém encontrando ou reencontrando outro alguém.

FULANA — Por mais que a gente reencontre uma pessoa que fez parte da nossa vida...

BELTRANA — Que faz parte!

FULANA — Quando acontece um reencontro com alguém que faz parte de nossa vida há anos, e ela não tenha nada a ver com

as pessoas que fazem parte de nossa vida agora, o importante é acreditar...

BELTRANA — Pelo menos tentar acreditar!

FULANA — Acreditar que estamos todos bem. Eu sempre estou bem, quase sempre bem.

CICLANA — Não é importante que todo mundo saiba se trepamos ou não trepamos com determinadas pessoas.

FULANO — É melhor não saber mesmo!

CICLANA — Se rolou uma afinidade na intimidade sexual ou se foi uma paixão desvairada.

BELTRANA — Reencontrei pessoas. Algumas lembravam meu nome, outras eu que não lembrava.

FULANO — As pessoas que lembro o nome talvez não lembrem o meu ou não queiram lembrar de mim.

BELTRANA — Elas não devem se interessar pelo que você é hoje em dia. Muitas pessoas nunca vão saber quem eu sou de verdade. Eu também não sei quem elas são. Que diferença isso faz?

FULANO — Prefiro acreditar que aquilo que foi justifica aquilo que é! Agora é importante, agora é a soma de tudo o que passou.

MÚSICA: *(definida pelo encenador).*

BELTRANO — Eu preciso falar! Eu vou falar. Para que complicar, se é tão simples descomplicar? Parece fácil, mas não é. Olha, desculpa, mas eu não quero te frustrar, quanto a mim tanto faz, até porque já tanto fez. Agradeço a compreensão. Sou conhecido como aquele que enxerga, aquele que olha e que vê. Vou confessar um segredo: nem sempre dá para enxergar e garantir que aquilo que se vê seja verdadeiro. A vida é uma rede de gente, uma rede que balança — vai e vem, vai e vem... lá e cá... Por isso, quando eu não sei o que fazer com as pessoas, eu as mato. *(Pausa)* Mato dentro de mim, mato aquele momento, mato aquele instante... Bom, estamos aí para aprender e reciclar, não é verdade? Ninguém é tão importante e au-

tossuficiente assim, para se bastar sem ter o outro como referência de si mesmo, ou é? Se eu soubesse a resposta garanto que não estava aqui desabafando e tentando fazer com que me respondessem. Sou uma alma que vaga. Tem vaga? Acha, por exemplo, que a minha postura diante dessa situação está sendo bem executada ou que eu deveria tentar me policiar por algum motivo que agradaria aos outros? Olha, não me responde, porque essa resposta só eu sei. Repetição: repetir, repetir, repetir, repetir... Lugares, pessoas, atos, desato, desastres, fracassos, opiniões, F R U S T R A Ç Õ E S... sei lá... Parece que eu quero libertar a minha alma de certa coisa que tende a me perseguir, e aí? Será que ainda sou aquele que tudo vê? Você consegue me enxergar? Sou eu sim. Sou o que fui e serei o que sou, e isso não dá nenhum tipo de garantia!

Eu me absolvo! M E A B S O L V O! Somente a mim e a mais ninguém, não tenho poder para isso! E, se você quiser o meu perdão, procura ele aí, deve estar perdido em algum lugar. "SOU METAL... RAIÓ, RELÂMPAGO E TROVÃO!"

Eu decidi caminhar, mas para isso eu precisei ir além do olhar, mas, ainda eu preciso agir — ponto de partida, (*Risos*) e eu achei que aqui era o ponto-final! Cadê a outra condução? Sou eu que vou conduzir ou...

... Alguém vai... vamos... Vou...

Eu tenho um desejo: "QUE TUDO SE REALIZE" é meu plano, meu projeto é R E A L I Z A R!... No entanto estou aqui, complacente e paciente, verborragicamente chato e complexo para uns e esclarecedor para outros... mas eu deixo bem claro que estou inteiro aqui. Dando um pedaço de mim para cada um de vocês, e agora vou nessa... Está tudo meio pesado, mas acredito que essa armadura, que me deixa imponente, caia e eu me torne um fiapo... OBRIGADO! Segue o fluxo!

FIM

COSTA VERMELHA

“Nem sempre o que acreditamos ser o melhor caminho leva ao melhor lugar.”

Cada um com seu motivo, cada um com seu destino. Um ônibus, uma estrada e sete histórias cruzadas que parecem seguir o mesmo trajeto, o mesmo lugar, mas não necessariamente com a mesma intenção. *Costa Vermelha* coloca em pauta a discussão das diversas escolhas que fazemos na vida e as suas consequências: filhos, casamento, trabalho, fugas, apego, entre outras.

Texto desenvolvido nas pesquisas do Núcleo de Dramaturgia do SESI em 2010, e encenado em 2015 pelos alunos do módulo “Teatro Contemporâneo” do Curso de Formação de Atores da Cena Hum.

A proposta dramatúrgica do espetáculo abrange artes cênicas e audiovisual, ou seja, os atores interagem o tempo todo com imagens projetadas em painéis que, além de compor o cenário, servem como um telão fragmentado. A ideia é remeter o palco a um cinema em cena: captar os detalhes e pensamentos internos por meio de uma câmera que projeta simultaneamente as reações relevantes do texto e sua intensidade, fazendo com que a cena seja ressignificada pelo espectador.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

KAROL — Karolina decidiu embarcar na viagem para Costa Vermelha muito forte: romper com elos do passado que não têm mais espaço em sua vida;

VITINHO — Viver a vida da forma que lhe convém — esse é o lema de VÍTOR, melhor amigo de KAROL. Ele acredita no momento, no sexo por conveniência e descarta os valores morais;

PECO — Motorista de ônibus desde sempre. Uma pessoa sim-

ples que conhece pouco sobre teorias, mas muito sobre a vida;
ÂNGELO — Recém-casado, em lua de mel com a esposa, sua vida está sendo passada a limpo: suas escolhas, suas relações. Tudo que construiu até agora pode ter sido uma grande mentira;

LYA — Vida fútil e vazia. Acostumada a ter as coisas com facilidade, está em lua de mel com o recém-marido. Sua maior dificuldade é admitir para si mesma o lado negro de sua personalidade — fazer o que realmente quer fazer;

ISOLDA — Pesquisadora argentina que pretende fazer o caminho da Costa Vermelha para investigações e contatos místicos com outras dimensões. Está resgatando sua essência e seus valores perdidos diante de escolhas feitas;

DULCE — Casada, traída, melancólica e insegura. DULCE aprendeu a cuidar mais dos outros do que de si mesma. Está indo visitar o filho Luís, mergulhador em Costa Vermelha.

PERSONAGENS SECUNDÁRIOS:

DUAS AMIGAS DE ISOLDA;

FELIPE;

JOÃO AUGUSTO;

MARIDO DE DULCE;

LUIZ;

MANO;

ENFERMEIRA;

ZECA PAPELOTE.

**CANÇÃO "TEMA DA COSTA",
LETRA DE HUMBERTO GOMES**

Pegadas vermelhas
Na estrada vermelha
Se perdem na imensidão.

São rastros vermelhos
E marcas vermelhas
Histórias do coração

De vidas vermelhas
E almas marcadas de luz e
De escuridão

Olhares que se encontram
Caminhos que se cruzam
Se enlaçam na imensidão

Em Costa Vermelha
As vidas vermelhas
Cada uma em sua direção.

CENA 1

Projeção enquanto público entra.

Atores entram em cena e olham a projeção.

Movimentação cênica com os bancos que compõe o cenário.

DULCE — Quanto tempo leva a viagem?

PECO — Olha, minha senhora, depende muito do fluxo da estrada, principalmente dos caminhões, a pista não é duplicada...

DULCE — Como muitas coisas na vida não deveriam ser.

PECO — A pista é mão única e já aconteceu o caso de as horas triplicarem. Mas a paisagem é linda, garanto que não vão perceber o tempo passar.

DULCE — A paisagem por aqui é bonita mesmo, mas o calor é intenso. Quase insuportável!

PECO — Todo mundo reclama de alguma coisa. Costume do ser humano de chamar as coisas de volta.

ISOLDA — Costuma ir vazio? Somos só nós os passageiros?

PECO — Além de quem está aqui não vejo mais ninguém. Durante a semana a coisa é mais calma. Veio de onde?

ISOLDA — Córdoba, mas estou no Brasil já faz um bom tempo.

PECO — Percebi. O sotaque. Vamos entrando!

LYA — (*Conversando com o marido*) Eu já entendi, querido, só estou um pouco tensa com essa viagem estranha.

ÂNGELO — As passagens estão na sua bolsa?

LYA — Estão na sua carteira.

ÂNGELO — Na minha carteira, que está dentro da sua bolsa.

Ela, que não gosta de perder a razão, pega as passagens e entrega ao motorista.

PECO — Como vão?

ÂNGELO — Tudo certo.

LYA — Esse é o único meio de locomoção que vai até as praias da Bahia de Santa Rosa?

PECO — (*Batendo no ônibus*) Ele conhece bem os caminhos. (*Risos*) Viajamos juntos há 13 anos, fica tranquila. E a paisagem na estrada...

LYA: Já ouvi. É bonita, e o senhor garante que o tempo vai passar depressa, obrigada. *(Sobe e se volta a Peco num rompan-te)* Ah, e calor é quase insuportável!

ÂNGELO — Ela tem uma memória inacreditável.

LYA: Seletiva! Só armazeno as informações que me interessam. Depois jogo fora. *(Entra)*.

PECO — O tempo torna as pessoas intolerantes umas com as outras.

ÂNGELO — Casamos anteontem. É a nossa lua de mel.

O ônibus segue o caminho com todos em silêncio.

CENA 2

Vítor e Karol

KAROL — Está difícil descolar uma carona nessa estrada!

VÍTOR — Se livra dessa merda de uma vez, vende essa porra!

KAROL — Cacete, Vitinho, não aporrinha! Eu deveria ter feito isso sozinha. E já foram dois dias caroneando até chegar aqui, não vou desistir.

VÍTOR — Sou um cara de palavra, nunca te deixei na mão. E não tinha a menor condição de continuar naquele muquifo do inferno!

KAROL — Coincidência ou não, sua briga e minha fuga caíram no mesmo dia! Acena para aquele ônibus, porque já estou bem de saco cheio de sacolejar em boleia de caminhão!

Eles levantam e começam dar sinal para que algum carro pare.

CENA 3

No ônibus, reações diversas dos personagens.

PECO — Por aqui é assim mesmo, os motoristas costumam dar

carona para as pessoas na estrada. Só os carros dos bacanas que não param, mas os caminhoneiros são os mais solidários. Vai saber as intenções, não é! Deve ser molecada fazendo mochilão, tem muito disso por aqui.

ISOLDA — Isso me lembra a primeira vez que viajei sozinha.

PECO — Mas a senhora parece viajar muito agora!

ISOLDA — A primeira que viajei independente de qualquer coisa ou pessoa. Sozinha, eu, a mochila e meus pensamentos.

CENA 4

Os dois na estrada

KAROL — Ele vai parar!

Vítor — Que bagulho esse busão!

KAROL — Então espera a limusine que eu estou indo nessa.

Pegam as mochilas e vão falar com Peco.

KAROL — Oi, nós vamos para Costa Vermelha.

PECO — Vou até a Bahia de Santa Rosa, de lá é seguir por si só.

ISOLDA fala de seu lugar

ISOLDA — Estou indo para a Costa Vermelha!

LYA — Podemos seguir a viagem, por favor?

PECO — A vida é cheia de caminhos, podem entrar. A passagem é por minha conta.

Sobem, os olhares desconfiados dos outros personagens fazem uma leitura de baixo a cima.

KAROL — Eu sou a Karol e ele é...

VÍTOR — Eu tenho boca para falar que meu nome é Vítor. Valeu aí pela carona, tio.

PECO — Podem ocupar os lugares vagos.

CENA 5

MÚSICA + OFF — fica de fundo a cena toda.

OFF DA ATRIZ que faz a DULCE: “Inevitavelmente é preciso que se façam escolhas, coisas são deixadas para trás, pessoas ficam e não há nada que se possa fazer. O tempo é tão relativo”.

FELIPE — Mãe. (*Silêncio*) Já estou com as coisas prontas.

DULCE — Vá com Deus, meu filho, que Ele te proteja, te abençoe e ilumine seus caminhos!

FELIPE — Amém.

DULCE — Se cuida e vê se toma cuidado. Você é muito bom, nem todo mundo é assim. As pessoas só pensam nelas mesmas.

FELIPE — Sei o que estou fazendo, mãe. Calculei minhas escolhas e vou assumir meus riscos.

DULCE — Escolher é um grande risco, Felipe! Eu só tenho você nesse mundo, tanto que batalhei para você ter um futuro brilhante.

FELIPE — Brilhante é o presente que eu tenho, mãe, e a cada dia que passa estou mais convicto disso! E você tem a si mesma, pensa nisso e fica bem!

A imagem dele some.

CENA 6

Foco em Dulce que é surpreendida por uma enfermeira.

ENFERMEIRA — D. Dulce, ele quer vê-la. Pode me acompanhar, por favor?

Da penumbra surge a voz cansada do marido. Sombra na cadeira de rodas.

MARIDO — Dulce!

DULCE — Não acredito em milagres, mas estar aqui diante de você, nesse momento, me faz passar a crer neles.

MARIDO — Tantas coisas ficaram caladas durante todos esses anos.

DULCE — Sempre me calei diante das suas atitudes insensatas, Orlando, aliás, eu desisti de tentar fazer com que você enxergasse a importância de certas coisas.

MARIDO — Você se calou diante de nosso casamento, Dulce, foi por isso que eu me aventurei por aí em busca de um carinho que a sua frieza era incapaz de me dar. Você se calou diante de uma situação que era clara para nós dois, calou o amor.

DULCE — Que amor é esse, Orlando? Amor de sinuca e pinga em mesa de bar que termina na cama de vagabunda? Eu estudei nosso filho sozinha, dando um duro danado. Pagando suas dívidas.

MARIDO — Apesar de todos os barrancos da nossa vida, eu te amei muito. Amei, mesmo não conseguindo te fazer enxergar que eu queria mais do que cobrança ou qualquer outra coisa: eu queria você do meu lado, de corpo e alma! (*Reflete*) Poucas vezes eu tive você inteira, nem do nosso filho eu pude desfrutar, você tomou conta de tudo e o colocou contra mim.

DULCE — Você nunca ofereceu amor a ele, não foi um pai presente. (*Pausa*) Ele ligou e perguntou como você estava, eu respondi: MORRENDO! Para quem nunca esteve vivo, isso não faz muita diferença. (*Longa pausa*) Minha consciência está tranquila.

MARIDO — Estou indo para um corredor cheio de portas abertas e fechadas, pena que a vida nos transformou em dois estranhos. Não assumo a culpa e não culpo você. Obrigado por vir. Dá um abraço no nosso filho. Boa viagem.

A imagem dele some.

Silêncio. A enfermeira reaparece.

ENFERMEIRA — Acabou o tempo.

Enfermeira em tom confidente.

ENFERMEIRA — A senhora teve sorte, alguns pacientes não conseguem se despedir. Sei o quanto é difícil ver o amor da gente acabar assim. Aceita um chá? Um café?

DULCE — Não, obrigada.

ENFERMEIRA — Semana passada faleceu um homem aqui. Eu percebi que tinha filhos de mães diferentes, menina, nem conto a situação. *(Entregando uma xícara de café).*

DULCE — *(Agressiva)* Eu já vou.

Sai atordoada.

Black-out.

CENA 7

Dulce ao telefone. Chove muito.

DULCE — Não estou conseguindo ouvir direito, Felipe. *(Se atrapalha, pegando um papel e caneta dentro da bolsa para anotar)* Bahia de Santa Rosa, agora eu entendi. Região da Costa Vermelha, apenas um ônibus por dia? Obrigada, filho, são só alguns dias para que eu possa me recuperar *(A si mesma)* e faz tanto tempo que eu não te vejo!

Black-out.

CENA 8

DULCE com o motorista e a cesta.

DULCE — Aceita uma fruta? Um pedaço de bolo?

PECO — Aceito, obrigado.

DULCE — Preciso acabar com essas coisas antes que elas estraguem, faz muito calor por aqui.

PECO — Essa noite eu sonhei que uns estranhos me ajudavam limpar a geladeira, tinha uma porção de coisas podres guardadas lá dentro. Só sei que no final eu jogava tudo fora.

DULCE — Se quiser mais alguma coisa é só me pedir. (*Caminha entre os passageiros e oferece a eles o conteúdo da geladeira, estaca diante de Ângelo*) Você tem os olhos do meu filho.

ÂNGELO — Talvez eu seja um tipo comum mesmo.

DULCE — Tem a mesma doçura no olhar. Tenho uma foto para te mostrar.

LYA — Você e essa sua mania de dar atenção para qualquer pessoa que encontra!

Karol e Isolda conversam

ISOLDA — Como soube da Costa?

KAROL — Meus pais se conheceram lá.

Pausa

KAROL — O único encontro dos meus pais aconteceu em Costa Vermelha.

ISOLDA — Vou ver um fenômeno no céu, será visível em raros lugares. Estudo fenômenos astronômicos há alguns anos...

KAROL — E o seu braço? Desculpe a curiosidade.

ISOLDA — Foi um acidente quando morava na Argentina, mas nunca me atrapalhou. Existem situações que acontecem para testar nossos limites. Ou você desiste ou ultrapassa a visão sobre a capacidade que tem de si mesmo.

Trilha, as ações dos personagens continuam: Vitinho olha pela janela, Ângelo e Lya dão suposta atenção para Dulce, Peco dirige atento.

Isolda se levanta. Aos poucos a vibração das personagens vai mudando, vão se deslocando e criam uma festa.

OFF DA ATRIZ que faz ISOLDA — Pensar no futuro, tendo como base o presente, me faz refletir em como a caminhada foi diferente do que eu pensava. Sou o hoje, fui o ontem e serei o amanhã. Sou agora.

CENA 9

Festa Caliente.

Isolda desce do ônibus com duas amigas, vozes no ônibus em tom de festa.

AMIGA 1 — Adoro essa música!

AMIGA 2 — A melhor festa desde que chegamos aqui!

ISOLDA — Eu preciso contemplar um pouco o céu. Muita gente junta me deixa sufocada.

AMIGA 2 — Você não parece animada.

AMIGA 1 — Alguma coisa com o Luiz?

ISOLDA — Está tudo bem entre nós.

Pausa. Silêncio constrangedor, as amigas não sabem muito bem o que falar.

AMIGA 2 — Nossa! Esse mês realmente passou rápido.

ISOLDA — Talvez vocês não entendam o meu “tom” de humor. Podem voltar lá para dentro. Tem coisas que realmente precisamos resolver internamente.

AMIGA 1 — O tempo da Isolda é diferente do nosso.

ISOLDA — Eu vou ficar aqui.

AMIGA 2 — Nós também vamos. Lá dentro está muito abafado e aqui o ar está fresco e o mar está lindo!

ISOLDA — Eu não vou voltar para Floreiras.

AMIGA 1 — Como assim? Enlouqueceu? É o nosso último módulo. Foram dois anos pesquisando as rochas e você sabe o quanto foi complicado conseguir vir para cá e concluir a pesquisa!

ISOLDA — Talvez eu tivesse que chegar até aqui para começar outra história.

AMIGA 2 — Sozinha?

ISOLDA — O centro de pesquisa em astrologia fica perto da-

qui, e é isso que eu quero nesse momento. Esse não é o primeiro e nem será o último rompimento da minha vida.

A festa vai desaparecendo.

Supõe-se que o ônibus parou. E as personagens sutilmente se espalham.

CENA 10

OFF ATOR que faz PECO — Não quero ter que viver tudo isso de novo, sei o quanto as decepções mexem com meu estado e a minha convivência com as pessoas.

PECO — Tem um monte de carros parados, parece um acidente.

LYA — Acidente?

PECO — Um acidente daqueles!

VÍTOR — Vamos ficar parados aqui?

PECO — Provavelmente.

Dulce ainda com Ângelo e Lya.

DULCE — O mesmo olhar! Estou impressionada.

LYA — A senhora gosta de insistir nas histórias. Já vi a foto e reafirmo: uma vaga lembrança.

ÂNGELO — Achei meio parecido. *(Bem-humorado)* Que bom que ele é boa-pinta, não é D. Dulce?

DULCE — O Felipe é mergulhador na Bahia de Santa Rosa, se vocês precisarem de alguma orientação para mergulho eu posso pedir.

ISOLDA — Qual idade dele?

DULCE — 25.

KAROL — A senhora o teve bem nova, então?

DULCE — Com 19. Foi bem triste. O pai me deixou quando descobriu. Voltou depois.

LYA — Essa história de ter dúvida e voltar depois realmente não combina comigo. Só faço as coisas com plena certeza.

Pausa cênica.

PECO — Parece um acidente. Um acidente daqueles!

ISOLDA — Caí de uma forma inenarrável. O impacto foi tão forte que sinto até hoje.

ÂNGELO — Só senti a cabeça do pobre gato batendo no escapamento.

VÍTOR — Quando caiu não houve tempo de frear. Correu, tropeçou. Morreu.

LYA — Caíram no chão. Todos os meus bibelôs. Nunca encontrei uma coleção como aquela.

KAROL — Caiu de cama. Foi internada num sanatório. A verdade ninguém sabe. Ninguém soube.

DULCE — Caiu. Caiu sim! Caiu o queixo da família quando souberam da gravidez.

ÂNGELO — Já me levantei, agora não caio mais.

OFF ATOR que faz ÂNGELO — Tudo o que eu mais quero é saber quem eu sou e me descobrir. Ter mais segurança e ser autossuficiente. Pensar assim sobre a felicidade é errado?

CENA 11

Ângelo e o catador de papel.

ZECA — Tem fogo, moço?

ÂNGELO — Oi?

ZECA — Está distraído? (*Ri, tentando impor medo em ÂNGELO*) Te assustei? Às vezes não são os anjos que aparecem. Hoje, por exemplo, fui eu! (*Ri*).

ÂNGELO — Não tenho nenhum dinheiro, e não tenho fogo. Aliás, eu parei de fumar e era o que você devia fazer.

ZECA — Não pedi dinheiro e nem a sua opinião! (*Pausa, pega uma garrafa de bebida e toma; oferece a Ângelo que toma um grande gole*) Vi várias estrelas cadentes hoje.

ÂNGELO — Fez algum pedido?

ZECA — Algumas coisas não vão mudar mesmo, então eu prefiro acreditar que as estrelas são as lágrimas dos anjos velando pela humanidade.

ÂNGELO — Sabe quantas pessoas iguais a você que eu encontro no meu dia a dia?

ZECA — Nenhuma!

ÂNGELO — Vem cá, meu amigo, como é seu nome?

ZECA — Zeca Papelote. Minha mãe era devota de S. José. O papelote eu ganhei da vida.

ÂNGELO — Pois é, Zeca, você já enganou alguém?

ZECA — Eu jamais "me" enganaria.

ÂNGELO — Eu vou me casar.

ZECA — Parabéns!

ÂNGELO — Boa noite.

ZECA — Tudo é questão de caminhar, seguir em frente. Muitas pessoas caminham lado a lado e isso não significa que estão caminhando juntas, nem indo para o mesmo lugar.

ÂNGELO — (*Desdenhando*) É poeta?

ZECA — A vida diz tudo e nada ao mesmo tempo. Poesia é a gente que faz. Poesia são as entrelinhas, são as coisas pequenas que acabam passando batido, ou você nunca parou para perceber a metáfora da sua vida?

Black-out.

CENA 12

Lya desce do ônibus de véu e grinalda, falando ao celular.

LYA — Oi, meu amor. Ai, não puxa! Foi o véu, querido. Pense que daqui uma hora estaremos casando! *(Pausa)* Aconteceu alguma coisa?

ÂNGELO — Eu só queria ter coragem para dizer que eu não te amo, Lya. O que eu sinto por você, nem sei explicar direito o que é! Pode ser comodismo ou, como dizia minha tia Helena: costume. Sei que, mesmo estando a um passo do altar, eu desistiria desse casamento. Mas o que vão pensar? Decerto vão duvidar da minha masculinidade.

LYA — Aposto que o seu rosto está pálido, as mãos suadas e os olhos cheios d'água. Cuidado com as flores do buquê!

ÂNGELO — Eu devo admitir que sou um homem sensível, digo até que sou "feminino". Será que me apaixonei por sua praticidade masculina? Você não é prática, me trata como um bibelô. Você me tem nas mãos, e só por isso que vamos nos casar! Sou um fraco e faço todas as suas vontades. Eu tinha um trunfo nas minhas mangas, quando conquistei a confiança do seu pai, mas a carta que bateu o jogo foi a tua!

LYA — Querido, fica aí que vou atender a outra linha. Oi, nem pense na possibilidade de erros, casamento é uma vez na vida e, se erram as cores dos arranjos, eu nem sei do que seria capaz. Quantas e quantas reuniões e revisões foram feitas para deixar tudo em dia.

ÂNGELO — Eu transei com uma de suas amigas uns dias atrás... Mesmo assim você se casaria comigo. Sem contar as várias vezes que saí por aí, vagando feito um puto, e descarregando toda essa ânsia que eu tenho de fazer sexo sujo. Mas minhas trepadas com você se resumem a linho e algodão puro. *(Pausa)* Seu irmão está indo te buscar? Espera! Eu tenho uma coisa importante para te dizer...

LYA — Então diz logo de uma vez!

ÂNGELO — Não existem voos para Costa Vermelha. Do aeroporto mais próximo sai um ônibus e vai demorar.

Passagem de tempo com efeito das personagens.

OFF ATRIZ que faz LYA — Mudar o que deve ser mudado para chegar ao futuro almejado. É difícil visualizar o futuro com pessoas que você não quer que façam parte dele.

CENA 13

PECO — Gosta desse lugar?

ÂNGELO — A paisagem é estonteante! Sabe se ficaremos muito tempo parados?

Silêncio. Trocam olhares.

PECO — Olha, para falar a verdade...

Todos se aproximam para ouvir a explicação de Peco.

Ele se apavora. Um som intenso de um caminhão freando e efeitos de luz.

Um grito de Peco.

PECO — Cuidado!

Personagens congelam estatelados.

Vitinho olha atentamente para um canivete que tira do bolso.

OFF ATOR que faz VÍTOR — Todo mundo tem dois lados. Todo mundo tem dois olhos, direita e esquerda, Tico e Teco, todo mundo normalmente fica em dúvida entre duas coisas: dois caminhos, dois amores, dois trabalhos... o impulso resolve a dúvida.

PECO — O jeito é aproveitar a viagem com seus tempos e contratempos.

Olhar de Ângelo e Karol se cruzam, sorriem. LYA o abraça, percebendo o clima.

VÍTOR — (*Guardando o canivete no bolso*) Na velocidade que o senhor estava andando e mais essa complicação toda, essa viagem vai levar uns três dias. (*Ri com sarcasmo*).

PECO — Conheço bem a estrada, rapaz, não me arrisco nela. (*Sério*) Vou dar uma checada para saber o que aconteceu.

DULCE — Querem comer alguma coisa? Tomar um café? Eu trouxe uma térmica.

Ninguém responde. Vitinho está longe de todos, Dulce se aproxima dele.

DULCE — Você não comeu nada, meu filho. Quer um café?

VÍTOR — (*Com uma falsa doçura*) Obrigado.

DULCE — (*Servindo*) Seu nome é Vítor.

Ele afirma com a cabeça

DULCE — Soa-me Vitorioso! Você deseja ser uma pessoa vitoriosa, não é, meu filho? Para isso nunca deve perder a fé em Deus, reze para ele e peça que ele te abençoe sempre.

Vítor toma o café e acende um cigarro.

DULCE — Fumar faz mal, a sua mãe deve ficar triste com você.

VÍTOR — Eu não tenho mãe.

DULCE — Desculpa.

VÍTOR — Ninguém é obrigado a saber sobre a vida de quem não conhece, não é mesmo?

DULCE — Pega um bolinho para acompanhar o café, é bom para adoçar a vida. Você tem quantos anos?

VÍTOR — Fiz 20, semana passada.

DULCE — Eu tenho um filho de 23, ele é mergulhador, estou indo visitá-lo.

VÍTOR — A senhora contou.

DULCE — Tenho mania de repetir as coisas, isso incomoda as pessoas.

VÍTOR — Pense que ainda não contou nada para mim.

DULCE — Você é um bom rapaz.

CENA 14

Flashback de Vítor. Um cara mal-encarado aproxima-se.

MANO — E aí, piá de merda, descolou os lances que eu pedi?

VÍTOR — Pega leve que o negócio está feio lá no colégio. Os “homem” tudo caindo de pau nos lance. Fui parar na diretoria por causa do verde que joguei na mão de uma galera.

MANO — Eu estou pouco me lixando se está feio ou se tá bonito. Se quiser dividir o barraco comigo, vai ter que rebolar e me trazer a grana!

VÍTOR — Eu vou trazer, cara, calma aí.

MANO — Faz isso rápido! Se o esquema está sujo na escola: vai comer bunda de bacana e traz a porra da grana! Agora vai, vaza! Sai fora que eu estou loco para dar uma bombada na minha galega e não quero viadinho batendo punheta atrás da porta! (*Enxota Vítor*) Ô, Galega, vem cá que eu estou estourando de tesão!

Sai.

Encontra Karol.

VÍTOR — Figura difícil de achar, hein!?

KAROL — Eu assisto aula, ao contrário de outros por aí, que se folgam e não pensam no futuro! E vê se não me enche hoje, está? O clima lá em casa está bem pesado por conta das minhas notas.

VÍTOR — (*Desdenhando*) As notinhas da Karolzinha, que vai prestar vestibular para conviver com os bacanas e a titia se orgulhar! Se liga! Cursinho não leva a nada.

KAROL — Já falei para não me encher o saco, Vítor! Não diz o que você não sabe, beleza? Eu dou um duro danado, tomando conta de criança, para ter grana e pagar a porra do cursinho!

VÍTOR — Parei! Quero saber o seguinte: tem uma grana aí para me emprestar? Semana que vem te pago.

KAROL — Estou zerada, Vitinho.

VÍTOR — E aquele teu anel lá?

KAROL — Já falei que o anel não, porra! Mas o lance é o seguinte: está ligado aquele cara que eu tô saindo?

VÍTOR — O bacana de cabelo raspado?

KAROL — Ele mesmo, o nome dele é Lucas.

VÍTOR — Que é que tem?

KAROL — Ele está a fim de pegar uns lances e pediu para eu falar com você.

VÍTOR — Opa, aí é esquema! Para quando ele quer?

KAROL — Para ontem! Anota o número aí.

VÍTOR — Valeu, princesinha da periferia!

OFF ATRIZ que faz KAROL — Algumas coisas na vida são difíceis de resolver, outras tentamos resolver ou fingimos tentar. Existem aquelas que não se resolverão nunca, por mais que a gente queira.

CENA 15

Personagens formam uma fogueira.

Passagem de tempo com efeito de luz. Isso acontece três vezes.

Isolda tira foto das pessoas que conhece.

ISOLDA — Nunca precisei de ninguém para ser feliz.

DULCE — Um ano depois, meus pesadelos entraram pelo portão.

VÍTOR — Eu matei o meu irmão.

LYA — Lista de desejos, lista de compras, lista de festa, lista dos móveis.

KAROL — Já viajei tanto de carona, mas nunca embarquei dentro de mim.

ÂNGELO — Carrego no meu peito uma bomba relógio.

CENA 16

KAROL olha o anel, ISOLDA se aproxima.

ISOLDA — E esse anel?

KAROL — Foi um presente da minha mãe, antes de ela morrer.

ISOLDA — Eu adoro anéis, tive um lindo!

KAROL — Perdeu?

ISOLDA — Devolvi. Posso ver?

ISOLDA pega o anel, flashback com LUIZ.

ISOLDA — É lindo, bem diferente.

LUIZ — É uma aliança maia, significa união dos seres.

ISOLDA — União?

LUIZ — Isso não é um pedido de casamento, ela só tem um significado, e pensei que, depois desse tempo juntos, você gostaria de um símbolo para nossa relação.

ISOLDA — E desde quando relação precisa de símbolo?

LUIZ — Está com medo? Medo de quê?

Pausa.

LUIZ — Medo de fantasma?

ISOLDA — Eu já caí tantas vezes, Luiz... A minha vida começou com uma queda implacável, e você sabe disso, mas a impressão que eu tenho é que existem muitos abismos entre os horizontes, e permanecer neles por muito tempo pode me limitar.

LUIZ — Se cair, eu te seguro.

ISOLDA — No começo tudo é garantia, tudo é segurança, tudo é expectativa maquiada de esperança. Meu horizonte é só, minha queda é só e o meu levantar também é. Sempre foi. Não posso dividir tudo isso com alguém nesse momento, talvez eu nunca queira dividir isso com qualquer outra pessoa. Acredite ou não, com você foi com quem fui mais fundo, mas o fundo me sufoca e me oprime. Já segurei a corda e estou voltando para estrada.

Isolda devolve o anel para Karol.

KAROL — Perdeu?

ISOLDA — Devolvi. Preciso dizer que o seu anel tem uma carga de energia vibrante, tão forte quanto o que devolvi.

KAROL — Foi presente do meu pai para minha mãe. Ele colocou no dedo dela, depois que fizeram amor nas pedras da Costa Vermelha. Loucura de história, não é? Nunca vivi um amor assim, louco e intenso. *(Olha para Ângelo).*

ISOLDA — Alguns momentos são singulares.

KAROL — Isolda, você acha que os argentinos amam de forma diferente?

ISOLDA — O que você quer dizer com isso, menina? Amor é amor em qualquer lugar. O que muda são as pessoas.

KAROL — A expressão do amor é cultural?

ISOLDA — Conheci muita gente diferente, o amor que senti por cada uma foi diferente também, até porque eles eram pessoas diferentes. *(Risos)* Eu fui me tornando uma nova pessoa a cada uma dessas relações. Na verdade, tudo isso acontece independente de onde se tenha nascido. Ou renascido.

Silêncio

KAROL — O meu pai era argentino.

ISOLDA — E você já foi para lá alguma vez?

CENA 18

KAROL muda bruscamente sua expressão.

Vítor, de costas, sendo chupado pelo "bacana". Ele tem nas mãos notas de dinheiro, que coloca no bolso de trás da calça.

VÍTOR — Engole bacana, ele é todo seu! Depois vou colocar todinho em você! E, se rolar mais aquele bônus, eu deixo você colocar em mim também!

KAROL *respira fundo.*

KAROL — VÍTOR!

VÍTOR — Porra, o que aconteceu com você?

KAROL — Não encosta em mim, seu nojento! Era para vender o bagulho para o Lucas, e não o corpo!

Vítor a sacode.

VÍTOR — Esse cara é um bosta de um mauricinho que gosta de sentar numa vara e chupar um cacete, quando está sob o efeito do pó.

KAROL — Não quero ouvir, Vítor!

VÍTOR — Esses caras, quando estão em sã consciência, se divertem xingando de veadinho, na rua, os moleques que despertam tesão e sentimentos podres dentro deles! Aí, depois, eles vão comer as namoradinhas babacas! E se elas não quiserem dar, sabe o que acontece, sua idiota? Sabe? Eles vão procurar as ingênuas “putinhas” iguais você (*Ri com sarcasmo, tira um tubinho do bolso e dá uma cheirada*). Ou procuram os “putos” que precisam de dinheiro como eu!... CARALHO, eu falei para você penhorar a porra do anel! Cadê a merda desse anel?

Volta para Dulce. Mesmo instante da cena que eles conversavam.

DULCE — Você é um bom rapaz. Precisa apenas de cuidado, meu filho, boa alimentação e alguém para cuidar de você. Eu costumo sentir como as pessoas são, logo de cara, acho que isso é um dom.

VÍTOR — A senhora está querendo me adotar, é? Olha que eu não consegui morar nem com meu irmão! Sangue do meu sangue!

DULCE — Vamos combinar assim: serei sua mãe adotiva pelo menos até o final dessa viagem. (*Ela faz um carinho nele, ele beija sua mão*).

Peco se aproxima.

PECO — Pessoal, o negócio é o seguinte: ficaremos parados pelo menos umas duas horas.

ÂNGELO — Menos mal.

PECO — Menos mal é que o senhor não viu a trombada que a carreta deu com duas vacas lá na pista! (*Percebendo que os pneus do ônibus estão furados*) Eu não acredito nisso! Como é que foi acontecer? Esses malandros sorrateiros de beira de estrada não valem nada mesmo!

DULCE — Acidentes sempre me deixam nervosa.

LYA — Fica calma. (*Sarcástica*) Ele disse vaca, e vaca não é gente.

KAROL — O senhor tem estepe?

PECO — Está meio capenga, mas tenho. Só para um pneu! O filho de uma mãe furou dois!

ISOLDA — Pode ter sido algo na pista. Um prego, um buraco.

LYA — Como é que um veículo responsável em transportar pessoas não tem uma infraestrutura para bancar um imprevisto?

PECO — Imprevistos sim, fatalidades não.

CENA 19

Peco está sentado, cabisbaixo e nervoso. Tem a respiração ofegante e os olhos esbugalhados. Delegacia.

PECO — (*Alguém digita enquanto ele responde*) Já entreguei os documentos sim, senhor. Obrigado, eu não tomo chá. Só café, para me manter acordado. Nunca dormi no volante, isso eu posso garantir. 18, 28, 38... São 27 anos de carteira e 25 de estrada. Industrializados, líquidos, tanta coisa... até gado eu já transporte! Grãos de soja, há mais ou menos sete meses, quase oito.

KAROL — No noticiário sempre distorcem as coisas. Todo mundo é bandido e nunca ser humano.

LYA — Éramos uma família feliz, e meu pai sempre gostou de viajar de carro, por mais longe que fosse, ia sempre cantando, conversando.

ÂNGELO — Meu pai parou de dirigir... teve que vender o carro. Pelo menos comigo, nunca fez uma viagem.

PECO — Solteiro. Tenho dois: um menino e uma menina. Não, senhor, sempre respeitei os limites de velocidade! É só puxar meu histórico para ver, realmente não sei o que aconteceu... Quer dizer, sei sim, senhor! Estava preocupado com o prazo da entrega no dia seguinte. Noite estava clara, iluminada pela lua... Aproveitei para sair um pouco da linha, dei uma chinelada para ganhar tempo.

DULCE — O que é para ser, é. Às vezes você repete sempre a mesma coisa, do mesmo jeito, e, quando resolve fazer diferente, percebe que algo muda. Nem sempre para melhor.

PECO — Não uso nada, não. Pode pedir um exame, garanto que não vai encontrar nada de errado. O que eu posso dizer é que tinham muitas curvas, e segurar o caminhão naquelas decidas nem sempre é fácil.

LYA — Meu irmão estava dormindo no colo da minha mãe. O carro falhou, meu pai se assustou, meu coração pressentiu. Só deu tempo de ver a luz forte.

Entra sonoplastia de caminhão na estrada, e a luz vai aumentando gradativamente como o som e a buzina.

KAROL — Sabe quando a luz da TV invade seu quarto, e você quase não consegue enxergar porque estava dormindo?

PECO — Não sinalizaram! Não tinha triângulo, cone, o escambau! Colocaram apenas uns galhos logo depois da curva.

Buzina sobe, luz intensa. Personagens arregalam os olhos.

PECO — Cuidado!

Reações das personagens.

Silêncio.

ISOLDA — Tive um pesadelo horrível.

PECO — Está dizendo que não foi um imprevisto? Como assim, fatalidade? Todo mundo? Ninguém? A família inteira entre as ferragens, cobertos com os grãos de soja...

Sirene.

CENA 20

Noite. Cansados.

KAROL — Por que você escolheu a Costa para ver os fenômenos no céu?

ISOLDA — O lugar para visualizar faz toda a diferença.

VÍTOR — Você acredita que essas paradas podem mudar a vida das pessoas?

ISOLDA — Nós mudamos nossas vidas. Nós fazemos o que bem entendemos com ela.

DULCE — E depois arcamos com as consequências.

LYA — Li uma matéria sobre a Bahia de Santa Rosa e sua influência astral, mas não foi isso que me atraiu. Saco, o celular está sem sinal!

ÂNGELO — Controla essa ansiedade, Lya!

LYA — Estar parada nesse lugar há quase 2 horas e 47 minutos, vendo os carros passarem, pode justificar isso, não acha?

ÂNGELO — Sabe mais alguma coisa sobre a Costa, Isolda?

ISOLDA — Quando eu estudava geologia, tive um professor especialista nas relações dos fenômenos naturais e as ciências ocultas. Ele disse que as rochas que formam a Costa Vermelha têm o poder de magnetizar as intenções, sentimentos e desejos das pessoas.

Off da mãe de Karol.

OFF MÃE — Sob o luar daquele lugar mágico, ele pegou a minha mão direita e colocou no meu dedo anelar... Algo, lá no fundo de mim, desejava nunca mais esquecê-lo.

ISOLDA — Muitas pessoas não se aproximam de lá, porque temem os resultados da visita.

DULCE — Deus queira que meu filho nunca tenha visitado esse lugar!

LYA — Se ele é mergulhador, duvido que não tenha ido!

ISOLDA — Eu vou contemplar o céu, mas antes vou fazer as pazes com as rochas.

Passagem de tempo.

CENA 21

OFF ATRIZ que faz Karol — Eu ainda posso dizer que tenho esperança. Meu coração não é duro, embora eu permaneça firme e resistente diante de certas coisas.

KAROL levanta. ÂNGELO acorda, observa-a e aproxima-se.

ÂNGELO — Sem sono?

KAROL — Estou preocupada com a situação.

ÂNGELO — Eu também.

KAROL — Deve ser difícil encontrar um borracheiro por aqui a essa hora.

Silêncio.

ÂNGELO — Em busca de aventura na Costa?

KAROL — Uma promessa que eu fiz.

ÂNGELO — Religiosa?

KAROL — Para mim mesma.

ÂNGELO — Você estava aí toda reflexiva e eu cortei o seu barato... *(Vai saindo).*

KAROL — Prometi uma coisa para minha mãe, antes de ela morrer, e vou cumprir. *(Pausa)* Sua esposa não deve estar acostumada com esse tipo de situação. *(Acha engraçado e se constrange, percebe que ele está rindo e volta a rir também).*

ÂNGELO — Algumas situações deixam a vida mais engraçada.

KAROL — Você faz o quê?

ÂNGELO — Prédios. (*Brincando*) Vou colher mostras de rochas para futuras construções.

KAROL — Sério?

ÂNGELO — Tentei ser humorista, mas a engenharia civil me perseguiu, não teve jeito.

KAROL — Deixa adivinhar: você tem um escritório próprio, que fica em um mega edifício projetado especialmente por você!

ÂNGELO — Trabalho para o pai da minha esposa.

KAROL — Terminei o segundo grau um pouco atrasada. (*Pausa*) Bem atrasada, diga-se de passagem. Talvez eu preste vestibular para História e me torne professora, ou apenas faça um curso técnico de secretariado executivo, ficamos amigos e você me contrata para trabalhar. (*Risos de ambos*) Ou, quem sabe, eu fique por aqui, mude de nome e de personalidade, e esqueça tudo e todos, mas só depois da promessa.

OFF DA MÃE — Promete que vai jogar o anel do alto das rochas da "Costa", promete?!

ÂNGELO — Talvez eu me jogue do alto de uma rocha.

Karol pega o anel, Ângelo pede para ver e o experimenta. Lya acorda, ele vai até ela e dá um beijo.

LYA — (*Dá uns beijos mecânicos nele*) Acho melhor você guardar essa disponibilidade para o quarto do hotel, preciso de um banheiro. Esse chão está muito gelado, e o motorista? Desapareceu? (*Ele acaricia o rosto dela e tenta dar mais um beijo*) Não estou com cabeça para trocar carinhos!

Lya levanta.

CENA 22

LYA — Como você entrou aqui, João Augusto?

JOÃO — Pela porta.

LYA — Eu vou me casar daqui a pouco, ficou maluco? Imagina se alguém entra aqui e pega a gente?

JOÃO — Acha que eu ia deixar a noiva entrar na igreja, antes de fazê-la relaxar de um jeito que só eu sei?

LYA — Quando disser sim, vou olhar para você ao lado da Bia, sorrir e pensar o quanto eu gostaria de estar no lugar dela!

Ele a beija.

JOÃO — Eu com a Bia, você com o Ângelo. Nós, um caso a parte. Sempre assim.

LYA — Falsos compromissos para o resto de nossas vidas.

JOÃO — O perigo com você é bom!

LYA — Não existirão outros olhos mais importantes que os seus.

Lya atende o celular

LYA — Oi, meu amor. *(João a puxa e beija seu pescoço)* Não puxa! Foi o véu, querido. Aconteceu alguma coisa?

ÂNGELO tenta dizer algo e não consegue. Respiração profunda. Repetição da Cena 13.

ÂNGELO — Eu só queria ter coragem para dizer: eu não te amo, Lya. O que eu sinto por você nem sei o que é! Comodismo, "costume". Mas o que vão pensar se eu abandonar você no altar?

LYA — Quem está parecendo a noiva é você, meu bem! Posso até ver o seu rosto pálido, as mãos suadas, os olhos cheios d'água... *(João brinca com as flores)* Cuidado com as flores do buquê!

ÂNGELO — Seu pai me tem nas mãos, por isso vamos nos casar. Velho salafrário, filho de uma puta. Me comprou... Eu me vendi. Sou um fraco, ingênuo e obsessivo por dinheiro.

LYA — Querido, fica aí, vou atender a outra linha. *(Beija João, despedem-se).*

ÂNGELO — Consegui a confiança de seu pai, e ele a minha alma em troca de uma cadeira cativa na construtora! Se você soubesse que transei com uma de suas amigas, semanas, no banheiro do buffet, eu até gozei! Foi tão bom!

LYA — Mas o que foi, Ângelo! Tem alguma coisa relevante para me dizer?

ÂNGELO — Tenho sim. Tenho algo para lhe dizer.

Emudece.

LYA — Então diz logo de uma vez! Não vamos perder mais tempo!

Entram de volta no ônibus, que segue viagem.

CENA 23

Todos dentro do ônibus.

PECO — Foi escurecendo e ficando cada vez mais difícil encontrar ajuda. Sem dúvida essa é a jornada mais longa que já fiz.

ÂNGELO — Sempre trabalhou como motorista?

PECO — Comecei dirigindo carrinho de mão na olaria do meu avô, depois trator. Com 20, eu peguei o caminhão e saí mundo afora.

ÂNGELO — E o ônibus?

PECO — Coisas da vida. Fatalidades. *(Pausa)* Meu lema sempre foi “devagar eu chego lá”, um dia abusei um pouco e foi o que bastou para virar um fardo.

ÂNGELO — Cada um carrega o seu, mesmo que não pareça.

VÍTOR — Estou apertado, preciso descer.

PECO — Aqui é ruim de parar. Pode aguentar um pouco?

VÍTOR — Preciso descer para dar uma aliviada.

OFF VITINHO — Preciso desaparecer, antes que esses idiotas sintam falta das coisas. Pego outra carona, quem sabe dou sorte e aparece outra oportunidade arregada!

VÍTOR — (*Sobe o tom*) Eu preciso descer agora!

KAROL — Descer para quê?

VÍTOR — Cala boca, você não tá ligada no meu movimento interno, então não se mete!

ÂNGELO — Hey! Calma aí, amigo. Olha o jeito que você está falando com ela!

VÍTOR — E aí, Peco, vai parar ou não?

PECO — Mais para a frente!

VÍTOR — Puta que pariu! (*Saca uma arma, exaltado*) Para essa porra agora, antes que eu seja obrigado a fazer alguma merda!

Freada. Peco para. Vítor desce apontando a arma, sai correndo.

Nova freada. Ação e reação das personagens.

PECO — Cuidado!

Black-out.

CENA 24

Vítor está estirado no chão entre notas de dinheiro e os pertences dos personagens.

Karol desce do ônibus e é amparada por Isolda e Dulce. Peco e Ângelo rapidamente correm até o corpo e o tiram do meio da pista. Lyá só dá devida importância ao fato quando percebe os pertences no meio da estrada, e corre para recolhê-los.

LYA — Minhas coisas! Minha carteira de couro! Ladrãozinho de quinta! É melhor correr e verificar todas as coisas. Vamos

revistá-la: diga-me com quem andas que te direi quem és, não é verdade?

ÂNGELO — (*Severo*) Cala a boca!

PECO — Não há o que fazer, o filha da mãe acelerou e foi embora.

Dulce vai até o corpo. Acaricia o garoto, pega um lenço, limpa a arma e a guarda em sua bolsa. Tira um colar de crucifixo e coloca nas mãos de Vítor.

DULCE — Deus te perdoe por tudo que fez, meu filho. Que Ele te receba de braços abertos no reino dos céus!

Silêncio. Lya revira a bolsa.

Enquanto Karol dá seu texto, Vítor levanta e senta na beirada do palco.

KAROL — Eu temia muito que um dia você partisse de uma maneira trágica, meu amigo. Temia que o seu anjo de guarda apagasse sua vela em um momento inesperado como esse, agora. Vendo você assim tão indefeso, tão frágil, tenho a sensação nostálgica de todas as partidas e separações que vivi. Nunca tive raiva de você, nem guardei rancores, pelo contrário. Por incrível que pareça, você me encorajava, mesmo quando duvidava dos meus sonhos! Me sentia protegida com você por perto, mesmo sabendo que isso representava uma ameaça para os outros. Descanse em paz, que a sua alma não sinta culpa de nada.

Ângelo se aproxima e conforta Karol.

ÂNGELO — O que vamos fazer com o corpo?

LYA — Chamamos a polícia, claro!

KAROL — Não. Vou levar o corpo comigo até a Costa Vermelha, lá será o lar dele.

PECO — Dizem que o caminho é perigoso, nunca segui pelas estradas da Costa, mas sempre tem uma primeira vez para tudo.

Projeção de uma fogueira — é o corpo de Vítor sendo queimado.

Eles chegam em Costa Vermelha. Estacam por um momento, diante da imensidão, do horizonte. Pouco a pouco, chegam à beira do penhasco, ou não.

Ângelo olha firmemente para Lya, que continua sentada.

Dulce faz o sinal da cruz e entra no ônibus. Senta de costas.

Peco segura na mão de Isolda e, depois, dá um caloroso abraço em Karol. Cria coragem para enxergar além de si mesmo e se emociona com isso.

Lya tira a aliança e entrega bruscamente para Ângelo. Ele se afasta.

Karol joga o anel.

Ângelo joga as alianças.

O vento sopra respostas para aquelas vidas que, resolvidas ou não, estacam diante da imensidão de Costa Vermelha.

Projeção de um anel caindo, batendo nas rochas.

FIM

MINHA VIDA EM RETICÊNCIAS

Inspirado na obra *Amor Líquido*, do filósofo contemporâneo Zygmunt Bauman, o espetáculo constrói relações de solidão por meio da visão que temos do outro, não só pelos olhos humanos, mas também o olhar construído pela exposição das mídias sociais recorrentes da evolução tecnológica — tão presente nas relações contemporâneas —, questionando sobre quais são os riscos de viver e conviver em nosso líquido e reticente mundo interno advindo da modernidade.

Dramaturgia elaborada a partir de construções de cena, debates e criações com alunos do CEPCEH (teatro contemporâneo) relacionados à obra *Amor Líquido*, de Zygmunt Bauman. Encenado em 2015 no Teatro Cena Hum.

Concebido para ser realizado em palco italiano ou em espaços alternativos, tais como salas de aula, salas de ensaio etc.

PERSONAGENS

KLAUS;
REGINA;
SONINHA;
TALES;
NATHÁLIA;
LAURA;
ANA;

CENA 1 — TEORIAS DE MINHAS PONTUAÇÕES

Trilha para entrada do público

Os atores estão em seus respectivos e solitários mundos. Luz fria. Eles repetem uma sequência de sete movimentos inspirados nas imagens mais comuns das redes sociais.

KLAUS — As reticências marcam uma suspensão da frase, as reticências estão diretamente ligadas à nossa natureza emocional. Vamos fazer um teste: pense nesse momento na quantidade de frases sem conclusão que você costuma dizer durante o dia... (*Pausa reticente*) Agora pense na quantidade de ações que não se tornaram completas pelo uso das reticências...

REGINA — Uma reticência pode indicar também a continuidade de uma ação, de um fato. Pode existir uma continuidade no que parece um fim, a pontuação é algo pessoal.

LAURA — Suspensão, interrupção de um pensamento. Bloqueio da mente. Falta de coragem, não ação.

SONINHA — Hesitação. Pensar muito nos torna reticentes, agir por impulso pode nos tornar reticentes depois. Um eterno paradoxo.

ANA — Citações incompletas, vida incompleta. As reticências separam qualquer indicação de ordem explicativa, comentário ou reflexão. Vácuo, buraco, vazio.

TALES — Reticências delimitam o período de vida de uma pessoa, uma indicação cênica em uma peça de teatro, possibilidades ou alternativas de... (*Pausa*) Preencha a lacuna.

NATHÁLIA — As reticências são, na escrita, a sequência de três pontos (*Todos fazem o sinal...*) no fim, no início ou no meio de uma frase. No fim, no início ou no meio de qualquer situação, no fim, no início ou no meio de... (*Pausa*) de algo que podia ser... Mas que não é.

LAURA — As coisas nem sempre precisam fazer sentido ou ter um sentido, até por que...

SONINHA — Creio que protagonizo muitas histórias que não são minhas...

ANA — Sorte! Quero ter sorte mesmo sabendo que a sorte...

KLAUS — Não planejo, planejo, planejei. Não crio expectativas, eu já as criei nas reticências que deixei.

REGINA — Agora mudar, agora pensar, agora, perdoar, agora voltar atrás. Agora, agora, agora...

TALES — Você deixou ou foi deixado? E amor fica por conta própria ou ele é próprio?

NATHÁLIA — Tudo vaza, meu copo está quase cheio... Meu vaso transbordou. Meus olhos transbordaram.

CENA 2 — AFINAL, QUEM SOMOS NÓS?

REGINA — Regina, dona de casa, mãe, esposa. A Regina sempre...

KLAUS — O marido de Regina, nunca...

SONINHA — Klaus era meu cliente há bastante tempo. Se eu não fosse profissional, me apaixonaria por ele.

TALES — Nunca soube o verdadeiro nome da Soninha. Assim como uma personagem Rodrigueana, seu verdadeiro nome e sua verdadeira face nunca me foram apresentadas. Ela me fazia gozar.

LAURA — Hipnoterapeuta. Tales, bonito, magnético, inteligente e vasculhador de submundos.

ANA — Laura era feliz. Laura é feliz e será que Laura existirá até a felicidade se apresentar para ela da forma que ela espera?

NATHÁLIA — Desde que foi abandonada, Ana ficou um passo à frente, mesmo sabendo que a morte também havia dado esse passo.

REGINA — Nathália era incrível! Nathália chega tarde e sai cedo. Nathália recebe amigos nos finais de semana e sempre ouve música alta. Queria ser como a Nathália.

SONINHA — A felicidade parece plena, vista de fora. Laura enxergava essa plenitude no mundo, nas amigas, mas ela não se via. Laura era transparente ao espelho da alma. Laura era uma vampira de si mesma.

KLAUS — Ana havia sido abandonada por aquele que acreditava que mudaria sua vida. Não que ele não tenha mudado. Ele depositou nela o que havia de mais precioso: um vírus.

ANA — Um homem como o Tales despertava em seus pacientes os mais variados desejos, mas os desejos deles também eram variados. Atrás de uma tela, somos qualquer coisa. Diante dos olhos, somos despidos pela lente do real. Quer me despir?

NATHÁLIA — O marido da Regina não existe, os filhos não existem, a vida dela não existe. Pelo menos a vida que imagino que ela leva não é uma vida que mereça ser levada. A cortina voa, as flores brotam e o cheiro que sai daquela casa é perfeito e aguçam os meus sentidos.

REGINA — Regina.

KLAUS — Klaus.

SONINHA — Soninha.

TALES — Tales.

ANA — Ana.

LAURA — Laura.

NATHÁLIA — Nathália.

KLAUS — Quem somos nós aos olhos dos outros?

SONINHA — Nos olhos dos outros quem somos nós?

ANA — Somos nós, “nós” aos olhos dos outros?

REGINA — Olha, aos olhos dos outros, nós...

TALES — Olhe fixamente para esse pêndulo.

NATHÁLIA — Nós nos olhos.

LAURA — Olhos que olham os nós.

REGINA — Regina.

KLAUS — Klaus.

SONINHA — Soninha.

TALES — Tales.

ANA — Ana.

LAURA — Laura.

NATHÁLIA — Nathália.

Trilha. Eles colocam máscaras em seus próprios rostos.

Eles trocam máscaras — coreografia —

REGINA — Fachada.

KLAUS — Prazer.

SONINHA — Dinheiro.

TALES — Atração.

ANA — Cura.

LAURA — Vida.

NATHÁLIA — Família.

REGINA — Regina.

KLAUS — Klaus.

SONINHA — Soninha.

TALES — Tales.

ANA — Ana.

LAURA — Laura.

NATHÁLIA — Nathália.

REGINA — Pétala.

KLAUS — Porra.

SONINHA — Pau.

TALES — Punheta.

ANA — Padre.

LAURA — Parapeito.

NATHÁLIA — Penteado.

REGINA — Reticente.

KLAUS — Retangular.

SONINHA — Reto.

TALES — Reino.

ANA — Retaguarda.

LAURA — Reticências.

NATHÁLIA — Regime.

CENA 3 — ONDE MORA MEU HORIZONTE?

TINDOLELÊ 1 — “Todo mundo tá feliz?” Edição dessa parte de “Tindolelê”, todos pegam seu celular para fazer uma pose e tiram uma self com extrema felicidade — construída por fora e destruída por dentro. Sustentam até derreter.

Trilha e locução de “a porta da esperança”, eles correm afoitos como se um grande acontecimento estivesse por vir. Acontece uma decepção.

NATHÁLIA — Quantas vezes eu já abri a porta e ela estava vazia? Quantas vezes nós abrimos as nossas portas e somos o vazio.

REGINA — Eu sempre quis encontrar a esperança atrás da porta, mas só encontrei sujeira acumulada. Eu não gosto de sujeira e sempre procuro limpar os cantos, mas a esperança não estava em nenhum deles.

Pausa.

Regina pega um buquê de flores e entrega uma para cada personagem, que desfolha a margarida. Ana arranca o buquê da mão de Regina e lhe dá uma única flor.

REGINA — Bem-me-quer... Malmequer... Bem-me-quer... Malmequer... Bem-me-quer... Malmequer... Às vezes sinto saudades de um tempo que não volta mais, um tempo em que eu resolvia todos os meus problemas com uma flor, e resolvia como seria aquele dia, simplesmente no bem-me-quer... Ou no malmequer... Me sinto muito sozinha, todos os dias eu espero o meu marido chegar do trabalho, ele chega, mas nunca está aqui. Os meus filhos vivem nesta casa: cada um no seu mundo, na sua individualidade, na sua tela, no seu espaço. E eu fico aqui, dia após dia, fingindo que as coisas são assim mesmo e que está tudo bem. Tudo bem? Para quem? Pareço estar em uma história que não é minha, com uma família desconhecida. Mas eu continuo aqui... No bem-me-quer... Malmequer...

CENA 4 — OS DOIS LADOS DA MOEDA

Ana se senta na cadeira. Traz consigo um buquê de flores envolto por um véu preto.

ANA — São vários os tipos de amor: amor de amigo, de irmão, de avô, de mãe. Assim como existem também variados tipos de morte: morte por causa natural, morte por acidente, morte provocada pelo outro e a morte provocada por você mesmo.

É fácil comparar amor e morte. UM ESTÁ SEMPRE LIGADO AO OUTRO. Como um ciclo. O amor nasce; e dele, a morte. Como uma flor. UM BUQUÊ DE FLORES. *(Pausa)* Era o casamento mais lindo, com noivos lindos... dava para ver que eles realmente se amavam. A noiva estava incrível, toda de branco dos pés à cabeça; mas havia algo que chamava a atenção de todos: o buquê de rosas que ela carregava.

Não demorou muito e o buquê foi jogado pelos ares. Ele girava, e girava, e girava... Até que ele caiu e foi despedaçado por aquelas mulheres loucas em busca do amor!

(Pausa, cheira o buquê).

MORTE...

MORTE DO AMOR...

SONINHA *arranca o buquê da mão dela.*

A "sortuda" vai-se embora com um sorriso no rosto, ela vai embora com o que restou do buquê. Ela vai embora com... Nem no amor, nem na morte pode-se penetrar duas vezes. O amor tem que morrer para nascer de novo. COMO UM CICLO. Quando você acha que o amor não vai mais escapar... Ele desaparece, morre, e te deixa apenas com um buquê despedaçado.

...

ANA — Olhando de fora, ela parece normal.

SONINHA — Ela é normal.

ANA — Mas talvez você queira olhar mais de perto.

SONINHA — Necessidade ou escolha?

ANA — Consequência.

SONINHA — Alguém impôs que algo mudasse na sua vida ou foi por escolha própria?

ANA — Em um mundo livre, eu fui obrigada...

SONINHA — Às vezes eu me pergunto: seria mais difícil se eu fosse obrigada ou mais fácil se eu escolhesse? Já ouvi muitas vezes que a gente acostuma e aprende a lidar com a dor.

ANA — Uma dor que sugava o meu peito. Eu era INCONFORMADA. Me perguntava: por quê? Por que eu? E de tanto que a dor me sugou, eu esfriei!

SONINHA — ESFRIEI... Não faço nada por amor. Chega de drama. Eu estou bem. Convivo perfeitamente com a minha vida, ou melhor, profissão. E foda-se! Eu escondo, mas não por mim.

ANA — Eu escondo. Escondo por mim, pelos outros. Escondo da mesma forma que ELE escondeu de mim! Ele me dizia: Amar ao próximo "como a você mesma". Ele me amou tanto, que resolveu compartilhar o seu amor comigo! Amor vestido de doença.

SONINHA — E quer saber mais? Eu não me imagino fazendo outra coisa, e nem vivendo de outra forma.

ANA — Eu não tenho como viver de outra forma.

SONINHA — Saber que algo te consome é a pior das doenças.

CENA 5 — COMUNICAÇÃO FRAGMENTADA

NATHÁLIA — Oi, você está aí?

LAURA — Que bom que você está aí hoje!

TALES — Acabei de chegar... O dia foi cansativo.

NATHÁLIA — Achei que não nos falaríamos hoje. Senti saudades.

LAURA — Hoje foi muito difícil, precisava muito falar com você.

TALES — Estou sempre disponível para você.

NATHÁLIA — Queria conversar com você sobre algo que eu tenho pensado muito.

LAURA — Não consigo mais guardar isso para mim. É mais forte que eu...

TALES — Claro, sabe que comigo você pode falar sobre tudo o que quiser.

NATHÁLIA — Você não acha que já faz um tempo que a gente está só se teclando?

LAURA — Sabe aquilo que eu te contei aquele dia? Acho que não dá mais para fugir disso.

TALES — Tenha calma, tudo tem seu tempo.

NATHÁLIA — Achei que a gente tivesse se curtindo... Tem a ver com a idade?

LAURA — Não, essas coisas não têm a ver com a idade. Têm a ver com a forma que a gente enxerga o mundo.

TALES — Não, só tenho andado ocupado. Tudo vai acontecer na hora certa.

NATHÁLIA — Só espero que essa hora não demore muito.

LAURA — Sinto que a hora está chegando.

TALES — Fique tranquila. Você é muito especial.

NATHÁLIA — Você também é muito especial. Sinto que desta vez vai dar certo.

LAURA — Eu sempre acho que “desta vez vai dar certo”.

TALES — Isso não acontece só com você.

NATHÁLIA — Há muito tempo eu não me sentia assim.

LAURA — Não sei explicar, é uma mistura de dor e felicidade, mas principalmente de alívio. Há muito tempo eu não me sentia assim...

TALES — Faz muito tempo que não me sinto assim.

NATHÁLIA — Agora eu preciso ir. A gente se fala amanhã?

Grande pausa.

OS TRÊS — Beijos. Muitos beijos.

LAURA — Essa foi nossa última conversa. Obrigada por ter me ouvido. Não é fácil encontrar alguém assim nesse mundo de tanta gente dessintonizada.

TALES — Beijos. Sinto que estamos conectados até que a morte nos separe.

LAURA — Morte, delete, tomada, bateria, fim.

CENA 6 — OUVIDOS DA ALMA, VOZ NA ESCURIDÃO.

KLAUS — A todo momento, a todo instante tem sempre alguém com alguma coisa para resolver. Sempre depois ou o agora focado no depois. A camisinha estourou e acho que ela também planejou. Sou sempre tão calculado e frio. Ruim mesmo é ter que pagar pelo erro do outro ou o cálculo do outro, cálculo em que você não gostaria de estar envolvido. Os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda sua vida. Em termos puramente monetários, eles custam mais do que um carro luxuoso do ano, uma volta ao mundo num cruzeiro ou até uma mansão. Ter filhos nessa época deveria ser uma questão de decisão e não de acidente.

Esses dias fui fazer exames de rotina e, logo após coletar sangue, eu estava indisposto. Pensei “um pão de queijo e um café não é má ideia”, mais um dia de atraso não me fará mais ou menos competente. Me dirigi até a cafeteria que, por coincidência, ficava no corredor da maternidade. Sentei ali, e vi os bebês sendo colocados na vitrine, expostos aos flashes, e as legendas, ditas em voz alta, que logo seriam colocadas nas frentes das postagens. O pai, muito afoito, correu para o outro lado da vitrine, não para abraçar os familiares e amigos, mas para ver como haviam ficado as resoluções das imagens, quem havia

comentado, quem havia curtido seu precioso troféu de carne e osso. Uma música da moda começou a tocar na rádio. O funcionário do café dançava como uma bailarina de TV, a enfermeira dublou, o bebê chorou, a família postou e meu olho como há muito tempo lacrimejou, mas não se preocupem, já passou.

...

Regina e o marido no café da manhã, ela prepara tudo com carinho e cuidado. Está sentada esperando por ele. Está bonita, tenta ser provocante e radiante. O marido dá um beijo na testa dela, tira o celular do bolso e começa a teclar.

REGINA — Muita coisa para resolver hoje?

KLAUS — Ahã.

REGINA — Se estiver muito fraco me avisa, que compro outro pó.

KLAUS — Prefiro sem açúcar mesmo.

REGINA — Sua mãe chega de viagem amanhã e vem jantar aqui.

KLAUS — Vou jantar fora hoje à noite. Reunião.

REGINA — Pensei que você pode sair do trabalho e pegar ela no aeroporto e vem direto para cá.

KLAUS — Vou chegar tarde hoje. Tenho compromisso.

REGINA — Klaus, custa você me dar dois minutos de atenção, pelo menos no café da manhã?

KLAUS — Eu adoro seu café, mas o outro pó é melhor. Tenho muita coisa para resolver hoje. *(Levanta e faz menção de sair, lembra de algo e volta)* Você lembra que minha mãe chega amanhã? Pense num jantar ou algo assim e na logística de buscá-la no aeroporto. Me avisa. Pode ser pelo whats. Bom dia!

Regina fica ali, sozinha, parada e com vergonha do desprezo de seu marido.

Laura entra em cena e afaga os cabelos de Regina. Senta no seu colo e começa contar uma história.

LAURA — Você já ouviu falar das araras? Quando seu parceiro morre, ela permanece fiel até o fim, consegue imaginar um amor assim? Uma vida assim? Alguém assim?

Levanta do colo e caminha, olha para cada uma das personagens.

Sabe, é uma pena você ter confirmado aquele evento e não ter ido, uma pena você ter visto aquela foto e não ter comentado, visto aquele post e não ter curtido, uma pena eu ter escrito aquilo para você e você não ter percebido, se não curtiu é porque não leu. Se leu, não gostou ou não entendeu. Burra, burra, burra, BURRA! Você está muito enganado, se acha que não apertar o curtir é a mesma coisa que “não curtir”, não, “não curtir” “é uma pena”. Eu sou uma pena, quero ser leve como uma, mas peso como chumbo. Uma pena mesmo é eu não ter asas, e você não ter vindo segurar minha mão, eu tinha um encontro, mas você... Eu, ela (*Aponta Regina*) se sentia como uma arara sem seu parceiro, mas tudo bem, eu tinha decidido voar sozinha e seria lindo. É verdade que o amor-próprio estimula a gente a se agarrar à vida, a tentar a todo custo permanecer vivo, a resistir e enfrentar qualquer coisa que ponha em risco nossa vida de forma prematura ou abrupta. (*Sobe em uma cadeira*) Sabe, é uma pena que você não possa voar hoje, o dia está perfeito para isso...

Todos gritam “pula, pula”, tiram fotos e fazem sensacionalismo.

Eu sempre achei que o fim era a morte, que depois que fechassem os olhos para sempre, tivesse o último pensamento, tudo acabaria de vez. Como eu queria que fosse verdade.

Regina, que estava de costas, vira abruptamente, aflita e grita.

REGINA — Cuidado, Laura!

Ela pula da cadeira.

LAURA — Por que as pessoas só demonstram o que sentem depois? Quanto afeto, quanta consideração, quantas fotos, álbuns e eventos. Quanta falta de olho e coragem. Quanta coisa rasa, vazia e falsa. Quanto nada dentro do tudo.

CENA 7 — EXCESSO DE NADA

KLAUS — Trabalho, trabalho, trabalho. Contas do mês, TV por assinatura, iPhone, iPad. Ai, que saco, putaria, site sexual, punheta virtual, prazer sem igual, segura, segura, segura. Tira, põe, põe, tira! Mesma cara, mesma cama, mesmo travesseiro. Cheio, cheio, cheio! Ahhh (*Em tom de gozada*).

ANA — Flor, rancor, ardor, andor, medidor de febre, aplicativo de pronta entrega, farmácia, remédio, médico. Forças! Me deem forças! Lady Macbeth, me consuma as entranhas! Tanta gente consumida... Rock Hudson, Cazuza, KLAUS, Russo, Sandra Bréa, Lauro Corona, Thales Pan Chacon, Cláudia Magno, Freddie Mercury, Filadélfia, minha vizinha, o dono do bar, notícia, coquetel, meu noivo. Mentira. Sentença. Cretino!

SONINHA — No hotel, no motel, viagens de negócios, ade-reços, apetrechos, espuma, champanhe, em dólar, passaporte, boquete, de quatro, de frente, de trás, eu te amo cada vez mais! Me pega, rapaz!

TALES — Dentro dos meus olhos, no fundo dos meus olhos, no fundo dos seus olhos. No fundo, no fundo, profundo. Fundo, fundo, fundo. Vai, fundo, vai, fundo, vai! Vai fundo! O que você vê? Afoga, afoga, afoga! Emerge! Conta, conta, conta — me conta! D E V A G A R.

NATHÁLIA — Penteado, manicure, pedicure, reunião. Evento: casamento, aniversário, batizado, churrasco. Pausa. Bebida, fumada, trepada. Reunião, reunião, reunião. Gente, gente, gente! Para que tanta gente! Eu quero ver gente. Mostra para a gente! Reunião, reunião, reunião. Depressão.

LAURA — Lapso, colapso. Escada, cadeira, lençol, arma, corda, sacada, janela, veneno, remédio, gás. Gente, palavra, afeto, esperança. Esperança?

REGINA — Café, bolo de laranja, seis da manhã, chaleira, lancheira, varre o chão, limpa a coleção, busca no futebol de salão. Faz a correção, cuidado com o corrimão! Não tenho mais coração.

TINDOLELÊ 2 — “Batendo palma, e dando grito?” Edição dessa parte de “Tindolelê”.

Gritam desesperados, cada um na sua dor. “levanta a mão, passando energia”, levantam agressivos como se fossem bater em alguém.

“Batendo palma, e dando grito?”, respiram para dentro “grito interior”.

CENA 8 — ABAFA O CASO

NATHÁLIA — *(Para a manicure)* Me chamo Nathália. Ainda bem que você tinha horário. Hoje em dia é difícil encontrar o tempo nas agendas. Quase achei que fosse perder meu horário, porque, sabe como é, se a gente atrasa cinco minutos já tem outra para ocupar o nosso lugar. Na dúvida, pode ser nude, não, vermelho! Quero e preciso chamar atenção.

...

Não quis ter. Na verdade eu até quis sim, mas aí você sabe como é a carreira sempre promissora, os namorados que nunca entenderam a liberdade que eu pretendo encontrar. Um serzinho desses requer muito da gente, não que eu ache que eu não poderei ser uma boa mãe. Eu poderia oferecer tudo. Boas escolas, viagens, convivência com gente bacana. Mas a grande questão é que... *(Toca o telefone)* — Alô, ei, eu li, uhuh. Faz o seguinte, liga para o Maximiliano.

...

Conheci um cara Ótimo! Bem-sucedido, já foi casado, entende da coisa, se é que você me entende... Sabe, tenho um pressentimento que desta vai dar certo.

(Murmúrios de “será desta vez” dos outros).

Eu sinto que desta vez a novela vai além do primeiro episódio. Muitos caras foram bons, mas faltava algo, sempre falta algo. Acho que desta vez vai dar certo porque na nossa vida os re-

lacionamentos... *(Toca o telefone)* Alô, oi. Sim, eu analisei. Sim, profundamente. Tenho certeza, como isso aconteceu? Dificilmente eu erro. Faz o seguinte, liga para o Maximiliano.

...

É muita insegurança para lidar. As pessoas têm que se vender melhor. Propaganda é a alma do negócio... Sabe, eu adoro vir nesse shopping! Tanta loja legal, tanta gente bonita, bem resolvida, com cara de novela do Manoel Carlos. Os produtos aqui são sempre de primeira qualidade, sempre aquelas novidades que a gente precisa para... *(Toca o telefone)* Oi, e aí? Conseguiu o Maximiliano? Olha, esse relatório é para amanhã, eu não posso me queimar nunca. Explica para ela que, se ela não terminar isso hoje, amanhã cedo já terá outra pessoa na mesa dela. Acha que eu vou colocar o meu na reta por conta de uma estagiariazinha com ares de depressão? Eu sou Nathália Freitas, meu filho! E pela última vez! *(Ensandecida)* LIGA PARA PORRA DO MAXIMILIANO!

...

Desculpa, querida. As vezes a gente se exalta mesmo, não tem jeito. Agora eu preciso que você dê uma apurada. Ainda tenho duas reuniões pelo Skype, quando eu chegar em casa. Tudo tão fácil, né? A gente ficou tão próximo das pessoas e do mundo. Uma das reuniões é com uma empresa americana. Preciso das mãos bem-feitas, porque teclar com a unha feia é o fim, né? Depois eu vou teclar com o cara, aquele que eu te falei. Na verdade, por enquanto a gente está só se teclando. Mas como te disse antes, ele entende da coisa. Sabe como fazer, a gente não precisa estar frente a frente para saber. Ele só anda meio ocupado, mas logo a gente se encontra. Aí eu venho aqui e te conto. Como é seu nome? Fabíola! Pode deixar que não vou esquecer. Bem, eu preciso ir, tenho muito por fazer e eu confesso que ADORO ouvir o burburinho do jantar da família do andar de cima ser preparado. Talvez a razão da vida seja mesmo a construção de... *(Toca o telefone)*.

CENA 9 — ACEITA?

Regina acabou de fazer um bolo maravilhoso, de chocolate, e quer levar um pedaço para sua vizinha Nathália. Ela fotografa o bolo. Repete movimentos coreograficamente.

Regina quer muito se aproximar da vizinha, pois tem por ela muita admiração. Fica por muito tempo na cozinha da sua casa com o prato de bolo na mão, ensaiando para o grande momento em que Nathália a recebesse em sua casa.

Por sua vez, Nathália, que acabou de chegar em casa, se remói por dentro com o cheirinho de bolo que vem do apartamento da sua vizinha.

Regina decide ir até o apartamento de Nathália para levar o pedaço de bolo.

Vai e volta muitas vezes até a porta, assim como Nathália vai e volta muitas vezes também.

No meio dessa repetição de movimentos, todas as personagens repetem movimentos de ir e vir.

As duas estacam uma de frente para outra. Se encontraram, assim como as personagens estacam diante de algo, de alguém. Klaus e Soninha / Tales e Laura / Ana e o vazio.

NATHÁLIA E REGINA — Que coincidência!

NATHÁLIA — Pois é...

REGINA — Eu pensei...

NATHÁLIA — Cheiro bom.

REGINA — Para você!

NATHÁLIA — Não costumo comer essas coisas durante a semana, mas amanhã eu corro.

REGINA — Me parece que correr é o que você mais faz... Sai cedo, dorme tarde...

NATHÁLIA — Nossas janelas fazem vista uma para outra.

REGINA — Receita da minha avó. Se precisar de alguma coisa eu estou sempre em casa.

NATHÁLIA — Até mais.

Elas recuam com vontade de uma aproximação que supra essa solidão, mas se encorajam e desencorajam em sintonias diferentes. Acontece a mesma coisa com as outras personagens.

CENA 10 — MAIS UMA VEZ O ERA UMA VEZ.

Tales está sentado numa cadeira, repete o movimento de colocar e tirar os óculos três vezes. Sem os óculos, sua expressão é zero. Quando os óculos chegam ao olho, é como se um mundo surgisse e ele criasse vida para uma conexão.

TALES: Bom dia, amor! Quero compartilhar algo contigo: um vídeo onde me declaro e digo a frase "eu te amo" em 10 idiomas diferentes. *(Lembrando e se excitando)* Eu curti muito seu cabelo novo, despertou em mim uma vontade de te cutucar profundamente. Vou tomar banho *(Tira os óculos)*.

LAURA — Toma banho rapidinho, pois não aguento meu coração sufocando de tanta saudade. Em cada áudio que recebo, sinto que essa paixão se firmou e creio que estamos dando passos largos para algo sério!

TALES — *(Coloca os óculos)* Como sou distraído, já são 23h e continuo aqui, te admirando. Vou dormir. Beijos, te amo! Beijos, te amo! Te amo!

LAURA — Ama? Como assim, me ama? Você não sabe quem eu sou.

(Narrativa) Ao ver que o seu suposto amor momentâneo não respondeu o boa-noite de maneira que esperava, ele percebe que a relação esfriou, e fica desesperado ao ver um futuro pró-

ximo em que a solidão invadiria seu coração novamente. Onde precisaria buscar uma nova ponte, uma nova conexão.

TALES — (*Sarcástico*) Faz quase dois dias que não conversamos. (*Pausa*) O que aconteceu com a gente? Eu achei que você me... Relações de bolso... Você vai sumir e, quando estiver sozinha novamente, vai me procurar. E eu já vou ter encontrado outra, outro, outros... Antes que você me procure, preciso acabar com qualquer possibilidade de retorno. Matar. Deletar. Bloquear.

CENA 11 — EFEITO DOMINÓ

Tales vai enfileirando dominós enquanto dá seu texto.

TALES — Já disse tantas vezes, para mim mesmo, que a vida é um leque de possibilidades, mas quem sustenta o abano sou eu, com a velocidade da minha mão e a necessidade de refrescar a mente, a alma e o coração. Eu vislumbro não repetir e, de verdade, me respeitar, respeitando o outro, porque quem comanda o efeito dominó é o dono do jogo e não o contrário. Eu monto as peças, eu crio os dilemas e eu posso tentar e querer, do fundo das forças que me fazem ter a consciência sã, querer de uma forma nova, uma forma diferente... É para isso que estamos vivos... É para isso que deve existir a tal da evolução, embora ela nos faça escravos de seus benefícios. Quer saber? Eu acho o mundo muito louco, as pessoas muito loucas... Cada vez mais frenéticas em busca de si no outro... Uma vez me contaram que uma laranja inteira é como o ser humano em sua completude... E eu me pergunto, eu te pergunto: qual o motivo de querermos ser a outra metade ou encontrar a nossa?

Derruba os dominós.

Nathália, que está de costas, vira com um leque.

CENA 12 — BETTE DAVIS EYES

Nathália tira o leque do rosto, está borrada e dubla a música bêbada.

Soninha dança sensualmente para um suposto cliente.

Klaus se masturba.

Regina pega um binóculo e investiga a vida de Nathália.

Ana come as pétalas de flor.

Laura repete movimentos suicidas.

Tales executa sua terapia de hipnose com um pêndulo.

SONINHA — Vivemos em um mundo de puro consumo. Existem pessoas que consomem a arte, outros que consomem produtos, existem os consumidores compulsivos de trabalho, existe quem consome só por consumir, e existem aqueles que consomem pessoas. Até que ponto o ser humano chega para suprir suas necessidades e riscar mais um item na sua lista de desejos? Eu posso dizer com todas as letras: NÃO EXISTE LIMITE PARA O CONSUMO. É tudo troca de favores. A gente sempre vem com aquela ideia chula e vazia: “nossa, mas quem é que vende o próprio corpo?” E eu respondo “eu mesma.” Da mesma maneira que meu pai é advogado; minha mãe, dentista; eu “empresto prazer”.

No meu mundo não existe venda. Prefiro falar em empréstimo, troca. Dou prazer e atenção em troca da única coisa que nos mantém vivos no dia a dia, o dinheiro. Tem gente que vem por prazer, gente que vem para conversar, gente que vem só para esvaziar o saco. Tem cara que me trata melhor que muitos namorados que tive... Não existe limite, não existe pudor. O único negócio é o negócio. Negócios são negócios. Nesse mundo, onde cada vez menos as pessoas têm contato, qualquer minuto de atenção é caro. Tá me entendendo?! “Alegrias por prazeres ilusórios”. As pessoas vivem aquilo que acreditam, em um universo medíocre, e se satisfazem. Quem pode me culpar por querer sempre mais? Ter sempre mais?! Gostou? Me liga! Me acessa! Me possua! Me leva!

CENA 13 — AMOR LÍQUIDO.

LAURA — Nenhuma das conexões que venham preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes tem garantia de permanência.

ANA — A incapacidade de escolher entre atração e repulsão, entre esperanças e temores, é redundante, nos torna incapazes de agir. Diferente dos ratos, nós, humanos, podemos pedir ajuda aos especialistas, ou aqueles que nem sequer conseguem resolver as suas reticências.

TALES — Ao nos comprometermos, estamos fechando as portas para outras possibilidades, talvez elas sejam mais satisfatórias e completas que a atual. Quem garante?

NATHÁLIA — Relação, relacionamento, conexão, conectar-se, conectado. Parceiros ou redes? Quais os méritos da conectividade que estão ausentes na real linguagem de uma relação?

REGINA — A solidão produz insegurança, mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode se sentir tão inseguro quanto sem ela. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade.

KLAUS — O que dizer de uma balsa com um marinheiro inexperienced que, criado na era dos acessórios, nunca teve a oportunidade de aprender a arte dos reparos? Nenhum marinheiro atualizado perderia tempo consertando uma peça sem condições para navegação, troca pela peça sobressalente. Na balsa das relações, não há peças sobressalentes.

SONINHA — Eros, o Deus do Amor, com certeza não está morto. Está exilado de seu domínio hereditário, não sabe lidar com toda essa liquidez, essa escassez. Eros foi condenado a perambular pelas ruas numa infindável e eterna vã procura de abrigo.

ANA — Eros agora poderá ser encontrado em toda parte, mas não permanecerá por muito tempo em lugar nenhum.

LAURA — Eros não tem endereço fixo.

NATHÁLIA — Se você quiser encontrá-lo, mande um e-mail.

TALES — Entre num chat. Faça um post.

REGINA — Consulte um aplicativo.

LAURA — Abra a janela, sinta o vento no seu rosto.

KLAUS — Mantenha a esperança.

Entra a mesma trilha do começo da peça, eles vão até seus espaços e sentam. Apaga-se a luz, e ficam só as luzes dos celulares, que vão se apagando uma a uma.

FIM

VOU-ME ATIRAR

“Reflexões para poder recomeçar”.

Ninguém é dono do nosso último pensamento no último instante, a não ser nós mesmos. A perspectiva dos outros em relação ao fim não poderá alterar a escolha individual. Pontos finais sempre vão acontecer em vida — ou em morte.

Quantas mortes e quantas vidas existem na vida? Quantas vidas existem na morte? Alguns vão sozinhos, outros juntos. Outros passam pelo tempo de estarem juntos.

Será que, quando deixamos de existir, alguém assume nosso papel?

Vou-me Atirar ainda não foi encenado. Dramaturgia concebida para espaços públicos e altos.

PERSONAGENS:

OLÍVIA — *a jovem transparente.*

Olívia, a menina que gosta de borboletas. Aos 14 anos ela saiu e nunca mais voltou. Vive no alto, tentando enxergar as coisas de cima. Não sabe se quer viver o que ainda não viveu, pois, vendo tudo que vivem, tem um grande medo da vida;

AUGUSTO — *o homem cinza.*

Augusto é bem-sucedido e tem boa aparência, mas alguma coisa o trava, o impede de ser feliz. Na verdade, esse homem nunca sorriu, nunca se divertiu e sempre mentiu para si mesmo. Bem resolvido aos olhos de todos, e uma catástrofe por dentro. Família? Para quê? Eles já o puseram no mundo e ele dá conta de tudo sozinho. Filhos? As crianças gostam muito dele, mesmo que nunca tenha feito nada para que gostassem. Doações em casas de caridade ele sempre faz, embora não conheça as crianças que vivem lá;

AURORA — *a mulher flutuante.*

Aurora tem nome de princesa, afinal essa beldade nasceu para ser admirada! Sempre a primeira, a melhor, a mais bonita, a mais inteligente, a mais cobiçada e muitas vezes a mais podre! Fama, sucesso, flashes, drogas, muitos homens, abortos e assédio. Quem mente para si mesma? Uma mulher de 35 anos perde sua vitalidade, sua viçosidade, mas a vaidade nunca! Por isso existem as facas, os bisturis e até a morte! Ela pensa em se congelar agora, para depois tentar fazer sentido para os outros? Que sentido será que faz para ela mesma?

CENA ÚNICA

AUGUSTO — Quantos nós cabem dentro de nós? Alguém sabe me... Eu não sei. Se eu soubesse quantos nós, talvez não estivesse aqui. Quantos? Nós...

AURORA — Desculpa, sei que não tenho nada a ver com isso, mas... Deixa para lá.

Silêncio.

AURORA — Uma vez me deram uma novena: "NOSSA SENHORA DESATADORA DE NÓS". Não posso garantir que ela tenha funcionado. Na verdade, não funcionou mesmo. É que você falou em nós, e não tive como não lembrar.

AUGUSTO — Impossível que sejam apenas nove. São muitos, mas muitos mesmo!

AURORA — Não. A novena é de nove dias. Carreguei a minha na carteira até pouco tempo atrás. Joguei fora, senão eu deixaria com você. Tendo em vista que não precisaria mais dela. Não mesmo.

AUGUSTO — Não adiantaria. Primeiro, que eu não sei rezar e, segundo, que já é tarde para aprender.

OLÍVIA — Oração? O silêncio é uma oração que todo mundo faz por aqui. Normalmente não se falam e nem se intrometem no silêncio ou no discurso do outro. Mas já que começaram, achei melhor tentar interagir. Muita gente passa, pouca gente fica.

AUGUSTO — Que horas são? Meu relógio parou.

AURORA — Horas?

OLÍVIA — A hora é agora e o momento é esse. Estão na hora certa. É sempre nesse horário que as coisas acontecem. Pelo menos para mim foi assim.

AUGUSTO — Eu preciso saber que horas são. Pela posição do sol, a noite deve estar próxima. Às vezes a noite é dia e o dia é noite. Já pensou nisso? Agora, por exemplo, do outro lado do mundo o dia está nascendo e, aqui, morrendo. Que diferença isso faz para você?

AURORA — Nenhuma. Na verdade, fez diferença quando estive em Tóquio. Demorei muito para acostumar com o fuso. Se na Europa já foi difícil. Imagina no Japão!?

AUGUSTO — Imagino!

AURORA — Eu guardei muitas coisas das minhas viagens. Sempre gostei muito de viajar e conhecer lugares novos. Pessoas nem tanto, mas os lugares sim. Não consigo ficar sustentando muita coisa, sabe aquela sensação de estar fazendo tudo errado, na hora errada, com a pessoa errada? Enfim. Se a gente percebe que não cabe mais dentro de algumas coisas, seja por não se sentir suficientemente grande ou pequena, o que pode me dizer dos presentes que deixei dentro das caixas? Como será que eles se sentem?

OLÍVIA — Guardar presente? Presente a gente usa ou ele usa você.

AURORA — Eu me senti usada muitas vezes e, na verdade, eu estou é desgastada. Parece que eu apliquei botox?

AUGUSTO — O quê?

OLÍVIA — Você é real?!

AURORA — É sério! Aqui, ó, consegue ver? É bem sutil, mas apliquei. Você deveria aplicar. Deve ter por volta de 40 anos, acertei? Então, vai fazer bem para sua autoestima.

OLÍVIA — Opinião, cada um tem a sua, mas não acho que ele tenha cara de velho. A imagem que a gente tem de nós mesmos é bem diferente do que os outros têm. É só comparar a nossa visão pelos olhos dos outros. Cada um é cada um.

AUGUSTO — Que engraçado. Não sei dizer se esses tais sentimentos, como a felicidade e a nostalgia, são engraçados ou complicados. Pare e pense: enquanto você está triste, já imaginou a quantidade de pessoas que podem estar felizes, ou mais tristes que você? Enquanto você está aplicando botox ou maquiando e seja lá o que for, existem pessoas fazendo sexo, sendo assaltadas, assaltando. Sei lá. Cada um com seu ponto de vista. Eu me sinto bem assim e não vou aplicar nada em lugar nenhum. Eu cheguei ao meu limite nem sabendo direito que limite é esse. O que me levaria ao limite? Não sei. Esse é meu limite. São muitas transferências e conexões acontecendo ao mesmo tempo entre as pessoas! Isso tudo me deixa um pouco louco. Nem sei se quero perceber tudo que eu “acho” que percebo, nem viver tudo que já sei como é, nem pensar como pensei anteriormente. Ando meio paranoico. Nem calmante adianta mais.

AURORA — Eu ia mesmo perguntar se você anda tomando alguma coisa.

AUGUSTO — Previsível. Por isso respondi. Você não me é estranha. Vem cá, como é seu nome?

OLÍVIA — Olívia. Muito prazer.

AURORA — Aurora. Deve ser de alguma festa.

OLÍVIA — Meu aniversário está chegando. As tardes ficam mornas perto dele.

AURORA — Essas festas são à noite e costumam varar a madrugada. A solidão vem sempre de manhã. À tarde eu costumo dormir.

AUGUSTO — Não tenho tempo para isso. Temperatura para mim é ar-condicionado.

OLÍVIA — Hoje para você é um dia atípico?

AGUSTO — Atípica essa tarde...

OLÍVIA — Você não disse o seu nome.

AUGUSTO — Ah, meu nome é Augusto. O ar-condicionado me faz mal. Tenho muita amigdalite.

AURORA — Ouvi falar de um xarope muito bom. Totalmente natural. Não tomei, soube que tem consequências.

AUGUSTO — Não acredito nessas coisas. Logo tomo um anti-inflamatório. Demora, mas passa. Sempre passa.

OLÍVIA — Tudo passa, mesmo que demore.

AUGUSTO — Bom, não dá para querer ter controle de tudo que grita dentro de nós — fazer o quê, não é? Essas coisas de ciclos, repetições com figuras iguais ou mesmo diferentes, me tiram um pouco o chão e acabam sendo as reticências que eu não gostaria de encarar. Eu queria ter um controle remoto, e não pense que é para regredir, mas sim pausar e analisar em freinets o que daria para ser diferente e mudar a pontuação! Bom, eu vim até aqui com um propósito: me atirar. Embora eu me faça de forte, desistir é comigo mesmo, se é que me entende.

OLÍVIA — Quando a gente tenta, muitas e muitas vezes, morrer, e não consegue, é porque precisamos de mais tempo. Talvez a desistência seja uma questão de tempo para partir.

AURORA — Foram muitos comprimidos e nada, até que um dia tive uma falta de ar... Acordei no hospital e pensei que não ia mais respirar. Mas, se eu acordei, devia existir algum motivo. Um par de olhos pretos me acordou. Ele tinha um sorriso iluminado e o cabelo mais lindo que um homem pode ter. Minhas

mãos deslizavam facilmente por eles. E por eles estou aqui. Não posso admitir nem perceber o quanto de mim mesma existe dentro da minha alma. Preciso acabar com isso logo de uma vez, antes que seja tarde. As coisas não têm um fim. Recomeçam no mesmo lugar. Chega. Também vou me atirar.

OLÍVIA — Meu pai dizia que a paranoia é uma doença que consome a cabeça de qualquer ser humano. Depois de se desculpar, sempre dava esse texto lá em casa. Minha família é feita de desculpas. Desculpas por ontem, desculpas pelos dias que falaram demais. "Filha, talvez você não tenha me entendido muito bem e"... Imagina, pai, que eu ia pensar isso sobre você... Eu não sei nem o que pensar sobre mim mesma. Eu nem sei como vim parar aqui, nesse buraco sem fundo. Agora eu fico aqui, enxergando tudo por cima, tudo de cima... Ver a vida e a evolução dos outros, me faz crer um pouco que perdi oportunidades de ser alguma coisa, de me tornar alguém. Algumas pessoas vêm aqui há anos: primeiro com os pais, depois com os namorados, os amigos e, depois... Sozinhas. É engraçado perceber que quanto mais a gente expande e evolui, mais sozinho a gente fica. Existe uma lógica para isso?

AUGUSTO — Faz muito tempo que eu só assisto à vida dos outros. Desisti de ser protagonista. Eu não sinto vontade de rir. Sorrir. Ir por ir, fazer por fazer. Eu cumpro a função. Acredito que fui acumulando tanta coisa, durante tanto tempo, e agora eu não faço a menor idéia do que fazer com elas. Carro para dirigir, milhas para viajar, restaurante para jantar, roupas para usar, planilha para fazer, orçamento para rever, família para visitar, whisky para tomar, pessoas para quê? Para amar? Eu não sou suficientemente bacana para poder fazer alguém feliz. Devo ser um ótimo partido, à primeira vista, e isso não deve durar mais do que um mês, no máximo, depois a náusea vem. De uma parte ou de outra, mas sempre vem.

OLÍVIA — Por isso que eu prefiro os dias de inverno e as noites de verão.

AUGUSTO — Em dias assim, a gente nunca se sente só, os astros sempre estão ali para nos dar uma direção. Sim, eu vivo além do ar-condicionado. Mas não adianta usar isso como desculpa para fugir da solidão, porque às vezes até as estrelas e o sol ficam encobertos pelas nuvens. Por isso eu preciso aproveitar o dia de hoje. E você?

AURORA — Aonde me atiraria? Nos braços... Nos seus braços? Posso? Por favor, você pode me dar um abraço? Tem dias que eu acordo e me sinto tão sozinha e abandonada que me dá medo de olhar no espelho. Eu estava num voo, voltando pra casa, e assisti uma matéria que falava da ausência de toque. Do autotoque. Se a gente não se tocar, não vai se sentir à vontade para deixar que o outro nos toque. Foi assim. É assim! Ele não deixava deslizar mais as minhas mãos pelos seus cabelos, e nada mais podia ser feito, e eu precisava apenas ser abraçada. Apenas isso, mas nem isso eu tinha. Eu sempre fui usada como um objeto. Um dia uma estranha me abraçou no elevador e me disse “como vai você, querida?” Essa mulher, que eu nunca mais vou ver, mudou o meu dia. Depois ela tocou meu ombro e disse “tenha uma boa-tarde”. Ela não me desejou, ela não me queria como um objeto. Procuro milhares de toques e retoques para tentar entender as palavras que meu corpo quer dizer, e me torno cada vez mais surda, mais burra e futilmente banal, como muitos dizem por aí. Essa é minha fuga, e uma simples estranha que levava dois grandes sacos de lixo fedorentos foi a única, em anos, que me enxergou com pureza. Por isso eu te peço: você pode tentar me abraçar com um pouco de pureza? Ou o vento pode fazer isso. Talvez nem ele queira.

Olívia abraça Aurora, que não demonstra nenhuma reação quanto a isso.

OLÍVIA — Nada abraça nada e ninguém quer abraçar ninguém. Existe a perspectiva: a janela sempre vai sentir a perspectiva de quem cai... Isso só ela vai saber, mas nunca vai poder dizer nada.

AURORA — Quem mente para mim sou eu mesma? Uma mulher perde sua vitalidade, sua viçosidade, mas a vaidade nunca! Por isso existem as facas, os bisturis, e não tenho problema algum em ser adepta deles. Será que vale a pena eu me congelar agora, para depois fazer sentido para os outros? Que sentido eu faço para mim? Será que eu poderia me apaixonar assim por um garoto mais novo, sem me sentir culpada? Será que, se eu me encontrasse com esse garoto daqui a dez anos, ele se interessaria por mim? Quem sabe, se eu morrer, eu consiga nascer de novo para tentar alcançá-lo!

OLÍVIA — Acho que não. Os anos passam como furacões. Não só para você, mas para todo mundo. Parar o tempo não garante que o tempo do outro fique parado. O furacão sempre passa e leva muitas coisas embora, só que traz outras. Ninguém sabe o que fazer com isso tudo, você escolhe como organizar.

AUGUSTO — Morte morrida, morrer de velhice. Morrer de tristeza, morrer de ausência. Quando eu estava vindo para cá, encontrei um mendigo que sorriu e me deu boa-tarde. Ele estava sujo, como todo bom mendigo ele tinha unhas grandes, pele oleosa, cheiro forte, barba e cabelo comprido. Me mostrou um monte de DVDs que havia ganhado. Eu me perguntei: "o que ele ia fazer com aquilo tudo?" Mas ele começou a me contar sobre os filmes. Não sei se ele assistiu. Não sei se ele resolveu sair pelo mundo e levar com ele as referências cinematográficas que adquiriu durante a vida. Isso só ele vai saber. A verdade é de cada um. O problema é de cada um. O abraço é problema seu, a perspectiva é problema da janela, e a mentira, um problema meu! Comecei a me desfazer das coisas, dos bens que eu tinha. Até porque atualmente a vida pode ficar armazenada em coisinhas menores. O mundo está compacto. Os seres humanos também. Então resolvi doar meus filmes, alguns livros, CDs, fiz isso. Encontrei um homem na rua, puxando um carrinho. Era um mendigo, cheio de quinquilharias. Ele estava sujo, como todo bom mendigo, unhas grandes, pele oleosa, cheiro forte, barbudo e cabeludo. Entreguei tudo para ele. Parece que

ficou bem feliz. E agora eu me pergunto: aquele homem lê? Ele tem aparelho de DVD? Som portátil? Computador? Smartphone? E eu te pergunto: qual das verdades é a verdade?

AURORA — Quem sabe?

AUGUSTO — Eu.

OLÍVIA — Quem escolheu estar aqui?

AURORA — Eu.

AUGUSTO — Quem se acha melhor o suficiente?

AURORA — Eu.

OLÍVIA — Quem nunca se permitiu?

AURORA — Quem nunca admitiu?

AUGUSTO — Quem nunca pensou nas consequências?

OLÍVIA — Quem quis o que era do outro?

AURORA — Quem resolveu se vingar?

OLÍVIA — Quem deixou de pensar na dor alheia?

AUGUSTO — Quem se sente inferior?

AURORA — Quem faz milhares de perguntas e não ouve as repostas?

AUGUSTO — Quem não dá atenção e se culpa depois?

OLÍVIA — Quem fugiu do diálogo?

AURORA — Quem trapaceou?

OLÍVIA — Quem mentiu?

AURORA — Quem se sente infeliz?

AUGUSTO — Quem resolveu pegar um atalho?

AURORA — Quem roubou o dinheiro do cofre?

AUGUSTO — Quem pagou o aborto da secretária?

OLÍVIA — Quem teve um caso com o professor de matemática?

AUGUSTO — Quem teve um caso com a mulher do melhor amigo?

OLÍVIA — Quem mentiu que foi seduzida?

AURORA — Quem foi abandonada no altar?

AUGUSTO — Quem se acha uma merda e incapaz?

AURORA — Quem perdeu a esperança de se sentir mulher de novo?

OLÍVIA — Quem foi?

AUGUSTO — Quem mentiu ser quem não era?

AURORA — Quem acreditou ser o que não era?

AUGUSTO — Quem não tem a menor vontade de ser gentil?

AURORA — Quem tem inveja da vida dos outros?

OLÍVIA — Quem quis morrer e ficou presa num lugar, tendo de esperar o tempo passar!?

TODOS — Você.

AURORA — Eu li uma vez que, se você resolve morrer antes do tempo, vai precisar esperar o tempo passar.

AUGUSTO — Filosofias banais e espiritualidade barata. O que prova isso? Vou me atirar com inteligência. Pensei nisso com cuidado. Eu estudei em Oxford. Você acha que isso é para qualquer um? Você é muito parecida com a maioria das mulheres que já saí para jantar e transar. E sabe o que todas têm em comum?

AURORA — Vamos sair daqui e viver juntos? Eu posso tentar me tornar melhor e me adaptar ao seu modo. Eu não posso ficar sozinha, eu não quero.

AUGUSTO — Mesmo estando acompanhado, a gente se sente muitas vezes sozinho, sempre aquele bando de gente para você ter de ficar procurando assunto, procurando se encaixar em um molde que combine. Cansei de procurar assunto.

OLÍVIA — No quesito “relações” o silêncio é importante, mas nem sempre respeitado. Meu professor sempre dizia isso. Eu me calei até onde pude. Depois me atirei. Não tive escolha.

AURORA — Uma vez eu conheci um cara e fiquei horas e horas em silêncio ao seu lado. Posso garantir que foi uma das únicas vezes que consegui fazer isso. Sentamos numa ponte e ficamos vendo os carros passarem. Era uma festa e fugimos de lá. Acredito que naquele dia comecei a me dar conta do que eu tinha por dentro: Silêncio. Ele não me cobrou por isso. Sempre fui cobrada pela falta de assuntos, ou pelo excesso. Embora eu já tenha me incomodado muito e procurado muitos assuntos, percebi que eles não são a coisa mais importante.

AUGUSTO — Eu procuro a perfeição nas situações, e eu nunca encontrei uma situação que fosse perfeita, mas vivo na sombra de uma frustração. Com as mulheres também acontece a mesma coisa, ou melhor, não acontece. Dentes, roupas, sapatos, jeito de jogar o cabelo, alguma coisa dá errado. Frustra. Daí é inevitável não pensar na questão da idade. Acredito que, se eu fosse jovem, poderia ser menos exigente, sentir mais vigor, mais amor, menos rancor.

OLÍVIA — Retórica! A verdade é que os jovens querem ser adultos para sentir independência, os adultos querem ser jovens, e os velhos querem ser ou viver qualquer coisa que os revigorem para se sentirem vivos. Aí mora a pergunta: por que tanto tempo ficamos sem tempo? Quando queremos tempo, o tempo esgotou. Ninguém é feliz e completo o suficiente para se julgar pleno.

AURORA — Plenitude? O que é isso? A busca de uma relação que pode ser frustrante? O pagamento de milhões de boletos para ter sossego e acumular outras contas? Eu não posso mais nada. Sempre que se alcança algo, se vislumbra outro algo. Isso não é ruim, pois os objetivos devem nos acompanhar ao longo da vida, mas para quê? Eu não sei mais se quero enfrentar tantas coisas, já superei muitas, mas até onde isso vai?

AUGUSTO — Alguém já te disse que suas palavras são inspiradoras? Para quem começou falando de botox, você está se saindo muito bem.

AURORA — Alguém já te disse que você pode ser gentil com um pouco de esforço?

OLÍVIA — Alguém já disse para vocês que dá para enxergar o mundo com outra perspectiva. Um reencontro dentro de um encontro. Comigo foi assim. Mas foi assim depois que não dava mais tempo para ser, de ser. As coisas sempre são do jeito que devem ser, mas a gente briga com elas porque quer que elas sejam como a gente quer que elas sejam. E, no fundo, o que cada um de nós quer?

AUGUSTO — Tem dias que a única coisa que nos resta é ir embora. Querer ir embora. Eu vou. Não sei por qual saída, mas eu vou. E você? O que você quer?

AURORA — Como nada de extraordinário tem acontecido comigo nos últimos tempos, nada é o que vou querer. Está vendo a lua nascer?

OLÍVIA — Crescente!

AUGUSTO — A lua crescente é realmente incrível. Dizem que ela potencializa as vontades e os desejos. Tudo que você pedir, começar ou executar nessa fase tem grandes chances de se realizar. TUDO.

AURORA — Para quem não tem crença você está se saindo muito bem.

AUGUSTO — Histórias de quando eu era criança. Não acha que estamos cada vez mais descrentes das nossas próprias crenças? Que mundo é esse? Vergonha de expor, de se expor, de ter fé e esperança... todo mundo vive num eterno pessimismo, buscando a redenção por meio de um sofrimento que não precisa existir, e eu estou cansado é de saber disso e não conseguir fazer nada para mudar.

OLÍVIA — Triste é enxergar e achar que está cego.

AURORA — Eu não quero morrer sozinha. Eu não quero ficar sozinha. Eu não quero esperar sozinha.

AUGUSTO — A perfeita esperando a perfeição. Vai ficar se aperfeiçoando para morrer ou vai ter coragem de ir? Vai primeiro ou quer que eu vá? Primeiro as damas, sou gentil.

AURORA — E se você desistir? Vão acusar você da minha morte! E não existe nada nem ninguém que possa provar o contrário.

AUGUSTO — Vai de um lado que eu vou do outro, e vê se para de me atormentar, que essa decisão toda está sendo bem difícil para mim!

OLÍVIA — Vocês têm certeza? Porque, mesmo tendo certeza, nada é certo. Depois é sempre depois. Nunca ficamos sozinhos. Sempre tem alguém perto. Mesmo que você tenha de sair para depois voltar.

AURORA — Eu lembro quando fui visitar minha prima no hospital. Ela estava morrendo. Leucemia. O pior não era ela. Ela tinha certeza. Os que não tinham, sofriam mais. Minha tia, que ficava lá, viu muitas mortes no quarto, no corredor. Ela morreu muitas vezes naquele lugar. Depois da morte da minha prima, por incrível que pareça ela ficou feliz. Como alguém pode ficar feliz quando a filha morre? Isso é compensação, comigo será diferente, ou melhor: indiferente. Só manchete. Se você for, vão passar anos tentando entender qual a nossa ligação.

OLÍVIA — Companhia. Quem vai sou eu. Estou sentindo tudo diluir. Vocês ficam no meu lugar?

AUGUSTO — Fui com meu pai num velório uma vez. Era mulher do amigo dele. Não conhecia. Não fez diferença. A impressão é a mesma. Já vi bebê no caixão, tio que teve infarto, gente que morreu sorrindo, pais e mães de amigos e que eu não conhecia. A impressão sempre fica. Muda quando acontece com alguém próximo. Não gosto de ver gente morta, por isso vão lacrar. Vai ou não vai?

OLÍVIA — Os fins sempre são tristes, não adianta dizer que não, porque sempre são. Sempre vão ser. Não é pelo choro nem pela angústia, é simplesmente porque dói em saber que

não vamos mais poder conviver carnalmente com determinadas situações. Fins e mortes e pontos finais sempre vão acontecer em vida, ou em morte. As almas transitam, os amores transitam. Quantas mortes e quantas vidas existem na vida? Quantas vidas existem na morte? Quanto tempo está parada, esperando que alguma coisa possa ousar ser diferente? Todo mundo se recupera de um tombo, seja ele qual for e da altura que for. Difícil é saber que lá na frente, por algum motivo, você cai de novo, vai perder, vai se perder, se machucar e até recuperar certas coisas.

Agora eu entendo quando me disseram “a gente sempre sabe o tempo de ir”. Alguns vão sozinhos, outros juntos. Outros passam pelo tempo de estarem juntos. Mas ir é necessário.

AUGUSTO — Você sabe que horas fecha aqui?

OLÍVIA — Não fecha.

AURORA — Tem algum problema ficar por mais tempo?

OLÍVIA — Problema nenhum. Com licença, preciso ir.

AUGUSTO — Faz tempo que você está aqui?

OLÍVIA — O suficiente para saber que chegou a hora de partir.

FIM

XAROPE PARA ACABAR COM A TOSSE

A tosse é o primeiro sintoma de um engasgamento crônico que invadiu certa cidade. As pessoas não conseguem verbalizar, expurgar. A epidemia se alastrou com muita facilidade, causando pânico e isolamento. Isso levou um farmacêutico desenvolver o tal “xarope para acabar com a tosse”; ele só não contava com a tamanha repercussão do antídoto, muito menos com seus efeitos.

Encenado em 2010 em parceria da Cia Ganesh e a Produtora Cena Hum, este espetáculo foi realizado na Chá e Arte Produtos Naturais.

A dramaturgia é concebida para ser encenada tanto no teatro como em espaços não convencionais.

PERSONAGENS:

ARISTEU;

CLARA;

HELENA;

JOÃO BATISTA;

LIPE;

SUZANA.

PRÓLOGO

A interação começa do lado de fora do local de encenação — os personagens e figurantes estão misturados com o público, sem deixar que percebam que eles fazem parte da encenação.

Na fila, as pessoas recebem um papel para escrever algo que está engasgado. Quando entram, entregam o papel

para Aristeu, e recebem em um copinho uma dose do Xarope, que na verdade é um chá.

Todos entram e se acomodam. Os figurantes tosse bastante, os personagens se incomodam com isso e comentam, de acordo com sua personalidade, a respeito da tosse e da possibilidade de se contaminar com a tosse do outro. Helena entra depois que todos estão acomodados e, constrangida, procura um lugar para sentar.

Um rádio reproduz frases sobre engasgamento, ora definidas, ora sobrepostas. Aristeu olha profundamente para todas as pessoas, sorri, fica sério, tenta descobrir algo. Enfim, varia a expressão de acordo com a pessoa que observa.

Desliga o rádio. Silêncio. Lipe entra, conversando ao celular, procura um lugar para sentar.

LIPE: Hoje não vai dar, desculpe, quem sabe amanhã ou depois. (Pausa) Olha, eu vou ter que desligar, estou chegando num compromisso. Um beijo grande para você também.

CENA 1

ARISTEU — Lembra da velha brincadeira do telefone sem fio? Pois bem, quem vai começar? (*Dá espaço para o público se manifestar, caso isso não aconteça escolhe um dos figurantes*) Pense em alguma coisa que você gostaria de dizer e queira passar para a frente, alguma coisa que você sabe, ou leu, uma fofoca ou qualquer coisa que acabou de inventar e passe para a pessoa que está ao seu lado.

Acontece a brincadeira do telefone sem fio. Quando passa por um dos figurantes, ele deve mudar a frase. Continua passando até chegar na última pessoa.

E? Qual foi a frase? (*A pessoa diz*) Foi isso mesmo que você disse, meu amigo? (*Referindo-se a quem começou; estar disponível para possíveis comentários da distorção da frase etc.*) Enfim, as palavras podem ou não ser expressas coerentemente-

te, creio que todos vocês sabem disso ou estão trilhando o caminho rumo a essa consciência!

Não sou um colecionador de engasgos. Pretendo apenas desengasgá-los. Analiso, colho, ouço, gravo, observo. A FALA! Verbalização e comunicação, bem ou mal do século? Telefone ou internet? Cara a cara ou por trás? Passada para a frente ou memorando? Verdade ou mentira? Para agradar ou para aliviar? CONTATO! O ato de passar a frase ao outro, comunicar-se com o outro os expõe a uma situação de contato! Físico inclusive, íntimo, eu diria. *(Ri)* Pois sussurrar no ouvido de um estranho é um contato íntimo, não é? Reflitam: *(Num crescente)* vocês, nesse momento de distração, nem se deram conta que a tosse, o engasgo, o nó que está apertando muitas pessoas, está AQUI, corroendo muitos de vocês! *(Ameniza o tom)* Afinal foi para isso que vieram, não é mesmo? Atrás do Xarope, do meu xarope! O xarope que, depois de tempos e anos, quando nem se imaginava o surto de engasgamento que poderia existir, eu desenvolvi! *(Pausa)* Alguém quer falar alguma coisa? Perguntar alguma coisa? Acho que ainda não é momento, vocês estão constrangidos! O constrangimento impede o desengasgamento.

JOÃO BATISTA — Olha, meu amigo, eu não estou constrangido e muito menos engasgado, a minha voz está sumindo e minha garganta ficando cada vez mais seca. Hoje, no trabalho, me indicaram esta farmácia, só por isso que eu vim.

SUZANA — Garganta seca! Eu trabalho num hospital, por lá tem muita gente com a garganta seca, estão perdendo a voz... Alguns tosse e sufocam. Só hoje foram três óbitos por sufocamento.

JOÃO BATISTA — Óbitos?

ARISTEU — Vocês já vão entender aonde quero chegar, só peço um favor: não interrompam minha linha de raciocínio! Afinal vocês precisam entender sobre o constrangimento. Alguém aqui está constrangido e quer se manifestar? Todos aqui sabem o que significa constrangimento? Alguém ficou constrangido durante o dia de hoje, por algum motivo?

Toca o telefone de Lipe. Aristeu olha feio, toma água, percebe-se que ele está nervoso com a situação.

LIPE — Sim, é ele. Tudo bem, só não garanto que role hoje, nada pessoal, apenas uma ardência na garganta. Eu te ligo depois, estou no meio de uma reunião agora.

ARISTEU — Causar constrangimento: ato de constranger, tolher a liberdade. Encabulação, acanhamento, pudor que sente quem foi desrespeitado ou exposto a algo indesejável.

LIPE — Desculpe, eu não tive a intenção.

ARISTEU — Ainda não chegamos nesse ponto, meu caro rapaz ardido, ou devo dizer: rapaz que tem ardência?

LIPE — Não diga nada a alguém que nunca viu.

ARISTEU — Digo e digo mais! Digo tudo a respeito de tudo. Fica uma dica aos constrangidos, aos engasgados, aos tossidos. Retomando o assunto do contato, do ato de constranger, declaro: *Anadenanthera colubrina*, *Alcea rosea* L., *Cuscuta racemosa* Humb, *Illicium verum*, *Adiantum capillus-veneris*, *Nasturtium officinale*, *Glycyrrhiza glabra* L., *Borago officinalis*, *Myrtus rubra*... Foi isso que vocês tomaram quando entraram aqui. Eis o Xarope para acabar com a tosse! Um chá, eu posso dizer! (*Enche uma xícara e toma*) Hora do chá! Alguém está servido? Aceita mais um gole? Hum... Adoro esse doce sabor de verdade com um toque leve de amargura que amarra no fim!

HELENA — Eu posso tomar na sua xícara?

ARISTEU — Claro, por que não? (*Serve Helena*).

HELENA — As pessoas estão evitando esse tipo de contato.

CLARA — Existem pastilhas?

ARISTEU — Chupar é mais fácil que tomar?

CLARA — Perde-se o sabor, apenas engolindo, por isso a pergunta.

ARISTEU — Não estou questionando sua pergunta. (*Pausa*) Vocês devem estar se perguntando sobre os efeitos colaterais, não é? (*Pausa*) Todos provaram um pouco da fórmula? Pois bem, esse momento é o efeito colateral! Ele é variável para cada pessoa, já que somos diversos e únicos! Em sua composição encontramos: angico, anis, malva picão, cipó chumbo, avenca, agrião, alcaçuz-da-europa, óleo de borragem, cambucazeiro, guaco. E nada mais são que os nomes populares do que citei

anteriormente, além de alguns experimentos naturais, usados na conservação da fórmula. Nada de químicos, nada de drogas! NATURALIS! Vou deixá-los por um breve momento. (*Para, por alguns instantes, e olha para um dos figurantes*) Foi você que marcou comigo ontem? Pode me acompanhar, por favor?

CENA 2

Silêncio.

Toca o telefone de Lipe, ele fica sem graça e não atende.

HELENA — Por que não coloca para vibrar?

LIPE — Trabalho com vendas. Ouvir é mais garantido que sentir.

JOÃO BATISTA — E o que eu tenho a ver com isso? São quase oito horas da noite, faça-me o favor.

LIPE — Pode ser importante.

CLARA — Nesse caso, eu também teria que deixar meu telefone ligado. Sou assistente social e a qualquer momento alguém pode precisar de mim. Alguma criança pode chorar no orfanato, e sou uma das poucas que trabalham ali que consegue acalmar o choro compulsivo. Saio de casa até de madrugada, se for o caso, em prol de uma criança que chora!

SUZANA — Não me venha com discurso altruísta minha filha, tudo que quero é paz quando saio do hospital.

LIPE — Tudo isso por causa de um telefonema? (*Toca de novo*).

JOÃO BATISTA — (*Seco*) Atende e resolve logo seu problema, meu filho.

LIPE — Oi, Rodrigo. Tudo resolvido, ou pelo menos quase tudo. Cancelei dois pedidos, não estou nas melhores condições. Olha, cara, estou aqui naquele lugar que você me indicou e não rola ficar atendendo todo mundo, tá? Vou desligar.

JOÃO BATISTA — Agora vê se usa o seu bom senso e para de incomodar os outros, por favor.

LIPE — Relaxa, meu amigo. Respira e guarda essa agressividade para usar de outra forma.

JOÃO BATISTA — Eu não vou ficar perdendo tempo em bater boca com um piá de merda.

CLARA — Gente, eu só preciso de uma pastilha.

SUZANA — E cadê o tal do farmacêutico?

HELENA — Aristeu é o nome dele. Fitoterapeuta e especialista em medicinas alternativas. Eu li a respeito na internet.

JOÃO BATISTA — Cadê ele? Preciso ir para casa, não tenho tempo para esse tipo de terapia.

HELENA — Desde ontem eu estou incomodada. Não consigo dormir e o ar me falta de tempos em tempos. Tenho medo de estar morrendo. Vocês têm medo da morte? Conhecem alguém que morreu por esse motivo? Nem de ônibus eu estou andando, prefiro andar a pé. Vejo as pessoas espirrando, tossindo no meio da rua. Se eu tivesse que morrer assim, gostaria que fosse logo e que, de preferência, fosse doído. Imagino que essa tosse que sufoca tenha a intensidade de mil giletes ingeridas ao mesmo tempo. Um corte profundo, um corte ardido.

SUZANA — Você não sabe o que está falando! As pessoas sufocam e não conseguem dizer nem adeus aos entes que ficam.

Aristeu entra de supetão, lendo os engasgamentos que estão nos papéis, e questionando: "Já passou por isso?", "Isso aconteceu comigo", "Alguém tem uma história parecida e quer comentar?", "Quem escreveu quer se manifestar?".

CENA 3

ARISTEU — O que se esconde atrás de belos olhos? (*Caminha na direção de Helena*) O que você me diz disso?

HELENA — Eu realmente tenho um olhar crítico. Nada passa despercebido.

ARISTEU — (*Chefe*) E acha que isso poderia ser útil em que sentido?

HELENA — Confiro agendas, corrijo textos. Acima de tudo, consigo captar a essência de uma reunião, argumento sem ser invasiva. Discricção é meu lema.

ARISTEU — (*Chefe*) Inclusive nas roupas, não é mesmo? Acho que poderia ousar um pouco mais Sr.ta Helena, acredito que os clientes vão agradecer.

HELENA — Meu talento está na cabeça e não nesse tipo de ousadia.

ARISTEU — (*Chefe*) Um decote pode aumentar o talento e o salário. Uma mulher precisa ser valorizada.

HELENA — Pelo seu conhecimento ou pelo seu corpo?

SUZANA — (*Mãe*) Quantos quilos você engordou, minha filha?

CLARA — (*"Amiga"*) Passei no teste, Helena! Acho que o biquíni caiu melhor em mim do que em você!

JOÃO BATISTA — (*Ex-namorado*) Frígida! Quero uma puta, não uma freira para me confessar!

LIPE — (*Vendedor*) Tem um modelito que vai ficar um luxo em você!

HELENA — Eu sou alma!

ARISTEU — (*Chefe*) Eu vou te contratar, mas eu quero ver o conteúdo por trás dessa burca! Me mostra? Só para mim? Uma vez! Uma única vez! Me mostra!

HELENA — Me bate? Eu quero que você me bata com força! Depois quero que me arranhe com o abridor de cartas! Profundamente.

ARISTEU — (*Chefe*) Te bater?

HELENA — É, simples assim, como se bate em uma criança depois coloca de castigo!

SUZANA — (*Mãe*) O que você fez com seu cabelo, Helena? Olha esse joelho! Você está querendo me provocar? E o dinheiro que eu investi para você fazer essas fotos? O teste é amanhã e você não vai passar!

HELENA — Era aula de Educação Física, não pedi para cair...

Aconteceu. O cabelo enroscou e a professora cortou a franja.
SUZANA — (*Mãe*) Você vai sentir a dor que estou sentindo, sua desgraçada, menina maldita, malcriada, desatenta!

CLARA — (*"Amiga"*) A Helena come unhas. Outro dia, roeu e mastigou até tirar sangue! Minha mãe faz minhas unhas toda semana!

JOÃO BATISTA — (*Ex-namorado*) Você vai sentir como é o toque de um homem de verdade!

LIPE — (*Vendedor*) Experimenta! Experimenta! Ficou bom? Você deve ter um corpo lindo!

Helena vai abrindo a blusa, está cheia de curativos, cortes e hematomas.

HELENA — Gostou? Ficou bom? Devo levar?

LIPE — (*Vendedor*) Olha, realmente eu...

CLARA — (*"Amiga"*) Não tenho nenhuma cicatriz.

SUZANA — (*Mãe*) Você acabou com meu sonho! Nosso sonho!

ARISTEU — (*Chefe*) Bato, arranho, estupro, xingo, mas antes quero olhar, peladinha!

HELENA — Então olha! Veja como sou bonita! Sou maldita, desatenta, como unhas, não uso biquíni, odeio sol. O vestido ficou bom?

LIPE — (*Vendedor*) Menina, o que foi que aconteceu?

HELENA — Para de olhar para mim! Por que todo mundo fica olhando para mim? E você? O que quer de mim? (*Vai à direção de um figurante e bate nele*) Você acha o quê disso tudo? Quer me tocar? Quer me bater? Me cortar? Dilacera! Eu vejo, eu enxergo, sou crítica! Nada passa despercebido, NADA!!!!!!! (*Pega algo cortante em sua bolsa e começa abrir alguns curativos, tosse muito*) A beleza está nos olhos de quem vê, frasezinha clichê do inferno! Para o inferno o lugar comum, a beleza, a feiura e as pessoas que continuam insistindo em repetir as frases que ouviram. Em casa: a faca, a tesoura, o cinto, o chicote, o banho, o álcool, o alívio, o prazer, o orgasmo do sangue que escorre e do prazer que sai dos meus lábios.

ARISTEU — (*Chefe*) Me mostra?

HELENA — Me corta?

ARISTEU — (*Chefe*) O que é isso? Coloca essa roupa! Vai embora daqui e nem pense em aparecer de novo!

HELENA — Atrás desses olhos existe a Helena, com tosse, cansada, machucada e...

Helena coloca a blusa.

ARISTEU — Acham que o Xarope já está fazendo efeito?

HELENA — Preciso de mais.

ARISTEU — Todo mundo precisa de mais!

HELENA — Não tive uma boa semana, não tenho tido dias bons. Posso fumar um cigarro?

ARISTEU — Lá fora, coloque um casaco, está frio.

HELENA — Já estou agasalhada.

CENA 4

JOÃO BATISTA — Eu realmente gostaria de tomar mais uma dose desse Xarope ou então que o senhor me desse algo mais eficaz, que fizesse a minha voz parar de sumir e minha garganta parar de doer, e rápido, eu preciso voltar para casa.

O figurante que estava lá dentro sai e vai embora. Aristeu o ignora.

ARISTEU — O senhor tem medo da morte?

JOÃO BATISTA — Como qualquer um dentro desta sala, mas não é mais relevante quanto a minha pressa, preciso voltar para casa.

ARISTEU — Alguém o espera?

João Batista vendo Helena fumar lá fora.

JOÃO BATISTA — A mulher da vitrine, fora da vitrine, do lado de fora da loja!

LIPE — (*Amigo na loja*) Comprou um presente para o sobrinho.

JOÃO BATISTA — Tem certeza de que era para o sobrinho?

LIPE — (*Amigo na loja*) Claro que tenho. Comprou comigo, você sabe que sempre faço vínculos de amizade numa venda.

JOÃO BATISTA — Ela fuma com tanta classe que estou achando fumar uma coisa bonita.

ARISTEU — Como é o nome do senhor?

JOÃO BATISTA — João. João Batista, sempre me chamam pelo nome composto. Na verdade, isso era coisa da minha mãe, sabe como é: filho de Salomé tem que ser João Batista. Nem sei por que estou falando isso aqui, realmente esse não é o caso.

ARISTEU — E tem certeza de que quer mais Xarope?

JOÃO BATISTA — Eu quero é ir para casa.

Suzana tosse muito e sufoca.

JOÃO BATISTA — (*Passado, com a mulher doente*) Calma meu amor, vai passar! Eu vou levar você para o hospital e eu já avisei que amanhã não vou trabalhar. Vai passar, vai passar!

LIPE — (*Amigo na loja*) Ela está voltando, atende você!

HELENA — (*Inês jovem*) Tenho uma dúvida: comprei um carrinho azul para o meu sobrinho, mas acho que vou trocar pelo amarelo, o que acha?

JOÃO BATISTA — Acho azul uma cor para meninos e amarelo uma cor indiferente.

HELENA — (*Inês jovem*) Então fico com o verde.

JOÃO BATISTA — Boa escolha.

HELENA — (*Inês jovem*) E o outro vendedor?

JOÃO BATISTA — Hora de almoço. Posso ajudar em mais alguma coisa?

HELENA — (*Inês jovem*) E se eu dissesse que não entrei aqui pelo carrinho.

JOÃO BATISTA — O nome dele é Luiz.

HELENA — (*Inês jovem*) E o seu?

JOÃO BATISTA — João Batista.

HELENA — (*Inês jovem*) Sempre te chamam pelo nome composto?

JOÃO BATISTA — Sempre.

HELENA — (*Inês jovem*) Inês.

Toca o telefone de Lipe, ele atende.

LIPE — Pode fazer o depósito naquela conta. Se quiser pagar “mais uma” adiantado, não tem problema nenhum.

ARISTEU — Um rapaz de negócios! E não está preocupado em fazer tantos negócios nesse período de incertezas?

LIPE — Meu negócio é preciso, Aristeu!

ARISTEU — Precisão é preciso!

JOÃO BATISTA — Eu preciso ir.

LIPE — Relaxa, João! Desculpe me intrometer, mas você parece tenso com alguma coisa.

JOÃO BATISTA — Estou de saco cheio de pessoas que ficam me encarando o tempo todo. Sai para lá, rapaz! Não sou o que você é.

ARISTEU — Opa! Esse efeito não é bom, não é bom!

LIPE — Que efeito?

JOÃO BATISTA — Não me obrigue a sair daqui de uma forma agressiva.

ARISTEU — Ninguém pode sair daqui até segunda ordem! Estão sob o efeito!

JOÃO BATISTA — Efeito de quê, meu Deus?

LIPE — Deus?

JOÃO BATISTA — Cala a boca, veado!

LIPE — Hey! Qual é a sua, João correto? Pega aqui que o seu mal é esse!

JOÃO BATISTA — Me respeita, você tem idade para ser meu filho!

LIPE — Sou filho do mundo, porra! Do meu mundo, caralho! Não me chama de filho, não sou seu filho!

JOÃO BATISTA — É educação! (*A si mesmo*) Modo carinhoso de tratar as pessoas, caramba! Nem numa briga consigo me despir disso!

LIPE — Carinho?

ARISTEU — Sentem-se, por favor! (*Agressivo*) Parem com isso! (*Toma do xarope em goles largos*) Não sejam intransigentes nem odiosos! (*Amável*) Vocês estão engasgados na mesma proporção!

JOÃO BATISTA — Eu já falei que não estou engasgado porcaria nenhuma! Minha voz está melhorando e eu preciso ir!

CLARA — (*Inês surpresa*) Um presente, meu amor!

JOÃO BATISTA — (*Passado*) Você é perfeita!

CLARA — (*Inês*) Ninguém é perfeito.

JOÃO BATISTA — (*Passado*) Eu não sou perfeito para você?

CLARA — (*Inês*) Você é perfeito para mim com suas imperfeições, e isso me faz feliz, meu bem!

JOÃO BATISTA — (*Passado*) O que eu preciso para me tornar perfeito para você?

CLARA — (*Inês*) Não querer ser perfeito.

JOÃO BATISTA — (*Passado*) Eu estou te sufocando?

CLARA — (*Inês*) Não transforme o agora no amanhã, João!

ARISTEU — (*Mãe de João*) Filho de Salomé tem que ser perfeito, é ou não é?

CLARA — (*Vendedora*) É presente?

JOÃO BATISTA — (*Na joalheria, pós-enterro*) É.

CLARA — (*Vendedora*) Para quem?

JOÃO BATISTA — (*Na joalheria*) Esposa.

CLARA — (*Vendedora*) Aposto que hoje é um dia especial!

JOÃO BATISTA — (*Na joalheria*) De fato.

CLARA — (*Vendedora*) Como ela é?

JOÃO BATISTA — (*Joalheria*) Perfeita.

CLARA — (*Vendedora*) Feliz da mulher que tem um marido que a ache perfeita.

JOÃO BATISTA — (*Na joalheria*) Pensei num colar e um par de brincos.

CLARA — (*Vendedora*) Cabelos curtos ou compridos?

JOÃO BATISTA — (*Na joalheria*) Como os seus.

CLARA — (*Vendedora*) Médios.

JOÃO BATISTA — (*Na farmácia*) A senhora trabalha no Sagra-do Coração!

SUZANA — (*Na farmácia*) Sim. Você já esteve lá?

JOÃO BATISTA — (*Na farmácia*) Semana passada. Minha esposa estava lá.

SUZANA — Na ala dos sufocados.

CLARA — (*Vendedora*) E onde ela está agora?

SUZANA — (*Na farmácia*) No andar de cima.

JOÃO BATISTA — (*Na farmácia*) Me esperando para o jantar.

SUZANA — (*Na farmácia, fazendo um comentário como outro qualquer*) Muitos surtos no hospital.

ARISTEU: — Sr. João Batista, ela sufocou.

CLARA — (*Vendedora*) No trabalho ou em casa?

ARISTEU — (*Médico dando a notícia da morte de Inês*) Eu sinto muito.

JOÃO BATISTA — (*Resposta dúbia*) Descansando, enquanto me espera.

ARISTEU — (*Dando um frasco do Xarope para João*) Leva para tomar depois, sua voz vai voltar por completo. Eu garanto. Passe por aqui na semana que vem.

JOÃO BATISTA — Eu posso esperar um pouco antes de ir?

LIPE — Não a deixe esperar por muito tempo. Ninguém gosta de esperar sozinho.

CLARA — Têm filhos?

JOÃO BATISTA — Como?

CLARA — Se vocês têm filhos?

JOÃO BATISTA — Não.

CLARA — Desculpe a curiosidade, mas, como trabalho com isso, me preocupo muito com o bem-estar das crianças e com quem elas são deixadas. Sabe que existem muitas creches que não são confiáveis, e nesse caso eu poderia indicar...

JOÃO BATISTA — Já disse que não temos filhos!

CLARA — Mas, de qualquer forma, se alguém aqui precisar de uma indicação de creche, escolinha, babá... Ou mesmo, se tiver interesse em adotar alguém, eu posso realmente fazer uma ponte, com todo o prazer.

SUZANA — Adotar? Os pais não conseguem nem dar conta de cuidar e amar os próprios filhos! Adoção? Adotar para quê? Para os filhos acabarem cuidando dos pais por obrigação? Não pensem que os filhos cuidam por amor, fazem por interesse ou por dor mesmo. (*A si mesma*) A outra vem falar de adoção nessa altura do campeonato, e um monte de gente morrendo de tanto tossir.

CLARA — Eu só preciso de uma pastilha, devo ter engolido a seco.

ARISTEU — Tome mais um gole de xarope, senhorita.

CLARA — Vou comer um marshmallow, preciso de algo doce e macio. Alguém aceita?

SUZANA — (*Num surto de loucura interior*) Para a puta que pariu com esse marshmallow! Eu quero uma dose de álcool! (*Abre a bolsa e tira uma garrafa*) Alguém aceita algo que queime por dentro? Eu estou passada do ponto, eu estou num ponto que eu não sei por onde passei. Você é a cara do meu pai e eu o odeio tanto quanto odeio você, seu falsário de uma figa! Me dá essa merda de Xarope, logo de uma vez, que é para ver se passa essa ânsia, essa dor! Ai, como dói! Dói, dói, dói, dói!

CENA 5

Os personagens sussurram a canção “oh, Suzana”.

SUZANA — Tira essa música da minha cabeça! Tira essa música de dentro de mim! Dói! Dói!

Aristeu deita no chão e assume a figura do pai de Suzana.

SUZANA — *(Em casa com o pai)* Cheguei, velho imprestável! Tá com fome? Tá com sede? Tá cagado? Tá mijado? Vai continuar assim! Por mim, você morre hoje. Estou cansada de tanto limpar merda e cuidar de gente, e você pode esperar mais um pouco, não é? Boldo, boldo, boldo, boldo... Escondeu meu boldo, velho? Como é que ia esconder, se não tem nem força para levantar daí? *(Aperta a cara dele, belisca etc)* Cadê meu boldo? Não importa, vai sem boldo mesmo! *(Bebe, logo começa a ter crises de dor no fígado e cai no chão)*

CLARA — *(Dra.)* Está tudo bem?

SUZANA — *(No hospital, ainda não sabe o que sente)* Tudo, tudo bem. Um pouco de dor.

CLARA — *(Dra.)* Onde dói?

SUZANA — *(Seca)* Não importa! Quer dizer, desculpe... Já estou melhor.

CLARA — *(Dra., com doçura)* Você é a enfermeira Suzana?

SUZANA — Sou eu sim.

CLARA — Sou a Dra. Tânia, a nova responsável pela ala Oncológica, como vai? Deixa eu te ajudar, me dá a mão.

A Dra. ajuda Suzana levantar.

CLARA — Bom, você vai trabalhar diretamente comigo e digo que uma das minhas exigências é a boa aparência. A limpeza, o bom... Como é que eu vou dizer isso para você...

SUZANA — O cheiro!

CLARA — Sei que estamos em um hospital e o odor daqui é peculiar, mas somos a imagem de esperança para os pacientes.

SUZANA — Que esperança, Dra.? Acha que alguém aqui tem esperança de alguma coisa?

CLARA — Você deveria ser a primeira a saber.

SUZANA — Já faz tempo que não sei de nada. Fica sabendo que esse cheiro não tem nada a ver com o hospital, está me entendendo?

Suzana olha para o pai e tem recordações atordoadas.

ARISTEU — (*Pai cantando*) Existia uma pastora chamada Suzana! Conheci essa pastora, ela segurava sempre um pedaço de pau e levava as ovelhinhas para descansar no pasto... (*Cantando*) Oh, Suzana, não chore para mim!

SUZANA — (*Devaneio com raiva*) É por mim! Por mim, papai!

CLARA — (*No hospital*) Vamos fazer um exame para saber o que está acontecendo com você?

SUZANA — Não preciso que ninguém me examine.

CLARA — Agora vá para casa, descansar um pouco.

SUZANA — (*Em casa com o pai, dias antes de ir procurar o Xarope*) Cheguei cedo, velho? (*Tira um batom da bolsa e um frasco de perfume, passa os dois e começa a dançar*) Acha que estou bonita? Vamos dançar? Esse cheiro de perfume está me enjoando! Quer perfume, velho? (*Joga perfume nele, pega a garrafa, bebe e começa a tossir*).

ARISTEU — (*Pai cantando*) Existia uma pastora chamada Suzana! Conheci essa pastora e ela, com um pedaço de pau, levava as ovelhinhas para descansar no pasto... (*Cantando*) Oh, Suzana, não chore para mim! Esse pau era mágico e soltava um raio que a defendia de todos os males. Mas ela precisava soprar esse pedaço de pau, dançar com ele... Veja como Suzana era uma pastora invencível!

SUZANA — Assim dói, papai!

CLARA — (*Dra.*) Câncer.

SUZANA — (*No Hospital*) Dói! Dói! Eu não quero morrer agora, Dra.! Me salva, Dra.! Me ame, Dra.!

CLARA — (*Dra.*) No fígado.

SUZANA — (*Um dia antes de ir à farmácia*) Você vai morrer depois de mim, seu nojento, vai morrer podre como estou! E ninguém vai cuidar de você, papai! A sua pastora vai pastar! Você me fez pastar e vai pastar sozinho e eu vou rir! Morro, mas morro rindo da sua cara! (*Pega a garrafa e tenta beber; tem ânsia e quase vomita no pai, tosse*).

No presente.

JOÃO BATISTA — Só me restou uma única maneira de nunca mais te deixar, de diminuir a saudade que sinto de você, Inês! (*Pausa, à Suzana*) Eu conheço você do Sagrado Coração. Minha esposa estava na ala dos sufocados.

SUZANA — E ela está bem?

JOÃO BATISTA — Descansando. Preciso ir para casa.

SUZANA — Eu também preciso ir. Tenho que cuidar do meu pai, ele teve um AVC. Coitado, pastou muito nessa vida.

CENA 6

ARISTEU — Amigdalite! Alguém aqui está com amigdalite? Amigdalite incomoda muito! Eu não tenho amígdalas, nem sei quando foi que retiraram as minhas... Não fui eu que decidi, era uma criança. Acredito que as amígdalas detêm o poder de guardar segredos e engasgos. Eu não tive o prazer de sentir meus engasgos saírem em forma de pus. Desculpem, mas é verdade. (*Seco*) A pura verdade. Fica incomodando, arranhando, doendo, consumindo a saliva. Arde, não é? Conheço muita gente que não tem amígdalas! Quem aqui não tem amígdalas?

CORO — Algo preso na garganta. Algo que não quer sair.

ARISTEU — Sem amígdalas ou com amígdalas? Vou buscar uma segunda dose para vocês, sintam-se em casa e, por favor, nessa altura do campeonato: sem constrangimentos. (*Sai e de*

repente volta, chama mais um dos figurantes) Pode me acompanhar, por favor?

Clara ligou para Lipe em um de seus surtos de roleta-russa com a lista telefônica. Passado:

LIPE — Alô!

CLARA — Pode falar?

LIPE — Quem está falando?

CLARA — Já brincou de roleta-russa?

LIPE — Quem está falando?

CLARA — Se nunca brincou, está brincando na minha, digamos assim que você é a bala do meu revólver!

LIPE — Eu sou o tiro certo para muita gente. Vem cá, quem me indicou para você?

CLARA — O Destino.

LIPE — Sabe como é o esquema?

CLARA — Já discou números aleatórios?

LIPE — Você está de brincadeira comigo?

CLARA — Você é liso?

LIPE: — Sou o que você quiser!

CLARA — Gosta de doce?

LIPE — Vai ser na sua casa ou no motel?

CLARA — Por mim, tanto faz!

LIPE — De qualquer forma eu cobro o valor do táxi.

CLARA — Como assim, cobrar?

LIPE — Quem me indicou para você foram às mulheres do clube?

CLARA — Eu lá tenho amigas? Qual sua idade?

LIPE — 24.

CLARA — Você é liso? Tem barba? Tenho aversão à barba!

LIPE — Eu já disse que posso ser o que você quiser, são R\$ 300,00.

CLARA — Você está de brincadeira? Você não me conhece!

LIPE — Você não me conhece! É pegar ou largar que já está tocando minha segunda linha.

Clara desliga o telefone.

LIPE — Merda! Era o Luciano! O que está acontecendo com você, Felipe?

Presente:

CLARA — A sua voz é familiar.

LIPE — Algumas pessoas têm “timbres” parecidos.

CLARA — Eu já falei com você, eu tenho certeza que, pelo menos falar, eu já falei.

LIPE — Impossível!

João e Helena assumindo Pai e Madrasta de Lipe.

JOÃO BATISTA — Possível sim, e muito possível, aliás!

LIPE — Você me mandou embora e quer saber o que agora?

JOÃO BATISTA — Eu mandei você estudar.

HELENA — Estudar fora não é para qualquer um.

LIPE — Cala a boca, desgraçada, quantos anos você tem? O que você está fazendo com esse cara, sua vaca?

JOÃO BATISTA — Cala a boca você, Felipe!

FELIPE — Vai me bater agora?

HELENA — Você está exaltado, meu querido, o que aconteceu na Itália, meu filho?

LIPE — Eu não sou seu filho, porra! Quantas vezes eu preciso dizer que você não é nada minha! Aliás, a única coisa que você conseguiu, além de se enfiar no meio da minha família, foi ser cafetina, não é? Me expondo para aquele bando de peruas.

JOÃO BATISTA — Felipe Alcântara, honre sua família!

LIPE — Família? Que porra de família é essa? Eu não preciso de família nenhuma, eu sou minha família! O mundo é minha família, os caras que eu trepo são minha família e não cobram nada por isso, pelo contrário. É só perguntar para o seu sócio.

JOÃO BATISTA — Sai da minha casa!

LIPE — Não precisa pedir mais que uma vez, seu miserável. Eu tenho o suficiente para devolver tudo que você fica me jogando na cara, e ainda sobra um troco para eu comprar uma boa garrafa de champagne e comemorar minha liberdade! Ah! Obrigado, papai, por ter me dado um pau gostoso e uma bunda macia! Adeus!

SUZANA — (*Madame*) É brasileiro?

LIPE — Sim, e você?

SUZANA — (*Madame*) Casada com um Italiano, vivo aqui já faz um tempo.

LIPE — Tenho uma característica comum à dos Italianos.

SUZANA — (*Madame*) Apartamento 117. Daqui meia hora?

LIPE — Estarei lá com todo prazer.

SUZANA — (*Madame*) Ah! Sou eu e meu marido, está?

LIPE — Sem o menor problema. Nada que 200 euros não resolvam, até já. (*Respira sensualmente, pega o telefone e muda de tom*) Você viu o Klaus? Como assim, foi embora? Embora do país? (*Tentando disfarçar o desespero*) Embora para Nova York? Como assim, com quem? Com o Pedro? (*Ódio contido*) Michezinho miserável! (*Indignado*) Sozinho, porra! Me largou sozinho aqui. (*Desliga e vai mudando a expressão, interagindo com a plateia*) Sozinho, sozinho, não estou sozinho? (*Com malícia*) Ah, é? Nem você! Nem você, nem você, você também não, você muito menos! Ninguém está sozinho! Eu estou aqui para vocês!

CENA 7

Clara, no orfanato, fala com Lipe, que assume o lugar do menino "Pedrinho".

CLARA — Psiu! Não chora, Pedrinho, você não está sozinho. A Tia Clara está aqui e olha o que ela trouxe para você: um marshmallow! Um saco de marshmallow! Toma, olha como é docinho. Hum... Que gostoso, não é? Deixa a Tia Clara ver como está o coraçãozinho? Isso, levanta a camisetinha para Tia ver e encostar a cabecinha... Passa a mãozinha no cabelo da Tia, passa.

HELENA — (*Estagiária*) Clara, você está aí?

CLARA — Passei para ver como estava o Pedrinho. O coração acelerado, menina! Pode ir tranqüila, vai descansar. Sei bem que estágio não é fácil. Deixa que eu coloco o Pedrinho para dormir, né, Pedrinho?

HELENA — (*Estagiária*) Obrigado, Clara. Não sei o que seria de mim sem você aqui no orfanato! Me ajuda e me ensina tanto!

CLARA — Que é isso, menina, não precisa agradecer não.

HELENA — (*Estagiária*) Boa noite.

CLARA — Para você também.

JOÃO BATISTA — (*Pai de Clara*) Quem é a menina do papai?

SUZANA — (*Mãe de Clara*) E da mamãe?

CLARA — (*Infância*) A Clarinha!

JOÃO BATISTA — (*Pai*) A Clarinha vai tomar conta do Pedrinho e não vai deixar o Pedrinho chorar?

SUZANA — (*Mãe*) Não deixa o Pedrinho chorar!

CLARA — (*Aflita*) Não chora, Pedrinho, por favor, não chora! Calma, Pedrinho, a Clarinha está aqui e nada de ruim vai acontecer!

Ela compulsivamente passa a mão no peito de Pedrinho, começa comer muitos marshmallows e faz com que ele coma também.

CLARA — Carinho na cabeça da Clarinha, por favor!

Começa a chupar o marshmallow e a respirar profundamente, ao mesmo tempo em que se esfrega no chão com tesão.

CLARA — Está gostoso, Pedrinho? A Clarinha não quer que o Pedrinho chore! A Clarinha também não quer chorar! A Clarinha não pode chorar!

Estagiária entra e supostamente flagra Clara com Pedrinho.

HELENA — Clara!?

Clara começa a tossir compulsivamente.

CENA 8

ARISTEU — Eu acabei de manipular uma fórmula mais avançada. Dose única!

Aristeu serve tranquilamente às pessoas.

ARISTEU — Vocês não podem sair daqui sem falar nada! Vocês me devem isso! *(Pausa)* Você tem amígdalas? *(Pausa)* Estão sentindo um gosto diferente nessa dose?

Tenho uma vaga disponível, alguém se habilita? Não precisam expor exatamente sobre aquilo que os trouxe até aqui, cada um tem o seu sintoma. Alguns tosse, outros comem doces, transam, se masturbam, se machucam, machucam o outro. Falam ao telefone, compram coisas, se vendem, bebem, amam e não admitem, admitem e não amam e até amam odiando. Repetem os mesmos erros e, se não repetem, erram mesmo assim... Cobram-se por não saber nada ou por saber tudo, outros ainda simplesmente vão morrer sem saber, pois se contentam com aquilo que aprenderam. Aí o que acontece? Engasgam-se, têm crises de tosse, sufocam!

Um figurante se levanta e pede para ser atendido. Aristeu sorri e o chama com tranquilidade.

ARISTEU — Vamos lá ver o que pode ser feito! *(Volta-se aos outros)* Que tal? Ativar os sintomas os instigou para mais uma dose? *(Ri satisfeito)* Hoje não garanto, a procura foi grande e amanhã outros virão.

JOÃO BATISTA — Amor, eu trouxe uma coisa para você.

SUZANA — E o pior de tudo isso é que você vai acabar vencendo de qualquer maneira, velho!

JOÃO BATISTA — A perfeição me afasta dos outros.

LIPE — Vai dizer que nenhum homem nunca sonhou que estava com outro homem? (*Risos*).

HELENA — Eu quero cortar minha alma.

LIPE — Eu, por exemplo, tenho tesão em ser tocado naquela região que muitos homens não admitem o toque!

CLARA — Adotou o Pedrinho? Parabéns, ele é uma criança ótima!

CORO — Algo preso na garganta. Algo que não quer sair.

HELENA — Estou procurando uma coisa discreta.

SUZANA — Ela não aguentou!

JOÃO BATISTA — Vai ficar lindo no seu pescoço. Perfeito!

LIPE — Sozinho por enquanto. Na verdade, esperando para ficar acompanhado!

CLARA — As crianças precisam de cuidado especial!

JOÃO BATISTA — (*Com voz feminina*) Abri só para você as portas do meu mundo perfeito, meu amor.

HELENA — Sempre linda, sempre, sempre linda! Linda! Profundamente linda! Superficialmente linda! Eternamente linda! Podre de linda!

SUZANA — Me ame, doutora! Passei perfume, doutora! Tá sentindo, doutora? E o batom? O que acham do batom? Alguém sabe a cor do meu batom?

LIPE — (*Com malícia*) Está gostoso? Tá bacana?

CLARA — Você está se vendo em mim, Suzana?

LIPE — Não me importo com isso, Luciano! Por que eu me importaria com essa sua viagem? Não precisa depositar não, essa foi cortesia.

HELENA — Eu já fui tanta coisa, não sendo nada.

JOÃO BATISTA — (*Feminina*) Gostei do anel, meu amor! (*Masculino*) Ficou lindo na sua mão. (*Acaricia com leveza seu próprio rosto*).

LIPE — Você mora sozinho? (*Pausa*) Eu tinha certeza! Tem cara de quem mora sozinho!

CLARA — O Pedrinho tem chorado muito? Ah... Ele gosta de doce! Eu cuidava muito dele por aqui. (*Pausa*) Claro, com maior prazer eu vou fazer essa visita!

HELENA — Eu já falei que quero provar uma camisa escura! Não uso vestidos!

O figurante que estava lá dentro sai atordoado.

CLARA — Oi, Pedrinho! A sua nova mamãe pediu para eu pegar você na escola! Antes a Tia Clarinha vai levar você sabe onde? Conhecer a casinha dela!

LIPE — Mais forte! Mais forte, Luciano!

JOÃO BATISTA — Eu atendi um cliente na loja que estava tossindo muito.

SUZANA — (*Inês sufocando*) Em casa, João, te esperando. Eu não saí com ninguém! E quem viria me visitar, além da minha mãe?

HELENA — (*Inês*) Casamento de sonhos que você está conseguindo transformar num pesadelo!

CLARA — (*Inês*) Nada é perfeito! Não é perfeito!

LIPE — Não toque em mim! Não me faz carinho no cabelo, senão acabo te amando, seu filho da puta! Eu pago para você sair da minha vida!

HELENA — (*Admirando João*) Eu sou a Helena, e admiro muito homens como você. Sérios. Seguros.

JOÃO BATISTA — Todas as noites, quando fecho a porta de casa, abro a porta para meu mundo: nós dois juntos para sempre, é perfeito.

SUZANA — Morre! Morre, papai! Morre!

CENA 9

A cena que segue deve ser com ações contínuas, ou seja, as personagens iniciam suas ações em suas falas e continuam executando, enquanto o outro personagem começa seu texto. Não deve existir espaço, pausa ou silêncio entre uma fala e outra.

SUZANA (*Come folhas de boldo e toma uma garrafa de cachaça enquanto canta*):

Quando fui ao Alabama
E toquei meu violão
Encontrei uma menina
Num cavalo alazão
Ela me pediu sorrindo
Para tocar uma canção
Que falasse do Alabama
De um banjo e um violão
Oh! Suzana
Não chores PARA mim!
(*Ela, num surto*)

É por mim, papai! Por mim! POR MIM!

LIPE — Valores? Que valores? (*Tira o cinto*) Espirituais? Morais? Materiais? (*Tira o sapato e as meias*) Você vem me falar de valores? Sabe quanto ganha um lixeiro? Um jardineiro? Sabe quanto custou meu jantar ontem? O meu almoço de hoje? (*Começa a tossir e a rir, vai tirando devagar sua roupa, tira do bolso da calça notas de dinheiro que joga para cima, esfrega o dinheiro no corpo e tem prazer com isso. Enquanto tira a calça, lista preços e valores das coisas*).

HELENA — E tudo que ainda espero (*Tosse*) é alguém que cure minhas feridas, esse alguém pode me ferir, mas a cura que me trazer há de ser e deve ser maior que a ferida. (*Tossindo, começa a dobrar a calça e as mangas. Abre alguns curativos e os cutuca intensamente*) Uma cicatriz continua sempre sendo cicatriz.

JOÃO BATISTA — Eu estava com saudades, meu amor! Passei o dia todo querendo chegar em casa, pensou muito em mim? Eu também pensei muito! Que bom! Olha o que eu trouxe para combinar com o anel. *(Começa a colocar o brinco, o anel, abre um pouco a camisa e coloca o colar)* Por que você me deixou? Como é que você sufocou? *(Começa a murmurar e perder a voz, enquanto se transforma em Inês. Sussurra com ele mesmo, acaricia seu próprio rosto e corpo etc.)*

CLARA — Eles se tocavam e ele não parava de chorar. Um dia ele morreu, acho que de tanto chorar. Eu o deixei chorar e a Clarinha não podia deixar o Pedrinho chorar, não pode, não pode. *(Engasga ao mesmo tempo em que come compulsivamente marshmallows, pega o telefone e começa a discar)* Você tem pelos? Já brincou de roleta-russa? Hum... Acho que você é a bala do meu revólver.

Entra música, os personagens se recompõem aos poucos, sofrem ao distanciarem de seus "sufocamentos". Ouve-se um grito que vem de dentro, os personagens saem de seus devaneios e, assumindo sua postura inicial, retomam seus lugares. Aristeu parece discutir com a pessoa que está lá dentro.

ARISTEU — *(Agressivo)* Você tem que confiar em mim! *(Autoritário)* Espera, eu ainda não acabei, para que tanto sofrimento?

Um figurante sai de lá correndo e espantado, com a boca cheia de sangue. Aristeu sai logo em seguida com luvas sujas, um copinho na mão, com as amígdalas do paciente e o devido instrumento que usa para extraí-las.

ARISTEU — Eu sofro! Tu sofres, ele sofre. *(Começa apontar pessoas da plateia)* ele sofre, ela sofre! Nós sofremos, vós sofreis. *(Aponta para fora)* Eles sofrem! *(Pausa. Sorri tranquilo, como se nada tivesse acontecido)* Quem é o próximo? Al-

guém? Helena? Quer sentir o cheiro que sai de você? Vem cá! Suzana? Melhor que o seu? Hã?

SUZANA — Seu podre, verme, canibal, salafrário, podre. (*Suzana sai xingando*).

Aristeu insiste em oferecer o frasco para Helena, que não aguenta o cheiro e sai com nojo.

João abre o frasco que Aristeu deu a ele e joga o conteúdo na cara dele. Sai com raiva.

CLARA — Eu só precisava de uma pastilha. Engoli a seco. (*Sai comendo marshmallow*).

LIPE — Fica com meu cartão, acho que vai precisar.

ARISTEU — Já vão assim, desse jeito? Nem deu tempo de oferecer a última dose! (*Brincando com o copinho*) NATURALIS! Mas se querem ir, que vão. (*Grita*) VÃO! (*Calmo*) É assim mesmo: uns vão, outros ficam, é o sintoma, o efeito, cada um tem o seu. (*Pega o bule que tinha o conteúdo do chá e coloca as amígdalas*) Melhor assim, sobra mais. Quem é o próximo? Quem quer mais xarope? Xarope para acabar com a... (*Começa a tossir muito. Dá o texto a seguir bem engasgado*) Me desculpem, mas vocês vão ter que ir. Voltem outra hora, eu garanto que vai ser perfeito! Levem meu cartão, vocês podem precisar! A próxima dose vai ser mais doce, agora podem ir. Vamos? Saíam, vão embora, vão tossir em outro lugar, vão vomitar fora daqui! Deixem as amígdalas incharem de tanta dor! Saíam! (*Tosse e passa mal com crises de engasgo, mandando o público embora*).

FIM



Humberto Gomes é um multiartista do teatro, com vasta experiência como dramaturgo, ator, diretor, professor e produtor cultural. Graduado pelo Teatro Escola Macunaíma e pós-graduado em Fundamentos do Ensino do Teatro pela UNESPAR, ele é o idealizador da Cia Ganesh, em Curitiba.

Além de sua atuação como arte-educador, Humberto dirigiu e escreveu 12 espetáculos profissionais e mais de 60 espetáculos estudantis. Seu trabalho inclui apresentações em locais inusitados, como elevadores, saídas de emergência, salas de apartamentos e quartos de hotel.

Reconhecido pelo espetáculo *A Fábula do Vento do Sul*, ele foi indicado ao Troféu Gralha Azul de Melhor Texto, e ganhou na categoria de Melhor Direção de Espetáculo para Crianças. Humberto também oferece assessoria, produção de eventos e dinâmicas de autodesenvolvimento para empresas, escolas e grupos variados, compartilhando sua paixão e expertise teatral.

Seu impacto no teatro vai além das produções tradicionais, explorando novas formas de envolver o público e levando a arte a espaços não convencionais. Com uma carreira marcada pela inovação e dedicação, Humberto continua a influenciar e inspirar novas gerações no mundo das artes cênicas.

Redes Sociais:

@humgomes | @ciaganesh | @arautocultural

SOBRE A EDITORA



A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra *Espeleopirai: em defesa do patrimônio natural de Pirai da Serra/PR*, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

SINOPSE

Fábulas Teatrais é uma antologia de textos dramatúrgicos de Humberto Gomes, resultado de 20 anos de atuação no teatro curitibano. Dividida em duas partes — *Fábulas Juvenis* e *Fábulas Urbanas* — a obra explora a fabulação contemporânea no teatro. Na primeira parte, o autor apresenta cinco textos voltados ao público infantojuvenil e adolescente, refletindo sobre as relações jovens e o mundo ao redor. Na segunda, explora as dinâmicas humanas nas metrópoles, revelando as subjetividades e complexidades sociais. Com notas do autor e sinopses detalhadas, a obra oferece um registro histórico e artístico da dramaturgia curitibana, valorizando temas humanos e reflexivos com uma proposta estética única.

[DRAMATURGIA]

